BARCELOS

BARCELOS

Vol. 3.º

BARCELOS

Apontamentos

para a

Historia de Barcélos

3º Volume

1947

C. M. B.
BIBLIOTECA MUNICIPAL
BARCELOS
N.º 26792

Baralhas
Penne

Cidade de Barcelos

A quem folhear este livro:

A compilação dos apontamentos que adeante se encontrarão é a complexidade do que entendi e pude lançar mão para que se possa satisfazer ás exigencias de qualquer consulente, se bem que tudo quanto tenho feito é para utilidade para a minha meza de trabalho, em especial.

Barcelos - 1947.

Francisco Cardoso e Silva

Ten.te d'inf.a

Traje Regional de Barcelos

Indice

Assuntos

	Páginas
Barcelinhos	9
O Carvalho da Ponte	16
Rancho Folclórico da Casa do Povo de Barcelinhos	18
Chafarizes – Tanques e Fontes (Barcelinhos)	19
Igreja paroquial de Barcelinhos	20
Cemitério paroquial de Barcelinhos	21
Ruas – Largos e Logares habitados de Barcelinhos	22
Largo do Tanque – Barcelinhos –	23
Rua Direita de Barcelinhos	24
Capela de S. Miguel-o-Anjo em Barcelinhos	25
Capela de S. Batista em Moldes (S. João)	26
Capela de Santo António de Vessadas	27
Capela da Casa da Quinta de Vessadas	28
Capela de S. Braz	29
Corpo de Salvação Pública Barcelinense	33
Busto do Comandante Geral dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos	36

Assuntos

	Pagina
Antigo Matadouro Municipal - (Barcelinhos)	38
Casa que antigamente servia de Matadouro da Camara (Barcelinhos)	38 v.º
Associação de Socorros Mutuos Barcelinense	39
Escola Apostola de Barcellos, instalada na Quinta do Sancho	40
Nossa Senhora da Ponte	42
Convento da Franqueira	55
Nossa Senhora da Franqueira - Ermida	74
Citania da Franqueira	97
O Castello de Faria e sua defeza	101
O Brasão do "Castello de Faria"	126
Os homens de 1640 em Barcellos	130
A Forca	157
Datas historicas	165
Figuras notaveis de Barcellos	166
Templo de Nossa Senhora das Necessidades	173
Capella de Santa Justa - Freguesia de Egreja Nova	171
Barroso Operario	178
Cadeia Comarcã	182

Assuntos

Assuntos	Páginas
Quadros minhotos – Região barcelense	187
O vinho verde	197
A Ceramica barcelense	202
O Traje regional – Vide 4.º volume a página 157	214
O Linho	225
Quinta de Santa Maria – Barcelos	233
Convento dos Capuchinhos (Ordem 3.ª de S. Francisco) – Barcelos	239
Matadouro Municipal – Quinta da Ordem – Barcelos	241
Legião Portugueza – Batalhão 12 – Barcelos	244
Caixa de Credito Agricola Mutuo e Sindicato Agricola	245
Termas do Cirôgo – (Caldas de Galêgos) –	248
Carreira de Tiro Militar – Gamil	251
Comissão de Iniciativa e Turismo	253
Fabricas:	255
Fabrica Tébe	256
Fabrica de Moagem do Cavado –	256 v.º
Fabrica de Serração de S. José	257
Fabrica de Serração da Granja	257 v.º

Assuntos

Assuntos	Páginas
Fabrica de Serração - J. Domenech	258
Fabrica Barcelense, de João Duarte Veloso	258 v.º
Fabrica de Serração Coutinho L.da	259
Fabrica "Guial"	260
Fabrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, L.da	259 v.º
Colegio Alcaides de Faria	261
Externato D. Antonio Barroso	261 v.º
Circulo Catolico Operario de Barcelos	262
Jornal "O Barcelense" e Outros jornaes	262 v.º
Leniosque da Calçada, conhecido por "Leniosque do Galo"	270
Leniosque do "Bicho"	279 v.º
Escola Portuguesa Superior Dr. Martins Lima	270 v.º
Escuteiros - Grupo n.º 13 - "Alcaides de Faria"	271
Liga dos Combatentes da Grande Guerra - Sub-Agencia de Barcelos	272
Biblioteca Municipal	273
Mocidade Portugueza	274
Gr.º "Gil Vicente"	274 v.º
Associação dos Bombeiros Voluntarios de Barcelos	275
Companhia Editora do Minho	264

Assuntos

	Páginas
Sôrte Grande da Lotaria de Santo António em 1929	264 vº
Escola Complementar ou Escola Primaria Complementar	265
Grupo Alcaides de Faria	265 vº
Grupo Alcaides de Faria - "Pró Franqueira"	266
Mensen do Grupo Alcaides de Faria	266 vº
Sociedade Protectora dos Animaes	269
Assembleia Barcelense	269 vº
Associação Comercial	269 vº
Associação da Classe dos Empregados do Comercio	269 vº
Casa dos Gorreias Mendanhas	277
Armazem de J. Tiago	279
Bancos e Caixas de Credito.	280
Banco de Barcelos	281
Banco Nacional Ultramarino	283
Caixa Geral de Depositos, Credito e Previdencia - Agencia em Barcelos	284
Solenne da Quinta da Ordem	286

Assuntos

Assuntos	Páginas
Obras do Pecegal – Praia Fluvial	287
Cemiterio Municipal de Barcelos	288
Abastecimento da Agua em Barcelos	289
Luz eléctrica em Barcelos – Iluminação [illegible]	290
Unidade Militar	292
Crêche de Santa Maria	293
Assistencia Nacional aos Tuberculosos – Secção de Barcelos	294
Guarda Nacional Republicana – Secção de Barcelos	294 v.º
Policia de Segurança Publica – Posto de Barcelos	295
Batalhão Civico	295 v.º
Sopa dos Pobres	296
Jardim Publico (Vidé paginas 219 e 226 do 1.º Volume)	298
Escola Comercial e Industrial – Liceu em Barcelos – Vidé 300 v.º	300
Seminario do Noviciado da Congregação do Espirito Santo – Casa da Silva – Barcelos –	260 v.º

NTO ANDRÉ

[illegible] dos barcelinenses

Já lá vão os tempos em que se festejava Santo André em Barcelinhos. Saudosos barcelinenses foram grandes impulsionadores, de uma tradição enraizada nas gentes barcelenses e que actualmente não se festeja o Apóstolo-Pescador e Mártir, com a tradicional fogueira. Porquê. Aqui fica o reparo.

Barcelinhos

Vista da ponte baixa junto á Ponte que liga a Barcelos.

Ponto mais alto de Barcelinhos – Lugar do Souto – junto à Igreja Paroquial –

1903 – BARCELLOS – Vista geral

Barcelinhos

Freguesia, Minho, comarca concelho e arrabalde de Barcelos donde só está separada pelo Cavado, 18 quilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O vigario era apresentado pelo prior da Collegiada de Barcelos e tinha de rendimento 60$000 reis.

A igreja chamava-se antigamente Santo André de Marées, procedido de uma aldeia deste nome.

Marées, é uma pequena aldeia, quasi exclusivamente habitada por serralheiros.

Fica proxima a Barcelinhos e ao lado da estrada que conduz á Povoa do Varzim.

A fonte de Minhões é famosa em toda a provincia, pela optima qualidade da sua agua.

Dela bebiam os Arcebispos de Braga.

Estando a fonte arruinada, foi reedificada pela Camara de Barcelos, em 1710, com grande magnificencia e tem no frontão a seguinte inscrição:

"Si verae nascentur aquae de vertice coeli, hae de coelesti vertice limpha fluit."

Está em comunicação com Barcelos, por uma majestosa ponte, obra dos romanos, de admiravel solidez.

Deste lado e sobre a ponte (logo á entrada dela) está a Capela, octogona, de Nossa Senhora da Ponte, toda forrada de azulejos e a telha é toda vidrada.

Tem mais de 500 anos.

Antigamente formou parte do brazão de Barcelos.

Tem Barcelinhos mais outras capelas, que não teem cousa notavel.

Em 1841, foi feito Barão de Barcelinhos, Manoel José de Oliveira (o Manoel dos Contos).

Hoje é casado com a viuva do dito Barão de Barcelinhos o senhor Visconde de Anguela.

É terra abundante de boas aguas, fertil e saudavel e suas cercanias muito aprasiveis.

É uma grande provoação, com bonitos predios e vista de Barcelos faz um optimo efeito.

É situada sobre a margem esquerda (ao S.) do Rio.

(Vide "Portugal Antigo e Moderno" - Volume I -, de Augusto Soares de Azevedo Barbosa de Pinho Leal - pag. 326 - (1873-1890)) -

×

Vista geral de Barcelinhos

×

BARCELINHOS

— Uma interessante fotografia de Barcelinhos, tirada em 1952 — L1

×

Barcelinhos

Sua situação

Considerada Cidade Baixa

(Do "Dicionario Geografico de Portugal" - Memorias Parroquiaes - Anno XVIII - 1721 - Documento 205 - Folhas 32 - Vol. 6º - Torre do Tombo)

. . . . . Esta freguezia de Santo André de Barcellinhos está situada nesta provincia de entre Douro e Minho, he do Arcebispado de Braga, comarca, e termo da villa de Barcellos, e parte della arrabalde da mesma villa, da qual são Donatarios os Senhores Duques de Bragança; tem fogos cento e setenta e sete, cazados cento, e quatro, viuvos, e viuvas quarenta, e cinco, solteiros oitenta, e sete, pessoas de sacramento quinhentas, e sincoenta, e hum, menores setenta e sinco, alegentes seis, sacerdotes dezasete.

Está situada esta em valle, e della se descobre a mesma villa de Barcellos, e muntas freguezias; para a parte nascente as capellas do Bom Jesus do Monte por cima de Braga, e a de S. Geus em hum monte na freguezia de Cabreiros está dista desta freguezia duas legoas, aquella tres; e o monte da Senhora da Boa fé chamado de Airó no meio de varias freguezias entre poente, e sul se descobre o monte da Senhora da Franqueira, onde está a capella da mesma Senhora, croando-o, e mais abaixo no mesmo para a parte do Norte está situado o Convento do Bom Jesus da Ordem dos menores de S. Francisco da provincia da Piedade e para a parte do Norte se descobre a Capella de Nossa Senhora da Portella, que fica em hum Monte assim chamado da freguezia de Sam Pires de Tamel; e para a parte do oriente se descobrem os montes do Gerez e os em que está a capella da Senhora da Abbadia, que dista desta sete legoas, e para as mais partes tambem se descobrem muitos

montes e serras.

Hé como dito fica, arrabalde, e termo da villa de Barcellos e se compõem dos lugares seguintes, do de Santo Antonio, que lhes fica para a parte do Nascente, que tem oito moradores; do de Labandeiras que lhes fica entre Nascente, e sul, que tem nove moradores; do Areal que lhes fica ao sul, que tem quatorze moradores; do da Esperança que lhes fica para o poente, que tem treze moradores; do de Maréssos, que lhes fica para o mesmo poente; que tem honze moradores e tambem para o mesmo poente fica o de Médros que tem oito moradores.

Fica a Parochia desta freguezia no principio do arrebalde da parte do Sul, o qual se compõem de varias ruas e terreiros; como he do da mesma Igreja, que principia ao pé d'ella e finda para a parte do Norte em hua rua chamada a Rua Direita, alem de varias travessas que a elle vem ter, he este algum tanto de Ladeira e adornado de todas as partes com boas cazas e no meio delle tem hum grande tanque aparando a agoa de hum vistoso fonte que deita em hua bica agoa todo o anno, com boa fontaria de pedra bem feita; compõem se mais o dito arrebalde da Rua de baixo, que corre de poente a nascente saida da dita villa para a cidade de Braga, que he bastantemente compida com boas casas de Rua, e outra parte, a qual finda em o terreiro da Ponte, onde tambem finda a sobre dita Rua Direita que corre de Norte para Sul, que he de ladeira, e ornada de todas as partes com boas casas, saida da dita villa para a cidade do Porto; e do dito terreiro da Ponte, que principia na Capella desta, e finda em hum lugar chamado o Sancho, compõem-se este terreiro da parte do Sul de Excelentes casas, e da parte do Norte fica faceando com o Rio Cavado.

Hé orago da dita Parochia Santo André, e tem a sua Igreja dentro de si seis altares na capella maior hum onde está o Santissimo Sacramento que tem sua confraria com

hua boa Sancristia para a parte do Norte, e dotada de bons rendimentos, pella parte do Evangelho tem o altar de nossa Senhora das Neves, e logo por seima do mesmo tem um guarnição com varias reliquias de diversos Santos, com que enobreceo a Irmandade da mesma Senhora das Neves com varias indulgencias o papa Alexandre setimo, que se poem publicas em varios dias, principalmente no dia da festa da Senhora a seis de Agosto; e da mesma parte tem outro altar das Almas, que tem sua Irmandade da qual he padroeiro Sam Gregorio Tammatungo, que se festeja no seu dia; da parte da Epistola correspondendo ao dito Altar das Almas fica outro do Nome de Ihs. que hera Irmandade, e se unio a sobredita das Almas; e mais da dita parte fica o outro altar de Santa Luzia, no qual estão as imagens de Santo Antonio, Sam Sebastião, São Miguel Anjo e Santa Quiteria; esta toda a Igreja bem paramentada, e bem feita tanto no interior, como no exterior tudo correspondencia, e tem para parte do Norte hua torre de sinos com dois, e lugar para outros dois e toda ella foi feita de honra Real importa ao povo da dita Villa, e seus termos por provisão Regia que para isso se alcançou pello povo ser de poucos poderes e não tem Naves.

He um paroco desta freguezia vigario ad nuptum apresentado pello Dom Prior da Collegiada da villa de Barcellos e tem Congrua da renda da freguezia desanove mil quatrocentos e oitenta e seis reis em cada hum ano que com hum pé de altar, que mais tem podia vender sessenta mil reis.

Tem esta freguezia a Capella de Nossa Senhora da Ponte, que fica ao pé da ponte para a Parte do Nascente, que serve de Armas a dita Villa; e foi feita a custa dos Senhores Duques de Bragança; tem mais as capellas de Santo Antonio que fica na saida do arrabalde para a parte do Nascente e festeja o dia Santo no seu dia onde concorre bastante gente de romaria; tem outra capella de Sam Braz situada em monte pequeno no alto della, que fica fóra

do arrabalde para a parte de entre Nascente e Sul, onde concorre muita gente no seu dia de romagem, e todas estas capellas são proprias da freguezia: — e tem mais entre de Sam Miguel Anjo que fica no lugar da Esperança que he particular de hum Administrador e tem mais outra nova no lugar de Medros, erepta por mim com avocação de Sam João da Lagem, que de presente adenscrito, e por meu fallecimento ha de ser administrador della a pessoa chamada na sua instituição e se festeja o dito Santo no seu dia onde já concorre bastante gente de romaria.

Os lavradores desta freguezia colhem os frutos seguintes bastantes milho gesso, mendo, centeio, e alguns feijoins bastante vinho verde, algumas azeitonas e bastante fruta. Está esta freguezia subjeita ás justissas da dita villa de Barcellos, e se servem os moradores della do correio da mesma villa que vai para a cidade do Porto todas as sestas feiras e vem della todos os domingos, que dista a dita cidade do Porto desta freguezia sete legoas; e dista esta mesma freguezia da cidade capital do Reino sessenta e duas.

Tem esta freguezia, allem de muitas fontes particulares, tres de agoa bôa, e bem feitas, como he a de Minhães, que fica na descida do monte e capella de Sam Braz para a parte do Norte; que alem de ser bem feita com boa fronteira escatheiroins, e assentos por todas as partes, ha de agoa excelente, que muitas pessoas de varias partes a vão buscar a ella por ser milhor que a das mais.

— (Este documento foi feito em "Barcelinhos - de Abril 19 de 1758" e assinado por: - O Vigario João Gomes - O Vigario Joam Martins Pereira e O Coadjutor Antonio Paes de Faria - Citação - Torre do Tombo - "Dicionario Geografico" - Vol. VI - Folhas 32 - Documento 205.) —

×

C

13

— Barcelinhos —

(Do "Minho Pitoresco" de J. Augusto Vieira — II Vol. — pag. 145).

. . . . . Diminutivo que indica uma filiação histórica, segundo a fórmula já enunciada na cantiga popular:

O seu filho Barcelinhos, etc.

Arrabalde de Barcelos lhe chamam na localidade, mas é realmente desconhecer uma vila que todos considerariam como tal, se a terra de D. Afonso não existisse ao lado.

Como diminutivo e como arrabalde, Barcelinhos é ora animado com blandícias, ora chasqueando com maliciosos ditos, ás vezes trovados em cantigas.

Gabam-lhe as suas feiticeiras raparigas, as suas tricanas de chinelinha aberta e recomendam aos incautos:

"Se fores a Barcelinhos,
Leva contas de rezar,
Que lá estão as feiticeiras
Que te podem enfeitiçar."

Mas, se as raparigas não correspondem aos galanteios dos Tenorios de Barcelos, é logo a troça e então:

"As môças de Barcelinhos
Todas teem a fralda rôta,
Só a moça do vigario
Tem uma de estôpa."

Apezar disto Barcelos e Barcelinhos querem-se como pae e filho, contemplam ambos sorrindo as margens formosas do Cavado e para que nunca se quebrem laços tão intimos de amizade ahi está o brazão da vila reunindo de um lado a nobreza de Barcelos do outro as lendas de Barcelinhos, simbolisadas na ermida da Senhora da Ponte e no cavalho fronteiro, duas sentinelas que estão, — segundo Fr. Pedro de

Poyares, - alerta em defeza de Barcelos. - A senhora como padroeira protectora, o carvalho como promettendo-lhe conservação e duração por ser arvore durissima e forte.

Na gravura que representa Barcelinhos vê o leitor á sua esquerda a ermida da Senhora da Ponte; não mostrando o edificio muita antiguidade por causa das reconstrucções que tem sofrido; mas, tendo-a realmente, pois já no principio do seculo XV era a Senhora da Ponte procurada pelo povo como milagrosa; á sua direita vê o Carvalho da lenda, recordando o primitivo de tempos immemoriaes, o qual foi pelas tropas miguelistas do Silveira cortado em 1827, para com ele e com a pedra tirada do primeiro arco da ponte, nessa ocasião demolido, prepararem a resistencia ou demorarem a passagem ás tropas liberaes.

O actual Carvalho foi nesse mesmo ano plantado por ordem da Camara de Barcelos.

Este logar da Ponte é um dos mais aprazíveis da vila, sendo encantadora a paisagem, para quem de sobre a varanda a paisagem, para quem de sobre a varanda secular, que une as duas margens, estender os olhos na direcção da corrente do formoso rio.

Como no Rheno, a poesia das ruinas dos solarengos castelos casa as suas melancolias com a poesia da natureza meiga, que enche todo o quadro; uma casta emoção invade o espirito, chega até nós uma vaga melodia, que parece escutar-se muito ao longe, como trazendo um sonho do passado e que vae como a agua murmura do rio, para uma visão do dôce futuro.

Ao sopé da ponte, azenhas espadanam a cristalina e limpida corrente; adeante recortam

n'a os areaes, em sinuosidades de ouro; nas margens ondula, como fimbria de um manto colossal a vegetação luxuriante e densissima.

Entretanto raros são os espectadores, que hoje se demoram a admirar da ponte a formosura esplendida d'esse pedaço do Cavado; de sobra a tem visto já.

Por isso se o leitor encontrar por ali algum solitario, não cuide que ele está enamorado da paisagem; está simplesmente a vêr as obras do Matadouro, que na margem esquerda se levanta, se é que antes não veio de vêr as da terraplanagem, que a Camara está fazendo em volta dos Paços ducaes, e, ao que parece, com menos segurocerteiro.

×

— Nichos ou Alminhas — Barcelinhos tem os seguintes:
— O de Vessadas — O do Areal e o de Maréces —

×

— Capela de Nossa Senhora da Ponte — em Barcelinhos —
— Edificação do Século XIV. —

Em cima = Uma linda panorâmica de Barcelinhos, vista de Barcelos.

X

Barcelinhos

(Da "Memoria Historica" do Abade do Louro - 1867).

Barcelinhos é um arrabalde de Barcellos, situado na margem esquerda do rio Cavado, em frente de Barcellos que, da margem direita olha Barcelinhos.

São duas provoações, que se ligam e comunicam pela ponte do seu rio Cavado; e as cercanias de Barcellinhos são muito aprazíveis pelos arvoredos e regatos que dividem e fertilisam os campos e pelas margens risonhas do Cavado.

×

N.º 7

1903 - BARCELLOS - Ponte do Cavado, Collegiada e Ruinas do Paço dos Condes de Barcellos

Em cima = Ainda se veem do lado de Barcelinhos as antigas azenhas com serração de madeiras, (hoje desaparecidas).

×

C. M. B.
BIBLIOTECA

Ruas e Terreiros

Tem somente cinco ruas a saber:
A Rua de Baixo — A Rua Direita — A Rua dos Penêdos — A Rua da Esperança e a Rua da Boavista.

Terreiros ou largos tem dois:

O Terreiro do Montilhão é aquele largo que está nas costas do chafariz, onde cruzam a Rua Direita e a que vae para a Boavista com a dos Penedos e a da Esperança, cujo largo a Camara mandou terraplanar e cercar de grosso paredão em 1858.

O Terreiro ou largo da Ponte é o que está ao poente em frente da Capela de Nossa Senhora da Ponte, terreiro espaçoso, cercado de casas, que, para o norte, servem de varanda, da qual se gôsa a agradavel vista do Cavado e a magestosa prespectiva de Barcêlos.

—x—

O Grupo Folclorico da Casa do Povo Canta alegremente cantigas alusivas à Barcelos! (Vidé paginas 18 deste Volume.)

Passaram os dias a rathar
Os penedos ribeinhos
Ao rio, por separar
Barcelos de Barcelinhos

—x—

Mas o rio a espelhar
As muralhas dos Castelos
Beija a Ponte por ligar
Barcelinhos a Barcelos.

—x—

E diz baixeinho, depois:
São ambos meus muito meus!
Se vi em hor, braço de Heroes
Nos dois ha... Graças de Deus.

(Cantados no cortejo dos Bombeiros de Barcelinhos)

O Carvalho da Ponte

Esta arvore secular que em 9 de Fevereiro de 1847 fez 120 anos que se plantou em substituição d'uma outra que o General Silveira fizera cortar a 4 de Fevereiro de 1827 para com ela, na ponte, fazer intercetar a marcha das tropas liberaes que supunha virem atacar Barcelos.

Que leva alguem erradamente tinha emitido, afirmando, que o primitivo Carvalho, não existia em meados do Seculo XVI, quando Duarte d'Armas reproduziu a panoramica de Barcelos, podemos afiançar que esse Alguem errou, pois um frade do Convento de Vilar, referindo-se a Barcelos, disse no Seculo XV, que em frente á Ermida de N.ª S.ª da Ponte existia um Carvalho.

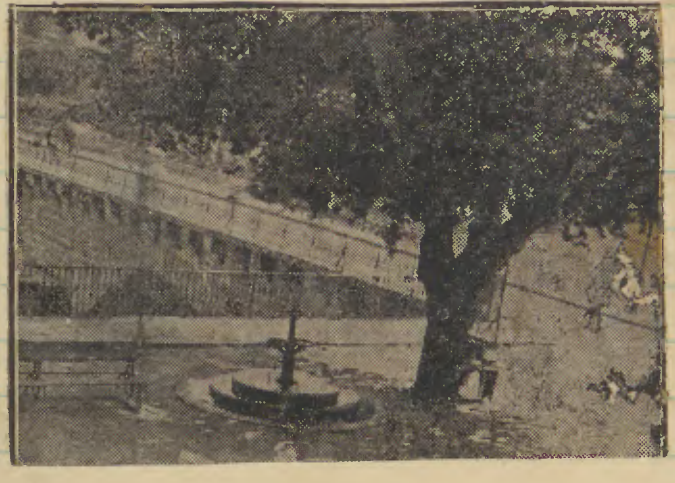
Tambem alguem afirmou já que o Carvalho da Ponte é representado nas Armas de Barcelos dentro de um vaso de madeira.

Isto representa uma afirmação gratuita.

O Carvalho está cercado por um quadrado de cantaria, em forma de degrau, que lhe serve de "plata-forma".

Este dispositivo deu motivo a que o artista a fazer a sua reproducção, parece, dar-lhe a ideia de que ele está dentro de um vaso.

×



Panorâmica antiga - muito interessante - Vê-se distinta-
mente em frente
da Ermida de N.ª
S.ª da Ponte o se-
nhor Carvalho
que faz parte in-
tegrante das Armas
de Barcelos (creado).

BARCELLINHOS

EM BARCELINHOS, QUE TAMBÉM LEMBRA BARCELOS. UMA PONTE E UM RIO. UM RIO — O CÁVADO — QUE É SORTILÉGIO, UM AREAL QUE É PARAÍSO NO VERÃO. NA FALTA DE MAR, A PRAIA FLUVIAL, QUE (MAL) SE VISLUMBRA NA GRAVURA, ESTÁ MESMO A JEITO. CORPOS SEDENTOS DE FRESCURA ALI SE BANHAM EM ÁGUAS SONOLENTAS DO CÁVADO, NUM AMBIENTE DE QUIETUDE

17

O Carvalho da Ponte

Como se disse já o primitivo Carvalho da Ponte foi cortado para com ele se intercalar a passagem da Ponte.

E para confirmação deste facto vamos transcrever as seguintes Actas da Camara:

Sessão de 10 de Fevereiro de 1827

"..... e acordarão que no sitio onde existia o antigo Carvalho destruido pelos ventos no dia quatro deste corrente mez se plantasse outro para o substituir pois que elle he hum dos Brazões da villa assim como a Capella fronteira a elle de Nossa Senhora da Ponte. Igualmente se deve dar providencias para se consertar aquella parte da Ponte que os ditos ventos tem destruinarão."

×

Acta da Sessão da Camara de 17 de Março de 1827

"..... Igualmente se determinou que o actual Procurador do Concelho faça immediatamente plantar o Carvalho no sitio onde caya da Ponte fazendo toda a mais deligencia que necessario for a este respeito."

×

Frei Pedro de Jesus, no seu Sanctuario Mariano 19, Capitulo 13, falando do Carvalho fronteiro á Capella de Nossa Senhora da Ponte, diz que são dos sentimentos, que estão alerta em defeza do Barcellos.

Nossa Senhora como padroeira e protectora da villa; e o Carvalho como promettendo-lhe muita conservação e duração por ser arvore de duriscima e fortissima liz.....

O Carvalho está cercado em um

quadrado de cantaria em forma de degrau que lhe serve de plata-forma.

Mas o Carvalho actual, apesar de estar mui frondoso e copado, é muito mais novo do que o seu antecessor, que ali existia desde tempos imemoriaes que era grossissimo e que em 5 de Fevereiro de 1827 foi cortado pelas tropas miguelistas do Silveira, marquez de Chaves para com ele atrancar a ponte, como explicitamente se diz, mas nesse mesmo ano de 1827 a Camara mandou plantar o Carvalho que ainda hoje existe, no mesmo local do outro, assaz viçozo, frondoso e copado.

Tanto a Capela de Nossa Senhora da Ponte como aquele Carvalho fazem parte das armas de Barcelos.

×

O Carvalho da Ponte já existia no seculo XV conforme um frade do Convento de Vilar o disse, que em frente á Ermida de Nossa Senhora da Ponte existia um Carvalho.

×

18

Rancho Folclórico – Barcelinhos –

1959 Rancho Folclórico da Casa do Povo de Barcelinhos 1959

— x —

— x —

= Vidé Jraginas 15 verso d'este Volume =

PRAIA-PISCINA

BARCELINHOS • **BARCELOS**

= Chafarizes, Tanques e Fontes =

O Chafariz e Tanque é o que está edificado no centro da povoação, na esquina do largo, onde cruzam a Rua Direita (antigamente Emidio Navarro e hoje Rua Miguel Miranda) e a que vae para a da Boavista. Largo da Igreja, com a dos Penêdos e da Esperança.

Este Chafariz é obra perfeita e legante, que a Camara ali mandou edificar e que foi concluido em 1858, substituindo o que se demolin n'uma côva, que havia mais acima entre o Montilhão e a rua que vae para a Boavista. Principiou a sua construção em 1853.

As Fontes são: — a de Vessadas e a de Ninães.
Esta de Ninães é de agua de tanta fama, pela sua bondade e frescura, que varios arcebispos de Braga, principalmente D. Sebastião de Matos a mandavam buscar para o seu uso diario, não obstante a distancia de 3 leguas.

Esta fonte reconstruida em 1710, pela Camara com sua arquitectura floreada com diversos ornatos.

×

A Fonte de Vessadas foi mandada construir pela Camara em 1871.

×

A Fonte de Ninães tem no seu frontão a seguinte inscrição:
"VERÆ. NASCENTVR. AQVÆ. DE. VERTICE. HAC. DE. CELESTI. VERTICE. LINPHA. FLVIT."

×

Fonte de Ninães

(Do Minho Pitoresco, de J. A. Vieira — I Vol. — 1887 — pag. 147)

. . . . . Ao lado do caminho (de S. Braz) encontra-se a fonte de Ninães, cuja agua foi de tanta fama por sua bondade e frescura, que varios arcebispos de Braga, entre eles D. Sebastião de Matos, a mandavam buscar para seu uso diario. A fonte está hoje um

pouco arruinada; emquanto á justificação da fama da sua agua, parece-me que deve procurar-se, antes na predilecção um pouco histérica do gosto dos arcebispos, que na sua qualidade, aliás excelente, como a de todas as aguas de Barcélos, mas que não se compreende bem, podessem levar vantagem ás magnificas aguas do Bom Jesus que os prelados tinham lá ao pé de casa.

Igreja paroquial de Barcelinhos (Orago Santo André)

Esta Igreja tem a invocação de Santo André de Barcelinhos.

Diz-se que está edificada no local onde existia uma Ermida de S. Sebastião, que fora demolida para dar lugar a esta edificação em 1675, sofrendo grandes obras que bastante a melhoraram em 1867.

Outr'ora a igreja paroquial de Barcelinhos, estava situada no lugar de Maréces com a invocação de Santo André de Maréces.

Desta antiga igreja foram trasladadas as ossadas dos sepultados n'ela, para a nova igreja que foi construida no lugar da "Boa-Vista" com frente para esta rua e com fundos para o lugar do Souto que lhe fica ao nascente.

Esta igreja tem uma formosa, elegante e elevada torre dos sinos.

×

A primitiva matriz, sob a invocação de Santo André de Maréces, era dentro da Quinta de Maréces, propriedade da Familia Salazar e dela se fez a trasladação para a actual, que foi edificada em 1675, no mesmo sitio onde antes havia uma ermida de S. Sebastião.

Modernamente sofreu grandes modificações a construção primitiva, fazendo-se-lhe então a elegante e elevada torre que possue.

×

Pelas inquirições de 1220 vem esta freguesia com a designação de Sancto Andrea de Maréces, nas Terras de Faria.

×

Santo André de Maréces, depois Santo André de Barcelinhos, foi primitivamente abadia secular, passando mais tarde a vigairaria de apresentação, primeiro da Casa de Bragança e por fim

do Pinto da Colegiada de Barcelos.

A igreja parroquial era antigamente no lugar de Marécos, ao lado Norte da estrada Distrital nº 30, que d'aqui vae para a Povoa do Varzim, dentro da Quinta de Marécos, actualmente pertencente aos herdeiros do Dr. Eduardo Salazar.

A residencia parroquial é hoje casa de caseiros dessa quinta. Pelos meados do seculo XVII, antes de 1672, foi mudada para o lugar do Souto onde ainda hoje está; sofrendo no seculo XIX, 1867, grandes modificações, tornando-se um templo amplo e elegante.

No terreiro junto ao adro da nova egreja existiu uma antiga capela de S. Sebastião, a qual foi mudada em 1736 para Barcelos actual rua Manoel Vieira junto das Casas dos Mendanhas - hoje Quartel da Guarda Nacional Republicana (1949).

×

No rio Cavado, no districto desta freguesia tem trez açudes: um junto á Porte sobre o Cavado; outro em Marécos junto á confluencia do rio dos Ameaes que da freguesia de Pereira vem afluir ao Cavado n'este lugar e outro em Santo Antonio de Vessadas.

×

Cemitério parroquial de Barcelinhos

No domingo 9 de Julho de 1882 por 11 horas da manhã, foi bendito o Cemitério publico de Barcelinhos, assistindo Sua Exc.ª Rev.ma o Snr. Arcebispo de Braga, o reverendo parroco com seis eclesiasticos e todas as confrarias da freguezia acompanhadas por uma banda de musica.

×

Foi construido em 1882 no logar de Maréces, ao lado esquerdo da estrada que vae para a Povoa do Varzim, quasi em frente á antiga igreja parroquial.

Em frente e ao fundo (defronte da porta principal) existe uma capela destinada ao serviço religioso, mandada fazer por Antonio Ferraz de Gouveia Lobo para jazigo de sua familia.

Pertence hoje á familia Ferraz.

×

Num jazigo ali existente tem a seguinte curiosissima inscrição:

AQVI. JAZ. ANA. JOAQVINA. QUE. FOI. MARTIR. DEPOIS. DE. ESTAR. SEPVLTADA. A.º 25. ANOS.!

×

"Vista da parte baixa de Barcelinhos":
Fotografia tirada de Barcelos por ocasião da passagem da 25ª Volta a Portugal em bicicleta em 16 de Agosto de 1962.

Ruas de Barcelinhos

Rua José Falcão
" Emidio Navarro - (Rua Direita e hoje Miguel Miranda)
" Penêdos
" Brito Limpo
" Alcaides de Faria
" Esperança (ou de S. Miguel - o - Anjo)

×

Largos

Largo da Ponte
" do Souto
" Dr. Antonio Torraz (antigo "Moutilhão")
" do Tanque

×

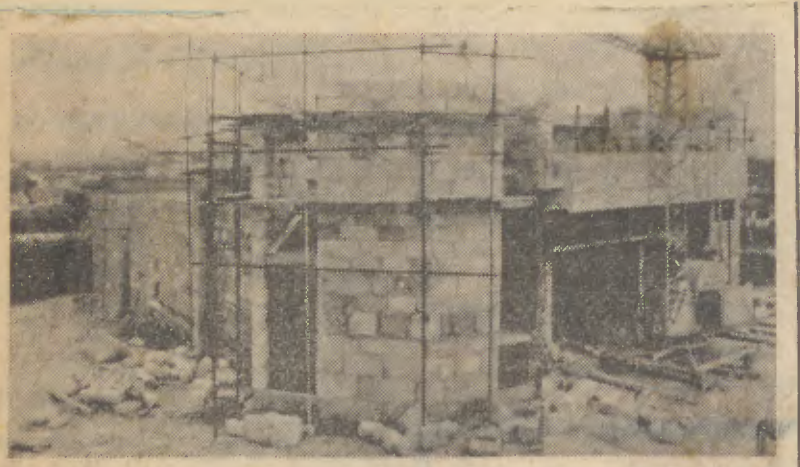
Logares habitados

Logar do Areal
" Carniceria
" Levandeiras
" Bança d'Ama
" Gandra
" Ribeiro
" Maréces
" Médios
" Minães
" S. Braz
" Sancho
" Tornadia
" Vessadas

×

Centro Cultural de Barcelinhos

Principiou a sua construção em 1959 (mais seus primeiros mezes.



Uma fase dos trabalhos da construção do Centro Cultural de Barcelinhos

23

= Largo do Tanque =

BARCELOS – Largo do Tanque em Barcelinhos

Este Largo está situado na bifurcação das Ruas Boa-Vista e Emidio Navarro.

×

Existe esta lindissima fonte com tanque ao cimo da rua Emidio Navarro, antiga Rua Direita, mandada construir pela Camara em 1853.

×

– Em cima = O largo arvorisado é conhecido pelo "Montilhão".

×

A casa de Barcelinhos, onde nasceu e viveu o Dr. António Ferraz

×

= Rua Direita = (Barcelinhos) =

Esta fotografia mostra-nos a Rua Direita tirada do Largo do Tanque para o Largo de Nª Sª da Ponte, vendo-se ao fundo o Carvalho da Ponte.

×

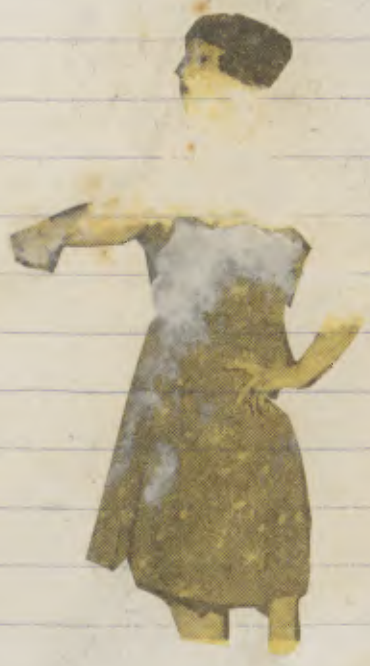
Até ha pouco tempo denominava-se "Rua Emidio Navarro".

Passou a denominar-se "Rua Miguel Miranda", designação que ainda hoje (1949) conserva.

×

Liga o Largo da Ponte com o Largo do Tanque

×



= Capela de S. Miguel-o-Anjo =

Esta capela, outr'ora era sita no logar do Areal, junto da Quinta que foi de André Leitão Salgado e que d'ele passou para os herdeiros de José Terraz, de Levandeiras, e d'ali (do Areal), haverá cerca de 80 anos (dizia isto em 1867 o Abade do Lamo), foi removida para o fim da Rua da Esperança, onde existe em pequeno ponto, pertencente a um particular.

×

Foi mandada construir por Francisco Fernandes Paim em 1675, junto ás suas casas na rua da Esperança.

×

Com a mesma evocação existiu esta capela no logar do Areal de Cima, a qual cahindo em ruinas, dela hoje não ha vestigios.

×

Hoje (1949) é dos herdeiros de José Joaquim da Costa.

×

Capela de S. João de Médros =

Esta capela está situada no lugar de Médros.

Em 1867 (dizia o Abade do Louro) pertencia á familia dos Reis, da freguesia de Faria.

×

Foi fundada em 1757 como se vê de uma inscição na pardieira da sua porta principal:

HANC. FECIT. JOANES. VIGARIVS.
ANNO. 1757.

×

Esta capela tambem é conhecida por "Capela de S. João das Lajes", por estar assente n'umas grandes lajes em Médros.

×

Está situada junto á Estrada Distrital nº 30, no lugar de Maréces, pouco distante da ponte sobre o rio dos Anneaes e Lajé (1949) pertencente a Manoel José Alves.

×

Com o alargamento da estrada acima referida, foi demolida para ser reconstruida, demolição que teve logar em meados de 1948.

×

Foi reconstruida, sem se lhe alterar a sua estetica, no mesmo logar, mas em sitio diferente mas muito proximo do primitivo.

×

Capela de Santo Antonio de Vessadas

Esta capela foi fundada em frente das casas e quinta de Vessadas, ao lado poente das ditas casas, por João Paes.

Devido ao traçado e construção da estrada que liga Barcelos a Braga e Vila Nova de Famalicão, pelos anos de 1856 e 1857 foi mudada para onde hoje se acha, mais acima das casas de Vessadas, ao lado norte delas e da nova estrada, cuja construção se fez com maior grandeza e capacidade devido ao zelo e expensas de Carlos Maria do Vale Vessadas que foi senhor da Quinta e Casas de Vessadas.

×

Foi mandada construir, no seculo XV, por João Paes "O Velho", senhor da Casa de Vessadas, ao poente da mesma, junto á antiga estrada que de Famalicão vinha para Barcelos, em cumprimento de um voto por lhe ter aparecido um cavalo.

Em 1856 foi mudada para o local onde está ao norte d'aquela Casa e separada desta pela estrada e completamente alterada a sua arquitectura.

Pertence hoje á Junta da Freguesia.

×

Capéla da Casa e Quinta de Vessadas

Manoel José Botelho, senhor da Casa de Vessadas, mandou fazer em 1885 esta capela junto ás suas casas, lado do norte, dando-lhe para patrimonio Nossa Senhora da Agonia.

×

Capéla de S. Braz

É muito antiga.

Está situada no logar de Lavandeiras.

Nela se faz annalmente a romaria a S. Braz, no domingo seguinte ao dia 3 de Fevereiro ou n'esse mesmo dia 3 sendo domingo, festividade concorridissima principalmente pela gente de Barcelos e Barcelinhos.

Toda a gente de Barcelos conhece esta capelinha. Pequenina e bastante graciosa, sempre muito caiadinha de branco, é vista de quasi todos os pontos da cidade.

O local aonde está situada, é dos mais pitorescos que nos rodeiam, estando naturalmente indicado para ser aproveitado pelo turismo para "Miradouro publico"; pela linda paisagem que d'ali se avista.

A Capelinha nada tem de historico, mas a sua estrutura que é talvez do século XVI, deve-se respeitar.

As suas portas, friestas e as cruzes de pedra que a encimam, bem como o seu interior de pavimento lageado proprio da época, impõe-nos o dever de pugnar pela sua conservação.

Demoli-la, ainda mesmo que seja para uma ampliação condigna, é um crime.

Como dizemos, nada ha ali de historico, a não ser a tradição que mantem pela realisação das festas ao seu orago, as quaes são concorridissimas por quasi toda a mocidade barcelense.

Diz-se que foi mandada construir por um dos senhores da Casa de Lavandeiras, cuja administração passou a ser da Junta da Freguezia de Barcelinhos desde 1882.

(De Bento Antas da Cruz - 1910 -) =

Esta capela é anterior ao século XV, tendo então

na sua frente um coberto que servia de abrigo aos devotos que vão levar as suas oferendas àquele milagroso Santo, depois do dia da romagem, a qual, por um costume antigo, se realisa no domingo imediato ao dia 3 de fevereiro, ou nesse mesmo dia, coincidindo ao domingo.

É tradição de que foi fundada por um antigo senhor da proxima casa e quinta de Lavandeiras, que hoje possue, por herança, ao ex.mo snr. dr. Manoel Beleza da Costa Almeida Ferraz, residente na freguesia de S. Julião de Freixo, do visinho concelho de Ponte do Lima.

À esquerda:

Capela de S. Braz

×

Século XVI.

×

Até o ano de 1882 esteve de posse dela a mesma ilustre casa; e porque em 19 de Abril desse mesmo ano faleceu D. Maria Beleza de Andrade Ferraz, mãe do referido Dr. Manoel Beleza e seus irmãos o major d'infantaria n.º 20, snr. Domingos Beleza e snr. dr. José Beleza, residente em Africa, passou para o domínio da junta de parroquia que, com o producto das esmolas dos fieis lhe mandou fazer o adro e o escadorio.

Instituiu-se ahi ha poucos anos uma confraria que a administra e projectou-se uma nova capela, levantando-se para isso a respectiva planta de que já nem se sabe o paradeiro.

×

O logar de S. Braz é um lindo local de onde se avista toda a nossa linda cidade e seus contornos até os cumes dos montes da Citania de Roriz, Alheira, S. Gonçalo e do Cotulo em S. Pedro de Vila Frescainha.

A Capelinha da invocação de S. Braz, bispo de Sebaste na Arménia e martir, assenta sobre penedice e pelas formas arquitectónicas que apresenta, mostra bastante antiguidade.

Demonstram-no claramente a porta ogival e as suas duas cruzes.

Está ao ceimo do elegante escadorio, virado ao poente e caiadinha sempre.

É pequena e baixa, tendo duas portas e uma fresta. Teve também outr'ora seu alpendre ou galilé na frente, mas que desapareceu quando se lhe fez o adro, achando-se ainda indícios nos dois "cachorros" ou saliencias de pedra n'ela existentes.

É ladrilhada e no seu altar, único que tem, de talha singela, venera-se, ao centro, a imagem do patrono e dos lados as de S. Domingos de Gusmão e Santa Efigénia a santa pretinha como lhe chama o povo, por esta ser de côr natural, como são todos os filhos da Etiopia, onde nasceu.

×

A esquerda: Escadorio que dá acesso á Capelinha de S. Braz. ×

Construção feita em 1882 ×

A Capela de S. Braz, é antiga, talvez do século XVI.

Sita no alto do Outeiro do seu nome, donde se disfruta um lindo panorama, é de construção baixa e humilde.

Ao lado da porta principal vêem-se ainda dois cachorros de pedra, vestígios da existencia do antigo alpen-

dre ou galilé.

Dizem que foi mandada construir por um antigo senhor da Casa de Lavandeiras, andando nesta casa a sua administração até 1882, ano em que passou para a Junta da freguesia.

No dia 3 de Fevereiro, quando é domingo ou no domingo imediato, realisa-se junto a ela a mais interessante romaria destes sítios.

A povo da cidade e das freguesias circunvisinhas ali se reune, rêsa ao santo, ouve musica, dança e come em alegre convivio, sentado em ranchos por aqueles campos e bouças, os apetitosos merendeiros que trazem, regados pelo bom verdasco, comprado no arraial á bica da pipa.

×

A edificação desta Capela pode-se fixar ser do Seculo XVI.

×

Do "Minho Pitoresco", de J. A. Vieira - II volume - 1887 - pag. 147. =

. . . . . Além da egreja parroquial existem no pitoresco arrabalde mais algumas capelas, sendo essas a de Santo Antonio de Vessadas, na quinta deste nome, a de S. Miguel-o-Anjo, no fim da rua da Esperança; a de S. João de Médros e por ultimo a de S. Braz em uma situação deliciosa no Logar de Lavandeiras e á qual se faz romaria de espavamento no domingo seguinte ao dia 3 de fevereiro. Um pequeno caminho vicinal, hoje bem arranjado, corta da estrada até ao principio da escadaria, em cujo ultimo lance fica a ermida, podendo o leitor gosar junto desta a paisagem, que se desdobra por toda a bacia do Cavado, desde o monte de Bouz, que se levanta a nordeste, até ao de Tenthal, que desenha a linha do poente.

É deveras encantador!

×

31

Romaria e gran de festa que se faz a S. Braz em Barcelinhos.

13 Setembro

Amanhã, no encantador e aprasível lugar de Levandeiras, realiza-se a tradicional e importante Romaria de S. Braz.

32

33

+ Corpo de Salvação Publica Barcelinense =

Foi inaugurada em 24 de Junho de 1921 (6ª feira) na Largo da Porta em Barcelinhos.

Abriu uma secção na Largo José Novais, em Barcelos, no dia 23 de Janeiro de 1922.

Por alvará do Governador Civil de Braga passou a denominar-se:

"Corpo Voluntario de Salvação Publica Barcelinense" desde 14 de Maio de 1923.

×

Foi fundada no ano da sua inauguração = 1921 =

×

Bombeiros Voluntarios de Barcelinhos = Associação Humanitaria e Beneficente. - Fundada em 24 de Junho de 1921 - Filiada na Liga dos Bombeiros Portugueses - Constituição de Actividade Publica por Decreto de 20 de Fevereiro de 1934 = Tem a sua séde - provisoria na Largo Guilherme Dias Fernandes - Barcelinhos.

×

Possue as seguintes condecorações:

Medalha de Grau de Cavaleiro da Ordem de Benemerencia;
Medalha em ouro da Camara Municipal de Barcelos;
Medalha em ouro do Gremio do Comercio de Barcelos;
Medalha de 1ª classe da Grande Parada dos Bombeiros Portugueses, no Porto;
Medalha da 2ª Grande Parada dos Bombeiros Portugueses em Lisboa; e
Medalha das Festas dos Bombeiros da Provincia do Minho em Braga:

×

Tem edifício próprio, onde está aquartelado e tem todo o seu funcionamento.

A Direcção, Comando e Corpo Activo dos Bombeiros Voluntários de Barcelinhos

34

— Busto do Comandante Geral dos Bombeiros Voluntarios de Barcelinhos — Joaquim Araujo —

Foi inaugurado em Barcelinhos, em frente do Quartel d'aquelles Bombeiros, no dia 24 de Junho de 1951.

Assistiram a esta inauguração todas as autoridades civis, militares e eclesiasticas da nossa cidade, tendo antes do descerramento do busto, usado da palavra um membro da Direcção da Corporação dos B. V. de Barcelinhos, o Presidente da Camara Dr. Mario Norton e a Exma. Snra. D. Maria José Novaes, cujos oradores enalteceram as qualidades humanitarias do falecido homenageado, o saudoso Comandante Joaquim José d'Araujo, fundador e 1º Comandante d'aquelles Bombeiros Voluntarios.

No acto solene da inauguração do monumento a Joaquim José de Araújo

X

37

38

Matadouro Municipal em Barcelinhos

Primeiramente fundado em 18 de Abril de 1889.

Está em frente da Lapa da Pinta, fechando-o deste lado, o Matadouro Municipal — obra do fim do Século XIX.

×

A' esquerda:

A fotografia mostra-nos o interior dos edifícios — "Casa destinada ás matanças."

×

— Casa que servia de Matadouro da Camara = (em Barcelinhos)

A' esquerda:

A fotografia que nos deixa ver a viela chamada "Carniceria", tulhez pelo facto dos primitivos Matadouros encontrem na casa que vemos na fotografia á nossa direita e á direita d'aquela viéla.

×

39

Associação de Socorros Mentuos Barcelinense — (em Barcelinhos) —
Foi fundada em 1880 - (21 de Março).

×

Tambem tem a designação de
Real Associação Humanitária de Socorros Mentuos Barcelinense

×

Está situada, funcionando em edifício proprio na
antiga Rua Direita, mais tarde Rua Teixeira Navarro
e hoje Rua Alcaide Miranda.

×

Os seus estatutos foram aprovados por Alvará de 14 de Março
de 1895.

× ×

Escola Agrícola de Barcelos

"Asilo-Escola Agrícola Gonçalo Pereira"

Funciona em Barcelinhos na Quinta do Louro, propriedade que se adquiriu para este fim.

As obras para a edificio desta Escola, principiaram nos fins de Maio de 1940, tendo-se lançado as primeiras pedras, - (sem grandes cerimonias), - para os seus alicerces em 3 de Junho de 1940.

×

Não tem mantido aqui qualquer numero de alunos.

×

Primitivamente principiou a funcionar, com caracter provisorio, na Quinta do Bom Sucesso, no Largo da Granja, em Barcelos em 15 de Fevereiro de 1907.

Deixou de funcionar aqui, por resolução tomada pela Comissão Administrativa em 5 de Dezembro de 1915, passando a subsidiar a ensino de alguns rapazes na Escola Agrícola de S. Bento, em Santo Tirso e assim se tem mantido nesta disposição.

×

Em fins de 1906, Gonçalo Alfredo Alves Pereira, desta cidade, escolheu entre amigos a quem confiasse o pensamento de pôr em pratica a realização desta Escola, pedindo-lhes este encargo.

Feitos os competentes estatutos e estudos, foram estes redigidos a escritura publica em 15 de Fevereiro de 1907, lavrada na nota do Notario A. G. Moreira desta localidade.

Os trabalhos preliminares da instalação começaram em 16 de Dezembro de 1906.

Contratou-se desde logo Eduardo Carlos Marçal para regente agricola e Manuel Alves Pereira, para professor de instrução primaria, sendo logo admitidos e internados, na Quinta do Bom Sucesso para tal fim arrendada, doze alunos.

O estatutos não obtiveram logo aprovação do Governador Civil, estando o funcionamento provisório protelado até 1911, sendo os mesmos aprovados por Alvará de 30 de Janeiro de 1912.

Subsidiados pela Comissão tem estado internados na Escola Agrícola de S. Bento, de Santo Tirso, diversos alunos.

×

A Comissão comprou para a instalação da Escola-Asilo-Agrícola, de Barcelos, a Quinta do Sancho, em Barcelinhos, por escritura de 22 de Julho de 1931, lavrada na nota do Notário Dr. Porfírio da Silva, desta cidade.

×

N.a S.a da Ponte em Barcelinhos

A CAPELINHA DA SENHORA DA PONTE

Capéla de Nossa Senhora da Ponte

e o

Carvalho da Ponte

Esta capela é aquela, que se vê fundada e conservada ao marchar de Barcelinhos para Barcelos, na embocadura da ponte, á mão direita ou lado do nascente e que á mão esquerda ou lado do poente tem fronteiro um formoso e viçoso "Carvalho"; e que antigamente era mais pequena e de menor fabrica.

O seu local é sumamente agradavel, já pela visinhança e vista do rio Cavado, e já pela continuada passagem de tudo quanto entra e sae da vila, pela ponte.

O corpo principal desta capela é da feição de uma torre quadrangular e rematada em uma cupula piramidal de quatro faces, com seus ornatos de pedra nos angulos, cujas faces de telha vidrada foram reedificadas no presente ano de 1867.

Em volta da capela, junto ao envasamento, é cercada por uma varanda de pedra, que sóbe até meia altura das paredes da capela.

Junto dela, nas noites de verão se vêem muitas familias a tomar a sadia frescura dos ares do Cavado.

O edificio não mostra muita antiguidade, o que é devido ás reconstruções que tem tido; entretanto a sua fundação é muito antiga.

Já no começo do seculo XV N.ª S.ª da Ponte era procurada do povo, como milagrosa.

Sua Magestade (por provisão de fevereiro de 1864, registada no respectivo livro da camara, a pag. 46) do dinheiro do almoxarifado da casa de Barcelos e Bragança mandou dar 30$000 reis, de esmola a N.ª S.ª da Ponte.

Hoje porém tem ela uma irmandade,

que a venéra e que tem suficiente patrimonio.

Fr. Pedro de Poyares no seu Panegyrico pag. 19 cap. 13, falando desta capela, demonstra, que ela e o Carvalho fronteiro a ela são duas sentinelas, que estão alerta em defesa de Barcelos.

N.ª S.ª como padroeira e protectora da vila; e o Carvalho, como prometendo-lhe unita conservação e duração por ser arvore durissima e fortissima, etc. . . .

O "Carvalho" está cercado com um quadrado de cantaria em forma de degrau, que lhe serve de plata-forma.

Mas o "Carvalho" actual, apesar de estar uniformoso e copado, é muito mais novo do que o seu antecessor, que ali existia desde tempos incemoriaes, que era grossissimo, e que em 5 de fevereiro de 1827 foi cortado pelas tropas miguelistas do Silveira, marquez de Chaves para com ele atrancar a ponte, como explicitamente se diz, mas nesse mesmo ano de 1827 a Camara mandou plantar o "Carvalho" que ainda hoje existe, no mesmo local do outro, assaz viçoso, frondoso e copado.

Tanto esta capela como aquele carvalho fazem ponte das armas de Barcelos.

= Atrio da Capela de Nª Senhora da Ponte =

Recuou (cortou-se) na frente por virtude da passagem da estrada de Vila Nova de Famalicão a Viana do Castelo, (conforme a resolução do engenheiro Vicente Francisco Guimarães), tiege palmos, ficando o quadro regular (Vidé livro das actas da confraria a paginas 29 vº de 10 de Maio de 1857).

= Grades do adro da Capela de Nossa Senhora da Ponte =

Em acta de 5 de Julho de 1868, foi deliberado colocá-las (livro respectivo a folhas 42) dizendo..... "Uma grade de ferro para circular o adro da Capela de Nossa Senhora da Ponte, por isso que como actualmente está se torna imundo por animaes e profanado por meretrizes".

Custou 93.500 reis, sendo colocada pelo mestre ferreiro Antonio da Silva Ferreira, de Barcelinhos. (Vidé auto de arrematação - livro das actas a pag. 43 vº de 26 de Julho de 1868).

×

Notas:

Esta capela está situada junto ao rio Cavado, do lado direito á entrada da Ponte que liga Barcelinhos a Barcelos.

Julga-se ser edificada nos fins do seculo XIV, com arquitectura diferente da actual.

Tem confraria com estatutos aprovados em 1844.

Na ponte existiu um cruzeiro ao qual se refere a a acta da sessão da Camara Mª de 1726; no logar da Rabéla outro; no logar do Souto outro e em Marécos outro, hoje todos demolidos.

×

Capelinha de Nossa Senhora da Ponte e vista parcial da cidade de Barcelos

Acta da Confraria de Nossa Senhora da Ponte, de 3 de Julho de 1847

Os Mesarios antecedentes, que senão fizera a Festa decretada nos Estatutos pertencente ao anno de mil oito centos e quarenta e cinco para o de mil oito centos e quarenta e seis pella razão de nesta Villa estarem frequentemente existindo tropas, não só demorando-se dias mas continuando em passagens, e em fim por todas as circumstancias e correntes, que não são desconhecidas, e maiormente por senão ter pudido fazer cobranças de Juros não estando a Justiça em actividade, nem os Povos permanentes e desassossegados do espirito e finalmente não hera possivel fazer-se a Festividade com aquella grandeza recomendada nos estatutos por ficar esta Capella tão proxima á Ponte por onde frequentemente marchavão as tropas o que tudo deu causa a que a Festa que se fizera no anno antecedente não fosse tal qual o estatuto recomenda, cuja declaração fazem para o todo tempo constar". . . . . .

×

Copia dos estatutos da Confraria de N.ª S.ª da Ponte

Ill.mo e Ex.mo Snr.

Dizem o Juiz, Mesarios presentes, e alguns outros das Mesas passadas, da Confraria de Nossa Senhora da Ponte, sita na sua Capella da mesma, e freg.ª de Santo André de Barcellinhos que havendo-se-lhes desencaminhado o Estatuto da mesma Confraria, assim como alguns livros d'ella, por ocasião da invasão da invazão das tropas Francezas, tem até qui sido Administrada por praticas, usos e costumes, que por tradição, e dizeres de homens antigos d'aquella freguesia, assim se praticava na existencia do primordial Estatuto; porem como seja de toda a Exercição uma Ley que regule e determine as obrigações tanto da referida Confraria, como de seus confrades, acordou a Mesa presente, com alguns outros membros das preteritas, em sessão do primeiro de Março do corrente anno que se effectuasse um Estatuto, como com effeito se fez, e é

o que incluzo a esta se mostra.

Os Supp.tes o apresentão á presença e consideração de V.a Ex.cia e umildemente implorão a sua Approvação.

P. a V.a Ex.cia a Graça de lhe confirmar e Approvar

E. R. M.ce

× × ×

Cópia

Estatuto
da
Confraria de Nossa Senhora
da Ponte, sita na freguezia de Santo André de

Barcellinhos

Feito
Pela Mesa presente, e mais
Membros das passadas, no
Anno de

1844

= Proémio =

Sendo as Irmandades, ou Confrarias uma sociedade de pessoas devotas, dedicadas a promover um culto regular a Deos, ou a algum Santo, é evidente, que estas sociedades não podem obter seus fins se cada um individuo, de que ellas se compõem, as quer administrar segundo sua vontade e capricho.

Para evitar estes inconvenientes, dão os Estatutos uma lei fundamental para por ella se regerem, isto é, Estatuto.

Esta Nossa Senhora da Ponte, collocada na

sua Capella sita na freguezia de Santo André de Barcellinhos, osteve sempre até á invazão das tropas Francezas em Portugal, em mil oito centos e nove.

N'esta crize extraviarão-se não só o Estatuto como tão bem outros livros da Confraria.

Foi a Mesa d'aquelle tempo, e sequintes, remediando a falta d'Estatuto, governando-se por algũas praticas e uzos comprovados por homens velhos da freguezia, até que a Mesa, presente d'este anno de mil oito centos e quarenta e quatro, com alguns Membros mais das passadas, pôde fundada não só nas ditas praticas e usos, mas ainda mesmo em documentos, renovar o mesmo Estatuto, sem já mais prejudicar privilegios Parochiaes, que como filial reconhece, e os fez na forma sequinte:

Capitulo 1º

Admissão de Irmãos e suas qualidades

Artigo 1º

Como os cargos da Confraria devem ser exercidos pelos Irmãos, cumpre fazer boa escolha.

Artigo 2º

Toda a pessoa de qualquer dos sexos, que fôr de boa conducta moral e civil, será acceita para Irmão d'esta Confraria, e inda mesmo os menores com consentimentos paternos.

Artigo 3º

A Mesa levará d'ingresso a cada um dos admittidos, a saber, - té vinte e cinco annos d'idade, trezentos reis; até quarenta e cinco, quatro centos reis; até sessenta quatro centos e oitenta reis; e desde esta para cima, seis centos reis e dés reis d'annual.

Capitulo 2º

Motivos porque a Mesa póde excluir os Irmãos

Artigo 4º

Não devem ser considerados Irmãos, mas sim devem ser excluidos os abaixo pelos paragrafos seguintes:

§.º 1.º — Os que não aceitarem os cargos para que forão eleitos, não tendo legitima escuza, e quando esta se verifique, a participarão á Mesa nova para lhe definir como julgar de justiça; e quando assim o não fação, ou se escuzem todos, ou parte d'elles, a Mesa velha recorrerá á Auctoridade competente para os coegir a servir, se, perante ella, não mostrarem legitimo impedimento.

§.º 2.º — Os que tendo sido de Mesa dilapidarem os fundos da Confraria, derem contas infieis, desencaminharem-se os estatutos, ou Alfaias apresar de serem responsaveis e executados por qualquer prejuizo.

§.º 3.º — Os que recuzarem pagar os annuaes de trez annos seguidos, sendo-lhes pedidos, por mais de trez vezes, e em diversos tempos ou tractarem com palavras pouco decentes, aquem legalmente lhos pedir.

Capitulo 3.º

Eleição da Mesa e sua composição

Artigo 5.º

Na vespera do ultimo Domingo de Maio, se fará a Eleição dos novos Officiaes que devem servir no anno seguinte.

Artigo 6.º

Reunida a Mesa farão á pluridade de votos, escolha de pessoas de boa reputação moral, civil e decente sustentação (1)

§.º unico

Exceptuão-se os que forem devedores á Confraria.

---

1) A' Margem tem a seguinte anotação: Este artigo tem adição no fim deste Estatuto.

Artigo 7º

A Eleição da Mesa será publicada pelo Orador da Festa e na falta deste, pelo que cantar a Missa.

Artigo 8º

A Mesa deve compor-se d'um Juiz, um Secretario, tres homens bons, e um Thesoureiro, todos estes com voto.

§º unico

Haverão tãobem dous Mordomos e um servo.

Capitulo 4º

Dia da Festa da Senhora

Artigo 9º

A Festa da Senhora deve fazer-se no ultimo Domingo de Maio, para haver tempo de se lançar e dar as contas em Junho á Auctoridade competente, e constará de uma missa solemne, Musica de côro, e rua, com sermão e Procissão.

Capitulo 5º

Obrigações em Commum

Artigo 10º

Todos os Mesarios são obrigados a obedecer aos mandatos do Juiz, comparecendo em todas as Mesas, que por elle forem destinadas para o serviço e augmento da Confraria, em cujo acto se portarão com todo o respeito e acatamento ao que por elle for representado, dando cada um seu voto conforme entender em sua consciencia.

Artigo 11º

§º unico

Havendo empate, o Juiz decidirá para a parte que achar mais justa e aos convencidos fica livre o direito de protestar.

Artigo 12º

Os Mordomos, e servo, são tãobem obrigados a obedecer aos mandatos do Juiz.

Capitulo 6º

Obrigações de cada Mesario, Mordomos e séro

Artigo 13º

Compete ao Juiz convocar a Meza quando o interesse da Confraria o exigir, zelar o culto e a economia nas suas despezas, propôr os objectos que tem de tractar-se ou discutir-se; e hir assistir ao enterro dos Irmãos.

Artigo 14º

Ao Secretario compete toda a escripturação da Confraria, zelar os seus interesses, e substituir o Juiz na sua falta.

Artigo 15º

Aos Homens bons compete zelar os interesses da Confraria e informar-se quanto seja possivel, sobre as segurança de dinheiro a juros.

Artigo 16º

Ao Thesoureiro pertence a arrecadação de todos os rendimentos da Confraria, titulos e alfaias por inventario, fazer todas as despezas, precedendo bilhete do Juiz para a ordinaria; hir assistir aos enteiros e ter toda a vigilancia sobre o estado dos devedores, fazendo, no caso de morte dos originarios, reformar as Escripturas, de forma que por sua omissão não haja falencia.

Artigo 17º

Aos Mordomos pertence hir aos enteiros dos Irmãos, acompanhar nos peditorios dos annuaes, e nos mais serviços da Confraria servirem aos Mezes.

Artigo 18º

Ao séro, que vence salario, pertence-lhe ajudar ás Missas que se dizem na Capella e tirar pelos ouvintes uma esmola para ajuda das Missas alem dos legados; ter com limpeza e em boa guarda os apparamentos tanto do Capellão como tambem os mais utensilios, fazendo lavar

e engomar as roupas brancas, participando ao Juiz de quaesquer outras, que sejão necessarias tanto novas como compostas; trazendo a Capella e Adro, barrido e acendendo a lampada como é costume.

Capitulo 7º

Fallecimento dos Irmãos

Artigo 19º

Fallecendo qualquer dos Irmãos desta confraria tanto nesta freguezia, como na de Santa Maria Maior da Villa de Barcellos, o Thesoureiro logo lhe dará dous lumes para cada emquanto se achar o corpo.

Artigo 20º

O Mordomo do mez, avisará toda a Mesa, do dia e hora do enterro, e a este irá assistir o Thesoureiro levando a Cruz, o Juiz com a vara, que lançará as orações do costume pelos Instituidores da Confraria e pelo irmão sepultado; indo tãobem os Mordomos e os homens bons podendo.

Capitulo 8º

Sufragios dos Irmãos

Artigo 21º

Gozarão os Irmãos fallecidos além dos sufragios dos artigos dezanove e vinte, de duas Missas pela sua Alma.

Artigo 22º

Se alguem Irmão fallecer, e se enterrar em outra qualquer parte, que não seja nas que determina o Artigo dezanove, gozará sómente das duas Missas pela sua Alma, na forma do costume.

Capitulo 9º

Legados da Santa

Artigo 23º

Hé esta Confraria tãobem obrigada a mandar dizer annualmente quarenta e tres missas pelas ten-

ções constantes da Pauta; mas como não abrange este numero todos os dias santificados em que concorre mais pôvo ao culto Divino, tem-se adoptado a medida na occasião das Missas d'um peditorio para não desfalcar o rendimento do Capital, pois com o rendimento, e com as esmollas que se juntão, que alguns annos chegão, se tem celebrado a Missa todos os dias santificados, e assim se deve continuar de futuro pelo bem que resulta a todos que concorrem para tão pia devoção. E nesta forma damos por findo e acabado este Estatuto, em virtude de sessão do primeiro de Março do corrente Anno de mil oito centos e quarenta e quatro, pela qual foi mandado fazer o referido Estatuto, o qual foi visto e examinado tanto pela Mesa presente, como por alguns Membros mais das Mesas passadas, que pelo achar conforme, e na forma de seus esclarecimentos anteriormente dados, os assinarão e deliberarão se requeresse com elles a Sua Excellencia o Senhor Governador Civil, pedindo-lhe sua digna Approvação.

Artigo addicional ao Artigo 6º

Quando se dê o caso da Mesa ser dissolvida antes de acabar o tempo da sua administração, por omissão ou comissão em que seja achada em tal caso a Mesa que tiver de substituir-la será feita por votos de toda a Irmandade, ou pela maioria da mesma, quando toda a não reuna, sendo para esse fim convocada a toque de campanha.

(a a) O Parocho João de Souza Guimarães
O Juiz João Manoel de Figueiredo
O Homem bom Franco Marques Linhões de Almeida
O Homem bom João Antonio da Silva
O Homem bom Domingos José Ferreira Gomes
O Thesoureiro João José de Souza Ramos

O Secretario Antonio José Batista Guimarães
O Mordomo Domingos José Simões
Antonio Joaquim Monteiro
Antonio José Gomes
José Antonio Simões
José Antonio Gomes
Antonio Hermengildo
Manoel José Simoens
Joaquim Antonio da Silveira
Paço de Belem em 3 de Setembro de 1844
(a) Antonio Bernardo da Costa Cabral
Reg.do a fl. 169 do L.o 4.o

Nota:

Foi tirada a copia fiel do original por o abaixo assinado o qual respeitou a ortografia da occasião.

Estavam escritas em onze meias folhas de papel selado com selo em branco com os dizeres: "Credito do Publico"; quer dizer, era da taxa de quarenta reis e todas as meias folhas timbradas com um pequeno selo a tinta d'oleo que dizia: "Gov. C. de Braga" e com a rubrica por baixo deste "R. de Tilheiras".

Barcelos 5 de Junho de 1938

Francisco Cardoso e Silva
Tenente

XX

Esta Capela junto ao rio Cavado, do lado direito, á entrada da ponte que liga esta freguezia com a de Barcelos, é muito antiga.

Julga-se ser edificada nos fins do seculo XIV (catorze) e devia ser em arquitectura muito diferente da actual.

Tem esta capela confraria com estatuto aprovado em 1844.

Na ponte existiu um cruzeiro, ao qual se refere a acta da sessão da Camara Municipal de 1726, no

logar da Rabéla outro, no Souto outro e em Marécos outro, hoje todos desaparecidos.

No largo da ponte, em frente á Capela, separado dela apenas pela estrada, vê-se o já secular Carvalho, sucessor de outro muito antigo, abatido em 1827.

Esta Capela, o Carvalho e a Ponte sobre o Cavado fazem parte das peças que entram na composição do Brasão de Barcelos.

× × ×

Capela de Nossa Senhora da Ponte

Conforme se vê do livro das actas da Confraria a paginas 29 v.º com data de 10 de Maio de 1857, o atrio foi cortado, na frente, 13 palmos, ou seja em mais de 3 metros, por virtude da passagem da estrada de Famalicão a Viana do Castelo e por resolução do engenheiro Vicente Francisco Guimarães, concluindo-se por isto que a Capela tinha á frente o seu alpendre mais comprido.

Por deliberação da Confraria em acta de 5 de Julho de 1868 foi resolvido colocar grades de ferro na parte alpendrada que circula a Ermida, como se vê a folhas 42 do respectivo livro, por o local "se tornar imundo por animaes e profanado por meretrizes", cujo trabalho foi executado pelo mestre ferreiro Antonio da Silva Ferreira, de Barcelinhos, custando 93.500 reis como se verifica do auto de arrematação escriturado no livro de actas a paginas 43 v.º com data de 26 de Julho de 1868.

A Confraria perdeu os seus principaes livros e estatutos, como se vê dos actuaes, aprovados no Paço de Belem em 3 de Setembro de 1884 por Antonio Bernardo da Costa Cabral (Reg.do a folhas 169 do L.º 4.º).

× ×

= Capela de Nª Sª da Ponte =

Em 1789 sofreu a primeira modificação, mandada fazer por um tal José Gama, natural de Barcelos, alterando-lhe o telhado de duas vertentes que possuia, por uma cúpula piramidal de quatro faces e estas cobertas a telha vidrada, obra que tambem sofreu reedificação em 1867 como assevéra o Abade do Lamo a paginas 204 da "Memoria Historica da Villa de Barcellos".

x x

= Capela de Nossa Senhora da Ponte =

<Do Dicionario Geografico de Portugal – "Memorias Parroquiaes" – Sec. XVIII – 1721 – Volume VI – Documento nº 33 a fls 211 – Torre do Tombo> –

. . . . . Da outra parte da ponte, Arabalde de Barcellinhos que hé pertença desta villa, fica no fim da mesma ponte esta a excellente Capella de Senhora da Ponte, com invocação da Natividade, que tambem lhe dão; está esta Capella cercada em volta com alpendrado sustentado em trinta e oito columnas de pedra: hum dos melhores retiros desta villa; hé administrada por devotos, e Brazão das armas desta mesma villa; tem no spiritual, jurisdição nella o Parocho de Santo André de Barcellinhos. –

x x x

= A Capela de Nossa Senhora da Ponte =

<Boletim da Academia Nacional de Belas Artes – VII – Lisboa 1940 – por Vasco Valente> –

. . . . . No primeiro plano, a Capela de Nossa Senhora da Ponte e um cruzeiro de que se já havia perdido memoria, mas que, de facto, lá existiu, pois podemos averiguar que foi demolido, na segunda metade do Século XIX.

O quadro em questão (1) é uma pintura a

1) Quadro a oleo sobre tela que faz parte do recheio do Museu Soares dos Reis, do Porto.

óleo sobre tela, que servia para tampa de fogão de sala, e pertence ao Dr. Gaspar da Costa Leite, filho do barcelense ilustre, Lente da Escola Médica do Porto, Visconde de Oliveira.

Depois de uma ligeira limpeza, verificamos que está assinado - "Conto" - 1848"; devendo tratar-se de um cenógrafo deste nome, que trabalhou no Porto nos meados do século XIX.

(Esta comunicação foi feita na sessão de 7 de Dezembro de 1939)

x x x

À esquerda: Outro aspecto da Ermida de Nª Sª da Ponte vendo-se defronte o Carvalho da Ponte e ao fundo o Palácio dos Arques - Condes de Barcelos.

Fig. 1 — O Palácio dos Duques de Bragança, em Barcelos
Pintura a óleo sôbre tela. Anteparo de fogão de sala, assinado: «Conto, 1848».
Pertence ao Dr. Gaspar da Costa Leite

Lisandro interessantíssimo que nos mostra não só a existência da Ponte de N.ª S.ª da Pedra n'aquela altura mas ainda a parte da velha Vila de Brandes.

Fotografia de um quadro existente no Dr. Lourenço Soares dos Reis, na cidade do Porto.

"Vidé paginas 105 do 1.º Volume destes apontamentos"

52

Convento da Franqueira e Senhor da Fonte da Vida

Escadorio e capelinhas do extinto Convento de S. Francisco — Franqueira —
As capelinhas e as arvores essas estão envolvidas num silencio mistico, como que sobrenatural, convidando-nos a procurar-lo qual refrigerio para a vida do nosso século, cheia de comoções bruscas e fortes. (Da Resenha historica de J. Mancelos Sampaio — 1927).

O Senhor da Fonte da Vida

Zincogravura que se publicava nos programas das festas que se promoviam em sua honra

× ×

Convento da Franqueira

Vicente o Pobre e sua mulher Catarina Afonso, naturaes da cidade do Porto, no anno de 1429 viveram vida eremitica no sitio, onde esteve o primeiro Convento do Monte da Franqueira; e ali edificaram uma Ermida com o titulo do Bom Jesus, colocando n'ela a imagem do Senhor Crucificado.

Privilegio que lhes concedeu El-Rei D. Afonso V de Portugal.

No mesmo sitio foram seus corpos sepultados e d'ele trasladados para a Igreja do Convento, que hoje existe, livr. 4. Cap. 3 nº 174 seg.

(Consta esta nota do Indice das cousas notaveis do Tomo 1º da Chronica da Provincia de Nossa Senhora da Soledade a folhas 952).

— Apanhado do opusculo a que acima nos referimos —

"A paginas 10" .... Um dos principaes montes desta deliciosa Provincia de Entre-Douro e Minho é o alto chamado da Franqueira ao Sudoeste da notavel Vila de Barcelos, que, qual Libano correndo para sol á vista do mar Oceano, que lhe fica distante mais de duas leguas, nele da parte do Norte se vê plantado o mystico cedro, fragante em santidade com o nome de Santuario da Provincia, o nosso Convento, cujo Titular é o Bom Jesus.

"A paginas 11" .... E sendo assim, vem ficar nesta região Officina o nosso Convento do Monte da Franqueira o qual monte finaliza na freguezia de Cunel, de cujo fim não fica muito distante a Vila de Rates, onde foi martirisado S. Pedro, primeiro Arcebispo de Braga que por isso se chama de Rates, por ser ali o logar do seu martirio.

"A paginas 12" ..... e ainda nestes anos uma legua para o mar distante do Monte da Franqueira na chamada Lagoa Negra se abriu uma cima, em que se tirou finissimo ouro, que se não continuou por ser rocha muito dura e ser excessivo o gasto para se continuar.

A pagina 13 = ... Fica o Monte de Lamedos á parte occidental da Vila de Rates, não muito longe d'ela, e tambem não muito distante do monte da Franqueira.

. . . . . .

"A pagina 18" = ... Quasi no oriente do Castello de Faria e ao sul do Convento, pegando do muro da cerca d'ele se eleva o cabeço mais eminente e alto da serra da Franqueira, com subida assaz ingreme de toda a parte, do qual se descobrem muitas terras remotissimas e muito dilatada parte do mar Oceano, vistas todas e orizontes que fazem aquele sitio muito agradavel e deleitoso.

Vê-se este monte coroado com o antigo e magnifico Templo de Maria Santissima com o titulo da Franqueira tomado da serra em que está.

. . . . . .

"A pagina 29" – Reedificação do Convento – Nas mesmas Casas e Ermida que elles nos deixaram, sem acrescentar nem diminuir nellas cousa alguma, vivemos cincoenta e oito annos, até que no de 1563 por serem as paredes de taipa antigas e estarem arruinadas D. Henrique de Souza, ultimo Commendatario dos Benedictinos Mosteiro de Rendufe, sujeito muito compassivo e caritativo para com os pobres e necessitados, reedificou o Convento no sitio onde hoje se vê, distante do primeiro um largo tiro de mosquete para a parte do Monte.

Não ficou no primeiro sitio mais que uma Capelinha muito estreita com a Imagem de N. P. S. Francisco por memoria, a qual ainda hoje permanece, e das ruinas do Castello de Faria veio a pedra necessaria para as obras do Convento.

. . . . . .

"A pagina 30" – Sempre este Convento do seu principio o seu Titular foi o Bom Jesus Crucificado, cuja imagem se venera na tribuna do Altar Maior e se festeja

56

... no primeiro dia de Janeiro que é o da Circuncisão.

. . . . . .

"A paginas 44" - Lançou - se a primeira pedra na primeira Capella ao pé do Monte em 1º de Setembro de 1710.

. . . . . .

×

Igreja do Convento dos frades franciscanos da Franqueira

×

CAPELAS QUE LADEIAM Á ESCADARIA QUE CONDUZ AO CONVENTO
(SÉCULO XVI)

×

36 BARCELOS — Igreja do Bom Jesus do Monte

= Convento da Franqueira =

(Do livro "Franqueira" - 1947 - por Antero de Faria)

O Convento da Franqueira de titulo do "Bom Jesus do Monte" — "Senhor da Fonte da Vida" — assenta em terras da Casa de Bragança, que o 4.º duque D. Jaime deu aos Padres da Claustra, os primeiros monges que viéram procurar vida de isolamento e penitencia n'este local aprasivel.

= O Convento do Bom Jesus do Monte =
(Senhor da Fonte da Vida)

(Do livro "Franqueira" - 1947 - por Antero de Faria)

Poucos quilometros percorridos, desde que se principia a subir o monte, a meia encosta, uma ampla escadaria, talhada em lanços e ladeada por duas humildes capelinhas, conduz ao largo fronteiriço do Convento.

O sitio é ermo, e como escondido entre arvores seculares surge o cenóbio que foi dos monges Franciscanos da Provincia da Soledade, com a sua igreja de uma só nave, simples mas elegante.

A fabrica do convento e do templo, na singeleza das suas linhas arquitectonicas, deixa bem transparecer a recolhida austeridade dos monges mendicantes que durante muitos anos, ali habitaram.

. . . . . .

No ano de 1505, quando os primeiros frades vieram para a Franqueira, ainda existia a ermida e sepultura dos fundadores.

. . . . . .

Os padres claustraes vieram, ao findar o seculo XV, habitar o sitio em que Vicente o Pobre havia erigido a ermida do Bom

Jesus, e ali se conservaram até 1834, época em que foram substituídos pelos Franciscanos.

. . . . . .

Mais tarde, no ano de 1678, foi o Convento ampliado, sofrendo em 1788 novas obras com o acrescentamento de um dormitório.

Da cêrca, hoje muito reduzida, ainda resta da sua beleza primitiva.

. . . . . .

×

– Reedificação do Convento da Franqueira –

(De "Lendas e Narrativas", por A. Herculano – Tomo I – 13ª edição – 1918)

". . . . . – Serviram os fragmentos do castelo de Faria para se erguerem o convento edificado ao sopé do monte.

Assim se converteram em dormitórios as salas de armas, as ameias das torres em bordas de sepulturas, os lumieiros das barbacãs e postigos em janelas claustrais.

O ruído dos combates cedeu no alto do monte, e nas fraldas dele alevantaram-se a harmonia dos psalmos e o sussurro das orações.

. . . . . "

×

FRANQUEIRA — Fonte do Convento, no local do primitivo Cenóbio (Século XVI)

O Monte da Franqueira

Como prologo de um extracto da Descripção do Monte e sitio do Convento do Bom Jesus do Monte da Franqueira, noticia do antigo Castello de Faria e da Capella de Nossa Senhora da Franqueira, que estão junto ao Convento — por Fr. Francisco de S. Thiago — Extracto da Chronica da Santa Prov. de Nossa Senhora da Soledade — 1762 — diz-nos o seu autor em 1909: —

Duas palavras do Editor

Por muito tempo hesitei se sim ou não deveria dar á luz o presente opusculo.

Porém, todas as vezes que lançava os olhos para aquelle monte, denominado da Franqueira, ao sudoeste desta villa, distante cerca de trez kilometros, afigurava-se-me ouvil-o esprobar asperamente não só aos habitantes desta antiga e nobre villa de Barcellos, mas tambem aos de todo o seu concelho, o abandono, e quasi esquecimento a que, ha tantos annos, o lançaram, a elle que se orgulha de haver, lá do seu pittoresco cumiado, presenceado factos que tanto abrilhantam a nossa historia, e possuir ainda reliquias da mais remota antiguidade, como a ermida de N. Senhora da Franqueira, o Convento dos frades com a sua linda egreja, onde se venéra a historica imagem do Senhor da Fonte da Vida, etc.

Alem de possuir actualmente estas duas preciosidades, tambem se pode ufanar de, em tempos remotissimos, haver existido na sua encosta, o memoravel Castello de Faria, em cujo recinto, para vergonha dos Municipios de Barcellos, não existe outra memoria, além de um moinho de vento, levantado pelo actual proprietario, para sua utilidade.

Esquecido o Castello de Faria, pela falta de uma lapide ou qualquer outra memoria commemorativa no local da sua existencia, e mesmo de uma narração descriptiva que ainda muito resumidamente falle d'aquelle Castello á geração actual, vere

mos egualmente desapparecer no abysmo insondavel do esquecimento o exemplo inimitavel de lealdade ao seu rei que ás gerações futuras deixou aquelle Attilio Regulo portuguez, Nuno Gonçalves de Faria, alcaide e governador do dito Castello.

Foi o caso que, vendo-se um dia esse governador, no tempo da guerra que D. Fernando de Portugal trazia com D. Henrique de Castella, obrigado a entregar o Castello ás tropas castelhanas, por quem fôra vencido em um recontro, ou a morrer ás mãos do inimigo, preferiu deixar-se morrer, como morreu, da morte cruel, mas aconselhando sempre a seu filho Gonçalo Nunes de Faria, que sob pena de sua maldição, não entregasse o Castello a mais pessoa alguma, senão a el-rei, seu senhor, ou á ordem do mesmo.

Ora, vendo quanto os povos d'aquellas pequenas circumvisinhas e unidos outros do concelho, desejam saber a historia da ermida da Senhora da Franqueira, convento e egreja do Senhor da Fonte da Vida e do Castello de Faria, e, como não lhes é facil a acquisição de obras que a tal respeito lhes forneçam mais ou menos esclarecimentos, já pela sua raridade, já pelo elevado preço por que se vendem essas poucas que apparecem, resolvi desmembrar da excellente "Chronica da Santa Prov. de N. Senhora da Soledade" esta narração descriptiva.

Se este volumesinho, com as escassas informações que vae fornecer aos barcellenses, augmentar entre elles o numero dos admiradores de tão pittoresco local e chamar a sua attenção para o bellissimo, encantador e deslumbrante panorama que d'alli se patenteia, tambem sem duvida ha-de convencê-los da necessidade de se tornar mais facil o acesso ao cume d'aquelle famoso monte, por mais de uma estrada mais comoda para os povos

do norte, e este será como o precursor de outros muitos melhoramentos a seguir.

São estes os mais ardentes desejos do Edictor.

×

O opusculo de que atraz nos referimos é o extracto da Chronica da Santa Provincia da Soledade – 1762 – por Frei Francisco de S. Thiago – referindo-se detalhadamente á Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, no Convento do Senhor da Fonte da Vida (Convento dos Frades Franciscanos) e Cartilha de Faria.

×

= Fontes =

Uma no interior da cerca do Antigo Convento da Franqueira.

×

CONVENTO DOS FRADES

Senhor da Fonte da Vida

Esta estampa, muito antiga, serve para ilustrar os programas das Festas ao Senhor da Fonte da Vida.

— Senhor da Fonte da Vida —

Breve noticia historica sobre a origem da devoção á Veneranda Imagem do Senhor da Fonte da Vida, na igreja do Convento da Franqueira, suburbios da Villa de Barcellos — (Colligida do Tomo Primeiro da Chronica da Provincia da Soledade — 1762) — Copia fiel de um opusculo de 15 paginas, feito e impresso em Barcellos — Typ. de José A. V. e Souza — 1859) —

É no homem innata a appetencia da vida, e no livro de Job se lê, conforme a exposição de Tirino na Biblia maxima, que pela vida dará o homem tudo quanto tiver.

Enfermou de morte a natureza humana logo no seu principio: para remedio de tão perigoso mal mandou o nosso misericordiosissimo Deos no mundo o seu Unigenito Filho, para dar morte á culpa, e aos homens abundancia da melhor vida.

No alto do Monte do Calvario, onde Adão tinha sido sepultado, conforme o entender de muitos Santos Padres, foi o mesmo Senhor exaltado, e crucificado na Cruz, onde qual pedra do deserto ferida com a vara, lançou dividido em duas admiraveis correntes o manancial mais claro de vivas aguas para remedio da nossa saude, e logro da eterna vida.

Quiz ser exaltado, no Monte Calvario, onde estava o homem morto, para com a sua morte lhe dar melhor vida; e no Monte da Franqueira, como Senhor que é da Vida, e da morte, quiz na sua Imagem de pedra crucificado ser exaltado e glorificado pelos muitos beneficios, que franqueia a quem alli busca necessitado o seu remedio, e com fé bebe da crystalina agoa, que em duas continuas correntes está offerecendo para socorro da humana vida.

O principio, que teve aquella Santa Imagem, é o seguinte:

No anno de 1740, sendo Ministro Provincial o Reverendo Pe. Prégador Fr. Antonio de Guimarães, e

Guardião do Convento do Monte o p.e Prégador Fr. Antonio de S. Jeronymo, natural da freguezia do mesmo Santo Doutor junto ao nosso Convento de S. Fructuoso, querendo este fazer uma obra de grande cuidado ao povo, que vae áquelle Convento, especialmente nos grandes concursos, como é no Jubilo da Porciuncula, em que até de Villa de Barcellos vai gente pela veneração, que tem áquelle antigo lugar, communicou este seu intento com dous Parochos vizinhos, amigos e bemfeitores, os quaes lhe approvaram muito.

Eram estes um o p.e José da Silva da Fonseca, Vigario de S.ta Marinha de Remelhe, que logo offereceo para a obra meia moeda de ouro, e o outro o p.e Manoel da Costa Carvalho, Vigario de S. Salvador de Pereira, que offereceo um quarto de ouro, aquelle solicitado de um nosso Religioso grave, e este irmão de outro.

Era a obra fazer junto á Portaria do Convento da parte de fóra com a agua, que vai ás officinas, uma fonte para della beberem á sua vontade os que sequiosos sobem áquelle alto Monte, e devotamente vão áquelle deserto.

Poz-se o dito Guardião a excogitar que figura poria em cima de tal fonte, se seria a de Neptuno, a quem a cega gentilidade venerava por Deos das agoas ou outra fementida deidade, como se vê em outras fontes de quintas e ornatos de jardins, quando lhe occorreo pôr a Imagem do verdadeiro Deos, Senhor não só das agoas, mas de tudo o creado, Christo Jesus Redemptor, nosso crucificado, e n'isto assentou.

Soube desta sua determinação um Ferreiro, morador na rua da Esperança do arrabalde de Barcellinha, chamado Manoel Gomes dos Reis, por alcunha o Bersabé e disse ao Guardião que mandasse fazer a Imagem bem feita, que elle a pagaria, como pagou.

Cuidou logo o Guardião em a mandar

fazer, e procurando-se pedra capaz, se achou no monte da Fiqueira de Remelhe, distante do Convento meia legua da outra parte do valle, que divide o dito monte de Remelhe do da Franqueira.

Era a dita pedra muito grande, assim no comprimento como na largura e altura e parecia impossivel poder-se de alguma maneira levar ao alto do Convento, por ser a subida muito e em grande distancia, nem poder haver carro que a levasse, e em partes seria necessario demolir paredes para caber pelos caminhos.

Assim o parecia, e assim o julgavam os Religiosos e mais pessoas discretas; mas não o julgaram assim rusticos Lavradores da Fiqueira de Remelhe, e de outras vizinhas, que rogadas pelo Guardião, com boa vontade, e não menos ousadia, e devota temeridade a pozeram em um carro forte, a que chamam carro de obra, que para este effeito se buscou, e com quantidade de juntas de bois a puzeram sem perigo alguem em cima á porta do Convento.

Aconteceo no caminho quebrar o eixo ao carro, porém os devotos Lavradores, que a acompanhavam a pedra, logo alli sem demora cortaram um sobreiro, e fazendo-o d'elle, lho pozeram, sem que o dono do sobreiro pozesse algum reparo, ou fizesse alguma objecção, como tambem a não fizeram os donos das tapadas, a que derrubaram paredes para caber a pedra pelo caminho, ainda que derrubando-as logo immediatamente os mesmos que as demoliam as tornavam a levantar e pôr como estavam.

Tudo isto fizeram os devotos Lavradores, sem serem Carpinteiros, nem Pedreiros, mas a sua devoção lhes dava habilidade, agilidade, e forças para tudo fazerem

Posta a pedra em cima, entrou um official mais de habilidade de que tivesse por officio semelhante obra, mas com tudo isso n'ella perito, a fazer a Imagem.

Abriu na pedra um perfeito quadro com suas molduras, e no meio d'elle a Imagem do Senhor crucificado, ficando a Cruz levantada de meio relevo um grosso dedo, e o corpo da Imagem tão vazado, e tão perfeito, sem estar pelo todo unido á Cruz, que em prov se não faz melhor.

Tem o dito corpo perto de quatro palmos de altura e a Cruz proporcionada e tudo feito da mesma pedra sem emenda alguma.

Feita a Imagem, a mandou o Guardião encarnar e pintar, e não obstante ser de pedra como esta foi bem escodada, ficou tão liza, que tanto não desfeou o encarne, que em madeira se não encarna melhor; finalmente em tudo sahio perfeito.

Mandou-a collocar o Guardião junto á porta da Portaria do Convento metida na parede ao modo de quadro e por baixo ao pé da Cruz mandou fazer a fonte que cahia em uma bem feita taça, e n'ella um registo de bronze, que abria, ou tomar agoa, e a que cahia digo que abria e fechava quando d'ella se queria beber ou tomar agoa e a que cahia se tornava a recolher para dentro da Cerca.

Mandou tambem abrir no quadro as palavras do Psalmo 35: Apud te est fons vitae e deste letreiro ficou á Imagem o soberano titulo de Senhor da Fonte da Vida e o Senhor da Vida, como hoje mais abbreviadamente se chama.

Começou logo o Senhor pela Sua Santa Imagem a obrar prodigios e despender liberalmente beneficios aos que com fé bebiam a agoa da sua fonte, e com devoção se encommendavam a elle.

Passado anno e meio, como o concurso era grande, o lugar apertado, e os beneficios iam em augmento, cujos sinais se viam pendentes na pare-

de, sendo Guardião do Convento o p.e Prezador Fr. Antonio de Aveiro Rosa, se mandou o Senhor para o sitio onde hoje está por ficar mais no largo do terreiro da Portaria dando lugar ao concurso da gente.

Alli se lhe fez um Oratorio ao modo de pequena Capella com grades de ferro por diante, e com elle se mudou tambem a fonte.

Assim esteve, até que por industria do p.e Prezador Fr. Manoel de Azevedo, por alcunha o Pilatos, sendo Guardião o p.e Prezador Fr. Francisco de Boiz, se lhe fez a primorosa Capella com sua Sacristia, que hoje se vê, correndo a fonte em duas bicas; cada uma da sua parte da porta, no pateo da mesma Capella com bom artificio, cahindo a agoa em cada sua bem feita taça, e tomando-se a recolher para dentro da cêrca a um pequeno tanque nas costas da Capella.

A Imagem de N. Senhora da Conceição, que no altar do Senhor está á parte do Evangelho, pôz um especial devoto da mesma Senhora, assistente na Corte de Lisboa, onde a mandou fazer, por nome Jeronymo Gomes de Brito, natural do logar do Quintão, freguezia de S.ta Marinha de Remelhe, em cuja Igreja a tinha mandado colocar e corria por sua conta o seu ornato; mas depois de n'ella estar algum tempo, por certa desavença, que a respeito da Imagem teve com o Parocho a mandou para aquelle Convento, onde ainda concorre para o seu culto.

Corresponde-lhe da parte da Epistola a Imagem de S. José, seu amabilissimo Esposo, a qual estava na cerca do Convento em uma pequenina Capella a elle dedicada, e para maior veneração do Santo se trouxe para a Capella do Senhor.

Muitos e raros são os prodigios que o Senhor tem obrado por esta sua sacrosanta Imagem nos que com viva fé tem recorrido a elle pelo beneficio da Vida.

Logo no principio da sua collocação achando-se um homem natural da freguezia de S.to André de Barcellinhos e morador na de S. Salvador de Pereira, por alcunha o Cáco, no ultimo da vida, desenganado do Medico e do Parocho que morria, tanto, que já o Guardião do Convento lhe tinha mandado o habito para o amortalhar, que como era commensal do Convento, e pobre, lhe mandou pelo Amor de Deos, com fé se apegou com o Senhor da Fonte da Vida, escapou da morte alcançando perfeita saude, com que ainda hoje vive, e a mortalha se pôz junto á Imagem do Senhor para memoria do milagre.

Outro homem do lugar de Rebordões, freguezia de S.ta Maria de Gilmonde, por nome Diogo, estando na mesma forma no ultimo perigo de vida, mandou buscar um pucaro da agua da fonte do Senhor, bebendo-a com viva fé, e adormeceo, e dormindo um largo somno, acordou com taes melhoras, que lhe não foi necessaria mais medicina para continuar a vida, e a saude.

Outro homem do lugar da Isabelinha, couto de Farelães, tinha uma menina morrendo, offereceo-a ao Senhor, dizendo — que se lhe dava vida, lhe dava um cordão de ouro que ella tinha.

Feita esta offerta ao Senhor, logo a menina sintio melhoras, e escapou com vida, quando della já se não esperava, e promptamente satisfez o homem a sua promessa, indo com a menina render as graças ao Senhor.

Mandou pezar o cordão, e achando-se que tinha trinta e cinco mil reis, de peso os pagou, e levou o cordão para sua casa tão alegre, como agradecido ao Senhor da Vida.

Um João Fernandes do lugar de Silgueiros freguezia de S. Salvador de Pereira, tinha uma vacca morrendo; offereceo-a ao Senhor dizendo — que se lhe dava vida, de boa vontade lha dava.

Feita a promessa, se levantou a vacca sã, levou-a ao Senhor e mandando-a avaliar querendo dar o preço d'ella, lhe aconselharam que do dito preço mandasse fazer um resplendor de prata para o Senhor.

Assim se fez e com tanta pontualidade que sobejando do preço do resplendor alguns vintens do valor da vacca, os entregou e no mesmo resplendor se acha em letras abertas na mesma prata a memoria deste milagre.

N'elle mostrou o Senhor que não só o era da vida dos racionaes, mas tambem dos irracionaes e que não só a dava e livrava das garras da morte aos homens, mas tambem aos bentos, como diz David no mesmo Psalmo, de que tomou o soberano titulo de Senhor da Fonte da Vida, pois na sua mão está o conservar ou tirar a vida a nós e outros como Author d'ella.

Deo terrivel accidente de estupor em um Ferreiro da freguezia de S. Thiago de Villa Seca, que o deixou quasi morto; tinha este uma innocente preta a qual vendo o seu senhor n'aquella forma, se prôz ao caminho e lhe foi buscar o melhor remedio na Fonte da Vida; alli se prôz a chorar e fazer suas deprecações como sabia; e como o Divino Medico attende mais ás vozes do coração sincero do que á eloquencia das palavras, lhe agradou tanto a rustica petição da pretinha que quando voltou para casa, achou o seu senhor com melhoras conhecidas e escapou com vida.

Um homem da Villa de Barcellos tolhido dos pés e pernas, que não podia dar um só passo, se offereceo com viva fé ao Senhor da Vida e em pouco tempo se vio são, e lhe foi render as graças levando duas pernas de cêra que para testimunho do beneficio

deixou pendentes na sua capella.

Um rapaz que estava cego de ambos os olhos lhe aconselharam que os fosse lavar com agua da fonte do Senhor da Vida; assim o fez e recuperou a vista com menos trabalho e diligencia do que o cego, a quem o mesmo Senhor deo vista, mandando-o lavar na fonte de Silve.

Muito parecida é esta fonte do Senhor da Vida com a de Silve na Palestina; porque se esta, segundo Adricomio com outros miéts, sahe na descida do monte Sion, expondo a sua corrente para a parte do rio Cedron, a fonte do Senhor da Vida está na descida do Aeto do Monte da Franqueira, expondo tambem a sua corrente para a parte do rio Cavado.

A fonte Silve, conforme Cornelio Alapide, era figura de Christo Bem nosso; na fonte do Senhor da Vida se vê a sua Imagem.

A fonte de Silve segundo o mesmo Alapide, corria por uns canos occultos, e pela maior parte só deitava nos dias santos dos Judeos que eram nos sabados e nos mais dias; e ainda n'esses dias santos a agua d'elle occultamente se recolhia para regar as hortas Reaes; isto mesmo vemos na fonte do Senhor da Vida, porque vindo por canos occultos, pela maior parte só nos Domingos e dias santos se solta ao povo, por ser n'esses dias o seu maior concurso, e nos mais e ainda a que nos taes dias cahe nas taças, occultamente se aproveita para regar as hortas do Convento.

Finalmente se a fonte de Silve segundo Santo Ireneo, pela virtude, que o Senhor lhe pôz n'aquelles dias curava de todas as enfermidades, e por isso concorria a ella n'esses mesmos

dias muito povo, isto é o que hoje estamos vendo n'esta fonte do Senhor da Vida.

E' procurada a agua desta fonte do Senhor da Vida de muitas partes para enfermos, que n'ella teem fé.

As religiosas do Real Mosteiro de Santa Clara de Villa do Conde, por muitas e repetidas vezes a teem mandado buscar para as suas enfermas, que com ella alcançaram saude.

D'ella tem ido agua para a cidade do Porto para o mesmo effeito, e d'ella foi tambem para a Villa de Aveiro para uns casados, marido e mulher, que ambos se achavam gravemente enfermos, os quaes depois que a beberam experimentaram inteiramente saude, pelo que deram ao Senhor infinitas graças.

Finalmente, se quando o grande Batista mandou por seus discipulos perguntar a Christo se elle era o Messias, que havia de vir ao mundo, lhes deo o mesmo Senhor em resposta, que dissessem a João o que tinham visto, e era que os cegos viam, os aleijados dos pés andavam, os leprosos eram limpos, os surdos ouviam, os mortos ressuscitavam e os pobres evangelizavam, todos estes prodigios temos visto obrar o mesmo Senhor pela sua sacrosanta Imagem com o titulo soberano de

Senhor da Fonte da Vida

D'elles não individuamos mais que os acima referidos, porque muitos e continuos não tiveram os nossos Religiosos curiosidade de os escrever, nem seria possivel, porque como diz o Evangelista Aquia no fim de Sua Evangelica Historia, se d'aquelle Senhor se houvesse de escrever tudo quanto prodigiosamente obra, não caberiam os livros

no mundo todo.

Fim

N'esta copia respeitou-se a ortografia da época.

Fran.co Cardoso e Silva

Nota: Nas costas da ultima etapina constava o seguinte:

— Vende-se por 40 r.s em casa do Thesoureiro Felix Pereira Alves Simões. — Barcélos. —

— x — x —

Este tesoureiro era meu avô materno.

Fran.co Cardoso e Silva

x

FRANQUEIRA — IGREJA DO BOM JESUS DO MONTE
(SÉCULO XVI)

Igreja do Senhor da Fonte da Vida
— a caminho do Monte da Franqueira —

Convento da Franqueira

Bens que pertencem á Igreja

"Ecos da Franqueira" nº 14 - 1º ano - de 4 de Dezembro de 1932

Ao termos conhecimento que no Tribunal Judicial de Barcelos está correndo seus termos uma acção civil pela qual se pretende provar que a Igreja do Convento de S. Francisco existente nas proximidades do Monte da Franqueira é pertença particular, achamos agora a competente oportunidade para dar publicidade a um documento que é a copia d'um outro que existe na 2ª Repartição (Cultos) do Ministerio da Justiça, o qual é do teor seguinte:

Lista 514

Districto de Braga

Convento do Bom Jesus da Franqueira da Ordem de S. Francisco, na freguezia de S. Paio do Carvalhal.

Nº 3034

Concelho de Barcelos

Predio rustico e urbano que se compõe do edificio do dito Convento o qual consta de celas, oficinas e casa proxima á habitação do caseiro e a respectiva cerca que é morada sobre si e consta de varias arvores de fruto e sem ele.

Deveza de bravio com pinheiros, carvalhos e outras arvores do Souto dos Mouros que consta de terra maninha com arvoredo, de carvalhos; do Souto Basto, da mesma qualidade do antecedente, com arvoredo de sobreiros: — A madeira que produz Souto que vae da costa do Monte da Franqueira á Fornadia de José Igreja, de Remelhe e do Souto que corre desde a Senhora da Franqueira, até á Senhora do Encontro.

Foi avaliado por 940$000 reis. Foi arrematado por 1.210$000 reis em 26 de Julho de 1839 por D. Joana de Souza Barreto.

Tomou posse em 14 de Agosto de 1839 como consta do assento nº 58. A carta de arrematação tem o nº 350 [illegible]

está lançada a folhas 150 do livro 10A do ano de 1839.

×

Registo primitivo feito na Repartição de Finanças o qual perdurou até à venda do actual possuidor:

— Artigo 402 — Freguezia de Pereira —

— Rustico —

Antonio Augusto Cerqueira Vilaça — Lisboa — Convento da Franqueira e terra lavradio.

— Urbano —

— Artigo 46 — Pedrejo —

Antonio Augusto Cerqueira Vilaça — Lisboa — Convento da Franqueira, de terra lavradia e terreno lavradio e mato.

×

Daqui se conclue que a Igreja não foi vendida, sendo portanto pertença do Estado e da Comissão do Culto da Freguezia de Pereira.

No proximo numero fazemos a publicação do que actualmente se encontra registado.

Bens da Igreja devem, ser entregues à Igreja.

— × —

— Convento da Franqueira —

— Bens que pertencem à Igreja —

— ("Ecos da Franqueira" nº 15 de 11 de Dezembro de 1932 — ano 1º) —

Como se disse no ultimo numero deste nosso jornal sinho, no Tribunal Judicial de Barcelos está correndo uma acção civel pela qual se pretende provar que a Igreja do Convento da Franqueira é pertença particular.

Para isto teem-se inquirido bastantes testemunhas.

Nós não sabemos para que lado penderá a Justiça, porque ela, na verdade, ainda se não pronunciou, mas parece-nos que mais uma vez a igreja triunfará, porque os seus direitos ninguem lhos negará.

Apenas n'aquele numero publicamos um extracto dum documento pelo qual se prova

o que o Estado vendeu e o que o respectivo comprador fez registar em seu nome.

Hoje ainda vamos dar publicidade a um outro registo feito pelo seu antigo possuidor, pelo qual se prova mais uma vez a exclusão da Igreja do Convento.

= Conservatoria do Registo Predial da Comarca de Barcelos =

= Freguezia de Pereira =

= B. 19 nº 7.000 =

Quinta da Franqueira no logar do mesmo nome, freguezia de Pereira, que confronta do Norte com caminho que vae para Milhases, do Sul com caminho que vae para a igreja da Senhora da Franqueira, do nascente com Manoel Jardim e Antonio de Araujo, de S. Paio do Carvalhal e do Poente com bouça que foi de Joaquim Boticario, de Barcelinhos e hoje de um negociante do Porto.

Esta descrição foi feita á face de uma escritura de hipoteca lavrada em Agosto de 1874.

Confrontemos com o que atraz fica extratado o que se segue:

Por virtude da escritura de compra feita por Carlos de Lima, da cidade do Porto, da referida Quinta, foi requerido e feito áquela descrição o seguinte:

= Averbamento =

Nº 1 - Pelo titulo referido na inscrição de transcrição nº 1099 do livro G 13, verifiquei que o predio supra - Quinta da Franqueira - é constituido pelo antigo Convento do Bom Jesus da Franqueira da Ordem de S. Francisco, com igreja annexa, por casas proprias para caseiro, por terrenos de cultivo, com latadas e arvores avinhadas e de fruta e de mato com pinheiros e outras arvores, tudo circundado por muros e paredes, pelo adro do Convento e Igreja, a seguir por um terreno com arvores pelo lado do Norte por onde confronta com o caminho publico e que dá acesso ao caminho

empedrado que vae desde ahi até á primeira capela do lado de S. Paio do Carvalhal, caminho que é privativo desta Quinta, assim as sete capelas que no decurso dele existem, com imagens representativas nos Passos de Jesus Cristo; e ainda por uma bouça de mato com pinheiros, em continuação pelo lado do Nascente, confrontando actualmente, a mesma Quinta, com todas as suas pertenças, do Nascente com Augusto Jardim e caminho publico, poente com José Figueiredo e outro, norte com caminho publico e Sul com caminho que vae para a Ermida da Franqueira.

Eis como se transformaram os respectivos registos feitos ha aproximadamente cem anos.

No proximo numero, se houver logar, publicaremos a copia do arrolamento mandado fazer pelo Ministerio da Justiça e dos Cultos.

São bens da Igreja, e como taes a ela devem ser entregues, para socego do nosso espirito e da nossa alma.

Convento da Franqueira

("Ecos da Franqueira" nº 16 - 1º ano - 18 de Dezembro de 1932)

Bens que pertencem á Igreja

Copia

Auto de arrolamento adicional

Aos dez dias de Setembro de mil nove centos e trinta, nesta Freguezia de Pereira, logar do convento, reuniu a Comissão Concelhia de inventario composta do Presidente Emilio da Cunha Velho Pinto Rosa, por delegação do Excelentissimo Administrador do Concelho, do Vogal da Comissão Administrativa da Junta da Freguezia José da Costa, presidente da respectiva Comissão e de mim João de Souza Caravana por delegação do Secretario de Finanças servindo de Secretario.

Procedendo ao arrolamento, em inventario

adicional, dos bens culturaes existentes n'esta freguezia e que não constam do auto de arrolamento datado de vinte e seis de Junho de mil nove centos e onze, passamos a fazer a descrição desses bens pela forma seguinte:

= Imobiliarios =

No logar do Convento, da freguezia de Teixeira, uma igreja, cuja frente voltada ao norte, assenta em arcaria de pedra.

Entre essa arcaria e a parede aonde assenta a porta principal da igreja, ha um vão, coberto por uma parte do côro.

N'esse vão ha uma outra porta que dá entrada para as escadas pelas quaes se vae para o côro e para a torre.

Tem esta igreja mais duas portas lateraes uma ao nascente de serventia publica e outra ao poente.

Dentro da igreja ha uma capela-mór com altar e mais dois altares lateraes.

Tem côro e dois pulpitos. Tem trez pias batismaes de pedra, em forma de concha, embutidas na parede.

Tem torre com dois sinos. Faz parte desta igreja uma sacristia para a qual se entra por uma porta que existe na capela mór.

Tem um terreno anexo circundado de paredes que forma o adro da igreja.

N'este terreno ha um cruzeiro de pedra e onze oliveiras.

No mesmo logar e a nascente do adro, um terreno inculto com muitas e diversas arvores a confrontar pelo norte e nascente com caminho publico, pelo sul com o muro da Quinta do Convento e pelo poente com o adro.

No meio deste terreno ha uma rua que vae ter ao adro e que é formada por séries de escadas com diferentes lanços e ladeada de arvores

em toda a sua extensão.

De cada lado das primeiras escadas ha uma pequena capela de pedra.

A do lado do norte tem dentro d'ela uma cruz de madeira com a imagem de Cristo pintada a oleo e a do sul tem a imagem da Senhora do Encontro.

A nascente deste terreno e separada dele apenas pelo caminho, mas fazendo parte integrante da igreja, ha uma calçada, onde em toda a sua extensão existem, distanciadas umas das outras, cinco capelas, quatro do lado do norte e uma do sul.

Esta calçada, cujas pedras em parte foram levantadas para ser atravessada pela nova estrada que se anda a construir para o Monte da Franqueira, já está situada na freguezia do Carvalhal.

— Mobiliarios —

— Na Capela-Mór — Um altar com tribuna e sacrario. A Imagem de Nossa Senhora da Conceição. Um crucifixo de madeira dourada com Cristo. Seis tocheiros. Cinco jarras de porcelana, duas de louça de barro e dois solitarios. Tres sacras. Uma toalha vermelha com folhos e outra branca de linho, com rendas. Aos lados as imagens de Santo Antonio e São Tiago. Debaixo do altar a imagem do Senhor Morto, deitada.

— No altar de Santa Tereza — As imagens de Santa Tereza, São João, Santa Luzia e Senhora da Conceição, dentro de um oratorio de vidro. Um crucifixo de madeira, pintado de preto com Cristo. Quatro tocheiros. Seis solitarios. Tres jarras. Tres sacras. Uma toalha vermelha com folhos e outra de linho com rendas. Aos lados as imagens de S. João e Rainha Santa Izabel.

— No altar do Senhor da Fonte da Vida — Um oratorio com a Imagem do Senhor da Fonte da Vida, de pedra, pregado n'uma cruz tambem de pedra. Um menino Jesus. Exnatio tocheiros. Exnatio solitarios. Duas jarras de louça e uma de porcelana. Uma jarra de vidro. Tres sacras. Uma toalha vermelha com fôlhos e outra branca com rendas. Aos lados as imagens de São José e São Tiago.

— No corpo da Igreja — Um quadro com a Imagem do Senhor do Bonfim. Catorze pequenas cruzes de madeira pendentes das paredes. Uma cuisa das escolas.

— Na sacristia — Um altar de madeira de cartunho. Uma cruz de madeira com Cristo. Duas imagens, sendo uma de S. Judas Tadeu. Um armario de cartunho com seis gavêtes. Um quadro representando a ceia de Cristo, em mau estado. Uma meza com pedra marmore.

Não havendo mais do que tratar deu o presidente da Comissão por encerrado os trabalhos n'esta freguesia de Pereira, do que se lavrou auto, em duplicado, na conformidade do disposto no artigo sessenta e sete da Lei de vinte de Abril de mil nove centos e onze e que a Comissão vae assinar. E eu João de Souza Caravana, secretario subscrevo e assino. (a a) Emilio da Cunha Velho Pinto Rosa — José da Costa — João de Souza Caravana. —

— Eis acima transcrito o auto de arrolamento de todos os bens que pertencem á igreja. — Bens culturaes da freguesia de Pereira. —

Tudo quanto atraz se fez publicar no jornal semanario "Ecos da Franqueira" e se transcreve, foi por meu intermedio, publicação que fiz com o pseudonimo de "Fra Casil". —

Francisco Cardoso e Silva

Tenente

Em baixo:

Uma fotografia tirada do Alto do Monte da Franqueira que nos mostra ao longe não só o Convento dos Frades mas tambem juntamente a Igreja do Senhor da Fonte da Vida.

A Igreja do Convento da Franqueira

("Ecos da Franqueira" - 1º ano - nº 48 de 30 de Julho de 1933 - por F. Cardoso e Silva)

Por sentença de 21 do corrente proferida no Tribunal Judicial da cidade de Barcelos e assinada por trez distintos juizes, (das comarcas de Barcelos, Cuiinha e Viana do Castelo), pois foi julgada em tribunal colectivo, foi confirmado o direito e acção que o Estado tem á Igreja do Convento da Franqueira e que o Snr. Carlos de Lima, do Porto, queria provar pertencer-lhe.

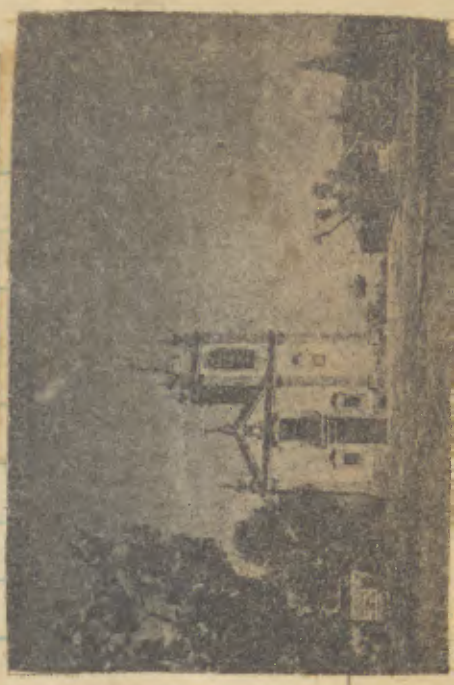
Foi recebida esta resolução com geral agrado pois a atitude tomada pelo Snr. Carlos de Lima, tem sido, — desde principio, — de maneira a merecer a reprovação de todos os barcelenses em geral.

É que Deus não dorme.

Ninguem queira usurpar a igreja do que lhe pertence!

70

72



N.ª S.ª da Franqueira

Antes do seu restauro esterior.

A construção d'esta ermida atribue-se a Egas Moniz Aio de D. Afonso Henriques, 1º. Rei de Portugal.

TRECHO PANORÂMICO DA FRANQUEIRA, VENDO-SE A ERMIDA, MARCO DA CASA DE BRAGANÇA E, ENTRE CEDROS, TÍLIAS E CARVALHOS, A ENCANTADORA CASA DE REPOUSO

A Franqueira

Rica de tradições a Franqueira, é um dos mais formosos pontos de vista que temos no Minho.

Ascender ao cume da pitoresca serra sob um céu limpido das belas manhãs de estio, é oferecer aos olhos um deslumbrantissimo panorama que se distende ao redor da montanha n'um torvelinho de encantos que a natureza estadeia, festiva e estonteante.

A serra e o vale; o mar e o rio; a vila e a aldeia; a povoação e o descampado; tudo se desdobra, ridente, na vastidão imensa que um longinquo horisonte limita.

Uma infinidade de contrastes, disputando-se o primor das suas belezas, confundem-se n'uma harmonia deliciosa.

O verde negro das pranças dos pinheiros e a alegre verdura da pura relva; a nota triste do terreno escarpado, safaro e improdutivo, e a suave planicie prenhe de frutos e vicejante de mimos; a grande massa da agua do oceano irrequieto e o delicioso pregueiçar do murmuroso Cavado; a solidão do poeta, tapetada de flores e ensombrada de arvoredo virdente que recorta no espaço as suas fraudes caprichosas, o direito do filosofo escabroso e ascio, a terra arida e o sereno azul da cupula infinita e a festa delirante do torvelinho de encantos que a natureza estadeia, festiva e estonteante.

Maravilhosamente sublime o esplendoroso espectaculo que se disfruta junto da Ermida!..

A Franqueira, pela sua esplendida topografia, está inegavelmente talhada para uma formosissima estancia de verão.

A natureza vestiu-a com as suas galas mais preciosas, é mister que os homens o saibam aproveitar.—

×

= Estrada para a Franqueira =

Traçado pela Freguezia de Pereira

(O "Comercio de Barcelos" de 20 de Fevereiro de 1898)

Por proposta do vogal Snr. Dr. Sá Ramires em sessão plenaria da Camara Municipal em julho de 1895, foi proposto que resolvesse a Camara mandar construir um lanço de estrada até á Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, um dos pontos de vista mais formosos do nosso Minho, local extremamente aprasivel, sendo logo esta proposta aprovada por unanimidade.

— Já que ha tempos nos propuzemos fazer a historia da construção da estrada que partindo do logar de Marêses, da freguezia de Barcelinhos, passa pela freguezia de Carvalhal e se dirige ao alto do Monte da Franqueira queremos agora dar noticia que a primeira estrada que se fez para dar acesso ao Monte da Franqueira, a qual foi cortada e ainda se encontra por empedrar foi da iniciativa do falecido Dr. Manoel Ludgero Alvares de Sá Ramires, quando vogal da minoria progressista da vereação da nossa Camara, em 1905, tendo-se feito o traçado e respectivo côrte desde a estrada que passa na freguezia de Alvelos ligando esta com a Igreja da freguezia de Pereira, daqui sempre na encosta do monte, muito suave termina junto á Ermida de Nossa Senhora da Franqueira.

Por virtude da proposta apresentada em sessão e aprovada pela Camara o jornal "O Comercio de Barcelos" — orgão progressista — de 4 de Agosto de 1905 dá éco do que se passou.

×

= Estrada para a Franqueira =

Quando Presidente da Camara (1927) então Capitão de Engenharia Francisco Filipe dos Santos Caravana, mandou fazer o traçado desta estrada, cujos trabalhos começaram n'aquele ano.

O côrte principiou em 1928 com a dadiva de

dez contos da Lotaria de Santo Antonio.

Como o traçado e construção desta estrada tinha pontos em que mesmo a viação automóvel custava vencer, conseguiu-se que a Camara ajudada pelo Governo com a comparticipação do Fundo de Desemprego, mandasse construir uma variante que dá melhor acessibilidade, cujos trabalhos principiaram em junho de 1947.

Esta variante da estrada já em Agosto de 1948 dava acesso ao Monte, podendo transitar nela qualquer viatura, embora não esteja devidamente empedrada.

×

Antigo Cruzeiro da Franqueira, existente ainda no Largo que circunda a Ermida, vendo-se ao fundo as retretes que criminosamente construiram nas trazerias d'aquela Ermida.

×

A Ermida da Franqueira

Antes do restauro exterior

×

Ao lado direito

O Altar antes do seu restauro.

×

Nossa Senhora da Franqueira

= O Monte da Franqueira =

Indica-se em especial destaque o Monte da Franqueira um dos mais belos panoramas da região, da montanha ao mar, em cuja contemplação a vista se prende deliciada, passeio que deve ser parte indispensavel da visita turistica a Barcelos.

×

Este Monte tem de altitude 298 metros acima do nivel do mar. O logar do Paço da freguesia do Carvalhal - sopé do Monte da Franqueira tem de altitude 68 metros.

×

— O Monte da Franqueira fica situado a sudoeste de Barcelos e distante desta cidade sete quilometros.

Pela estrada nacional nº 6 (que liga Barcelos á Povoa do Varzim) pode o visitante seguir até ao logar de Maréces, da freguesia de Barcelinhos e tomar á esquerda a estrada camararia que ali entronca e segue por S. Paio do Carvalhal, até ao sopé do Monte e d'ali ao cume da Franqueira.

×

— O Monte da Franqueira em cuja crista se levanta a ermida, descobre, pelo oeste, a imensidade do grande oceano atlantico a bastantes milhas de distancia; avista as vilas de Esposende, Povoa e Vila do Conde e enxerga, mesmo a olho nú, as duas torres da Lapa, da cidade do Porto; e galga para leste por sobre os alcantilados cêrros do Guez, até defrontar com algumas montanhas da visinha Espanha que pelo norte tambem se diviza.

É um horizonte vastissimo o que se percorre, mostrando-nos Barcelos assente á beira Cavado, espreguiçando-se na sua formosa bacia, toda engimaldada pelos seus campos de extensos milheiraes, com bordaduras de arvores de varias especies onde se dependura a vinha com toda a sua opulencia de produção. (Vidé "Folha da Manhã" nº 472 - Barcelos 15-VIII-1888)

Fotografia tirada por ocasião de um passeio á Franqueira.

× ×

Fotografia tirada por ocasião de um passeio á Franqueira —

× ×

Ermida de Nossa Senhora da Franqueira

A Virgem da Franqueira, cuja capela primitiva parece haver sido mandada construir por Egas Moniz, é a Santa padroeira dos povos desta região (freguesias limítrofes), que veneram fervorosamente a sua imagem divina.

Aquele templo, alcandorado no "Monte Sagrado" que domina a freguesia de Milhases, é farol votivo de mareantes e o santuario milagroso dos que mourejam nas terras das cercanias.

E é tambem o "barometro" para os habitantes d'aquelas aldeiasitas, que, ao divisarem uma certa nevoa flutuando sobre a capela da Virgem, logo se convencem de que fará bom tempo, ainda que nesse instante se abrissem sobre a provoação as catadupas d'uma chuva torrencial.

Quando essa nevoa aparece, os de Milhases, comentam, alegre e espirituosamente: "A Senhora está a cosinhar".

E logo todos se preparam para um dia de intenso trabalho ao ar livre, na certeza antecipada de que o mau tempo já passou.

Esta previsão atmosferica é reputada infalivel e serve para orientar a actividade das fainas agricolas.

São pobres, mas alegres e felises.

Tristezas não pagam dividas e "Cantar e dançar não ofende a Deus Nosso Senhor".

Ainda ha pouco nos dizia o veterano João de Barros, que em tempos de rapaz foi um dos mais afamados bailarinos d'aquela região (Milhases).

— Estou casado e sou pae de muitos filhos, mas ainda agora, meu fidalgo, quando ouço tocar bem uma "Armonica", sinto os ossos a estalarem-me com vontade de dançar..... (D'"O Barcelense")

= Ermida de Nossa Senhora da Franqueira =

N'um dos pontos mais altos e mais pitorescos de Barcelos, a pequena distancia da séde da cidade e no pincaro da Franqueira, fica esta modesta e simples Ermida que patenteia ainda réstos de estilo gotico.

N'este monte se encontram como a recordar-nos datas inapagaveis o Convento da Franqueira e as vetustas pedras do célebre Castelo de Faria que rememoram o feito do Alcaide, pagina brilhante da historia nacional, "Castelo real da idade média" e "antigo alcacer das eras dos reis de Leão".

O gesto glorioso do Alcaide de Faria que apezar da distancia a que vae, perdura com a vitalidade dos actos inesquecíveis, e que essas velhissimas pedras relembram e ostentam, merece bem o respeito religioso e a visita acariciadora de todos os portugueses.

O panorama que d'aquele alto se divisa é surprendente e d'uma beleza inegualavel.

×

A Ermida, cuja interessante Capela Mór é dos seculos XV-XVI e a nave do seculo XVIII, é uma ampliação da primitiva Ermida fundada por Egas Moniz, no seculo XII.

Este aprasivel local possue um esplendido e deslumbrante panorama e é centro de grandes peregrinações.

×

= Capela-Mór da Ermida da Franqueira =

Diz a tradição que foi mandada construir por Egas Moniz, estando com D. Afonso Henriques no Castelo de Faria.

O que tem de mais notavel além da sua arquitectura, evidentemente do seculo XII, é uma meza de finissimo jaspe, que serve de altar.

Pertencia ao celebre governador de Ceuta Salat-ibn-Salat e trouxe-a o 8.º Conde de Barcelos, D. Afonso, quando regressou da conquista d'aquela cidade em 1415.

= Nossa Senhora da Franqueira =

<Século XVI>

<Da "Franqueira", de Antero de Faria - 1947>

. . . . . Existe tambem nesta capela uma outra imagem, primorosa escultura quinhentista, que é venerada sob a invocação de Nossa Senhora das Treves.

É uma preciosidade artística, ignorada por muitos iconografos e que, não ha muito tempo o ilustre escritor e eminente crítico de arte P.e J. da Costa Leite, da Companhia de Jesus, em primoroso trabalho publicado na magnífica revista Brotéria, sob o titulo Formusura Esquecida tirou do olvido.

É deste auctorisado iconografo a seguinte descrição da imagem que até ao final do século XVII foi venerada sob a invocação de Nossa Senhora da Franqueira:

"A Virgem erecta notada no "Santuario Mariano" é espécime de encanto pela arte que demonstra, muito apreciavel, e já do seculo XVI.

Méde um metro e doze centimetros de altura.

A goiva que a talhou era de artista de grande sensibilidade.

Esbelta no seu conjunto, embora o pormenor e realismo anatomico ofereça reparos, majestosa na linha, equilibrada no jogo dos mantos sem prégas complicadas, um deles confundido com túnica pela pintura, tem jus a elogio do frei Agostinho de Santa Maria.

O crítico exigente é forçado a admirar aquele rosto oval, de fronte alta, emoldurado com leveza pelas madeixas ondeantes do cabello, caidas sobre o peito, descoberto pelo decóte rectangular, e ao qual o menino, despido e forte, lança confiado o braço.

O gesto da mãe que O ostenta tem elegancia de movimentos ainda que a estilisação dos dedos da mão esquerda contrarie a maior na-

tualidade da destra sobraçada.

A atitude da mão esquerda, pegando no pé direito do Divino Infante, é frequente nos icones de Maria, e chega ao séc. XVI, consagrada pelo Renascimento Coimbrão."

Como acabamos de aludir, esta imagem foi venerada sob o título de Nossa Senhora da Franqueira até o final do seculo XVII, ocupando o altar maior, e substituída pela actual e deslocada para outro altar arrimado á parede do corpo principal, junto do cruzeiro, do lado do Evangelho, sob a invocação de Nossa Senhora das Neves. (1)

1) Este altar foi novamente mudado, em 1941, para perto do pulpito da Capela, onde hoje se encontra.

— Nossa Senhora da Franqueira —

(Do livro "Nossa Senhora nas suas imagens e no seu culto na Arquidiocese de Braga" - 1931 - Conego Manuel de Aguiar Barreiros)

Não muito distante de Barcelos, para sul, ergue-se no topo da serra da Franqueira a capela de Nossa Senhora, que deste monte recebeu o nome.

Para o Santuario de Nossa Senhora da Franqueira convergem durante o ano varios clamores e peregrinações, algumas das quaes se tem notabilisado pelo crescidissimo numero de romeiros.

Foi aqui o historico e celebre Castelo de Faria:—

"O Castelo de Faria, com as suas torres e ameias, com a sua barbacam, com os seus postigos e alçapões ferrados campeou ahi como dominador dos vales vizinhos. Castelo real da idade média, a sua origem sóme-se nas trévas dos tempos que já lá vão ha muito; mas a febre lenta que costuma a devorar os gigantes de marmore e de granito, o tempo coou-lhes pelos membros, e o antigo alcaçar das eras dos reis de Leão desmoronou-se e cahiu". (1)

Hoje, desse teatro ensanguentado de tantas lutas e ambições, dessa testemunha do inexcedivel heroismo do celebre Alcaide Mór Nuno Gonçalves, restam, apenas, magros vestigios abafados na urze; que as pedras das suas já desmanteladas torres e cubelos foram, no terceiro quar-

tel do século XVI aproveitados na edificação do convento dos franciscanos da Franqueira que mais abaixo demora na encosta.

O Santuário de Nossa Senhora da Franqueira, cuja fundação é atribuída a Egas Moniz, célebre aio de D. Afonso Henriques, foi mais tarde ampliado por D. Afonso, primeiro duque de Bragança, que à Senhora da Franqueira consagrava especial devoção: – "Este Duque Dom Afonso, filho bastardo del Rey D. João o Primeiro, foy na tomada de Ceuta e no despojo mandou arrancar quinhentas colunas de marmore dos paços de Collubencayla, e trouxe de lá huma mesa de marmore muyto fino onde o dito Collubencayla comia, e a mandou por em huma Igreja de Barcellos no altar de Santa Maria da Franqueira, Ermida de grande romagem." (2)

Como tal se considera a mesa de pedra que actualmente se encontra, sob o altar-mór da capela de Nossa Senhora da Franqueira.

1) Alexandre Herculano – "Lendas e Narrativas" – pag. 208.
2) Fr. Agostinho de Santa Maria – Tomo IV, pag. 140 – Fr. Francisco de Sant'Iago – Chronica da Soledade, Parte 1ª, pag. 283.

×

= Nossa Senhora da Franqueira =

No alto do Monte do mesmo nome.

A Ermida, cuja interessante Capela-Mór é dos séculos XV-XVI e a nave do século XVIII, é uma ampliação da primitiva Ermida fundada por Egas Moniz, no século XII.

Este aprazível local possue um esplendido e deslumbrante panorama e é centro de grandes peregrinações.

×

O lugar do Paço, da freguesia de Carvalhal – Sopé do Monte da Franqueira, tem de altitude 68 metros.

×

Inscrições que se encontram na Ermida da Franqueira

Na torre da Ermida encontra-se a seguinte:

"I. M. I. – Esta obra mandou fazer Pedro Gomes Limões, natural de Vilar de Tigre – 1753."

No Altar mór:

Ano de 1876 – (Devido às obras de restauro desta Ermida o altar foi vendido.

×

– A' direita:

O antigo Cruzeiro da Franqueira que se encontra colocado no terreiro que circunda a vetusta Capelinha.

A fotografia mostra-nos ao fundo as "Retretes" que impensadamente fizeram construir nas trazeiras da referida Ermida.

×

×

×

= Imagem de Nossa Senhora da Franqueira =

= Nossa Senhora da Franqueira =

— Seculo XVI —

— (Da "Franqueira", de Antero de Faria - 1947) —

Tudo quanto este autor fez eco, nós nos nossos apontamentos tomamos nota a que os nossos consulentes podem recorrer e vêr com cuidado.

A Imagem que é considerada como a primeira (verdadeira) é a seguinte e está colocada abaixo ao lado direito:

Esta imagem tercentista que existe na Capela - Mór da Igreja Matriz de Barcelos, na é de 0,96 de altura.

Frisa-se este facto para não haver confusão com a imagem a que faz alusão A. de Faria, no seu livro "Franqueira" - 1947 - e a que nós já nestes apontamentos nos referimos.

×

×

A' esquerda — A Imagem a que acima nos referimos existente actualmente na Capela - Mór da Igreja Matriz de Barcelos. Esta é a que é a verdadeira. —

×

Em cima = Imagem que Antero Faria faz alusão, mas que não é verdade o que afirma no seu livro "Franqueira".

×

Em baixo =
Uma interessante perspectiva da Ermida da Franqueira.

×

A' direita Fotografia antes da sua actual ampliação. —

×

Pousada da Franqueira

A Capelinha de Nossa Senhora da Franqueira

(Opinião de um jornalista portuense escrita por ocasião do Congresso Missionario que se realizou n'esta cidade em 1931)

É a ampliação d'um templosinho romano, provavelmente o que hoje é a capela-mór que ainda tem a sua abobada intersecionada com nervuras e a cachorrada e os quatro contra-fortes exteriores.

Na capela ha que admirar o belo altar-mór de jaspe que veio de Ceuta.

Em frente do templo virado ao oceano, o monumento avoado pela formosa estatua de marmore de Nossa Senhora da Franqueira, levantado em 1929.

O Monumento a Nossa Senhora da Franqueira

Foi solemnemente benzido no domingo dia 29 de Setembro de 1929.

A obra de quarrito do pedestal foi feita pelo habil artista pedreiro barcelense Manuel Linhares, conhecido pelo "Grilo".

Monumento a Nossa Senhora da Franqueira

Todo em belissimo granito da região e a imagem da Virgem em finissimo marmore.

Foi inaugurado em 29 de Setembro de 1929.

Foi levado a efeito a expensas de João Gomes da Pena, natural da freguesia de Milhazes, deste concelho, mas residente no Brazil ha muitissimos anos.

Este monumento é projecto do Arquitecto Bento Candido da Silva, da cidade do Porto.

Exploração d'agua para abastecimento do Alto do Monte da Franqueira

Devido a constantes pedidos junto das estações superiores, conseguiu-se que o Governo da Nação mandasse uns tecnicos

estudar convenientemente o assunto, tendo sido marcado o local aonde se devia proceder á exploração da agua e pouco depois (meados de julho de 1950) foi concedida uma pequena verba para em 1ª fase proceder-se ao que fôra proposto.

E assim, com trabalhos bastante morosos na tarde de 4ª feira – 18 de Outubro de 1950 – foi encontrada agua que, por aquela ocasião, dava um dedal d'agua calculado em um litro por minuto, mas com esperanças de se ir ao encontro de um caudal d'agua que satisfaça aos fins desejados.

Ao lado direito:

O Altar da Ermida antes do seu restauro.

821

± Aparecimento de uma Sepultura contendo dentro um esqueleto humano, quando em Janeiro de 1941 se procedia ao alargamento da proximidade do corpo da Ermida de Nossa Senhora da Franqueira —.

Ninguem, que eu saiba, ligou grande importancia a este facto.

Todavia, eu, movido pela vontade de vêr esclarecido este facto, relatei-o e mandei-o á Comissão de Historia para Lisboa com que até hoje (maio de 1947) tivesse recebido qualquer comunicação do resultado dos meus trabalhos que foram expostos da seguinte maneira:

Exmº Senhor:

A sul e distante da cidade de Barcelos, cinco quilometros, existe o Monte da Franqueira, no qual se diz, que por iniciativa de Egas Moniz, foi erecta uma Ermida.

Muita documentação podia aqui citar para comprovar a veracidade de tal afirmação, porém para este limito-me a transcrever o que F. Francisco de S. Tiago nos diz na sua "Chronica da Santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade" — (1762).

Senasi ao oriente do Castelo de Faria e ao sul do Convento, pegando ao cume da cêrca delle, se eleva o cabeço mais eminente e alto da Serra da Franqueira, com subida assaz ingreme de toda a parte, do qual se descobrem muitas terras remotissimas e muito dilatada parte do mar Oceano, visitas todas e orizontes que fazem aquelle sitio muito apadavel e deleitoso.

Vê-se este monte coroado com o antigo e magnifico Templo de Maria Santissima com o titulo da Franqueira, Nomeador da Serra em que está. . . . . .

E continuando: — . . . . . .

"Attribue-se a primeira fundação desta Capella ao grande Egas Moniz, Aio do primeiro Rei de Portugal o Santo D. Affonso Henriques; e é de crer seria quando o dito Principe assentia em Guetto de

Faria, sendo ainda Infante (1126) . . . . . .

Esta ermida que devia ter, como as do seu tempo, uma parte alpendrada, foi mais tarde ampliada, isto é, acrescentada, como se depreende da cronica citada que diz: . . . . . "Tambem por se verem as armas dos Pinheiros no Corpo da Igreja se attribue a sua factura a D. Diogo Pinheiro, Bispo que foi do Funchal, primeiro Comendatario do Mosteiro de S. Simão da Junqueira e Prior de S. Salvador de Pereiró, em cujos limites está este Santuario e é hoje Vigairaria do Collegio da Companhia de Jesus da Cidade de Braga; . . . . . .

Parece, porem, que esta ermida depois disto sofreu passados tempos, novo aumento, como se infere do que a referida cronica diz: . . . . . .

"O Autor da Nobiliarquia Portugueza attribue a factura do dito corpo da Igreja de Nossa Senhora da Franqueira a Dom Rodrigo Pinheiro, Bispo que foi do Porto, o que julgamos ser equivocação, por este ser tambem se proceder da mesma Casa dos Pinheiros de Barcellos, porém mais moderno, ainda que tambem poderia acrescentar na dita Igreja alguma obra ou repara-la.

O frontispicio da mesma Igreja fez ao moderno nestes annos com sua torre e sino grande, que se ouve em todos aquelles contornos um Brazileiro devoto da Senhora."

E depois aumenta: —

Já no anno de 1415 era muito celebre este Santuario de Maria Santissima; porque expugnando nesse anno El-Rei D. João I a cidade de Ceuta em Africa, achando-se com seu filho illegitimo D. Affonso Conde de Barcellos e primeiro Duque de Bragança, sepultado em o nosso Convento de Chaves, por este trazer para o dito Templo por trophen da victoria, e memoria do favor que a Senhora lhe fizera n'aquella occazião, em que se viu em grande aperto com os Mouros, uma pedra de finissimo jaspe em que comia Collabencayla, senhor d'aquella cidade." . . . . . .

Ao lado deste monte, ha uma pequena elevação aonde existem as reinas do famoso Castelo de Faria, e em Fevereiro de 1373, se deu um dos feitos mais gloriosos que ilustram a nossa Historia e que A. Her-

andaram nas suas "Lendas e Narrativas" e, muitos outros historiadores as referem, mas que, porem o que pretendo fazer, hoje farei eu aqui o seu dizer. Francisco de S. Luiz. — .....

Junto ao muro da cêrca do nosso Convento à parte do Sudoeste, em uma profundo do Monte da Franqueira, em um cabeço mais alto da natureza que dali se eleva o antiquissimo e afamado Castello de Faria, sobre dos principaes Farias deste Reino de forma regular de fortaleza inexpugnavel d'aquelles antigos seculos.

No tempo do acima referido Rei D. Fernando de Portugal, estando em crua guerra com D. Henrique Rei de Castella, se viu a cidade de Lisboa cercada e abrazada pelos Castelhanos, e ao mesmo tempo entrou por Entre Douro e Minho, Pedro Rodrigues Sarmento, Adiantado de Galliza, e chegou correndo a terra até á Villa de Barcellos.

Para pelejar com elle se ajuntaram muitos fidalgos d'aquella Provincia com gente, que poderam ajuntar, e foram vencidos estes.

Era ao mesmo tempo Alcaide e Governador do Castello de Faria, Nuno Gonçalves de Faria, Senhor de Meinhais, o qual deixando no Castello a seu filho Gonçalo Nunes de Faria com gente, que tinha de presidio, saiu ao campo com a da Villa de Barcellos, a ajudar aos seus naturaes, porem chegou a tempo, que os Castelhanos os tinham já desbaratados; e voltando sobre Nunes Gonçalves, o venceram, prendendo-o e carregando-o de ferros.

Vendo-se este assim preso, disse aos Castelhanos que o levassem ao pé do Castello, que elle dizia a persuadiria seu filho que o entregasse.

Assim o fizeram; e chegando ao pé do muro do Castello e chamando por seu filho com animo resoluto e esforçado, cheio de lealdade e honra, estimando mais perder a vida que a sua honra em vituperio e ser desleal a seu Rei e patria lhe disse: — Bem sabes, filho, como este Castello me foi dado por El-Rei D. Fernando, e d'elle lhe dei preito e homenagem, mas por minha desventura sahi hoje d'elle, evidando que n'isso o servia. Meus inimigos me trazem aqui, para que te diga que lho entregues; mas porque eu não posso fazer isto, guardando a lealdade que devo, por tanto te mando sob pena da minha maldição, o não entregues a pessoa alguma, senão a El-Rei meu Senhor, ou a quem sua Alteza por seu certo mandado o mandar.

Ouvindo isto os Castelhanos e vendo-se por escarnecidos ma-

Taram o Muno Gonçalves ali logo na presença do filho, feia e indecentemente, a punhaladas, e o fizeram em pedaços. . . . . .

Nenhum historiador até hoje nos fala do cadaver do inditoso Alcaide e, que se saiba, ninguem até hoje procurou saber d'ele, se bem que a Historia alguma coisa tenha perdido com isto.

Sucede, porém, que em principios de Janeiro de 1941, a Confraria de Nossa Senhora da Franqueira, que ha anos vem tratando do restauro da vetusta Ermida, mandou rebaixar a pavimentação das ampliações ali efectuadas, que sendo soalhada passou a ser lageada e em nivel com a da primitiva Ermida, que hoje constitue a capela-mór, tendo-se ao proceder a esta obra observado o seguinte:—

A Ermida — (que constitue hoje, como disse, a capela-mór), — fora soalhada quando procederam aos aumentos da mesma, tendo portanto ficado em nivel elevado e por consequencia desta pavimentação fazer-se o soalhamento dos aumentos do corpo da igreja assim nivelado.

As obras do restauro da antiga Ermida, que, na verdade, foram meticulosamente orientadas, determinaram o levantamento do seu soalho, que pôz a descoberto o lageado antigo, (ou parte d'ele), em nivel inferior ao que se encontrava feito em soalho, por virtude dos aumentos que fizeram á Ermida para a tornar maior, motivando que outro tanto se tivesse de fazer no referido corpo da igreja, levantando-se o soalho para se lhe fazer o competente rebaixamento do solo por baixo deste para ser lageado tal qual se encontrava a antiga Ermida — (hoje Capela-Mor da igreja), — o que se fez.

Levantado o soalho do corpo da igreja verificou-se que todo ele estava assente sobre uma

grande camada de terra escura que fôra trazida para ali para tal fim, pois removida toda ela para local proximo da ipeja, deixou vêr que o terreno n'aquele ponto é argiloso e compacto e de côr amarelada.

Este serviço pôz a descoberto do lado da epistola exteriormente e distante do arco da cupela-mór (antiga Eurida) 6m,40 e 0m,90 da parede da ipeja uma sepultura oval, feita na argila, medindo 2m (dois metros) de comprimento e 0m,65 de largura, contendo dentro um esqueleto humano, e junto deste dois botões de metal amarelo e em redor da referida sepultura foram encontradas trezentas e tal moedas antiquissimas.

Por virtude deste aparecimento foram feitas meticulosas pesquizas por ali; não se tendo encontrado mais alguma sepultura.

Escrevi n'aquela data ao Exmo. Snr. Dr. Mendes Correia, a quem dei algumas informações, porém devido talvez aos seus grandes afazeres, não me consta que o caso tivesse sido alguma coisa esclarecido.

Algumas moedas foram entregues, para estudo ao Exmo. Snr. Dr. Damião Peres, mas, com certeza, por igual motivo, nada mais se soube.

Eu, que não tenho auctorisação para mais, porque não pertenço á Confraria de Nossa Senhora da Franqueira, nem oficialmente posso intrometer-me em investigações arqueologicas, limito-me a fazer esta comunicação a V. Ex.ª para que possa provocar um estudo minucioso sobre dois pontos que, em meu fraco entender, são de capital importancia:

— O esqueleto será do heroico Alcaide de Faria, morto,

pelejando, ás portas do seu Castelo?

— Ou será de algum eremitão que por ali tivesse vivido?

É minha opinião de que o esqueleto é de algum nobre, atendendo ao grande numero de moedas encontradas, presumindo, por isto, que seja do Alcaide de Faria, visto que aquela Ermida fica perto do Castelo de Faria e muito longe das freguesias circunvisinhas e logares habitados e até hoje não haver conhecimento da menor referencia sobre o seu cadaver.

Em ambos os casos uma coisa me parece poder ficar assente.

É que a sepultura foi feita na parte alpendrada que se manteve neste estado até ao ultimo quartel do seculo XV, porque o primeiro aumento devia ter sido feito nos principios do seculo XVI, por D. Diogo Pinheiro que foi Bispo do Funchal, quando este então era abade da freguesia de Pereira, (e não de Pereiró como erradamente se disse), do concelho de Barcelos, existente no sópé do Monte da Franqueira, apanhando esta obra todo o alpendre, vindo em 1753 a sofrer novo aumento por Pedro Gomes Simões, natural da freguesia de Vilar de Figos, deste mesmo concelho.

Ha uma lenda de um pobre que por ali viveu e morreu, mas que se não póde tornar crivel o ser verdadeiro o que consta, nem este podia ali ser sepultado, devido ás praxes uzadas n'aquele tempo.

Para possiveis estudos, sobre o misterioso achado, de tudo, em devido tempo dei conhecimento, não me tendo esquecido de o tornar publico pela imprensa local, juntando para prova da minha vontade trez exemplares do jor-

nal "O Barcelense" que se referem ao caso, cuja redação, de que faço parte, tem concorrido para que o seu semanario seja um admiravel repositorio da historia barcelense.

A ossada do esqueleto encontra-se toda dentro da já citada sepultura coberta com uma tampa de pedra com os seguintes dizeres:

AQVI
SE CONSERVA
VMA
SEPVLTVRA
MEDIEVAL
COM
VM ESQVELETO DESCOBERTA
EM
1941

—— x ——

O operario que encontrou o esqueleto teve o pouco senso de o ter tirado da sepultura, operação que deu logar a que parte da ossada se desfizesse em pó, devido á sua grande antiguidade.

Por informações por mim colhidas, soube que o esqueleto estava com os pés voltados para a capela-mór e não tinha junto de si quaesquer sinaes de roupas, madeira ou cabedal.

Se para nada servir esta minha comunicação, por pouco proveitosa, peço a V.ª Ex.ª me seja relevado o atrevimento, atenta a minha despretenciosa boa vontade de querer concorrer para que seja esclarecido este ponto historico ainda na obscuridade.

Onde foi sepultado o Alcaide de Faria Nuno Gonçalves de Faria?

Barcelos 13 de Março de 1944

Francisco Cardoso e Silva — ten.te d'inf.ª

Na Franqueira:

×

Em cima:

Uma fotografia do Cruzeiro, vendo-se ao fundo a casa das retrêtes, cuja construção contrariou a opinião publica barcelense.

×

A Casa da Confraria com instalações para um pequeno hotel (caza de repouso) - (1958) -

× ×

Pela Franqueira

(Publicação feita em "O Barcelense" por Francisco Cardoso e Silva, em Janeiro e Fevereiro de 1941, como esclarecimento ao aparecimento de um esqueleto na Ermida de Nossa Senhora da Franqueira.) (Do nº 1555 de 18-1º-1941)

A Comissão Administrativa da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira que desde 1931 tomou o encargo do aformoseamento do Monte onde está erecta a histórica Capelinha que Egas Moniz, por sua iniciativa fez ali erigir, tem, apesar de grandes desgostos e sacrifícios e sem grande alarde, dado começo às grandes obras delineadas pelos eminentes arquitectos Manuel Marques e Amoroso Lopes, encontrando-se já em condições de ser convenientemente aproveitada pelos turistas uma aprazível e grande casa que dá mais lindíssimo aspecto a tão sublime obra.

A prar disto tem-se procedido a um cuidadoso restauro da famosa capelinha o que lhe vem dando a característica da antiguidade que a engrandece.

Há dias, quando se procedia ao levantamento da pavimentação do corpo da capela, foram encontrados alguns botões de metal e alguns alfinetes de adorno e mais de duzentas moedas das quaes, algumas, são do tempo de D. Manuel I.

Nas escavações, foi encontrada, do lado da epístola, uma sepultura de forma oval e dentro um esqueleto humano o qual devido ao seu secular enterramento, a ossada quasi se desfaz, mostrando o cranio partido em quatro, sendo interessante um estudo do mesmo para se verificar se será de alguem que tivesse pelejado junto do histórico e famoso Castelo de Faria e poder-se até supor ser do célebre Alcaide Fernão Gonçalves, tanto mais que até hoje ninguem soube dizer aonde ele fôra sepultado e como se dá o caso, singular de apenas ser encontrada uma só sepultura, concluir-se assim que fôra pessoa categorisada que se sepultasse na antiga galilé da Ermida, hoje dentro do corpo da capela pelo aumento feito no seculo XIV por D. Diogo Pinheiro, Bispo do Funchal.

Bom é que os estudiosos competentes dijam alguma coisa que venha esclarecer este ponto obscuro da historia da Rainha do Cavado.

—— x x ——

Ha sombras de um passado glorioso que se refletem assombrosamente, que jamais deixarão de iluminar o nosso espirito de uma maneira tão viva que nunca por nunca, se poderá desvanecer tamanho clarão.

É o caso heroico e patriotico ocorrido por ocasião da defeza do Castelo de Faria em 1373.

A historia regista-o de tal forma, que atravez de alguns seculos decorridos, ainda não teve logar outro que seiva de comparação.

Este facto dá logar a que, de vez em quando nós os barcelenses, ciosos desta grande honra, o façamos orgulhosamente recordar para enobrecer a Rainha do Cavado.

Em 1931 uma Comissão tomou conta da administração da Confraria de Nossa Senhora da Franqueira, com o encargo de proceder ao aformoseamento do Monte aonde, n'uma Ermida historica, se venera com particular devoção, a Mãe de Deus, sob a evocação d'aquele Monte, cuja ermidinha foi mandada fazer por Egas Moniz, quando, muito antes da nossa nacionalidade, viveu com Afonso Henriques no famoso Castelo de Faria, situado n'um cabêço ao lado d'aquele Monte.

As obras ali iniciadas vão muito adeantadas, mostrando já qual será a sua grandiosidade, quando terminadas, deixando bem transformado para um logar aprazivel o terreno arido e aspérrimo por onde Egas Moniz perequinou pedindo á Mãe de Deus pela independencia portugueza.

Decorridos alguns seculos quiz o acaso que este logar sagrado, fosse testemunha do maior feito patriotico que até hoje se tem cometido, assombrando Portugal de lés-a-lés a atitude decidida do Alcaide Nuno Gonçalves, que preferiu deixar-se matar ás portas do Castelo que El-Rei lhe tinha confiado, do que aconselhar seu filho Gonçalo Nunes a entrega-lo á enormissima força castelhana que o cercava.

Seu filho apezar de ter presenciado a morte tragica de seu pae, manteve-se corajosamente na defensão do mesmo baluarte, até que passados dias, o cerco ao mesmo, fora levantado por virtude de ter sido negociada a paz entre o rei de Castela e D. Fernando, de Portugal.

A nossa Historia regista com orgulho toda esta tragica e patriotica acção, mas na verdade deixa ficar na obscuridade qual o destino que tivera o cadaver do malogrado e heroico Alcaide.

Sua Esposa D. Constança Afonso, seus filhos D. Tereza de Faria, Alvaro de Faria e Gonçalo Nunes, sabe-se que, passado tempo, abandonaram o Castelo de Faria que lhe estava confiado e, por ordem d'el-rei, outros tomaram conta d'ele.

Mas, pregunta-se: Aonde fazem os réstos mortaes do glorioso Alcaide de Faria?

A resposta a esta pregunta que desde então constitue um verdadeiro enigma, talvez a ela dentro em pouco se possa responder.

N'outro dia, quando se procedia ao levantamento da pavimentação da Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, no corpo central da mesma, do lado da epistola, foi encontrada uma sepultura de forma oval (muito fóra do vulgar) contendo um esqueleto humano e, pelas cuidadosas pesquisas a que a Zelosa Comissão Administrativa

tativa mandou fazer, verificou-se que, apesar do corpo central da ermida ser um pouco grande, não se encontraram nele mais sepulturas ou indicios delas lá terem existido, tendo-se, por virtude destes minuciosos trabalhos, encontrado alguns alfinetes de adorno, botões de metal e grande numero de moedas antiquissimas, deprendendo-se que o aparecimento de uma só sepultura com o esqueleto encontrado na mesma, é, com certeza, de alguem com elevada categoria, pois que não ha conhecimento de que a antiga ermida, lá no alto do monte tivesse servido para enterramentos de quem quer que seja.

Como o caso do aparecimento d'aquele esqueleto se póde levar a presumir ser o do Alcaide Nuno Gonçalves, porque não procurar esmiuçar e estudar este facto?

Emquanto não aparece quem concludentemente, — (mas sem argumentos arquitectados á la diable, como tem por vezes acontecido), — voltaremos ao assunto, porém convencidos de que não iremos desvendar a verdade, porque na verdade tambem, nos falham conhecimentos para o fazer, todavia antes ficamos com a consciencia tranquila de que a Historia da Rainha do Cavado nada perderá com os esclarecimentos que de boa mente queremos prestar. ——

<Do nº 1556 d'"O Barcelusse" de 25-1º-941>

~~~ x x ~~~

Como até hoje — passados quinze dias depois de publicado o meu artiguelho sobre o aparecimento na Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, de um esqueleto humano e perto de trezentas moedas do tempo de D. Manuel e D. Fernando — ninguem veio a publico mostrar-se interessado por tal acontecimento que, devida e cuidadosamente estudado alguma luz póde vir fazer á historia que laconicamente nos
~~~

conta o episodio sucedido por ocasião da defeza e ataque do famoso Castelo de Faria em 1373, voltamos outra vez ao assunto apontando alguns dados que podem servir de elementos ilucidativos aos barcelhadores conscienciosos, os quaes, em meu fraco entender, se teem de procurar fóra de Barcelos, porque, na verdade, por aqui, não ha quem, com reconhecida competencia, seja capaz de o fazer, a não ser que haja alguem que vivendo na obscuridade não tenha vindo á luz da publicidade dar conta de si e dos seus trabalhos.

E como desejamos e sempre temos trabalhado para que a "História da Rainha do Canado" seja verdadeira, isto é, sem inovações de factos ou acontecimentos apontados ardilosamente, falseando a verdade, embora redigidos em prosa faiscante e convincente, suscitamos a idéia de se apelar para a boa vontade do Sr. Lic. Dr. Mendes Correia, grande homem de ciencia e invulgar investigador, a quem Barcelos já muito deve, para não se repetir o caso de termos de cahir em erros indesculpaveis, como já sucedeu, tendo sido necessario que o falecido e saudoso Dr. Serpa Pinto, tivesse de classificar convenientemente e devidamente o recheio do Museu do Grupo Alcaides de Faria.

Nesta conformidade fico convencido de que ninguem da nossa terra concorrerá contrariamente a esta opinião tanto mais que ela tem a intuição de concorrer para um bem que hade ser bastante agradecido pela posteridade.

Tornou-se conhecimento de que o esqueleto humano aparecera no corpo central da Lemida de N.ª S.ª da Franqueira, no lado da Epistola, n'uma sepultura de forma oval e de pequena profundidade, tendo o encarregado de proceder ao lazeamento da Lemida, cometido a imprudencia de ter levantado todo o esqueleto sem que se podesse tomar nota da posição em que ele se encontrava.

O aparecimento das moedas pode determinar a época em que o primitivo lazeamento foi feito e não o entre-

ramento da pessoa a quem pertence o esqueleto, visto que as moedas se encontraram espalhadas em toda a extensão do corpo da Ermida.

O feito heroico do Alcaide de Faria, que lhe ocasionou a morte, foi em 24 de Fevereiro de 1373.

O primeiro aumento da Ermida feito por D. Diogo Pinheiro, que lhe originou o desaparecimento da galilé, foi na ultima metade do seculo XV.

O segundo aumento, dando-lhe novo frontispicio com torre e sinos, foi feito em 1753 por Pedro Gomes Lemões, da freguezia de Vilar de Figos, deste concelho.

São estes dados que posso apontar e que, em meu fraco entender, podem conduzir a bom termo o estudo que sugerimos afim de se poder concluir ou simplesmente presumir que serão aquelas ossadas do heroico Alcaide, porque, alem de tudo isto sabe-se que na Franqueira nunca viveu nenhum ermitão de quem se poderia supôr o macabro achado.

<(D'O Barcelense" nº 1558 de 8-2º-941)—

Á esquerda:

Uma fotografia da Ermida de Nª Sª da Franqueira, tirada de frente.

Imagem de Santo Antonio dos Comerciantes

Foi oferecida pelos comerciantes da cidade uma linda imagem de Santo Antonio, á confraria de Nossa Senhora da Franqueira, para ficar exposta á veneração dos fieis na Ermida do Alto do Monte da Franqueira sob a invocação de "Santo Antonio dos Comerciantes", cuja imagem esteve exposta na Igreja Matriz durante uma semana em que se lhe fez uma novena e depois no dia 18 de Junho de 1950 foi levada processionalmente para a Franqueira, n'um lindissimo andor com enormissimo acompanhamento de povo, não só desta cidade como do concelho, havendo lá em cima, no Alto, á sua chegada missa cantada e sermão proferido da sacada da Ermida, conforme se vê das fotografias que colocamos em cima, á nossa esquerda, e em baixo, á nossa direita.

×

Como se disse acima a imagem esteve na Igreja Matriz de 14 a 17 inclusive, dia em que á noite se fez uma procissão de velas pelas ruas da cidade recolhendo ao Templo do Bom Jesus da Cruz donde no domingo dia 18 de Junho de 1950 por oito horas e meia da manhã, saiu a procissão para a Ermida de Nossa Senhora da Franqueira.

×

ERMIDA DA FRANQUEIRA

Em baixo:

Uma perspectiva da casa "Pousada" da Empresa de N.ª S.ª da Franqueira. —

FRANQUEIRA — Estátua da Virgem e Ermida

Ermitões na Franqueira

Não resta duvida alguma de que alguns ali residiram, como facilmente se depreende do que Fr. Francisco de S. Tiago escreveu na "Chronica da Santa Provincia de Nossa Senhora da Soledade" — que no Capitulo III, referindo-se ao Principio e Fundação do Convento, diz: . . . . . .

. . . . . "Os vestigios de casas que se veem junto á Igreja da Senhora, umas foram de romagem, quando era mais populosa e frequentada e as outras que hoje estão renovadas, foram de outros Ermitões mais modernos, dos quaes em o nosso tempo nos lembre morrerem alli dois dos que andam pelos póvos com a xaréta, ou caixa da Imagem ao pescoço pedindo, de cuja qualidade não eram Vicente Pobre e sua consorte, nem os seus sucessores, que só eram Eremitas da vida pobre dos que viviam vida solitaria nos desertos.

. . . . . .

Depois da morte dos Veneraveis Fundadores vieram os nossos Padres Claustraes para aquelle sitio e com a sua vinda se extinguiram de todo os Ermitães que alli viviam." ——

. . . . . .

<Da citada Cronica — (1762) —>. ——

A' esquerda:

Uma fotografia da Ermida de N.ª S.ª da Franqueira, tirada do lado da Casa — Pousada.

— Ermida de Nossa Senhora da Franqueira —

A Ermida antes do seu restauro exterior.

UM ASPECTO DO MONTE DA FRANQUEIRA

91

À esquerda:
Uma fotografia do Altar-Mór e frente da capela antes de ser restaurado.

×

×

À direita:
Uma fotografia vendo-se toda a Capela e o Altar-Mór antes de restaurar a que se submeteu em 1931-1932.

Em cima o Arco cruzeiro por restaurar.-

×

Em cima uma fotografia vendo-se não só a Capela, seu arco cruzeiro e Altar-Mór devidamente restaurados em 1931-1932.

= A' direita:

Uma pequena panorâmica antes das obras do aformoseamento do Monte da Franqueira.

X

O alto do Monte da Franqueira acima está evidenciada a Ermida de Nossa Senhora da Franqueira tem a altitude de 298 metros acima do nivel do mar.

X — X — X —

FRANQUEIRA — Estátua da Virgem e vista panorâmica

X

X

– Em cima:

Uma fotografia da Ermida tirada antes do seu restauro exterior. Foi tirada de dentro do atrio da Casa Pouzada.

X

X

– Em cima:

Uma fotografia que nos mostra: Ao fundo a frente da Ermida e ao lado direito parte do edifício da Pouzada e na frente o Monumento à Virgem.

DEVOÇÃO INICIADA
POR
EGAS MONIZ

CONFRARIA
FUNDADA EM 1558

A VIRGEM
NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA

Venera-se no Alto do Monte da Franqueira, a Sudoeste e a 5 quilómetros da mui nobre e antiqüíssima vila de Barcelos, hoje cidade, – **a Raínha do Cávado,** – numa histórica Ermida, de cujo local se disfruta o melhor e o mais surpreendente panorama minhoto.

Atribue-se a fundação desta Ermida a Egas Moniz, Aio de D. Afonso Henriques 1.º Rei de Portugal, quando êste ainda infante assistia no glorioso Castelo de Faria (1127), muito antes da nossa nacionalidade.

Setembro, de 1941.

F. Cardoso e Silva
Tenente

N.ª S.ª da Franqueira (Séc XVIII)

93

A' esquerda:

Uma fotografia do Monumento a Nª Sª da Franqueira.

X

X

A' esquerda:

Uma fotografia da Ermida de Nª Sª da Franqueira, tirada pelas traseiras e lado da sacristia.

X

X

FRANQUEIRA — Memória dedicada a D. Egas Moniz

FRANQUEIRA — Casa de Repouso

A mesma modernizada (1958)

94

ARRANJO ESQUEMÁTICO que indica as diversas vias de comunicação que levam à Franqueira, e marca os locais a que se faz referência neste Roteiro.

NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA

NOSSA SENHORA DA FRANQUEIRA

Século XVIII

Um aspecto de uma peregrinação anual a N.ª S.ª da Franqueira

Igreja de Nossa Senhora da Franqueira

Nossa Senhora do Leite

Que se venera na Capela da Franqueira, valiosa escultura do Século XVI.

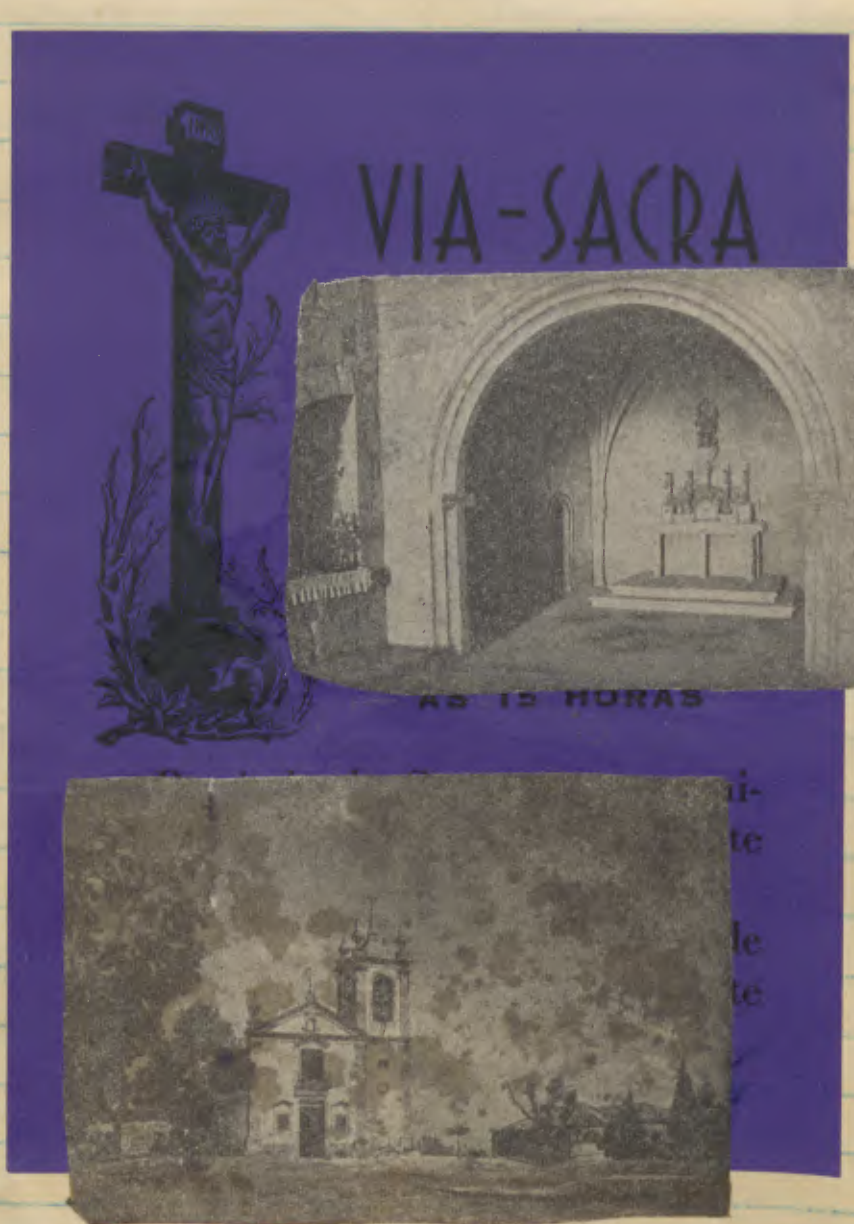
Nossa Senhora do Fastio

(SÉCULO XVIII)

MAQUETA DOS MELHORAMENTOS

MONTE DA FRANQUEIRA - HORIZONTES MARAVILHOSOS
A CAPELA FOI MANDADA CONSTRUIR POR EGAS MONIZ

Nossa Senhora da Franqueira
(depois do restauro)



A Citania da Franqueira

NOSSA SENHORA DO FASTIO
FRANQUEIRA — BARCELOS

RUÍNAS DA CITÂNIA, JUNTO DO CASTELO DE FARIA.

À esquerda:
Uma frente das ruinas da Citania.
Lado nascente.

×

×

À direita →
Uma frente da cintura muralha da do Castelo de Faria.

×

Monumento erigido
a Nossa Senhora
da Franqueira
no alto da montanha.

Para o ocidente,
mais além,
divisa-se uma bela
panorâmica do mar.

A Citânia da Franqueira

(Da "Franqueira", de Antero de Faria) - 1947)

Na encosta voltada ao poente, do cabeço onde assentaram as ruinas do glorioso Alcacer de Faria descobrem-se os restos de uma vasta povoação que floresceu em eras remotas.

Na primavera de 1932, quando se procedia a escavações na parte exterior da segunda cintura muralhada do Castelo, foram postas a descoberto parte das ruinas de uma grande povoação pré-historica.

Cuidadosa e proficientemente orientados os trabalhos de escavação, tanto pelo rico espolio ceramologico, objectos de ferro, bronze e moedas encontradas, como pelos restos de remotissimas habitações que iam surgindo, ficou averiguado que o outeiro onde posteriormente se elevou o Castelo de Faria, havia sido, ha milésimos, ocupado por uma extensa povoação fortificada dando mais tarde logar a um Castrum romano e, por ultimo, na reconquista cristã neo-goda, ali se alevantou o Castelo que até 1373 dominou o Vale do Cavado.

Esta povoação primitiva, ainda muito incompletamente explorada, parece ocupar uma vasta area e, pelas caracteristicas que apresenta, pertence ao tipo citaniense predominante, entre nós, nas provincias de Entre Douro e Minho e Traz-os-Montes.

Assenta a Citania em uma larga faixa de terreno que se estende em declive, no sentido E-O, para de subito terminar em aspero pendor alcantilado e inacessivel.

Em toda esta ampla zona se descobrem alicerces de construções primitivas e pequenas ruelas, em calçada com vestigios de ligação.

Uma forte muralha, duplamente reforçada, com recentrancias acentuadas, defende o acesso á cumeada do outeiro e divide a povoação.

Dentro da muralha, voltado ao poente, um robusto talude sustenta as terras do tabuleiro sobranceiro e as-

senta em uma pequena praça empedrada.

No centro desta praça, interessante e curiosa, descobrem-se os restos de uma casa circular, e do talude sahindo-se uma pedra vasada, com furo de pequeno diametro, possivelmente utilizada para prisão de gado.

Posteriormente, em 1936, na parte voltada ao nascente, com o prosseguimento das escavações, foram postas a descoberto grupos de casas, umas de planta circular, com vestibulo, outras rectangulares com cantos arredondados e pequenas ruelas pavimentadas, atingindo, por vezes, trez metros de largura.

Na zona ocidental, de maior area, ainda por explorar e talvez mais rica em ruinas de habitações, encontram-se apreciaveis restos de casas de apanho poligonal (opus insertum).

×

RUÍNAS DA CITÂNIA, JUNTO DO CASTELO DE FARIA,
POSTAS A DESCOBERTO PELO GRUPO ALCAIDES DE FARIA

×

98

nagem primitiva que foi venerada na capelinha, hoje chamada do Senhor Passo

= Em 10 de agosto de 1969 =

Um aspecto parcial dos peregrinos na missa campal, na Franqueira

...ula imagem de Nossa Senhora da Franqueira

Monumento à Senhora da Franqueira

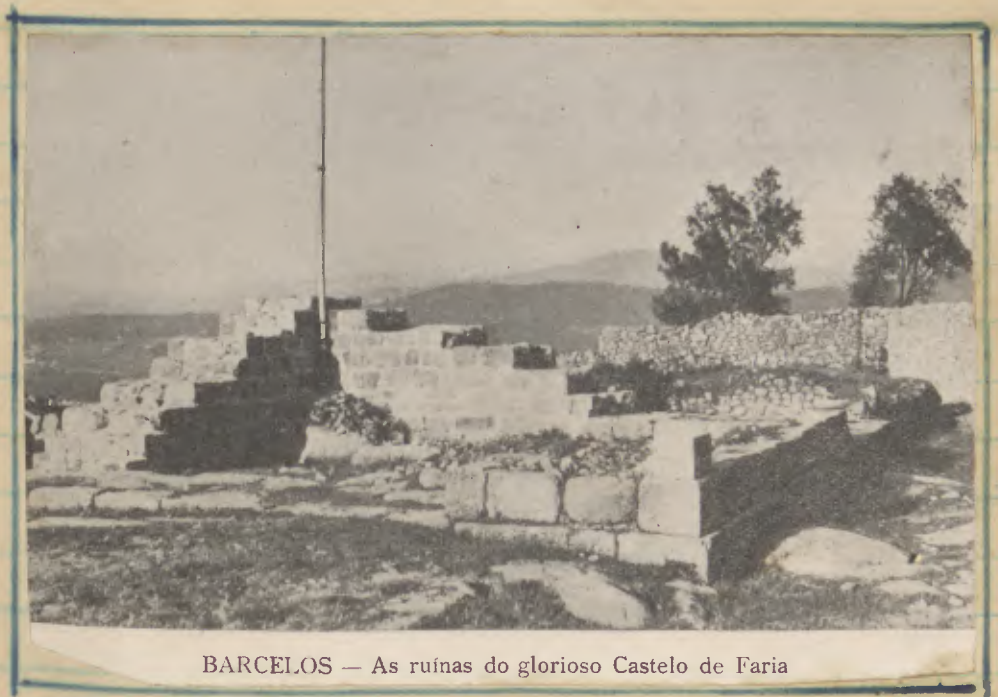
Igreja de Nossa Senhora da Franqueira

Pousada da Franqueira

Recordação da inauguração da abertura da estrada para a Franqueira pela freguesia de Pereira (concelho de Barcelos) no mês de Julho de 1973.—

Com a assistência do muito Povo e dos Ex.mos Srs. Presidente da Câmara Dr. Elidio Gomes de Oliveira e pároco da freguesia de Pereira.—

O Castelo de Faria e Sua defeza



BARCELOS — As ruínas do glorioso Castelo de Faria

A' direita →

Moinho que foi construido e encontrado em cima da minha terra e perguntei que eram as ruinas do famoso Castelo de Faia. —

O Passado—Como se encontrava, em 1929, o local onde apareceram as ruinas da Torre de Menagem e outras dependencias. A seta indica o sitio da Torre.

Vide "Quinta de Tedrepas" - Faia - a pag. 283 v.º do 2º Volume. —

= A defeza do Castêlo de Faria =

= Réstia de um éco retumbante =

(Novéla)

(Publicação feita n'"O Barcelense", por Francisco Cardoso e Silva)

Como muita gente desconhece a razão porque o Castêlo de Faria se tornou histórico, vou "á laia de Novéla" dar publicidade a uma resumida narração dos factos que por ali se desenrolaram em 1373.

Embora seja uma descrição engendrada por mim, é alicerçada em registos da história verdadeira que originou a que o Castêlo de Faria e o seu Alcaide Nuno Gonçalves ficassem para todo o sempre gravados com letras de ouro na História de Portugal.

Apanhados os elementos que julguei necessarios para, — sem grandes maçadas, — descrever este episodio, principio assim a contar esta historiasinha.

= Faria =

Freguezia situada no Minho, concelho de Barcelos, distrito de Braga, 24 quilometros ao O. desta cidade, 345 quilometros ao N. de Lisboa, bastante populosa, tendo como orago Santa Maria (Nossa Senhora d'Assunção).

Arcebispado de Braga. Em tempos idos foi anexada á de Milhares, formando uma só freguezia sob o nome de Milhares e Faria.

Está aprasivelmente situada em uma planicie entre as freguezias de Milhares, Vilar de Figos, Paradela e Cristêlo.

A igreja parroquial é muito antiga, mas foi reedificada em 1695, segundo consta de uma data que está sobre a porta da igreja a qual tem um campanario com trez sinos, feito em 1846.

Esta freguezia é muito antiga.

Dizem alguns que chegando a este sitio Offir ou Offer

filho de Letan, 4º neto de Noé, fundou esta povoação pelos anos de 1900 do mundo (ou 2104 antes de Jesus Cristo).

Outros dizem que os seus fundadores foram os netos de Offir pelos anos de 2000 do mundo ou 2004 anos antes de Jesus Cristo.

Os fundadores, quem quer que eles fossem, puzeram-lhe o nome de Offerina.

Diz-se tambem que chegando aqui, pelos anos de 2700 do mundo (1304 antes de Jesus Cristo) Fara, chefe grego, fundou ou reedificou Faria dando-lhe o seu nome.

Outros querem que o nome lhe provenha de Farai celebre na biblia.

Finalmente, dizem outros que aportando aqui os gregos, ahi pelos anos 2900 do mundo — (1104 antes de Jesus Cristo) — fundaram ou reedificaram a povoação pondo-lhe o nome de algumas terras da Grecia, como era Crêta (hoje Candia) a cidade de Phara, na Dalmacia, Pharia, ou em fim, do rio Faro.

Alguns até pretendem que o nome de Faria provém de Santa Fara, virgem, que foi monja beneditina e morreu muito velha, ahi pelo ano de 1280; mas não é verdade porque Faria já existia com este nome em 1093 quando o Conde D. Henrique, veio para Portugal.

— O Castelo de Faria —

O Castelo de Faria é antiquissimo e tanto assim que não se sabe ao certo quem o fundou e em que data.

Ha quem queira afirmar que ele fôra edificado pelos gregos quando aportaram aqui em 2900 do mundo (1104 antes de Christo) e ainda quem sustente que este Castelo foi fundado pelos francos e que por isso ao sitio aonde foi construido se chama Franqueira, o que querem fazer crêr por as armas do Castelo terem tres flores de liz, mas não é isto verdade.

De tudo quanto ha escrito, só se conhece que o Castelo de Faria é de muita antiguidade e foi importantissimo em éras remotas.

O Conde de Trastamára, D. Fernando Peres de Trava, que a historia nos diz ser amante ou marido de D. Teresa, viuva do Conde D. Henrique, pelos anos de 1125 ou 1126, pretendeu tomar este Castelo, porém D. Afonso Henriques defendendo-o, pôz aquele em fuga.

Este Castelo foi por muitos seculos residencia e solar de senhores godos e deu o apelido aos Farias.

Tambem teve Condes e foi por muitos seculos Couto, dos frades cruzios da Junqueira.

Pelos anos de 1400, D. João I fez Conde de Faria e Neiva a D. Gonçalo Teles de Menezes, 5º neto da celebre D. Maria Paes Ribeira (a "Ribeirinha").

Foi esta senhora que mandou pôr as flores de liz nas armas deste Castelo por as possuir nas suas.

Este famoso Castelo foi edificado no alto de um monticulo situado a sudoeste de Barcelos e distante desta 5 quilometros, aonde ainda hoje se vêem restos das suas ruinas venerandas, tendo sido demolido pelos frades em 1563 para com os seus materiaes se edificar o Convento da Franqueira, que lhe fica proximo.

Em 1373 estava este Castelo na posse do Alcaide Nuno Gonçalves de Faria, fidalgo portuguez, que viveu no tempo de El-Rei D. Fernando, tendo-o este nomeado para aquele cargo, pelo que prestou o seu juramento de fidelidade nas mãos d'El-Rei (no acto de prestar a respectiva (ménagem), por carta de 21 de Março de 1367, tendo-lhe o mesmo monarca, dado a terra de Milhases por carta de 29 de Maio de 1369.

Nuno Gonçalves de Faria, tinha já sido nomeado Alcaide do Castelo de Faria por El-Rei D. Pedro I por carta de 26 de Junho de 1357.

Nestes tempos os alcaides-móes eram as pessoas

que rodeavam o rei no tempo de guerra.

Tinham o comando em chefe sobre as praças de guerra ou fortes, bem como sobre os territorios circumvisinhos e a obrigação de abastecer com guarnição, armamento e alimentação e de os defender, na guerra por qualquer forma, por isso prestavam juramento nas mãos do principe, sendo a mais pequena falta na defeza das praças que lhes estavam confiadas, punida como um crime de lesa-majestade.

Estes logares, pela sua importancia, eram dados só a homens de reconhecida confiança, de autoridade e nascimento nobre.

O Alcaide-Mór podia, em caso de ausencia, nomear para a praça ou Castelo sob as suas ordens, um Alcaide-menor ou pequeno que na qualidade de substituto tinha que prestar juramento.

"D. Fernando I, rei de Portugal, tendo-lhe a natureza liberalmente concedido todos os dons para se fazer armar do seu povo conseguiu separar-se d'ele por completo, tantos foram os erros e os escandalos que provocou.

Verdade seja que exercendo uma administração recta e prudente, não pouco contribuiu para a prosperidade do País, mas a sua imoralidade e a sua politica traiçoeira, foram os causadores de muitos gravissimos males (1).

O povo de Lisboa que o via correr a cada passo para Santarem, desafogava num estribilho das ruas o seu desdem por esse rei leviano que repartia os ocios entre Leonor Teles e Santarem:

"Ei-lo vae - Ei-lo vem
De Lisboa a Santarem." (2)

×

1) Vide Enciclopedia Portugueza Ilustrada, de Maximiniano Lemos - Vol. IV a pag. 710.

2) - Cronica de D. Fernando por Duarte Nunes de Leão, a pag. 192 v.º

= O Ataque e Defeza do Castelo =

Corria o ano de 1373 no seu começo.

Em meados de Fevereiro n'um novo rompimento de guerra com Henrique de Castela, D. Fernando alia-se ao duque de Lancaster contra aquele.

O rei de Castela indignado da infidelidade de D. Fernando esforçando-se, em vão para conservar a paz, invade Portugal com um exercito.

O rei de Portugal vê das muralhas de Santarem, marchar o inimigo sobre Lisboa, tendo n'esta altura sido parte da cidade devorada em chamas.

Ao mesmo tempo a provincia do Minho era invadida pelo Adeantado de Galiza Pedro Rodrigues Sarmento.

O Conde de Ceia, D. Henrique Manoel, sahiu-lhe ao encontro com a gente que pôde ajuntar.

O Alcaide Nuno Gonçalves de Faria ao receber ordem no dia 21 d'aquele mez para com a sua gente, ir prestar pronto e imediato auxilio ao Conde de Ceia, não estranhou, ou por outra não recebeu esta ordem ou comunicação com frieza, antes ao recebe-la se encorajou, embora um tanto encolerizado, pois desde ha muito que vinha tomando conhecimento dos desvarios de D. Fernando e, em conferencia com seu particular amigo o Alcaide do Castelo do Neiva, que era frequentador assiduo do seu solar de Faria, em Pedrazes, muitas vezes compulsaram as suas situações e mais ou menos falaram na defeza dos Castelos que el-rei lhes havia confiado.

Não tinham, na verdade, assentado na maneira de fazerem a defeza dos mesmos, porque na verdade tambem nunca suprozeram uma possivel invasão castelhana que ao pé delles chegasse, todavia, em virtude das ameaças que se deixavam transparecer perante os factos que dia a dia se iam desenrolando, combinaram a maneira de provêrem bem de generos e armamento as suas arrecadações para poderem rapidamente fazerem reunir e armar a sua gente no caso de uma urgente

necessidade.

Vimo Gonçalves, que nunca no seio da familia tinha mostrado o menor desfalecimento ou arrependimento de ter tomado o compromisso de, por sua honra, defender o Castelo de Faria, conforme juramento que prestou nas mãos do representante d'El-Rei D. Fernando I, seu senhor, n'aquele dia fez reunir, primeiro que tudo sua esposa e filhos e encorajando-os disse-lhes que dentro em poucas horas tinha que marchar com toda a sua gente para alem Barcelos afim de prestar auxilio ao Conde de Ceia, tio de El-Rei D. Fernando, para conjuntamente se oporem á marcha das tropas castelhanas que pelo Norte invadiam Portugal e se dirigiam sobre Barcelos.

N'esta altura dirigindo-se a seu filho mais velho Gonçalo Vimes, nomeou-o Alcaide-menor do Castelo a quem confiava a defeza do mesmo durante a sua ausencia.

A seu filho Alvaro apenas lhe recomendou o auxilio que devia prestar a seu irmão.

A sua esposa D. Constança Afonso, a essa pediu-lhe que nas suas orações juntamente com sua filha D. Tereza de Faria, o recomendassem a Deus e á Virgem da Franqueira, para que os protegesse em tão arriscada missão.

Deu ainda indicações sobre a maneira de alojar as familias dos que com ele partiam e das dos que ficavam a guarnecer o Castelo, as quaes deviam ficar alojados em abarracamentos construidos nos espaços compreendidos entre as muralhas, visto que impossivel seria agazalha-las na Torre de Menagem do seu Castelo.

D'ali a pouco, segundo as ordens por ele dadas, a sua gente começou de lançar o grito de guerra: — Mouros na terra!... Mouros na terra!... Habitantes ás armas!... e ainda outros: — Moradores ás Armas!...

A tal grito pequenos e grandes se dirigiram ao

Castelo, gritando tambem, para lá se armarem e marcharem, juntos, contra o inimigo, pois segundo as ordens dadas, todos os habitantes era obrigados a pegar em armas a favor da Patria e a bem do lar ameaçado.

No Castelo de Faria, lá estava sereno e resoluto a receber toda a gente, o Alcaide Mno Gonçalves, o qual dirigia a distribuição de armamento e munições, que estava sendo feita por seus filhos e por Manoel João, um seu velho servo encarregado da limpeza e conservação de todos os utensilios de guerra existentes no Castelo.

A medida que toda a gente se ia armando e municiando, debaixo de uma vozearia ensurdecedora e certa confusão, ia tambem recebendo ordem para se meter em fórma n'uma esplanada existente fóra das muralhas do Castelo.

Fez-se com custo e com certa dificuldade todo este serviço, devido ao nervosismo de que todos estavam apoderados, porque, para a marcha e para esta concentração de gente, a ordem foi tambem recebida inesperadamente e com a indicação de urgente, visto que El-Rei D. Fernando tinha conhecimento de que as tropas castelhanas já se encontravam muito dentro do nosso Paiz, pois ele mesmo, das muralhas do Castelo de Santarem vin contingentes de tropas inimigas marcharem sobre Lisboa.

Ao mesmo tempo que isto se fazia com certa confusão, toda a gente de Faria, tratava de pôr seguros os seus haveres, escondendo em sitios escolhidos e reconditos, dinheiro e joias que possuia e fechavam, atrancando, todas as portas e janelas, retirando com as creanças para o Castelo, entre chóros e gritos lancinantes, aonde permaneceriam até ao regresso dos seus

homens que tão precipitadamente marchavam para combater as tropas castelhanas, que já, todos sabiam, estavam dentro do Paiz e muito proximo de Barcelos.

Emquanto Nuno Gonçalves escolhia a gente que devia ficar a defender o Castelo sob as ordens de seu filho Gonçalo Nunes, seus filhos iam recebendo as gentes de Faria e proximidades, que em magótes vinham afluindo ao Castelo.

Antes da partida, quiz o Alcaide Nuno Gonçalves fazer certas recomendações, como fez, não só a todos aqueles que ficavam, como áqueles que com ele partiam.

Subindo para a séla do seu cavalo, falou-lhes, encorajando-os, invocando o nome de Deus e da Virgem para que com decidida coragem e valentia defendessem a patria de um inimigo que vinha disposto a saquear e incendiar, como costumava em casos analogos.

Despediu-se de sua esposa e filhos a quem ha pouco tinha dado o ultimo abraço.

Fecharam-se as portas do Castelo e o seu Alcaide Nuno Gonçalves, pôz-se em marcha acompanhado de grande numero de homens, tomando a direcção de Barcelos.

A guarnição do Castelo foi imediatamente posta de vigilancia uma parte e outra foi encarregada do levantamento de barracas improvisadas nos espaços compreendidos entre as diferentes cortinas de muralhas, que serviam de linhas de defeza do Castelo, o que se fez com certa pressa e dificuldade, visto que o tempo estava chuvoso e era preciso agasalhar toda aquela gente que não cabia na torre de ménagem.

Para isto, utilisavam-se de estacas

de madeira que foram espetadas nas paredes das proprias muralhas, cobrindo-as de côlmo.

A vossearia e o sussurro foi diminuindo, já porque Gonçalo Nunes, — (agora alcaide-pequeno) — nas constantes visitas que fazia á sua gente de vigilancia nas diferentes linhas de defeza, aconselhava o silencio tão necessario para os homens que estavam de atalaia e encarregados de fazer a competente escuta, poderem desempenhar-se cabalmente da missão de que estavam incumbidos.

De vez em quando os atalaias avisavam o novo Alcaide da aproximação de gente retardataria que se recolhia ao Castelo, a qual era recebida por ele proprio, pois as chaves do Castelo estavam em seu poder, não as confiando fosse de quem fosse.

Do alto das muralhas do Castelo a sua guarnição atenta e vigilante, observava a marcha apressada com que Nuno Gonçalves e toda a gente que o acompanhava, fazia a descida do monte em direcção a Barcelos.

N'aquele tempo o terreno compreendido entre o Castelo de Feira e Barcelos e para além desta, era pouco cultivado e especialmente arvorizado.

Havia aqui e além algumas devesas de Carvalhos e Sobreiros, na maioria já seculares, mas que permitiam que toda esta vasta extensão podesse ser cuidadosamente vigiada pelos sculcas, (sentinelas), colocadas para esse fim não só nas muralhas do Castelo, mas tambem pelas que estavam colocadas junto da Ermida de Nossa Senhora da Franqueira, cuja ligação entre umas e outras era constante.

Nuno Gonçalves ao aproximar-se de Santo André de Marécas, (hoje Barcelinhos), meteu parte da sua gente por caminhos escondidos que se dirigiam á margem esquerda do Cavado, para observarem se as forças inimigas já teriam atingido a vila de Bar-

celos.

Depois de se ter assegurado que as tropas castelhanas ainda estavam longe e ter reunido toda a gente, transpôz a Ponte que liga Barcelinhos a Barcelos e foi dar um pequeno descanço a toda a sua gente, n'um grande souto fóra da povoação barcelense, junto á estrada que dava ligação para Viana, aproveitando este descanço para reorganisar a formação da sua tropa e fazer-lhes novas recomendações.

Dentro em pouco estava novamente em marcha, a qual continuava a ser forçada, pois tendo recebido ordem para que o auxilio fosse imediato, suspeitava chegar tarde.

De facto, tendo-se posto em marcha pela estrada do Porto a S. Tiago de Galiza, ao atingir Échate, hoje freguesia dos Feitos e n'um ponto que hoje tambem é conhecido por "Sendomil" ou "Fonte dos Mortos", (nomes originados pela batalha que ali no logar a que nos estamos referindo), de subito e por surpreza, foi violentamente atacado por um grosso contingente de tropas castelhanas, que surgiu de um e outro lado da estrada, o qual lançando-se sobre a força de Nuno Gonçalves, o envolveu, travando com ele um pequeno mas renhido combate tendo sido feito prisioneiro o Alcaide e muita da sua gente, havendo alguns mortos e feridos.

Durante esta terrivel confusão, o Alcaide, já prisioneiro, pôde saber, ali, que o Conde de Ceia tinha já sido derrotado, pelo que retirou desordenamente, pelo que retirou desordenamente em direcção a Ponte do Lima, deixando ficar no Campo de Batalha, muitos mortos, feridos e bastantes prisioneiros, tendo-se outros posto em debandada desordenada, para pontos incertos e

sem comando.

Este acontecimento parece que já era adivinhado pelo Alcaide Nuno Gonçalves, pois antes da sua partida ele parece tê-lo presentido!

A rapidez inesperada com que lhe deram as ordens para ir dar combate a um inimigo numeroso e a precipitação com que saíra ao seu encontro, era presagio de um insucesso!

Assim o tinha entendido o valoroso alcaide, mas não quiz de maneira alguma hesitar em cumprir as ordens de El-Rei.

Dias antes já ele tinha conhecimento de que o rei de Castela estava indignado contra a infidelidade de D. Fernando.

O rei de Castela esforçara-se para conservar a paz em Portugal, mas D. Fernando que se conduzia mal e prevendo uma próxima guerra, firmou uma aliança com o duque de Lancaster, provocando mais rapidamente a que o rei de Castela invadisse Portugal com um grande exercito, o casionou que Nuno Gonçalves tivesse de ir prestar, como prestou, o seu auxilio que lhe custou a sua derrota.

Imediatamente á prisão, o Alcaide foi desarmado pelos seus inimigos, perdendo este que de quando em quando o retirar das armas ia cessando, dando-lhe assim sinaes de que o combate estava a terminar.

Nuno Gonçalves, suspeitando que o Adeantado da Galiza Pedro Rodrigues Sarmento e a sua gente, querendo tomar conta do Castelo de Faria, o levariam preso deante das muralhas do mesmo e, infligindo-lhe, ali, tormentos, conseguiriam que seu filho se consternasse e a troco da sua salação fizesse entrega do Castelo conseguiu antes de mais nada, dizer a Rodrigues Sarmento que o mandasse levar junto do seu Castelo porque desejava dizer a seu filho, a quem o mesmo estava confiado, que lh'o entregasse.

Não se fez demorar Pedro Rodrigues Sarmento

em mandar escoltado o Alcaide á presença do filho.

O Alcaide ao chegar ao pé da primeira cortina de muralhas do Castelo de Faria, mandou chamar seu filho Gonçalo Nunes o qual apressadamente compareceu a uma das ameias, pois a gente encarregada da defeza do Castelo, já ha muito que lhe tinha dado conta da aproximação de forças inimigas, não se tendo travado qualquer combate, até esta ocasião, por se ter percebido que elas se faziam acompanhar de Nuno Gonçalves.

Chegados á fala, abriu-se, ali, um profundo silencio de parte a parte, esperando os castelhanos ouvir o Alcaide mandar entregar, sem combate, o Castelo que desde ha pouco ficára confiado á defeza de seu filho, mas ele desta sórte se lhe dirigiu:

"Filho, bem sabes como esse Castelo me foi dado por El-Rei D. Fernando meu senhor, que o tivesse por ele, e que lhe fiz por ele ménagem; e por minha desventura eu sahi dele; cuidando de o servir e estou agora prezo em poder de seus inimigos, os quaes me trazem agora aqui para te mandar que lh'o entregues; e porque isto é cousa que eu fazer não devo, guardando minha lealdade, porém te mando sob pêna de minha benção, que o não faças, nem o dês a nenhuma pessoa, senão a El-Rei meu senhor, que m'o deu, cá por te perceber disto, me fiz aqui trazer; e por tormentos nem morte que me vejas dar, não o entregues a outrem, senão a El-Rei meu senhor, ou a quem t'o ele mandar entregar por seu cérto recado."

Os Castelhanos vendo-se ludribriados prostáram-no a golpes de machado e lança, mas o Castelo de Faria estava salvo, porque o novo Alcaide encorajado com as palavras de seu pae, resistiu denodadamente e defendeu-o com deses-

perada valentia.

Assim, a forte escolta que acompanhou o Alcaide, depois de o ter feito em pedaços atacou furiosamente o Castelo, mas apesar do acontecido e do mau tempo que fazia, esse grande numero de homens das forças castelhanas, não conseguiu a rendição do mesmo.

Os gritos e gemidos de permeio com vozes de comando tornaram este acto mais horrivel e lancinante.

Gonçalo Nunes ao presenciar tudo isto ficou atónito e repassado com a dôr cruciante de ter visto cometer tamanha selvajaria.

Simultaneamente ao acto praticado pelos castelhanos, toda a gente da guarnição do Castelo se encolerisou e sem esperar ordens, principiou por atacar violentamente toda a força inimiga que se encontrava em volta do Castelo.

Fizeram-se muitos mortos e feridos, tendo parte dos castelhanos prosseguindo na marcha sobre a vila de Rates, que incendiaram, deixando ficar o Castelo de Faria envolvido por um grandioso contingente, que o cercou e sitiou por bastantes dias.

O tempo apezar de correr bastante agreste em nada alterou as disposições d'uns e d'outros.

As lutas, que eram intermitentes, foram sempre verdadeiramente encarniçadas.

D. Constança Afonso e seus filhos ficaram consternadissimos com o que se acabava de passar.

"Eis o alto feito militar que estrondeou nas Espanhas, nimbando de gloria o nome de Nuno Gonçalves de Faria.

É vulgar entre os homens expôr a vida no campo de batalha, em que o ardor da peleja, a ambição da gloria, o triunfo da causa que interessa o combatente, fazem esquecer o perigo, ou incutem

animo ao soldado para o apontar, mas caminhar serenamente para uma morte certa e violenta como fez Nuno Gonçalves, resistir á sensibilidade do amor de pae e de marido, pondo em risco a vida dos amados filhos Gonçalo e Alvaro e de D. Constança Afonso, a esposa estremecida de segundas nupcias; perder n'um momento tudo o que o prendia ao lar da familia, para unicamente manter a honra militar e a fé jurada; é um acto tão sublimado de heroismo, que só o atinge um espirito transcentalisado pela fé, alheio ao involucro da materia e tendo já a visão luminosa do Sumo Bem". (1)

Logo no primeiro dia de combate que os castelhanos investiram contra o Castelo, um soldado destes, tendo, ao escurecer pegado n'um colmeiro de palha aceso e com a ponta da sua lança atirado com ele para dentro d'uma das muralhas, foi este cahir sobre as barracas construidas entre as mesmas e a barbacã, que tambem eram cobertas de colmo e incendiou-as, tendo concorrido bastante para que o fogo se alastrasse imediatamente um forte vento sul que durante todo esse dia soprou violentamente.

Escusado será dizer-se qual o pranico que então se estabeleceu, tendo morrido queimadas algumas pessoas e creanças e outras asfixiadas, ficando muitos outros em grave perigo de vida.

A tudo, porém, continuou a resistir a guarnição do Castelo de Faria, que inalteravelmente se conservava fiel ao seu novo Alcaide Gonçalo Nunes.

D. Constança adoeceu e apezar disto, juntamente com sua filha D. Tereza de Faria, oravam constantemente á Virgem da Franqueira, pedindo-lhes para que intercedesse junto de Deus, para que Portugal sahisse vitorioso.

---

1) - Vide "Vinharias", de José de Azevedo e Menezes - 1912 - pag. 67.

Passaram-se assim bastantes dias, até que as tropas castelhanas na segunda quinzena de Março d'aquele ano (1373), receberam ordem para levantar o cêrco ao Castelo e retiraram.

Soube-se então que, tendo intervido na luta o Legado do Papa Guy de Bolonha, conseguiu a paz entre os dois monarcas, cujas condições foram preceituadas por o de Castela pelo que a 7 de Abril d'aquele ano se realisou uma entrevista entre os dois, no Tejo, cada um em seu barco ricamente enfeitado, tendo fundeado entre ambos o batel que trazia o Legado do Papa, na verdade um mensageiro da paz e um intermediario espiritual, tendo-se ambos os soberanos saudado amigavelmente, juraram paz e conferenciaram sobre os detalhes, depois do que cada um voltou para o seu reino.

Atribue-se a D. Fernando a seguinte fase ao chegar á sua côrte:

Quanto eu henricado venho!

Exclamava D. Fernando com signaes de alegria para os seus, logo que desembarcou, consignando assim a favoravel impressão que D. Henrique, a cujos partidarios costumava chamar "henricados," n'ele tinha produzido.

Dois dias depois, festejavam-se as bodas do Conde D. Sancho com a infanta D. Beatriz, em Velada, aquele filho natural do rei de Castela. (1)

Levantado o cêrco ao Castelo de Faria, toda a sua guarnição e mais gente que nele estava recolhida, sahiu ainda com certo receio de que fossem apanhados de surpreza, se bem que o Alcaide Gonçalo Gomes tinha recebido communicações oficiaes do tratado de paz.

Por mais pesquizas que se fizeram, não foi possivel

1) Vide "Historia de Portugal de Henrique Schaefer - Vol. I. pag. 398 - (1893).

encontrar os despojos do malogrado Alcaide Nuno Gonçalves de Faria, parecendo que o seu corpo depois de trucidado e reduzido a pedaços fora sepultado em vala comum (2), em sitio desconhecido, juntamente com outros infelizes que pereceram nos diversos combates que por ali se travaram durante o cêrco do Castelo.

Toda aquela gente de Faria e arredores recolheu aos seus lares, que encontraram arrombados e saqueados pelas tropas castelhanas, as quaes durante a sua permanencia n'aquela localidade procuraram tudo destruir.

A familia do Alcaide, verdadeiramente desolada, recolheu ao Solar de Pedregaes, casa aonde os castelhanos mais investiram com grande furia.

Gonçalo Nunes tratou com verdadeira dedicação para que tudo se acomodasse e reparasse convenientemente.

O Castelo de Faria foi entregue a El-Rei D. Fernando, conforme a vontade do intrepido e heroico Alcaide Nuno Gonçalves, morto gloriosamente ás portas do mesmo.

Gonçalo Nunes de Faria o valoroso defensor d'aquele Castelo, depois de conseguir que todas as reparações dos estragos causados pelos castelhanos fossem totalmente feitas, renunciou o cargo de Alcaide, sendo mais tarde senhor de Azurara, Pindelo e Fão, por

---

2) No corrente ano, por ocasião em que se procedia ao novo lageamento da Ermida de Nossa Senhora da Franqueira - (em 1941) - apareceu um esqueleto que se presume ser de algum nobre, mas nunca do malogrado Alcaide.

Vidé - Apontamentos sobre a Ermida da Franqueira.

Ali se dá nota circunstanciada deste aparecimento, mas que em nada nos conduz á verdade do que se pretende averiguar.

mercê de D. João I; ordenou-se e morreu Abade de Santa Eulalia de Rio Covo, do concelho de Barcelos, deixando a casa que herdou de seu pae a seu irmão Alvaro de Faria.

D. Constança Afonso pouco tempo viveu depois da morte de seu malogrado marido Inno Gonçalves.

D. Tereza de Faria casou com Estevam Lourenço Gaio, de Vila do Conde, para onde foi viver.

Alvaro de Faria entrou no exercito como Cavaleiro pela Causa do Mestre de Aviz — ("o Valente Cavaleiro de Aljubarrota").

Ha noticia, apezar de tudo isto, de que o famoso Castelo de Faria em 1385 ainda era defendido pela sua guarnição. (1)

Todavia com a organisação politica do paiz, passados anos, foi desabitado e devido ao abandono a que foi deitado, a acção do tempo destruidor, derruiu-o.

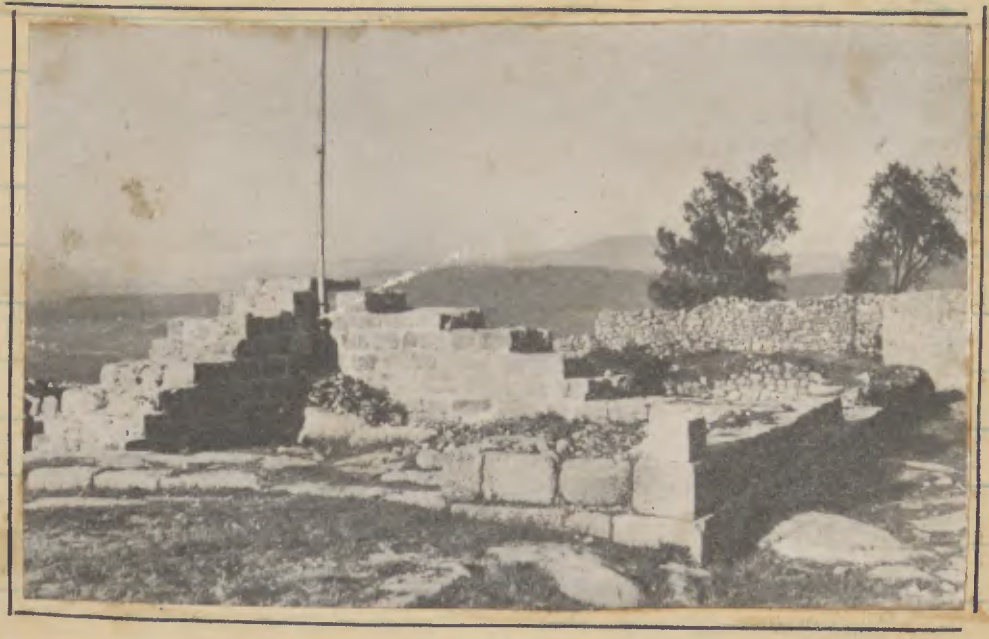
Em 1563, como se diz no principio deste, os frades utilisando-se de toda a pedra do Castelo, desfizeram-no e construiram com ela o Convento da Franqueira que se encontra no sopé deste Monte, a pontos de não deixarem vestigios da sua construção ou localisação, tendo sido vendido o terreno onde existiu o Castelo e precisamente no sitio aonde esteve a torre de Menagem, foi construido um moinho de vento, que ha pouco tempo se demoliu quando se procedeu ás escavações que determinaram o aparecimento dos alicerces deste glorioso Castelo, que agora estão descobertos, se veneram e guardam como uma sacrosanta reliquia.

Fim.

Francisco Cordeiro e Silva
Pte d'infantaria

1) Vide Historia de Portugal de Bernardino Pinheiro e Luciano Cordeiro — 2º Vol. a pag. 342 vº — (1877) —.

O Alcaide do Castelo de Faria, Nuno Gonçalves, sacrificando-se pela Pátria.



As ruínas do Castelo de Faria, onde se deu o feito histórico praticado pelo seu Alcaide Nuno Gonçalves, em Fevereiro de 1373.

RUÍNAS DA TÔRRE DE MENAGEM DO CASTELO DE FARIA,
POSTAS A DESCOBERTO PELO GRUPO ALCAIDES DE FARIA

×

Em cima uma foto da festa levada a efeito em 10 de Setembro de 1950. —

O Castelo de Faria — 1373

("Lendas e Narrativas," por Alexandre Herculano) —

A breve distancia da vila de Barcelos, nas faldas da Franqueira, alveja ao longe um convento de franciscanos.

Aprazivel é o sitio, sombreado de velhas arvores. Sentem-se ahi o murmurio das aguas e a bafagem suave do vento; harmonia da natureza, que quebra o silencio d'aquella solidão, a qual, para nos servirmos de uma expressão de Fr. Bernardo de Brito, com a saudade de seus horisontes parece encaminhar e chamar o espirito á contemplação das cousas celestes.

O Monte que se alevanta ao pé do humilde convento é formoso, mas aspero e severo, como quasi todos os montes do Minho.

Da sua corôa descobre-se ao longe o mar semelhante á mancha azul entornada na face da terra.

O espectador colocado no cimo d'aquella eminencia volta-se para um e outro lado, e as povoações e os rios, os prados e as fragas, os soutos e os pinheiraes apresentam-lhe o panorama variadissimo que se descobre de qualquer ponto elevado da provincia de Entre Douro e Minho.

Este Monte ora ermo, silencioso e esquecido já se viu regado de sangue; já sobre ele se ouviram gritos de combatentes, ancias de moribundos, estridor de habitações incendiadas, sibilar de setas e estrondo de maquinas de guerra.

Claros sinaes de que ahi viveram homens; porque é com estas balisas que eles costumam deixar assignalados os sitios que escolheram para habitar na terra.

O Castelo de Faria, com suas torres e ameias, com sua barbacão e fosso, com seus postigos e alçapões ferrados, campeou ahi, como denominador dos vales visinhos.

Castelo Real da idade média, a sua origem, sóme-se nas trevas dos tempos que já lá vão ha muito. Mas a febre lenta que costuma devorar gigantes de marmore e de granito, o tempo, cocou-lhe pelos membros, e o antigo af-

cacer das éras dos reis de Leão desmoronar-se e cair.

Ainda no seculo dezassete parte da sua ossada estava dispersa por aquellas encostas. No seculo seguinte já nenhuns vestigios dele restavam, segundo o testemunho de um historiador nosso.

Um eremiterio, fundado pelo celebre Egas Moniz, era o unico éco do passado que ali restava.

Na eremida servia de altar uma pedra trazida de Ceuta pelo primeiro duque de Bragança D. Afonso.

Era esta lagea a mesa em que costumava comer Sabat-ibn-Sabat, ultimo senhor de Ceuta.

D. Afonso, que seguira seu pae D. João I na conquista d'aquella cidade, trouxe esta pedra entre os despojos que lhe pertenceram levando-a consigo para a vila de Barcelos, cujo conde era.

De mesa de banquetes mouriscos converteu-se essa pedra em ara do cristianismo.

Se ainda existe, quem sabe qual será o seu futuro destino?

Serviram os fragmentos do Castelo de Faria para se construir o Convento edificado ao sopé do Monte.

Assim se converteram em dormitorios as salas de armas; as ameias das torres em bordas de sepulturas, os lumbraes das bathetaras e postigos em janelas claustraes.

O ruido dos combates calou no alto do monte e nas faldas d'ele alevantaram-se a harmonia dos psalmos e o sussurro das orações.

Este antigo castelo tinha recordações de gloria.

Os nossos maiores, porém, curavam mais de praticar façanhas do que de conservar os monumentos d'elas.

Deixaram, por isso, sem remorsos, sumir nas paredes de um claustro pedras que foram testemunhas de um dos mais heroicos feitos de corações portuguezes.

Reinava entre nós D. Fernando.

Este principe, que tanto degenerara de seus antepassados em valor e prudencia, fora obrigado a fazer paz

com os castelhanos, depois de uma guerra infeliz, intentada sem justificados motivos, e em que se esgotaram inteiramente os tesouros do estado.

A condição principal, com que se pôz termo a esta luta desastrosa, foi que D. Fernando casasse com a filha d'el-rei de Castela; mas, brevemente, a guerra se acendeu de novo; porque D. Fernando, namorado de D. Leonor Telles, sem lhe importar o contracto de que dependia o repouso dos seus vassalos, a recebeu por mulher, com afronta da princeza castelhana.

Resolveu-se o pae a tomar vingança da injuria ao que o aconselhavam ainda outros motivos.

Entrou em Portugal com um exercito e, recusando D. Fernando aceitar-lhe batalha, veio sobre Lisboa e cercou-a. Não sendo o nosso proposito narrar os sucessos deste sitio, volvemos o fio do discurso para o que sucedeu no Minho.

O Adiantado de Galiza, Pedro Rodrigues Sarmento, entrou pela provincia de Entre-Douro e Minho com um grosso corpo de gente de pé e de cavalo, emquanto a maior parte do pequeno exercito portuguez trabalhava inutilmente ou por defender ou por discercar Lisboa.

Prendendo, matando e saqueando, veio o Adiantado até ás immediações de Barcelos, sem achar quem lhe atalhasse o passo; aqui, porém, saiu-lhe ao encontro D. Henrique Manoel, conde de Ceia e tio d'el-rei D. Fernando, com a gente que pôde ajuntar.

Foi terrivel o conflito; mas, por fim, foram desbaratados os portuguezes, caindo alguns nas mãos dos adversarios.

Entre os prisioneiros contava-se o Alcaide-Mór do Castelo de Faria, Nuno Gonçalves.

Saira este com alguns soldados para socorrer o Conde de Ceia, vindo, assim, a ser companheiro na commum desgraça.

Cativo, o valoroso Alcaide pensava em como salvaria o Castelo d'el-rei seu senhor das mãos dos inimigos.

Governava-o em sua ausencia um seu filho, e era de crêr que, vendo o pae em ferros, de bom grado désse a fortaleza para o libertar, muito mais quando os meios de defensão escaceavam.

Estas considerações sugeriram um ardil a Nuno Gonçalves.

Pediu ao Adiantado que o mandasse conduzir ao pé dos muros do Castelo, porque, ele, com as suas escortações, faria com que o filho o entregasse, sem derramamento de sangue.

Um Troço de bésteiros e de homens de armas, subiu a encosta do Monte da Franqueira, levando no meio de si o bom Alcaide Nuno Gonçalves.

O Adiantado de Galiza seguia atraz com o grosso da hoste, e a costaneira ou ala direita, capitaneada por João Rodrigues Viedma, estendia-se, rodeando os muros pelo outro lado.

O exercito victorioso ia tomar posse do Castelo de Faria, que lhe prometeia dar nas mãos o seu cativo Alcaide.

De roda da barbacan alvejavam as casinhas da pequena provoação de Faria: mas silenciosas e ermas.

Os seus habitantes, apenas encarregavam ao longe as bandeiras castelhanas, que esvoaçavam soltas ao vento, e viram o refulgir cintilante das armas inimigas, abandonando os seus lares, foram acolher-se no terreiro que se estendia entre os muros negros do castelo e a cêrca exterior ou barbacan.

Nas torres, os atalaias vigiavam atentamente a campanha, e os almocadens corriam com a rolda (1) pelas guadaélas do muro e subiam aos cubelos colocados nos angulos das muralhas.

O terreiro onde se haviam acolhido os habitantes da provoação estava cubert

1) Roldas e sobreroldas eram os soldados e oficiaes encarregados de conduzirem os postos e atalaias.

belos colocados nos angulos das muralhas.

O terreiro onde se haviam acolhido os habitantes da provação estava cubertos de choupanas colmadas, nas quaes se abrigava a turba dos velhos, das mulheres e das crianças, que ali se julgavam seguros da violencia de inimigos desapiedados.

Quando o troço dos homens d'armas que levavam preso Nuno Gonçalves vinha já a pouca distancia da barbacan, os bésteiros que coroavam as ameias encurvaram as bestas e os homens dos engenhos prepararam-se para arrojar sobre os contrarios as suas quadrelas e virotões, emquanto o clamor e o choro se alevantavam no terreiro, onde o povo inerme estava apinhado.

Um aranto sáu do meio da gente da vanguarda inimiga e caminhou para a barbacan, todas as bestas se inclinaram para o chão e o ranger dos machadinhos, converteu-se n'um silencio profundo!

— Moço Alcaide, moço Alcaide! bradou o aranto — teu pae, cativo do meu nobre Pedro Rodriguez Sarmento, adiantado de Galiza pelo meu excelente e tremido D. Henrique de Castela, deseja falar contigo, de fóra do teu castelo."

Gonçalo Nunes, o filho do velho alcaide, atravessa então terreiro e, chegando á barbacan, disse ao aranto:—

"A Virgem protegi meu pae! — dizei-lhe que eu o espero.

O aranto voltou ao posto de soldados que rodeavam Nuno Gonçalves, e, depois de breve demora, o Tripel aproximou-se da barbacan.

Chegados ao pé dela, o velho guerreiro saliu dentre os seus guardadores, e falou com o filho:

— Sabes tu, Gonçalo Nunes, de quem é esse castelo, que, seguindo o regimento de guerra, entreguei á tua guarda, quando vim em socorro e ajuda do esforçado Conde de Ceia?

— "É — respondeu Gonçalo Nunes — de nosso rei e senhor D. Fernando de Portugal, a quem por ele fizeste preito e menagem.

— Sabes tu, Gonçalo Nunes, que o dever de um alcaide é de nunca entregar, por nenhum caso, o seu castelo a inimigos, embora fique enter-

rado deberia das ruinas d'ele?"

— "Sei, oh meu pae! prosseguiu Gonçalo Nunes em voz baixa, para não ser ouvido dos castelhanos que começavam a murmurar.

Mas não vês que a tua morte é certa, se os inimigos percebem que me aconselharte a resistencia?"

Nuno Gonçalves, como se não tivera ouvido as reflexões do filho clamou então: — "Pais se o sabes, cumpre o teu dever, alcaide do Castelo de Faria!

Maldito por mim, sepultado sejas tu no inferno, como judas o traidor, na hora em que os que me cercam entrarem n'esse Castelo, sem tropeçarem no teu cadaver."

— Morra! — gritou o almocadem castelhano — morra o que nos atraiçoou".

E Nuno Gonçalves, caiu no chão atravessado de muitas espadas e lanças,

— Defende-te, alcaide! foram as ultimas palavras que ele murmurou,

Gonçalo Nunes corria como louco ao redor da barbacana, clamando vingança:

Uma nuvem de frechas partiu do alto dos muros; grande porção dos assassinos de Nuno Gonçalves misturam o proprio sangue com o sangue do homem leal ao seu juramento.

Os castelhanos acometeram o Castelo; no primeiro dia de combate o terreiro da barbacana filou alastado de cadaveres tiserados e de colmos e ranos redezidos a cinza.

Um soldado de Pedro Rodrigues Sarmento tinha sacudido com a ponta da sua lança, um colmeiro incendiado para dentro da cerca; o vento serão soprava n'esse dia com violencia e em breve os habitantes da povoação, que haviam buscado o amparo do Castelo, pereceram juntamente com as suas frageis moradas.

Mas Gonçalo Nunes lembrava-se da maldição de seu pae; lembrava-se de que o vira moribundo no meio dos seus matadores, e ouvia-se a todos os momentos o ultimo grito do bom Nuno Gonçalves — Defende-te, alcaide!

O orgulhoso Sarmento viu a sua soberba abatida

deante dos tôrvos muros do Castelo de Faria.

O Moço Alcaide defendia-se como um leão e o exercito castelhano foi constrangido a levantar o cêrco.

Gonçalo Dimes, acabada a guerra, era altamente louvado pelo seu brioso procedimento e pelas façanhas que obrara na defensão da fortaleza cuja guarda lhe fora encommendada por seu pae no ultimo trance da vida.

Mas a lembrança do horrivel sucesso estava sempre presente no espirito do moço alcaide.

Pedindo a el-rei o desonerasse do cargo que tão bem desempenhára, foi depôr ao pé dos altares a cervilhena e o ensaio de cavalleiro, para se encobrir com as vestes pacificas do sacerdocio.

Ministro do santuario, era com lagrimas e prêces que ele podia pagar a seu pae, e ter coberto de perpetua gloria o nome dos Alcaides de Faria.

Mas esta gloria, não ha hoje ahi uma unica pedra que o ateste;

As relações dos historiadores foram mais duradouras que o marmore.

×

BARCELOS — «O episódio do Castelo de Faria», segundo um quadro de Condeixa, em poder da família Beça

Em cima: Fotografia tirada ás ruinas do glorioso Castelo de Faria, em 9 de Julho de 1950 por Alberto Leal, da cidade do Porto e Presidente do Grupo Amigos de D. Antonio Barroso, saudoso Bispo que foi d'aquela cidade. —

×

Castelo de Faria

(Lapide a perpetuar o feito do Alcaide Nuno Gonçalves de Faria)

A Camara Municipal de Barcelos em sua sessão de 20 de Junho de 1857 sob a Presidencia do barcelense David de Barros da Silva Botelho querendo fazer reviver e perdurar o feito do Alcaide Nuno Gonçalves de Faria e fazer reviver as tradições gloriosas deste Castelo, resolveu por unanimidade colocar ali uma lapide que perpetuasse o acto heroico do referido Alcaide.

"(Vide Acta da Camara de 20-6º-1857")-"Esta deliberação não se chegou a efectivar".

Castelo de Faria

(Num Socalco do Monte da Franqueira, a 6,5 quilometros de Barcelos)

Restos da Torre atalaia neo-goda, sitio historico do feito do Alcaide Nuno Gonçalves em 1373.

Junto, as ruinas duma cituria onde tem sido encontrados interessantes objectos que se encontram expostos no Museu do Grupo dos Alcaides de Faria.

Castelo de Faria

Em 1385 ainda tinha guarnição e era governado por Alvaro de Faria.

Em 1563 estava de todo abandonado e nesta altura o Duque de Bragança D. Jaime (Senhor de Barcelos) mandou-o demolir para aproveitar todo o seu material para edificar o Convento dos padres Claustraes, á distancia de um tiro de mosquete.

O Castelo de Faria, foi demolido em 1563 e toda a sua pedraria foi levada para a construção do Convento dos Frades, da Franqueira, neste ano.

= Batalha da deleza do Castelo de Faria =

Foi fixada em 21 de Fevereiro de 1373, por Frei Francisco de Santa Maria, em seu Anno Historico - Linhas 1744 - paginas 217.

= Vide Diario da Patria, de Cezar Araujo, a pag. 63 - diz que foi em 24 d'aquele mez. =

×

Castelo de Faria—Outro aspecto das escavações levadas a efeito pelo G. A. F.

FRANQUEIRA — RUINAS DO CASTELO DE FARIA

= Nuno Gonçalves, salva o Castelo de Faria de cair em poder dos inimigos sacrificando a vida diante de seus muros. =

— O que se vae transcrever é o constante de um fragmento de um livro que se intitulava "Galeria Pitoresca da Historia de Portugal", cujo autor se desconhece, por o livro estar incompleto, mas que a paginas 52, nos diz: —

Com muita razão e grande propriedade descreveo em quatro versos a musa de Camões o caracter dos dous Reis de Portugal pai e filho, D. Pedro e D. Fernando, quando disse:

"Ao justo e duro Pedro, segue o brando
(Tal é da natureza o desconcerto)
Remisso e sem cuidado algum Fernando
Que todo o Reino pôz em muito aperto."

Havia aquelle primeiro Soberano mantido o seu Reino em paz e admiravel justiça; na conflagração das guerras civis dos estados visinhos entre El-Rei D. Pedro, o Cruel de Castella e seu irmão D. Henrique o Bastardo, soube com boa e prudente politica conservar a neutralidade, limitando-se a dar generoso e hospitaleiro asilo aos desfavorecidos da fortuna, que vierão demandar sua protecção sem se resolver a arriscar o bem estar dos seus povos em guerras sempre destruidoras.

Porém a morte cortou mui cêdo a vida deste Monarcha que falleceo tendo apenas quarenta e sette annos de idade e pouco mais de dez de reinado.

Subio ao throno seu filho El-Rei D. Fernando no anno de 1873, tendo de idade vinte e dous annos e logo começou de mostrar um natural todo inverso do d'El-Rei seu pai; porque na justiça e administração interna dos seus Estados foi brando e remisso; e nos negocios externos, nos da politica arrojado, imprudente, versatil e inconstante a ponto de comprometter o credito de sua pessoa e a segurança do seu Reino.

Foi o caso, que as crueças e tiranias d'El-Rei de Castella D. Pedro havendo chegado áquelle ponto extremo além do qual a Providencia não deixa passar os des-

varios dos homens, dérão aso a que seus povos o abandonassem e que seu Irmão D. Henrique, ajudado da famosa Duguesclim na batalha de Montiel, lhe tirasse juntamente com a vida a sucessão ao throno.

Alguns dos Senhores e Fidalgos hespanhoes, principalmente da Galliza e Leão, que ainda conservarão até ao fim a lealdade promettida ao Rei defuncto, vendo-se em desamparo voltarão suas vistas para Portugal, e offerecerão a El-Rei D. Fernando as praças e castellos que tinhão em sua guarda, e outros vierão a este Reino pôr-se ao serviço do mesmo Soberano.

Caio na tentação o ligeiro e inconsiderado Soberano; esgotou os thesouros de seus antepassados para cumular de donativos os foragidos hespanhoes; dev-lhes terras e governos no seu Reino; e levantando tropas foi em pessoa hostilizar os Estados visinhos; entrando por Galliza fez levantar bandeira nos lugares que tomarão sua voz e não duvidou appellidar-se Rei de Castella.

E como um passo temerario e absurdo a carreta sempre outros após de si; viu-o a Christandade escandalizada ligado por alliança ao Rei Mouro de Granada como para partilharem ambos os despojos da perturbada Hespanha.

Mas Henrique II era bravo, e cavalleiroso; com auxilios de França facilmente serenou as inquietações intestinas; achou com a sabedoria do seu governo simpathias no seu povo e juntando um exercito consideravel apressou-se a invadir Portugal e vingar as affrontas gratuitamente infligidas pelo Soberano portuguez.

Atravessou a Beira, entrou na Estramadura, passou á vista de Santarem onde estava El-Rei D. Fernando, e foi devastar e queimar Lisboa em toda aquella parte que se acha-

va fóra da cerca velha.

Fez-se a paz por intervenção d'um Legado do Papa, que pouco depois foi quebrada por El-Rei D. Fernando ligado com o Duque de Lancastro, que se presumia com direito á Coroa de Castella e se acendeo de novo a guerra com grande prejuizo do Reino, que por alguns annos sentio os estragos da miseravel politica do seu Rei.

Uma das provincias que mais soffreo n'esta luta foi a do Minho pisada muitas vezes pelas invasões castelhanas e pelos descuidos do governo que nada tinha prevenido.

Acudião sempre os briosos e valentes Portuguezes que por ali tinhão suas cazas e solares, repellindo, conforme o permittião suas forças estes insultos estrangeiros; tais forão Martim Ferreira da Casa de Cavalleiros e Gonçalo Paes de Meira que afugentarão do seu campo, junto a Guimarães o proprio Rei de Castella; e ainda outros, e outros que se achavão mencionados nas nossas Historias.

Foi n'um destes excursões inimigas que succedeo a illustre façanha, de que nos prepusemos dar aqui explicação, para intelligencia do quadro que atraz fica.

Pedro Rodrigues Sarmento, personagem famosa destes tempos em Hespanha, era fronteiro (Adiantado-Mór) da Galliza por Henrique II, o qual juntando um razoado corpo d'exercito, atravessando o Minho veio talando e impondo fortes contribuições por toda aquella parte da provincia a que alcançavão suas excursões pelos districtos de Ponte do Lima, Vianna, Barcellos, e desde esta ultima villa até ao rio Ave.

A cidade do Porto mostrou ainda nesta ocasião os brios dos seus habitantes: armarão-se estes, e ordenando á pressa

um corpo de gente mais determinada do que aguerrida saíra em demanda do inimigo, que parecia querer aproximar-se da Cidade.

Este troço de bravos Portuguezes avançou por Villa do Conde, onde engrossou com gente desta villa, e marchou d'ahi a Barcellos, onde o Sarmento estava com toda sua força.

Ao passar junto do Castello de Faria não soffrerão os brios do seu Governador Nuno Gonçalves ficar encerrado entre muros ocioso, quando Portuguezes vinhão de longe para combater no campo: armou-se prestes, deixou o Castello encommendado a seu filho e unindo-se ao corpo expedicionario marchou com elle direito ao inimigo: porém este era forte e aguerrido; teve tempo de prevenir-se e esperando os Portuguezes n'um posto vantajoso com tropas embuscadas os bateo e afugentou, ficando prisioneiro o generoso Nuno Gonçalves.

Quiz o inimigo aproveitar a boa fortuna desta pega para obter o Castello, e forão com elle ao pé dos seus muros, afim de por sua ordem lhe abrirem as portas como elle mesmo lhes insinuava.

Porém o leal cavalleiro que presava mais a honra do que a liberdade e a vida, chamando seu filho ao alto dos terrados, lhe bradou: — "Filho, pois que a minha má ventura traiçoeira me trouxe a este estado que vêz, o unico cuidado que me opprime é conservar lealdade que devo ao meu soberano e guardar homenagem que lhe fiz d'esse Castello que agora tens na mão: Assim te ordeno, pêna de maldição, que o guardes e defendas dos inimigos do meu Rei, embora me custe a vida".

Assombrados os Castelhanos e raivosos, ahi mesmo, á vista do filho do digno de tal pae, fizerão em pedaços o primoroso Nuno Gonçalves.

(Respeitou-se a ortographia com auctorização, copiando-se tudo na integra)

×

O Castelo de Faria

(Da autoria do Dr. Teotonio da Fonseca, em "O Barcelense" de 19 de Julho de 1930)

Do Castelo ao Presbiterio

Ao fundo do amplo terreiro que se estendia ante a Igreja Parroquial de Santa Ovaya de Rio Covo, ensombrado por grossissimos castanheiros, que tornavam aquele sitio tão ameno, onde piedosos romeiros vinham orar á milagrosa imagem de Nossa Senhora das Aguas Santas e tomar banho nos toscos tanques que n'aquele logar existiam, negrejava uma velha construção que servia de residencia aos seus abades.

Ainda n'essa época, grande e espaçosa, fora em tempos idos habitação dos comendadores e freires da mui poderosa Ordem dos Templeiros ou Templarios.

Extinta esta Ordem passou Santa Ovaya a Comenda de Cristo e parte deste velho casarão foi adquirido a Residencia Parroquial.

Por uma manhã de verão, junto á escada que dava acesso á sala principal, quedáva mera nédia mula, ajaezada para longa viagem; pela qualidade da montada poder-se-hia avaliar a da pessoa que era aguardada.

Assentado no poial, junto ao muro, estava um velho labrêgo de figura magra e angulosa e de aspecto rude; era o sargente de seu mercê, o mui poderoso e respeitado abade de Santa Ovaya, pronto a acompanhar seu amo e senhor na projectada viagem, que devia ser iniciada ao nascer do sol, finda a missa.

Da sonolencia em que estava emergido foi despertado de repente pelo ruido dos ferrugentos ferrolhos de uma porta que se abria no pateo sobranceiro.

Descerrando os olhos, que a custo podia abrir

por causa dos raios do sol, que acabava de desportar, para os lados de Lequiade, nas alturas do monte de Airó, vin aparecer no patamar a figura nobre e ainda viril de seu amo.

E pela mente rude d'aquele aldeão perpassou então uma cêna que presenciara no Castelo de Faria, onde fôra um dos seus homens de armas.

Via o Castelo cercado pelos castelhanos, um grupo de soldados inimigos enfurecidos contra um velho, que matavam ás machadadas e lançadas, junto dos muros; via seu amo, agora ali presente, no alto de uma das torres a bracejar e arrepelar-se, chegando até ele lá do alto os gritos inarticulados do desespero impotente e ouvia cá em baixo a voz serena e ainda forte do bom velho que até morrer não cessou de recomendar ao filho amôr e lealdade ao seu rei e á patria.

Rapida foi, como um sonho, a reconstituição d'aquela cêna, pois seu amo descendo as escadas, com voz travejante e imperiosa o apelidava.

Gonçalo Nunes de Faria, valoroso defensor do Castelo de Faria, Senhor de Azurara, Pindelo e Fão, por mercê de el-rei D. João I, e Abade de Santa Ovaja de Rio Covo etc, estava prêstes a montar para ir visitar sua irmã D. Teresa Afonso, casada na Povoa do Varzim com Estevam Lourenço Gaio, e na volta passaria pela vila de Faria, pela casa que herdara de seus paes e cedera a seu irmão, o esforçado cavaleiro de Algibarrota, Alvaro de Faria, com quem conversaria alguns momentos.

Apoz a defeza heroica d'aquele Castelo e entregue este ao seu legitimo rei, como lhe fôra recomendado ao morrer pelo pae, Gonçalo Nunes renunciou aos bens herdados e ordenou-se de clerigo, escolhendo para galardão dos seus feitos a

abadia de Santa Ovaya de Rio Covo.

No poderoso Abade, descendo as escadas da sua residencia, notava-se ainda o porte altivo do antigo cavaleiro e o sol oriental, batendo em chapa no seu corpo alto e desempenado, projectava na relva do Adro a sua sombra enorme, gigantesca.... e assim o seu vulto homérico, lendario, seria estampado no ecrã da historia!

×

"Castelos Portugueses"

(Da "Enciclopedia pela Imagem" - 2º Vol. - Lelo & Irmão, Lda. Porto)

..... "Castelos Medievaes" ..... "Castelo de Faria"

..... "Esta secular fortaleza foi teatro d'alguns dramaticos acontecimentos historicos.

Na realidade, quando o infante D. Afonso, filho do rei D. Diniz, se revoltou contra seu pae, investiu-a com boa fortuna, retendo-a em seu poder.

Feitas as pazes por intermedio da rainha Santa Isabel, que congraçou os dois combatentes, determinou-se que, para garantia d'elas, ficassem os "Castelos de Gaya" e da "Vila da Feira" sob o dominio do herdeiro do trono e o de "Celorico da Beira" e o de "Faria", na posse de D. Diniz.

..... No Capitulo VII - "Outros Castelos"

Faria - Desconhece-se o seu fundador.

No reinado de D. Fernando, repelin um assalto dos castelhanos.

×

Comemoração do feito histórico e a homenagem á memoria de Nuno Gonçalves e dos seus bravos companheiros

No dia 10 de Setembro de 1950 uma Comissão sob a Presidencia do barcelense ilustre Conde de Vilas Boas, 1º tenente da Armada, levou a efeito esta grandiosa e patriotica comemoração á qual se associaram tropas do exercito de terra, mar e ar, assistindo pessoalmente o General Comandante da 1ª Região Militar - Porto, Governador Civil de Braga representando o Sr. Presidente da Republica, muitos Comandantes militares de Entre Douro e Minho, diversos titulares, deputações da Legião Portugueza, da Mocidade Portugueza, Escuteiros, Brigada Naval Portugueza, do Porto, muitas agremiações e associações com os seus estandartes e bandeiras, o que deu um aspecto imponentissimo, vendo-se o historico Monte da Franqueira coalhado de povo.

A esta patriotica homenagem se referiu largamente toda a imprensa do País.

Em cima:

Uma fotografia tirada ás entidades oficiaes que assistiram ao descerramento de duas placas que ficaram colocadas em grandes penêdos junto das ruinas do famoso Castelo de Faria, por ocasião desta grandiosa homenagem, vendo-se fardado de branco o ilustre titular Conde de Vilas Boas Presidente e grande propulsor de tudo quanto se fez para a Comemoração do feito do Alcaide Nuno Gonçalves. (1950) -

O hastear da bandeira 1950

á Memória

— Vendo-se á esquerda um oficial do Estado Maior, ajudante de campo do Mmo. General Comandante da 1ª Região Militar (Porto), fazendo a continuação á bandeira.

×

Os escuitas do Grupo 101, de Caparreiros, Viana do Castelo, na reconstituição simbólica da morte gloriosa de Nuno Gonçalves (Alcaide de Faria) (1950)

×

Um aspecto das cerimónias evocativas do heroismo do alcaide de Faria em Barcelos

— Assistencia á Missa Campal - Largo fronteiro á Ermida da Franqueira. (1950)

×

Em cima: as autoridades que assistiram ao acto. Em baixo: um grupo de «legionários» executando o toque de clarim (1950)

×

O glorioso Feito do Alcaide de Faria foi solene e entusiasticamente comemorado nos dias 9 e 10 de Setembro de 1950, no Monte da Franqueira junto ás Ruinas do vetusto Castelo de Faria.

Por ocasião do 25.º aniversario da fundação do Grupo 13 dos Exenteiros — "Alcaides de Faria" — foi nomeada uma Comissão para levar a efeito a Homenagem ao Heroico Alcaide de Faria — Nuno Gonçalves, Patrono dos Exenteiros de Barcelos.

A Comissão presidida pelo Ex.mo Conde de Vilas-Boas procurou, juntamente com meia duzia de barcelenses que o rodeavam, dar a esta festa o maior realce possivel e, assim obteve-se o seguinte para o que o Governo do Estado novo lhe deu todo o apoio e auxilio.

Sabado, pela manhã (dia 9) nas ruas da cidade notava-se desusado movimento com a passagem de grupos de Exenteiros, de diversas terras do Norte e membros da Mocidade Portuguesa, do Porto, Viana do Castelo, Esposende, Famalicão, Braga, etc., que se dirigiam para o Castelo de Faria.

A noite, na presença do Ex.mo Conde de Vilas Boas, Inspectores da Mocidade Portuguesa do Douro Litoral, de alguns Oficiais do Exercito e dos Snrs. Antero Barreto de Faria, Roberto Lemos, José Menezes Feraz, Rogerio Calais de Carvalho, Professor Asdrubal Pinto, José Luiz Correia, etc., etc., mais de 500 "Rapazes" da Mocidade e dos Exentos, fizeram a Vestida de Armas e o Snr. Capitão Tiberio da Silva, acendeu a Chama da Mocidade Portuguesa.

Das 21 horas até ás 23, a Mocidade cantou o seu Hino e recitou varias poesias patrioticas e o Instrutor Snr. M. Ferreira pronunciou um vehemente discurso.

No domingo desde as 8 horas (dia 10) o movimento de tropas de infantaria, caçadores, Artilharia, Brigada Naval, Legião Portuguesa, etc. que se dirigiam para a Franqueira, era interessante, devido ao seu garbo.

Ás 10 horas, na tribuna levantada enfrente á Ermida de Nossa Senhora da Franqueira o Dr. Alfredo Rocha (Cirio de Barcelos) como ex-

presentante do Revdmo Arcebispo de Braga celebrou a Missa Campal acolitado pelo Conego Joaquim Gaiolas e Pe Agostinho de Azevedo.

A este acto religioso assistiram todas as tropas, Mocidade, escoteiros, Agremiações e milhares de pessoas e entre elas os Srs Major Henry Teixeira, Governador civil do Distrito de Braga, como representante do Exmo Marechal Carmona – Presidente da Republica – Coronel José Antonio Beleza Furaz como representante do Exmo Ministro da Guerra, Conde de Vilas Boas, como presidente da Comissão promotora desta Homenagem, Antonio Santos Cunha, Presidente da Camara de Braga, General Couto Junior, comandante da 1a Região Militar, General Peixoto e Cunha, etc, etc.

Depois da Missa organizou-se um cortejo em direcção ás Ruinas do Castelo de Faria aonde se seguiram as anunciadas cerimonias.

A' frente, as auctoridades civis e militares, seguindo-se uma companhia de dois pelotões de infantaria (de Braga e da Povoa do Varzim) sob o comando do Capitão Henrique da Silva do R. I. 8; um Grupo de Castelos da Mocidade Portuguesa do Grupo Extra Escolar nº 6; delegações da Legião Portuguesa e da Brigada Naval; um Nucleo de Escoteiros; departamentos dos Corpos Activos dos Bombeiros Voluntarios de Barcelos e Barcelinhos; Grupos Recreativos; Circulo Catolico de Barcelos, Sindicatos Nacionaes, etc, etc.

Ao meio dia preciso, sob o toque dos clarins do Exercito, traz filiados do Grupo de Escoteiros de Barcelos, fizeram subir nos mastros colocados no sopé das ruinas do velho Castelo, as bandeiras da Fundação, Alcaide de Faria e de Portugal.

Neste momento solene, achando-se nas trilhas de honra todas as individualidades da mais alta representação nacional, num silencio profundo, fez-se a evocação do acto heroico commemorado com verdadeira vibração entusiastica, (por Manoel Landolt de Souza, dirigente da Mocidade Portuguesa em Barcelos), o dialogo imortal entre Pae e Filho, que ali, naquele mesmo logar, enfrente

daquelas mesmas pedras se travou ha 577 anos!
Seguidamente os clarins da Brigada Naval fizeram ouvir o antigo Toque das Trindades da Marinha, emquanto que uma Bateria do Regimento de Artilharia 5 (Viana do Castelo) salvava com 15 tiros.

Terminadas estas cerimonias usou da palavra o Snr. Capitão do Estado Maior Aires Martins, Chefe do Estado Maior da 1ª Região Militar que pronunciou uma vibrante e patriotica alocução, emquanto no espaço sobrevoavam o Castelo, cruzando em imprecavel formação oito aviões da Base Aerea de Espinho.

Por esta ocasião e como terminus destas cerimonias foram descerradas duas lapides em marmore colocadas nas vetustas pedras do Castelo, cujo acto foi executado pelo Sr. Conde de Vilas Boas digo, Conde de Alcaçovas e Carlos Machado Paes (Casa da Fervença) descendentes de Nuno Gonçalves - o Alcaide de Faria.

Numa delas, iniciativa dos Escuteiros de Barcelos - lia-se: Homenagem do Grupo 13 da C. N. E. ao seu patrono, Alcaide de Faria, que pela honra da Patria se fez matar em defesa deste Castelo.

Na outra, iniciativa da Mocidade Portuguesa, lia-se: - Ao Alcaide de Faria - Homenagem do C. E. E. I. M. P. e seus camaradas D. L. junto ás ruinas do Castelo onde o Alcaide morreu vamos mostrar como é belo o exemplo que ele nos deu (Conde de Vilas Boas).

Eram 13 horas quando terminou esta patriotica e inorredoira Comemoração do Feito heroico dos Alcaides de Faria, á qual a Imprensa de Portugal descreveu com Realismo e Justiça.

O Jornal de Barcelos "O Barcelense" nºs 2058 e 2059 respectivamente de 16 e 23 de Setembro de 1950 refere-se circunstanciadamente a todos estes actos da Comemoração do Feito do Alcaide de Faria.

×

Em baixo:

Uma fotografia tirada do Alto do Monte da Franqueira

As ruinas do Castelo de Faria, vistas do alto do Monte da Franqueira.

C Presente—As ruinas da Tôrre de Menagem e dependencias anexas do Castelo de Faria, depois de postas a descoberto pelo G. A. F.

Vidé pag. 283 v.º do 2.º Volume — Quinta de Pedregaes em Faria

CASTELO DE FARIA — Ruinas da Citânia pre-historica e cortinas de muralhas, conforme se encontram hoje.

FRANQUEIRA — Muralhas do Castelo de Faria (lado nascente)

FRANQUEIRA — Ruínas da Citânia (lado nascente)

Tornada do Castelo de Faria

Lenadro de Condeixa existente no Museu José de Bessa, nesta cidade.

"Estae firme, constante,
Estae seguro
Que menos é morrer, que
Ser perjuro."

(Extracto da Resenha Historica - Pitoresca - Artistica (Barcelos) por J. Mancelos Sampaio e Augusto Soucasaux - 1927.)
Edição e impressão da Companhia Editora do Minho - Barcelos.

Transcrição da Revista literaria, quinzenal - de humorismo e Portuguesismo - Ano IV - nº 78 de 5 de Abril de 1960 - "O Cabino Portuguez" - Directora, Administrador e Editor Batista de Lima - Povoa do Varzim - "O Castelo de Faria" - Um documento da Camara do Porto, de 1436, diz que a maior parte dos fidalgos era contraria a el-rei, em tanto que todos, os que tinham vilas e castelos entre Douro e Minho, os deram ao rei castelhano, só ficando fieis Porto e Monsão! e que os do Porto mandaram besteiros e gentes que guardassem

o castelo do Neiva, e também foram tomar o castelo de Faria e o de Vermuim....

Portanto, o nosso castelo de Faria foradado a Castela e os portuenses o foram tomar. O que não nos surpreendeu, porque o próprio Conde de Lia, a favor de quem saíra a terreiro Nuno Gonçalves, se bandeara depois para os castelhanos, e até o próprio Conde de Barcelos...

Como é bom recordar a História do passado!...

— x — x — x —

Outro aspecto das ruínas do Castelo de Faria, também descobertas pelo Grupo Alcaides de Faria

Estado da plataforma superior do local do Castelo de Faria, antes de iniciadas as escavações.

A seta localiza o sitio onde se encontraram os alicerces da Tôrre de Menagem

1

Intra-Muros

Episodio verídico do Ermitão do Castelo de Faria

A Lenda do velho pedinte e do seu cão

Já lá vão decorridos muitos anos....
Junto das ruinas do histórico e desmantelado Castelo de Faria — Samaria bendito da honra de Portugal, vivera em tempos idos um santo velhinho, de barbas cinzento brancas, farta cabeleira e, no rosto, a expressão inefável de uma bondade aliciante.

O episodio veridico do Ermitão do Castelo de Faria

A Lenda do velho pedinte e do seu cão

Já lá vão decorridos muitos anos...

Junto das ruinas do historico e desmantelado Castelo de Faria — sacrario bemdito da honra de Portugal — vivera em tempos idos um santo velhinho, de barbas muito brancas, farta cabeleira e, no rosto, a expressão inefavel d'uma bondade aliciante.

Ferverosamente crente e apiedado sempre das miserias humanas, era de uma humildade estoica, procurando apenas, pelos duros tratos da sua penitencia, agradar a Deus e bem servir a religião de Cristo.

Era pobre e resignado como Jób.

E, como ele, desejando sofrer mais ainda, erguia suas mãos em prece, repetindo a suplica dos ascetas:

Amplitus, amplitus, Domine!

Refugiara-se n'uma toca aberta n'um dos penedos d'aquela montanha.

Dormia sobre rama de pinheiros e cobria um corpo macerado com uma manta esfarrapada.

Era seu unico companheiro um misero cachorro que lhe votava uma dedicação fidelissima, compartilhando da vida solitaria d'esse simpatico velhinho, apenas conhecido e respeitado por todos como o "Ermitão do Castelo de Faria"

Duas ou trez vezes na semana o bondoso ancião descia a encosta d'aquele monte e, seguido sempre pelo seu cão, esmolava para si e para o seu companheiro.

Ninguem lhe recusava um naco de pão, diversos legumes, algumas batatas e hortaliças.

E os que o socorriam, apenas lhe pediam em troco que em suas orações implorasse de Deus o misericordioso perdão para as almas dos seus parentes falecidos.

O Ermitão abençoava os humildes aldeões e, sempre contente pela penitência a que se votava, regressava de novo ao improvisado refugio d'aquela moradia primitiva.

Certa noite foram os habitantes d'aquelas povoações alvoraçadas com o uivar inquietante e continuado d'aquele humilde cachorro, que, lá do alto da montanha, inquietava os animos timoratos d'esses aldeões, que, persignando-se, logo se recolheiam em intima contrição espiritual.

Aquele cão não se cansava de uivar: — Grande mal aconteceu ou alguma desgraça nos vae suceder...

E por aqueles sitios já ninguem dormia socegado durante toda a noite.

Na manhã seguinte recomendaram a uns pastorsitos que costumavam apascentar gado n'aquele monte para visitarem o Ermitão, pois receavam que ele tivesse sido vitima de qualquer desastre.

E os pequenitos, ao entrarem na toca do Ermitão, verificaram que ele tinha morrido e que o cão gemia ainda lugubremente, apoiando o seu focinho no rosto de seu dedicado companheiro.

Déram-se pressa os pastorsitos em dar conta do que tinham visto, e os de Milhases, apiedados do bondoso velhinho, transportaram o seu corpo para o cemiterio d'aquela aldeia, para que ele fosse enterrado no "Sagrado" — em sepultura aberta em terra benzida e cristã.

E logo todos disputaram a posse d'aquele animal, que desde então ficaria em abandono.

O cão não consentia em demorar-se em qualquer das moradias d'aquelas aldeias.

Fugia sempre para o covil da montanha e, como era de costume, descia ao povoado para matar a fome, sem se esquecer nunca de visitar tambem o cemiterio onde para sempre desaparecera o corpo

do seu antigo dono.

Mais tarde, porém, o cachorro desafiaram para não mais ser visto.

E todos se convenceram de que o animal se enraivecera e fugira depois para longinquas paragens.

Os pastores, levados pela curiosidade de admirarem a "Casa do Santinho", penetraram novamente na caverna aberta na montanha.

Remexeram o encardido leito de rama de pinheiro e foram então surpreendidos por um caso imprevisto: — O cachorro tinha ali morrido tambem e o cadaver do pobre animal estava envolto nos miseros farrapos d'aquela manta velhinha que costumava abrigar dos rigores do inverno o corpo martirisado do simpatico e misterioso Ermitão, que — segundo a crença dos povos das aldeias em redor — continua a pedir a Deus o misericordioso perdão para os descendentes dos que o socorreram com suas esmolas.....

Rüinas da Tôrre de Menagem do Castelo de Faria, postas a descoberto pelo Grupo Alcaides de Faria

O CASTELO DE FARIA

Tu, que foste teatro imorredoiro
De heroico Feito pátrio sem rival,
Que na História está escrito a oiro
Como um dos maiores de Portugal,

Tu, que o nome da Pátria proclamando
De deshonrosa ocupação livraste,
E do dever, ao Mundo, exemplo dando,
Castela bravamente escorraçaste,

Tu, ó nobre Castelo de Faria
Que do amor à Pátria foste guia,
Pois dele deste magistral lição,

Tens o direito — todo — a perguntar :
Porque se me não pensa restaurar
Como da Pátria lídimo padrão ? !

Lx. Março 1967. A. MARQUES DE AZEVEDO

O Alcaide de Faria, Nuno Gonçalves, sacrificando-se pela Pátria

128

129

Os homens de 1640 em Barcelos

D. João, oitavo Duque de Bragança
Restaurador da Independência de Portugal em 1640

Os homens de 1640 em Barcelos

Publicação feita em "O Barcelense"

por

Francisco Cardoso e Silva
Tenente d'infantaria

em

1939

131

Advertencia

O que adeante se vae lêr é o original de uma publicação feita no jornal "O Barcellense" que teve o seu inicio em 1 de Abril de 1939 e terminou em 8 de Julho do mesmo anno, essa publicação foi originada pela realisação das Festas do Oitavo centenario (1140-1640) que o Governo da Nação foi realisar.

Francisco Candido da Silva
Tenente de Infantaria

Nota:

Em 29 d'Agosto de 1641, foi tentada entregar Portugal novamente ao domínio de Castela, sendo justiçados em Lisboa o Marquez de Vila Real e Duque de Caminha e o Conde de Armamar.

× ×

Os homens de 1640 em Barcelos

(Publicação feita em "O Barcelense", por Franc.co Cardoso e Silva — 1939)

Alguma coisa se tem escrito já sobre o direito que Barcelos tem para se poder integrar nas projectadas manifestações comemorativas da "Fundação" e da "Restauração de Portugal", mas para isto, na verdade até hoje, só apenas se tem demonstrado, muito ao de leve, qual foi a atitude de alguns barcelenses por ocasião da aclamação de D. João IV e pouco, mesmo muito pouco, sobre a "Fundação" da nossa nacionalidade, quando é certo ha muito que realçar, sendo para lamentar que o meu bom amigo Bento Antas da Cruz erudito investigador e detentor de verdadeiras preciosidades históricas barcelenses, não continue demonstrando mais detalhadamente que foi por Barcelos que se principiou a firmar a Nacionalidade Portuguesa.

Não resta, porém, duvida alguma, provando-se indubitavelmente, quanto á "Restauração", que Barcelos lhe deu bastante calor e desde ha muito não acatava de boa mente o governo do usurpador cuja antipatia se manifestava bem claramente por intermedio dos vereadores da Camara Belchior Goes do Rego, Francisco de Abreu Leitão, João Sendo Velozo, Juiz de Fóra Dr. João Barrêto de Sá, procurador do concelho Baltazar Moreira e tesoureiro Manoel Dias, quando em 1636 aquele governo expediu ordens para todos os municipios do paiz, substituindo a cobrança dos impostos novos, do real d'agua, do sal e o aumento da quarta parte nas cizas e outros, por uma soma anual de quinhentos mil cruzados que as camaras auxiliadas pelos corregedores deviam derramar e cobrar como melhor entendessem.

Barcelos recebeu mal esta ordem para o lançamento e cobrança da nova contribuição, e tão mal a

ceite foi, que a Camara resolveu, desde logo, não lhe dar execução, apezar do ouvidor da comarca instar para que se cumprisse a vontade de el-rei, mas os vereadores firmes na sua patriotica resolução entendendo que o seu protesto mais valor teria se fosse secundado pelo de todos os habitantes da vila e concelho, deliberou consultalos, convocando uma sessão extraordinaria a que deviam assistir a nobreza e o povo do concelho, cuja reunião teve logar nos Paços Municipaes em 18 de Fevereiro, tendo-se então resolvido representar a el-rei, fazendo-lhe sentir que as condições do povo portuguez eram eram já tão precarias e aflitivas que seria deshumano exigir-se-lhe mais tributos, muito especialmente no que dizia respeito ao municipio de Barcellos.

Assim o conta o saudozo investigador Dr. Antonio Ferraz. (1).

Enviada para Lisboa uma energica representação, passados vinte e sete dias recebeu a Camara a seguinte resposta:

"Juiz, vereadores e procuradores da Camara de Barcellos:
Eu El-Rei vos envio muito saudar. Vin-se a vossa carta de 18 de fevereiro passado em que representaes as razões que se vos offerecem para se não averem de executar n'essa villa e seu districto os dous meios do Rial d'agoa e acrescentamento da quarta parte no cabeção das sizas e parece-me dizer-vos que não haa lugar de se deferir a esta materia pello prejuizo que se seguiria á generalidade com que mando executar este negocio de qualquer exceptuação que ouvesse pello que hei por bem e mando que na conformidade de minhas ordens se imponhão n'essa villa e seu districto os dous meios referidos sem repliqua nem dilação alguma para se acudir com o procedido d'elles ao aperto em que está o Brazil e mais conquistas e espero da vossa bondade que concorreis na execução de minhas ordens com tal disposição que tenha eu que vos agradecer e haja logar de vos fazer mercê, sendo certo que do contrario receberei desprazer que não deixarei

passar sem castigo qualquer contravenção que aja.

Escripta em Lisboa a 14 de Março de 1636. Margarida

Para a Camara de Barcellos. Por El-Rei".

A negativa expressa e formal de el-rei não intimidou a Camara nem o povo de Barcellos, antes lhes deu novos alentos para persistirem no seu pratistico mas temerario proposito.

Por causa disto algumas vezes veio a esta vila o provedor da comarca de Viana, Dr. Antão de Faria Padha que, com razões atendiveis e prudentes conselhos, pretendia convencer a obstinada vereação de que devia acatar sem rebelancia, como vassalos, as determinações de sua majestade.

Era tanta a justiça que os barcelenses viam na sua causa, tal o odio que nutriam contra o opressor hespanhol, que não havia razões que os demovessem no proposito em que estavam.

Era portanto, já em 1636, bem manifesta em Barcellos a insubmissão ao jugo castelhano e tanto que o Dr. Antonio Ferraz, continuando diz:—

— "Decorreram assim alguns mezes, até que o governo, vendo que nada poderia conseguir da perseverante oposição dos de Barcellos e receiando que qualquer procedimento violento contra o concelho servisse apenas para atirar as revoltas já manifestadas em algumas provincias do Alentejo, tornou a acertada deliberação de escrever ao duque de Barcellos, solicitando-lhe que aconselhasse os seus subditos a não persistirem por mais tempo na desobediencia."

Efectivamente a 11 de junho recebia a Camara a carta seguinte, datada de Vila-Viçoza:—

— "Juiz, vereadores e procuradores do concelho da villa de Barcellos; por uma carta del Rey meu sôr me constou da resistencia que n'esse povo se fizéra a se assentarem os dous meios do Real d'agoa, e acrescentamento das sizas; fazendo-me sua Magestade tambem mercê de me mandar

Comunicar de que vos envio copia para que vejaes quam fóra do caminho ides ao que tomais e quanto vos póde custar a todos porque aos reis não se resiste; e Sou duque de os povos com o respeito devido lhes lembrarem suas necessidades a que se acóde quando as publicas o permitam e ajuda n'esta diligencia para ser de effeito haviam de concorrer muitos outros povos do Reyno, mas vós sóos com outros alguns poucos que fisão não podeis representar cousa de momento, nem ha loguar agora para mais que obedesser, de sorte que vos agradesso e estima o bom desejo que nisto tiverdes e a mim me pega muito que n'essa villa ajão chegado as cousas a esse estado e assim vos encomendo que loguo milhoreis o que tendes feito.

Villa Viçosa vinte e seis de Maio de seiscentos e trinta e seis. O Duque. Ao Juiz, vereadores e procurador do concelho de barcellos."

Provar-se tambem, assim, que a gente de Barcellos tinha pelo duque, seu senhor, a maior estima, consideração e respeito, conforme o Dr. Antonio Ferraz continua a acrescentar:

"Surtiu o desejoso effeito a carta do Duque de Barcelos e Bragança."

Lida a carta na primeira sessão da Camara, que se seguiu á recepção, pelos vereadores foi então resolvido visto que, pelo muito respeito que tinham por Sua Exc.ia o senhor duque e visto não haver loguar agora para mais que obedesser, imediatamente se désse cumprimento ás ordens recebidas.

E, de facto, assim se fez.

Poucos dias depois, estava em cobrança a referida contribuição, que todo o concelho pagou sem resistencia, embora com grande sacrificio.

Assim terminou o desagradavel conflito, cujas consequencias podiam ser bastante lastimaveis, se a prudente interferencia do duque D. João, a quem os barcellenses muito estimavam, não viésse pôr-lhe termo.

Mas nunca este bom povo esqueceu os agravos que do usurpador havia recebido, e em Dezembro de 1640 soube desforçar-se condignamente.

Barcellos foi uma das terras que princeio e mais entusiasticamente aclamaram el-rei D. João IV, e, nas guerras que a esta data gloriosa

se seguiram, mostrou bem quanto valiam a sua coragem e o seu acrisolado patriotismo.

O licenceado Manoel da Rocha Freire, teve a genial idéia de no-lo deixar escrito, em resumo, quanto fizeram os barcelenses nas lutas que se deram após a aclamação de D. João IV e que, por interessante, se transcreve tal qual está publicado na "Raridade Bibliografica", do professor Pereira Caldas, em 1871. (1)

"Relaçam do que fizeram os Moradores de Barcellos do Dia, que Aclamarão a Sua Magestade, até o ultimo de Janeiro de 1642"

Offerecida a seu Principe & Senhor Dom Theodosio

Louvores em boca propria, muito alto & soberano Senhor, estão censurados por vilezas, porém n'esta occasião não incorrem esta censura os que se dirigem a acreditar fidelidade de vassalos & a dar animo & brios para a defensam da patria.

E assi ainda que eu, pareça testemunha apaixonada defendermehei com a verdade do que relato & sem vêr que na abundancia de relatores do que as outras fizerão, até agora não ouve quem referisse o animo, com que a dita Villa aceitou a felice aclamação de Sua Magestade, & o valor em que a defendeu.

Pag. IV

Não foi necessario mais q. a primeira noticia por que se esperar muita certeza, logo os moradores de Barcellos, tomarão a voz do Serenissimo Senhor & Rey seu D. João IV, poucos dias depois que a tomou a cidade de Lisboa, nem ficarão aquê das outras Villas nos aplausos publicos, com que a festejarão, aquelles primeiros dias.

Notorio he, que depois de rendidas as mais fortalezas do reino, q. até então estavão presidiadas de Castelhanos, só a de Vianna pretendeo resistir, não querendo o Castelhano entregalla.

1) Copia de um manuscripto do Seculo XVII.

Logo os moradores d'aquella Villa a sitiaram, pelo melhor modo, que a occasiam o permittia: & pedirão á de Barcellos por cartas, que escreveram ao Capitão mór da Villa & aos senhores da Camara q. os ajudassem com duzentos homes.

Acudiose-lhe sem dillação, porque o Capitão Joam Rodrigues Fontoura, mostrando em tudo a grandeza do seu animo, & fidalguia, marcha para Viana com toda.

Cap. V

toda a nobreza da Villa, & seu termo, q. passarão de setecentos homẽs, nos quaes entravão trinta & tres Capitães da Ordenança, que ha na Villa, & seu districto, em que tambẽ estão alistados desasete mil homẽs; que pode tomar armas.

Deixarão os Capitães ordẽ, q. sendo necessarios a mais gente, partisse logo com suas armas, levando elles as que erão necessarias para a occasião, & fazendo todos os gastos á sua custa; nẽ desampararão o Castello, assistindo sempre com armas até que elle se rendeo, passados oito dias.

Tinha a Villa nesta occasião hũ deposito de sete mil cruzados, os quais avia muito tẽpo estavão reservadas para elRey de Castella & sempre retidos, como adevinhando os que governavão a Villa que avião de vir a ter melhor serviço: Estes offereceram, & déram para o que fosse necessario do serviço de Sua Magestade que Deos guarde.

Derão-se com fechos circumvisinhos, & outros avisos, muytos rebates sempre nelles se achou muito alvoroço no acudir.

Cap. VI

acudir, & vontade de pelejar, como são muitos não posso reduzilos a numero & compendio. No mez de Janeiro se deu hũ occasionado de se dizer que o Castelhano & Gallego tinhão

entrado por a Portella do Homẽ.

Estava neste tempo por Capitão mór posto por sua Magestade Bruy Pinheiro de Lacerda, q. excitasse com toda a satisfação o que tocava o seu Officio; lançou bando; mandou marchar a gente; ajuntaramse com muita pressa na ponte do Porto, parage, em que se esperava o inimigo.

A qual ali se achavão para lhe fazer rosto, passavão de dez mil.

No mez de Março mandou o General D. Gastão Coutinho por ordẽ q. tinha de S. Magestade, q. o Capitão mór marchasse cõ a gẽte para a Villa de Caminha, praça, em q. se esperava o inimigo, sete legoas distante de Barcellos, e q. elle exercitou com toda a võtade, q. fazendo gasto á sua custa por conta do qual corria tãbem o gasto de muita gente.

Mostrou bem o zelo do serviço de sua Magestade com passante de dez mil homẽs, que aly assistirão por espaço de dez dias.

Pag. VII

Mandou o General, q. as companhias dos homẽs nobres desta Villa fossem segũda vez á de Caminha, por quãto o inimigo cõ suas aerias traçãs desinquietavam aquelle povo.

Governava as Armas o Capitão Frey Diogo de Mello, o qual logo deu execução áq'lla ordẽ, mãdãdo a toda a gẽte q. marchasse. Obedecerão todos com custos proprios em espaço de oito dias, os quais acabados voltarão tristes, por não haver occasião de se encõtrarẽ com o inimigo.

A como era tanta a gente, q. acudia á Villa de Barcellos, ordenou o General, q. fossẽ cada oito dias duas Cõpanhias á dita Villa de Caminha, refazendo a falta q. avia de soldados pagos.

Obedecerão os Capitães effectivamente, gastando nestas jornadas grãde parte da sua fazenda, com muita diligencia, em serviço do seu Rey, q. de sua patria.

Parece q. corre por conta de Barcellos o desafortunado encontro q. o General D. Gastão Coutinho, teve na Porte das Vargeas, & Lamas de Moure.

Mandou o General ao Capitão Mór Rey Diogo de Mello, que sem inscrição de pessoa,

Pag. VIII

acodisse cõ toda a gente.

Em execução desta ordẽ se repartirão logo as cõpanhias para occuparẽ os postos q. occupavão as Cõpanhias pagas. Forão mãdados á Villa de Caminha o Capitão Belchior Machado, & Manuel do Rego de Andrade; para Valença do Minho o Capitão Francisco Pinheiro; para Villa nova de Cerveira André Leitão de Abreu.

Todas as mais cõpanhias da terra marcharão para Melgaço, aonde assistia o General, & Mali a Lamas, onde ficou por Cabo da gẽte q. veio, q. passava de dez mil homẽs o Capitão F. Diogo de Mello, alojado á vista do inimigo, q. n'aquella occasião fundava boas esperanças no grande poder, que tinha justo.

Mãdou o General q. ficasse em Melgaço duas cõpanhias & grãde parte da gẽte nobre.

E porq. o poder do inimigo era grãde no Porto das Vargeas & o porto arriscado, mandou o General, q. os nossos marchassẽ a se encõtrar cõ elle, desmintindo suas esperanças, & demasiada confiança; antes intimidando-os tanto, que os obrigou a dar as costas muito á sua custa, & a seu pesar.

Pag. IX

Em Lamas de Moure governava o exercito o Capitão mór F. Diogo, a quẽ se deve grande parte da vitoria, pello modo com q. o dispõe, sendo o Principal o General cujo esforço renovou o antigo valor, & brio dos Portuguezes.

Assistirão neste posto como Capitão mór (afora muita outra gente das comarcas visinhas) Pedro de

Faria Almeida - Balthazar de Moura - Pedro de Faria de Almeida João Francisco Lemos - João Machado de Faria Francisco Machado de Azevedo - Jeronymo de Andrade - Paulo de Andrade - Diogo de Medanha - & Antonio de Abreu q. tinha o posto de seu tio Francisco Machado de Caramona - João Lobo Pinheiro - Fernão de Andrade do Valle - Francisco de Faria e Francisco de Miranda, & outros muitos capitães a que basta a publicidade de suas façanhas para serem bem conhecidos, os quaes todos derão cõta de seus postos cõ muita satisfação, assi na entrada como no quaço q. fizemos aos capitães Castelhanos q. forão seis, & hũ sargento mór, hũ alfres, & muitos soldados, ficãdo no cãpo muitos mortos, & alguns despojos, q. já é outra relação estão referidos.

Pap. X.

Hoje tẽ mandado o Capitão-Mór Fr. Diogo de Mello q. as cõpanhias da Ordenança entrẽ de guarda para se executarẽ as theorias da milicia. Vitoriamente desta Villa de V. A. tem, saido mais de mil homẽs pagos, dos quais a maior parte está nas fronteiras do Reyno, aonde mostrão, & mostrarão serẽ sẽpre os primeiros no amor, como são primeiros em serẽ vassalos de V. A. por naturaes de hũa terra q. foi a primeira de q. V. A. se intitulou Duque, & senhor & agora he Principe, a que todos desejamos dilatados Imperios, pedindo a Deos a vida de tão dignissimo Principe, q. o Ceu augmente.

Barcellos, de fevereiro o primeiro de 642.

Humilde Vassallo de V. A.

Licenciado Manoel da Rocha Freyre.

×

Dos serviços então prestados, D. João IV deu a Barcellos publico testemunho na seguinte carta honrosa que dirigiu á Camara:

"Juiz e vereadores e procurador da Camara de Barcellos:

Eu El-Rey vos envio muito saudar.

D. Gastão Coutinho meu capitão general dessa provincia que deu conta do amor e fidelidade com que os moradores d'essa villa acodem a meu serviço do que estou com a devida satisfação e pareceo me dizer-lo por esta carta para o que tinhais entendido e o significareis a todos da minha parte o que hei de ter viva lembrança de tão bons resultados digo bons vassalos que estimo tanto para folgar de vos fazer favor e mercê em commum e em particular nas occasiões que se offerecerem conforme aos merecimentos de cada um. Rey. Escripta em Lisboa a 4 de Fevereiro de 1641.

A leitura, ou antes, o estudo que fiz aos dois ultimos documentos, depois de lido tambem com serenidade o documento interessante descoberto pelo Sr. Dr. Joaquim José Pereira de Lima, de Montemor o Velho, o qual deu logar á recente publicação do opusculo "1640 em Barcellos" deixou-me concluir o seguinte:

1º — Barcellos soube condignamente e sem hesitação ajudar a restituir a autonomia e a liberdade á nossa Patria.

2º — Depois disto, todos os nobres se julgaram com direito á "Coroa de loiros".

E senão vejamos: — Só depois do licenciado Manoel da Rocha Freire, ter escrito e offerecido "em Fevereiro o primeiro de 642 a seu Principe & Senhor Dom Theodosio a Relaçam do que fizeram os moradores de Barcellos do dia, que aclamarão a sua Magestade, até o ultimo de Janeiro de 1642" em cujo documento não vem citado o nome de Francisco de Gouveia Mendonça da Villa de Barcellos, é que esté aos cinco dias do mes de Junho de mil e seiscentos e quarenta e dois annos, quiz justificar diante de Vossa Mercê (Juiz Belchior de Gois do Rêgo — (1) que elle supplicante Francisco de Gouveia foi o Primeiro Pessoa que levantou e aclamou por Rey, nesta Villa de Barcellos a El-Rey Dom João o Quarto Nosso Senhor e isto foi em Sexta feira sette do mez de Dezembro de mil e seis centos e quarenta annos. (2)

1) O 1º dos vereadores da Camara que em 1636 não acatou as determinações do usurpador.

2) Documento do 1640 em Barcellos por J. M. Sampaio a pag. 2.

137

De facto é caso para estranhar que tendo o Mendanha sido o primeiro a aclamar D. João IV nesta vila, tenha ficado a sua acção limitada a isto apenas e não nos apareça, como tantos outros, incluido na "Relaçam" do licenciado Manoel da Rocha Freire, apesar deste dizer: "os moradores d'aquella villa (Viana) a sitiaram, pello melhor modo, que a occasiam o permittia: & pediram á de Barcellos por cartas, que escreveram ao Capitam-mór da Villa & aos senhores da Camara, q̃ os ajudassem com duzentos homẽs.

Acudisselhe sem dilação, porque o capitam Joam Rodrigues Fontoura, mostrando em tudo a grandeza de seu animo, & fidalguia marchou para Vianna com toda a Nobresa da Villa & de seu termo, q̃ passarão de sete centos homẽs, nos quais entrarão trinta & tres Capitães de Ordenança, que ha na villa & seu destricto."

É tão flagrante esta omissão que nos leva a formular entre outras estas perguntas:

Seria o Francisco de Gouveia Mendanha, de tal maneira alejado que não podesse abandonar a molêta com que batêu no chaum na Igreja Collegiada desta Villa de Barcellos, quando em altas vozes disse: Viva El-Rey Dom João Rey de Portugal e portanto um homem cuja validez não lhe permitia, por isto ter-se unido aos outros que mostrando em tudo a grandeza de seu animo & fidalguia, marcharam para Viana e outras partes?

Caso contrario, que homem para este Francisco Mendanha ficar excluido da referida "Relaçam" quando se provou que o seu acrisolado patriotismo não se limitou só apenas a dar vivas a El-Rey Dom João Rey de Portugal? (1)

Como no caso presente pouco importa conhecer só a acção deste Mendanha se bem que ele tudo quanto

---

1) ... um Documento antigo de "Instrumento de Justificação" ... do "1540 em Barcelos", já por mim referido.

fez e sofreu, o disse claramente e provou no tal documento, vamos tentar pôr a claro o seguinte:

— Como foi feita em Barcelos, e em que dia, a Aclamação de D. João IV?

— O que fez a gente barcelense, isto é, o Clero, a Nobreza e o Povo?

— O que fizeram as autoridades locais?

Interessante será pois, não deixar na obscuridade certos factos para com eles melhor se demonstrar o direito que Barcelos tem para se poder integrar nas projectadas comemorações da "Fundação" e "Restauração de Portugal", quando é certo que Barcelos, por ocasião de 1640, foi uma das terras que primeiro e mais entusiasticamente aclamou el-Rei D. João IV, tendo, indubitavelmente, á sua frente Francisco Gouveia Mendanha e outros, emquanto n'outras localidades havia indecisão e mêdo, como no-lo deixou dito o grande investigador Dr. A. Ferraz e outros conscenciosos historiadores.

×

Sendo necessario aclarar factos que se prendem com o "Documento" descoberto e particularmente cedido a Barcelos pelo Ex.mo Snr. Dr. Pereira de Lima, com autorisação para ser publicado, pedindo vénia, vamos transcreve-lo para melhor demonstração do que pretendemos fazer éco, gesto este que vae alicerçado nas palavras aconselhadoras com que o autor do "1640 em Barcelos", encerrou o seu interessante trabalho, dizendo: — Juntemos todas as migalhas do passado; façamos reaparecer todos os poucos que encontrarmos; reunamos os minimos — se assim o julgam — que nos vierem á mão! Cumpriremos um grande dever! 1) e 2).

1) — Já Sidonio Paes deixou escrito em alguns:
— Aproveitae da tradição as pedras que possam servir de alicerces ás construções modernas e firmando-vos sobre elas caminhae para

— "Diz Manoel José da Costa Felgueiras Gayo desta villa, que para certos requerimentos, que tem, lhe-hé necessarios que qualquer Tabellião, a quem apresentou o Documento incluso, lhe passe por certidão, tornando a entregar o proprio. — P. a V. S. se sirva assim o mandar. — E. R. M.ce — P.e (rubrica do Juiz). Em cumprimento do despacho supra, do Doutor Fernando Antonio de Lequeira Vilaça, Juiz de Fora com alçada nesta villa de Barcellos, e seu termo, por sua Magestade Imperial e Real Nosso Senhor que Deos guarde & Certifico, e faço certo, eu Francisco José Alves de Lemos, Tabellião de hum dos officios publicos Judicial e Notas nesta mesma Villa e seu termo, pelo mesmo Real Senhor; em como pelo supplicante Manoel José da Costa Felgueiras Gayo desta Villa, me foi apresentado hum Documento antigo de Instrumento de Justificação, requerendo que d'elle lhe passase a Certidão requerida, na Petição retro, ao que satisfaço em consequencia do dito Despacho, de cujo Documento o seu theor hé o seguinte: — Instrumento. Saibão quantos este instrumento de ditos de Testemunhas dado em publica forma, virem, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e seis centos e quarenta e dous annos: aos cinco dias do mez de Junho do dito anno nesta Villa de Barcellos, e casas da morada de mim Tabellião, ali apareceo Francisco de Gouveia Mendonha, morador nesta Villa e me deo e apresentou a petição seguinte com o Despa-

---

a perante olhos fitos no ressurgimento da nossa Patria e no Progresso da Humanidade".
2) ..."Em segundo logar vulgarisam-se os feitos patrioticos dos barcelenses na restauração de 1640, illustrados como foram, até á paz final de 1668, com o nobre auxilio de 7 terços effectivos, 500 carros e 1.500 gastadores além dos terços das ordenanças." —
(Referencia feita no Capitulo XXVII da "Raridade Bibliographica" do prof. Pereira Caldas).

cho do Juiz Belchior de Goisdo Rego que se segue e
com ella me deo outra petição com o Despacho
do Vigario Geral Paulo de Mesquita sobrinho, Vigario
Geral na Corte e Arcebispado de Braga, pelo qual
dá Licença aos Eclesiasticos que o Supplicante que-
ria dar por testemunhas nesta justificação, e eu Tabeli-
ão Abrei a dita petição e a anthoei, e se segue
e a dita petição e Despacho de Licença acima di-
tá, que todo se segue; e eu Paulo de Carvalho,
Tabelião o escrevi § Petição § Diz Francisco de Gou-
veia Mendanha da Villa de Barcellos, que a elle lhe
hé necessario huma Justificação Civil sobre abona-
ção da sua pessoa que ha de fazer na dita Villa
e por que quer nella dar por testemunhas ao Doc-
tor Gaspar Pinto Correia e Gaspar da Motta Peixoto
Correjos na dita Villa, e aos Padres Alvaro Pinheiro e
Christovam de a Villa, e João de Medella - Pede a
Vossa Mercê lhe dê Licença para testemunharem na
dita Justificação - E receberá mercê - Despacho -
Dou Licença que o Supplicante pede - Mesquita -
Petição - Diz Francisco Gouveia Mendanha, mora-
dor nesta Villa de Barcellos, que elle lhe hé necessa-
rio Justificar diante de Vossa Mercê o seguinte: - Que
elle Supplicante Francisco de Gouveia Mendanha foi
a primeira Pessoa que Levantou e aclamou por
Rey, nesta Villa de Barcellos a El-Rey Dom
João o Quarto Nosso Senhor, e isto foi em
sexta feira sette do mes de Dezembro de mil
e seiscentos e quarenta annos, e que logo com
muitas pessoas Nobres e do Povo, Eclesiasticos e
Seculares forão por esta dita Villa e Ruas publi-
cas della fazendo o mesmo e pela contradição
que houve do Juiz que então servia, foi a
Torre dos Sinos com outras pessoas afectas ao
dito Senhor, e os fez Repicar em tanto que

que lançarão fama os mal afectos que havião tirar a cabeça a elle Francisco de Gouveia e semear-lhe suas casas de sal. Que pelo dito respeito receberão contra elle Suplicante Francisco de Gouveia grande odio o Abbade André de Mariz Irmão do Bispo de Martiria, e de Christovão Cogominho e outros seus parentes e amigos pela aclamação que fez, que foi causa do dito Abbade se tomar com o Cruzado João Monteiro de Benevides filho delle Suplicante junto ao Convento do Bom Jesus em que o dito Abbade lançou palavras mui desconcertadas e escandalosas contra a Pessoa Real de El-Rey Nosso Senhor. § Que depois de hidas as Companhias desta Villa ao Rebate da Tortela d'Homem, e vindo Avizo como naquella monte se aclamara na cidade de Braga em algumas Ruas a El-Rey de Castilla foi elle Suplicante com os Eclesiasticos desta Villa pelas Ruas della juntando Gente para hirem de Socorro a Braga aclamando o dito Senhor. § O que vendo Antonio de Faria Irmão dos traidores se rio com outros companheiros da sua facção que com elles estavão, dizendo quando se havia de acabar com aquelle Santo Entrudo, e outras palavras mais escandalosas que foi causa do dito Antonio de Faria ficar ferido de huma rascadura de que sarou sem aleijão nem deformidade, e tudo foi por desprezar e zombar com o mal afecto da aclamação do dito Senhor. § Que da dita ferida a que elle deo causa que foi na aclamação e rebate tomarão causa elle, e seu Irmão mesmo pellas mesmas culpas que hé o dito Abbade para se vingarem d'elle Suplicante, calando a verdade do caso a Sua Magestade, mal informados passou Alçada contra elle Suplicante. § Que pelo dito respeito padeceo elle Francisco Gouveia muitos trabalhos, gastos e vexaçoens, o que quer tudo Justificar. § Pede a Vossa Mercê lhe mande perguntar as teste-

minhas que apresenta, e de seus ditos passar instrumento em modo que faça fé. § E Receberá mercê?

×

Assentada — Aos cinco dias do mes de Julho do anno de mil e seis centos e quarenta e dous annos, nesta Villa de Barcellos e casas da morada do Doutor Gaspar Pinto Correia, Conego na Collegiada desta Villa de Barcellos, ahi pelo Supplicante Francisco de Gouveia de Mendanha, forão apresentadas as testemunhas seguintes, a Fernam Lourenço d'Andrade Inquiredor nesta Villa, ás quaes deferido o Juramento dos Santos Evangelhos, e as perguntou comigo Paulo Carvalho, Tabellião o escrevi.

§ Item o Reverendo Doutor Gaspar Pinto Correa Conego da Igreja Collegiada desta Villa de Barcellos, testemunha de idade que disse ser de quarenta e seis annos pouco mais ou menos. Jurado aos Santos Evangelhos e perguntado pelo costume disse nada. Item perguntado ella testemunha pelo contheudo na petição atraz disse que na Igreja Collegiada desta Villa de Barcellos vira a Francisco de Gouvea bater com huma molleta no chaon, e dizer em altas vozes — Viva El-Rey Dom João Rey de Portugal e chegando se ella testemunha ao dito Francisco de Gouvea, lhe perguntou: — Que he isto? Vossa Mercê reendoudo? Ao que elle respondeo: falo em todo o mercizo. — Temos ao Duque de Bragança Rey de Portugal, e logo ella testemunha em companhia do dito Francisco de Gouvea, a quem seguião muitas pessoas de toda a qualidade, forão aclamando pelas ruas publicas a El-Rey Nosso Senhor, e se forão á Torre dos Sinos a repicar por espaço de meia hora; que d'ahi a alguns dias estando elle testemunha em sua casa com o Reverendo Abbade de Barbeita, seu Irmão, entrou o dito Francisco

de Gouveia acompanhado de algumas pessoas Eclesiasticas e logo sahirão todos em corpo, e com Armas pela dita Villa aclamando a El-Rey Nosso Senhor e convidando muitas pessoas para acudirem a Braga na occasião de hum rebate, e na mesma tarde se deo huma cottilada a Antonio de Faria Irmão do Bispo de Martiria por se mostrar pouco afeiçoado e com alguma fieza na aclamação do dito Senhor; e al não disse e assignou com elle Inquerendo. Eu Paulo de Carvalho, Tabelião que o escrevi. Doutor Gaspar Pinto Correa. Andrade. § Testemunha. Item o Padre João de Medella Clerigo de Missa, morador nesta Villa, testemunha de idade que disse ser de trinta e cinco annos pouco mais ou menos, e jurado aos Santos Evangelhos; e perguntado pelos costumes e cousas delles disse nada. Item perguntado elle testemunha pelo conthendo na petição atras, disse que hua verdade que a primeira pessoa a que ouvira que tinhamos Rey Portuguez, fora a Francisco de Gouveia Mendanha, conthendo na petição, e o ouvira aclamar por Rey, o que foi na Igreja desta Villa a horas de Vesporas, e logo com muitas pessoas de toda a qualidade por as Ruas publicas desta Villa, e logo foi á Torre dos Sinos, e repicarão por espaço de hua hora, e que pelo Supplicante lhe não serem afectos o Abbade de Arcozello Irmão do Bispo de Martiria, e Christovão Cozorninho pelo dito Abbade haver todo duvidas com João Monteiro Benevides filho do Supplicante, e que se dizia que fora em rezão do alevantamento do Reino e que ouvio dizer que ferirão a Antonio de Faria na Igreja da Cruz por razão de mostrar fieza na dita aclamação e por esta razão o Supplicante andou auzente e se veio tirar a esta Villa hora alçada; e al não disse, e assignou com elle Inquerendo eu Paulo de Carvalho Tabelião o escrevi.

— João de Medella — Andrade — S. Testemunha — Item Francisco Manoel Bascam, morador nesta villa de Barcellos, testemunha de idade que disse ser de vinte e sete annos pouco maiores menos, jurado aos Santos Evangelhos, e perguntado pelo costume e causas desde disse nada. Item perguntado elle testemunha pelo conthendo na petição, disse que he verdade que o Supplicante Francisco de Gouvea foi a primeira pessoa que aclamou por Rey a Sua Magestade dizendo que vivesse El-Rey Dom João o Quarto, e isto foi em sette do mes de Dezembro do anno de mil seiscentos e quarenta, e logo com muitas pessoas Nobres desta Villa, e Ruas publicas della fazendo o mesmo; e pela contradição que houve do Juiz que então servia, foi a Torre dos Sinos com outras pessoas afectas ao dito Senhor e repicarão os sinos, e pelo dito respeito conceberão contra elle grande odio André de Mariz, Irmão do Bispo de Martiria, e de Christovão Cogominho, e outros seus parentes, e amigos, pela aclamação que fez que foi a causa do dito Abbade se tomar com o Corrego João Monteiro, e que depois de dar as companhias desta Villa ao rebate da Portella do Homem, e vindo de Avizo como naquella noute se aclamava na Cidade de Braga em algumas Ruas a El-Rey de Castella, foi o Supplicante com os Eclesiasticos desta Villa pelas Ruas della, juntando gente para hirem de socorro a Braga aclamando ao dito Senhor, o que vendo Antonio de Faria, irmão dos traidores, se riu com outros companheiros de sua facção que com elles estavão, dizendo: — Viva quem quizer — que foi a causa do dito Antonio de Faria ficar ferido na cabeça, e no rosto de que sarou sem aleijão nem deformidade e tudo foi por desprezar e tomar com mal afecto a aclamação do dito Senhor; e ella testemunha ouviu dizer aos

dito André de Mariz na janella quando andava o suplicante e entra mais gente aclamando ao dito Senhor que andavão festejando o Santo Entrudo, e assim mais lhes servio dizer na fonte de baixo desta Villa que antes de dous annos havia de ser Portugal de El-Rey de Castella; e al não disse e assignou com elle Inquerido e eu Paulo de Carvalho Tabelião o escrevi — Francisco Manoel — Andrade — Testemunha — Item o Reverendo Alvaro Pinheiro Barreto, clerigo de Missa morador nesta Villa, de Idade que disse ser de quarenta e cinco annos, pouco mais ou menos, jurando aos Santos Evangelhos, e perguntado pellos costumes e causas delles disse que era sobrinho da mulher que foi do Suplicante, e al não disse. Item perguntado elle Testemunha pelo conteudo na petição a traz disse que estando elle Testemunha na Igreja Colegiada por ser nella Ministro, vio entrar o Suplicante em corpo dizendo — Viva, viva El Rey Dom João o Quarto, e depois sahio á Praça fazendo a mesma aclamação acompanhando a muita quantidade de pessoas deste Povo nella Villa, e Ruas publicas della, e depois disto subio á Torre dos Sinos aonde elle Testemunha foi tambem, e repicou os sinos elle Testemunha por largo espaço, festejando esta aclamação e depois de hidas as companhias desta Villa ao Rebate da Portella do Homem, d'ahi a alguns dias da dita aclamação elle Suplicante em companhia de alguns Eclesiasticos foi pela Rua direita á Ermida da Cruz onde se deo huma cotillada a Antonio de Faria Irmão do Bispo de Martiria, por dizerem que não era afecto a El Rey Dom João, de que está são, sem aleijão ou deformidade; e al não disse e assignou com elle Inquerido e eu Paulo de Carvalho Tabelião que o escrevi — Alvaro Pinheiro Barreto — Andrade — Testemunha — Item o Reverendo Gaspar da Motta Peixoto, Conego na Igreja Colegiada Igreja desta

Villa, Mestemunha de Idade que disse ser de vinte e quatro annos pouco mais ou menos, jurado aos Santos Evangelhos, e perguntado pello costume disse nada. Item perguntado elle Mestemunha pelo conthendo na petição atraz, disse, que a primeira pessoa que nesta Villa levantou a El Rey Dom João o Quarto, foi o supplicante Francisco de Gouvêa, e seu filho o Correjo João Monteiro, e logo vio elle Mestemunha ao supplicante hir em companhia de muitas pessoas com a dita aclamação pela contradição que houve do Juiz Luiz da Cunha que então servia, que andava dizendo os havia de prender, e que não sabião o que fazião, e amiessava ao dito supplicante, forão repicar os sinos, e o Abbade de Arcuzello se chegou a dous frades Loyos que estavão nesta Villa, e lhe disse que não fizessem caso d'aquillo porque andavão vebados, que se não fazião aquellas couzas senão depois de jantar, e andava amiessando com os Tambores de Castella, e por este respeito tomou o dito André de Mariz Irmão do Bispo de Martinica ao dito supplicante e por isso lhe tinha odio, e se foi tomar com o Correjo João Monteiro, filho do supplicante ao Mosteiro do Bom Jesus, e ahi falou muitas palavras, e hidas as companhias desta Villa ao Rebate da Portella do Homem o supplicante em companhia delle Mestemunha e doutros Eclesiasticos forão a Ermida da Cruz aonde estava Antonio de Faria Irmão dos Traidores e ouvio dizer que elle soltava palavras descompostas pela qual razão o ferirão de hum ferida pequena de que logo foi são sem deformidade alguma, e tudo foi por elles andarem mui dezemquietos e solto imaginavam que o Inimigo entrava pella Portella do Homem em este Reino, e que o dito Abbade de Arcuzello por muitas cartas

e papeis que lhe acharão, elle testemunha o prendeo com o Capitão Mór Diogo de Mello, e lhe acharão muitas cartas e muitos papeis de seu Irmão Christovão Cogominho e que dellas deo lhe conta a Sua Magestade e que o Supplicante padeceo molestias e trabalhos, por ser muito velho e muitos os que o perseguião; e al não disse e assignou aqui: - Eu Paulo de Carvalho Tabelião que o escrevi - Gaspar Pinto da Motta - Andrade - § e Acabado de se perguntarem as ditas testemunhas, eu Tabellião a requerimento do Supplicante, lhe passei seu Instrumento na forma costumada. Eu Paulo de Carvalho Tabelião o escrevi - segundo o que todo assim e tam cumpridamente hé conthendo, e declarando na dita justificação e com o traslado della passei este Instrumento eu Paulo de Carvalho Tabelião do Publico e Judicial nesta Villa de Barcellos e seu termo por El Rey Nosso Senhor dou fé que vai na verdade, e o Soberano, o Concertei e assignei; reportando-me aos proprios autos e a outros traslados que delles passei, hoje em Barcellos, aos onze dias do mes de dizembro dose dias do mes de Novembro de mil seis centos e quarenta e trez annos, o qual Instrumento de ditto de testemunhas eu Paulo de Carvalho Tabelião do Publico e Judicial nesta Villa de Barcellos, e seu termo por El Rey Nosso Senhor, aqui fiz trasladar dos proprios Autos que ficão em meu poder a que me reporto, e o Soberano, concertei e aqui assinei - Lugar do Signal Publico - Não se transcreveo aqui neste lugar a assignatura do Tabellião por estar muito imperceptivel e safada; e só se lê o concerto que diz: - Concertado comigo André Leitão d'Abreu. - Não contem mais o Dito Documento, que eu Sobredito Francisco José Alves de Lemos Tabelião no principio desta declaração aqui fiz passar a presente certidão fielmente do proprio a que me reporto em poder do mesmo apresentante, que de como o tornou a receber assignou ao diante no fim desta, e com o

proprio e outro official de Justiça ao concerto assignado, esta conferi e concertei, numerei e rubriquei em oito meias folhas de papel com o meu apelido de - Alves - em fé do que esta sobescrevo, e assigno em publico e raso nesta Villa de Barcellos aos vinte e hum dias do mez de Dezembro de mil oito centos vinte e cinco annos. E eu = não fação duvida as entrelinhas que dizem = Reverendo = Com = a El Rey de Castella = E as emendas que dizem = Trinida = que tudo se fez na verdade ao conferir desta. Eu Fran.co José Alves de Lemos T.am o sobrescrevi.

×

Como elemento ilucidativo para demonstração da maneira como patrioticamente actuaram os barcelenses em 1640 e para a necessaria difusão da verdade, vamos dizer o que se conhece sobre as consequencias dos acontecimentos produzidos em Barcellos por ocasião da Aclamação de D. João IV, transcrevemos como base, para isto, um artigo publicado na "Academia Barcelense" - (Numero unico Concursativo do 1º de Dezembro de 1640 - Barcellos 1902), - da autoria do saudoso arqueologo Dr. Antonio Tenaz, escrito em 22-XI-902, cuja transcrição é feita de um exemplar d'aquele jornal em posse do grande investigador Bento Antas da Cruz, o que fazemos para se principiar a esclarecer o Documento antigo do Instrumento de Justificação, atraz transcrito, atribuido a Francisco de Gouvêa Mendonça.

A leitura do que vamos dar publicidade, confrontada com a documentação ultima, muito luz nos dá sobre o assunto de que nos vimos occupando.

Sem fugir á verdade, aproximando-se, pois o mais possivel da realidade das coisas, o Dr. Antonio Tenaz, afinal na sua apreciavel narrativa já em 1902 (ha portanto 37 anos!), embora velada-

mente denunciou quem foram os traidores barcelenses, porque os home, e quem foi que aclamou D. João IV em Barcelos.

É para lastimar que quem se tenha predisposto a basculhar certas minudencias a este respeito nos Apontamentos (1) do Dr. Antonio Ferraz não tenha empregado escrupulosa e pacientemente o cuidado de que elas carecem, porque, se se procedesse assim com certeza, lá se deveria encontrar qualquer coisa do que servir de fundamento ao que o ilustre e consciencioso historiador escreveu e, assim, não teríamos de tomar factos ineditos que, em boa verdade, já elle tinha denunciado e legado á posteridade pela imprensa local, a não ser que conscientemente se queira depreciar os trabalhos cheios de merecimentos e erudição do barcelense que em vida se chamou Antonio Miguel da Costa de Almeida Ferraz, cuja memoria toda a gente de bem respeita com requintada veneração.

Para se tirar a prova do seu impoluto caracter, prestemos toda a nossa atenção para a isenção com que a sua pena nos conta a seguinte: —

= Historia triste =

Na primeira metade do seculo XVII, vivia nesta encantadora villa de Barcellos uma antiga e respeitavel familia, que dispunha de muitos bens de fortuna e possuia um dos apelidos mais nobres de Portugal.

Era seu chefe Balthazar Cicio de Barcellos Cogominho, casado com D. Gracia de Mattos de Faria, de cuja união nasceram, além de duas filhas que haviam professado n'um convento de Olivença, mais os filhos seguintes:

— D. Fr. Francisco de Faria, bispo de Martiria e coadjutor do Arcebispo de Braga D. Sebastião de Mattos e Noronha, nomeado por Filipe III e confirmado pelo papa Urbano VIII, em 1639.

— André de Faria Mariz, Abade de S. Manuel de Arcozelo, deste concelho.
— João de Faria Cogominho, conego mestre escola da Sé de Elvas.
— Manoel de Faria, frade trino, e
— Christovam Cogominho de Faria, comendador da Ordem de Cristo, conego arcipreste da Sé de Braga e guarda mór do arquivo nacional da Torre do Tombo.

Isto no ano de 1640.

Pela respeitabilidade do seu nome e principalmente pelos elevados cargos que alguns dos seus membros occupavam, era esta familia das mais consideradas não só em Barcelos como em toda a provincia.

Pode mesmo afirmar-se, sem sombra de exagero, que á data da nossa independencia, não podia ser mais florescente a sua situação.

Para isto não deviam ter concorrido pouco as boas relações de amisade e parentesco em que estava com o arcebispo de Braga D. Sebastião de Noronha, que ao tempo gosava de grande influencia e valimento nas côrtes de Lisboa e Madrid; e foi sem duvida á protecção deste poderoso prelado, que o bispo de Martina e seus irmãos deveriam, em parte, a elevada posição que desfrutavam.

Mas como vamos vêr, foram precisamente essas relações com o Arcebispo que afinal, cavaram a ruina desta familia.

D. Sebastião de Matos e Noronha, foi como todos sabem, um devotadissimo partidario de Filipe de Castela, a quem devia, entre outros beneficios, o bispado de Elvas e, depois, em 1635, a sua transferencia para a diocese de Braga, tendo nascido em Madrid a 21 de dezembro de 1585.

Natural era, pois, que o Arcebispo, já então nomeado presidente do paço ultima praça

144

concedida pelo Filipe, não visse com bons olhos a restauração dizer a revolução que para sempre expulsára do trono portuguez os intrusos reis castelhanos; mas, não tendo podido evita-la nem mesmo opôr-se-lhe, entendeu que o mais prudente seria aceitar os factos consumados, simulando uma resignação que estava muito longe de sentir.

Assim fez o astuto primaz; e tão habilmente se houve que, logo depois da revolução, foi, conjuntamente com o Arcebispo de Lisboa e o visconde D. Lourenço de Lima, nomeado governador do reino, emquanto D. João IV não chegava de Vila Viçosa a Lisboa.

Não pôde todavia, sustentar-se muito tempo neste difícil papel o ambicioso prelado bracarense, porque, não lhe sofrendo o animo irrequieto nem a sua muita afeição a Castela que Filipe IV estivesse por mais tempo privado da corôa portugueza, bem depressa ordeu uma terrível conspiração, cujo fim era assassinar el-rei D. João IV e restituir Portugal ao rei castelhano.

A providencia, porém, que sempre patrocinou os bons empreendimentos dos nossos avós, não permitiu que tão audacioso plano tivesse execução e fez que fosse descoberta a conspiração e prezos os conspiradores.

Entre estes vemos, além de muitas pessoas da mais qualificada nobreza de Portugal, como o duque de Coimbra, o marquez de Vila Real os Condes de Val de Reys, de Armamar e outros o nosso infeliz patricio bispo de Martiria e seu irmão Christovam Cogominho, que, mais talvez por dedicação ao seu parente e amigo do que mesmo por convicção politica, haviam esquecido os seus deveres de leaes portuguezes, tornando-se cumplices dos que

defendiam a causa do usurpador.

O Arcebispo de Braga é preso nos carceres do Forte do Paço, passando depois para a Torre de Belem e, finalmente, para a de S. Julião da Barra, onde faleceu em 1641, tão contricto dos seus erros que mandou o sepultassem no adro de qualquer egreja, e lhe puzessem uma campa raza, para que não ficasse memoria do que foi.

O bispo de Martiria, sendo preso na estrada de Coimbra a Braga, fugindo, talvez, á tormenta que presentia, foi levado para a Torre de Belem, onde esteve muitos anos, e tendo sido mudado para o Convento de S. Vicente de Fóra, ahi acabou a vida.

Christovam Coqueinho, foi encarcerado no Limoeiro e, depois de julgado, condenado a morrer enforcado, mas tendo ordens menores, foi por este motivo remetido ao Juizo Eclesiastico, depois á Mesa da Consciencia, que, havendo-lhe por derogados os privilegios, mandou que se cumprisse a pena, o que teve logar em frente do Limoeiro no dia 9 de Setembro de 1641.

Assim, acabaram e tristemente, as duas vergonteas mais esperançosas dos Coqueinhos de Bancelos.

De Manoel de Faria, — o frade trino — nada conseguimos averiguar ao certo; é provavel que se finasse no mosteiro da sua ordem, talvez esquecido dos homens, mas não, sem ter vertido lagrimas pungentissimas pelo fim tragico de seus desditosos irmãos.

Finalmente, quanto a João e André de Faria, sabemos que tambem não foram de todo alheios á luta então travada entre os partidarios de el-rei D. João IV e os de Filipe de Castela confirmando mais uma vez, que

..... Los Portugueses

Alguns traidores houve algumas vezes

×

Quando a Barcelos chegou a noticia da revolução feita em Lisboa pelos ousados fidalgos da conjuração, os barcelenses trataram imediatamente de aclamar o duque de Bragança, tambem conde e duque de Barcelos.

À frente deste movimento colocaram-se Francisco de Gouvêa Mendanha e o seu parente Francisco Pinheiro de Gouvêa Ferraz, que no posto de capitam dos terços de Barcelos e, depois no de mestre de campo de auxiliares, militou no Alto Minho e em Galiza, sendo um brioso e valente militar, como refere o conde de Ericeira no seu "Portugal Restaurado".

João e André de Faria de Mariz, porém, acaudilhando um pequeno grupo de maus portuguezes, tentaram opôr-se á patriotica obra da revolução e, contrariando o generoso impulso dos seus conterraneos, deram causa a sanguentas lutas, de que saliram tão compromettidos que tiveram de expatriar-se.

Foram tantos e taes os serviços que os barcelenses prestaram á gloriosa causa da restauração, que el reiD. João IV não pôde resistir ao desejo de publicamente lhes agradecer em carta que dirigiu á Camara de Barcelos em 4 de Fevereiro de 1641.

×

Balthazar Cicio Cogominho, o desventurado chefe desta familia, que um vento de desgraça espathou pelo patibulo, pelos carceres e pelo exilio, velho, alquebrado, vergado ao peso dos anos e ainda á dor enorme de ver perdidos todos os seus filhos, succumbiu, afinal nesta vila e jaz na capela-mór da Colegiada, na sepultura de seus paes, que era que ficava do lado da epistola e junto do Arco-Cruzeiro, onde, por debaixo dos brazões dos Cogominhos e Pintos, se lia o seguinte epitafio: —SEPULTURA.DE.BALTHAZAR.DE.BARCELLOS.COGOMINHO.CAVAL-

LEIRO. FIDALGO. DA. CASA. DE. EL-REI. D. JOÃO
3º. E. DE. SUA. MULHER. CATHARINA. PINTO.

×

Querendo deixar para ultima analise o taf "Documento antigo de Instrumento de Justificação" que só tem de interessante a determinação do dia que Barcelos aclamou Rei D. João IV — "em sette do mes de Desembro do anno de mil seis centos e quarenta" — conforme unicamente o disse a 3ª testemunha Francisco Manoel Bascam (1) das cinco inquiridas e ainda conhecer-se a hora — o que foi na Igreja Pesta Villa a horas de Verporas — (hora canonica que regula ser pelas duas e meia da tarde), — como o disse o Padre João de Medella, 2º d'aquelas testemunhas, vamos dar a conhecer o itinerario dos correios, com designação dos dias em que eles se expediam, para assim melhor se fazer o estudo dos acontecimentos aqui produzidos.

Como quem procura "agulhas em palheiro", depois de um aturado trabalho fomos encontrar no Portugal — Sacro — Profano — Noticias das terras do Reino que tem correio, e as que o não tem, de que os Correios se servem — Parte III — Composto e ordenado por Paulo Dias de Niza — Bacharel formado na Faculdade dos Sagrados Canones — Lisboa — Anno MDCCLXVIII — o seguinte que muito nos ilucida (pag. 179).

"Noticia prévia e necessaria para intelligencia desta Obra"

Lisboa tem Correio duas vezes na semana: o da Beira, Estremadura, Minho e Traz-os-Montes, chega á sexta-feira, e parte ao Domingo pela manhã.

O Alemtejo, e Algarve chega á segunda feira, e parte á terça de tarde.

Não falto nos de Andaluzia, que chega á segunda feira, e parte á terça de tarde, e o de Madrid, Italia e Terras do Norte, que chegão á sexta feira, e partem á terça de tarde.

Para se saber pois em que dia se ha de escrever para os Correios do Reino se deve observar, que as terras

Nota 1) Não era apelido. Vascão ou Vasco = Habitante da região.

que tiverem adiante a letra A, que quer dizer Alentejo, e as tiverem as letras Alg., que vem a dizer Algarve, se ha de escrever pelo correio de sabado, que he o das outras Provincias assim mencionadas.

Mais se deve advertir, que as terras, em que dizemos não ha correio, são as Freguesias do Reino, e do mesmo Correio se valem as terras pertencentes á mesma Freguesia.

Terras, que tem Correios ou estafetas, no Patriarcado, Arcebispados e Bispados do Reino, Prelazia de Thomar, e Grão Priorado do Crato e algumas servem em varios Bispados (pag. 188):

.....Braga..... Barcellos

Conhecidos os dias da expedição dos correios de Lisboa, faltava-nos conhecer os itinerarios, os quaes fomos extrair de "João Bautista de Castro, Mappa de Portugal Antigo e moderno, tomo III, pag. 79 e 80 do Roteiro, Lisboa, 1763."

Itinerario dos Correios ordinarios de Lisboa - Barcellos

Lisboa - Coimbra - Sacavem - Povoa - Alverca - Alhandra - Vila Franca - Povoa - Castanheira - Vila Nova - Azambuja - Cartaxo - Santarem - Lagar - Ponte de Alviela - Almonda - Golegã - Espraganal - Lamarosa - Paiahro - S. Lourenço - Chão de Maçãs - Rio de Couros - Perucha - Almeiro - Gaita - Ancião - Junqueira - Rabaçal - Ponte Coberta - Albabidegue - Venda do Cego - Coimbra 34 leguas.

Coimbra - Porto: - Fornos - Carqueija - Meathada - Pedreira - Avelão - Aguada - Sardão - Ponte do Vouga - Albergaria-a-Velha - Albergaria-a-Nova - Pinheiro da Bemposta - Oliveira de Azemeis - S. João da Madeira - Souto Redondo - Grijó - Carvalhos - Rechousa - Porto 18 leguas.

Porto - Barcellos: - Porto - Senhor do Padrão - Moreira - Lamoeira - Novo Irmãos (o espaço desta legua é perigoso de inverno pelos grandes atolinos que ha) - Madalena - Casal de Pedro - Ponte de Arcos - Ponte da Mulher Morta -

(neste transito que é junto da Villa de Rates, ha uma ribeira, que passar) - Carcabaia (1) - Barcellos (de Carcabaia a Barcellos ha outro ribeiro, que de inverno é de má passagem) 8 leguas.

— Estudo que fizemos dos dias da expedição dos correios ordinarios de Lisboa - Barcellos, confrontada com a dos correios especiaes portadores das cartas dos governadores do Reino comunicando a Aclamação:

Dias do mez	Dias da semana	Estação da chegada dos correios ordinarios	Estação da chegada dos correios especiaes	Observações
1	Sab.	—	—	Aclamação feita em Lisboa ás 9 horas da manhã
2	Dom.	Lisboa saindo pela manhã	—	—
3	2ª feira	Santarem	Saindo de Lisboa á tarde	Aclamação feita em Santarem
4	3ª feira	Coimbra á 1/2 noite	—	—
5	4ª feira	—	Coimbra á noite	—
6	5ª feira	—	Porto das 11 para as 12h do dia	Aclamação feita em Coimbra
7	6ª feira	Porto	Barcellos pelas 12 horas do dia	Aclamação feita em Barcellos pelas 2 1/2 horas para as 3 horas da tarde
8	Sab.	Barcellos	—	Aclamação feita no Porto.

Santarem teve noticias particulares pelo correio ordinario no dia 3 e oficialmente de 3 para 4.

Coimbra, idem no dia 4 e oficialmente em 5 á noite. O Correio ordinario era feito a cavalo, partindo de Lisboa aos domingos de manhã, portanto o que saiu dáli no domingo dia 2, já em cartas particulares, dando conta do succedido, chegou no dia 7 ao Porto - (recepção ás 6as feiras) - como se verifica pelo itinerario seguido e se confir

Notas: 1) Carcabaia, logar aonde existiu uma pontelha sobre um ribeiro que passa na freguesia de Pereira, do concelho de Barcellos.

ma pela acta da Camara daquela cidade de 8, que oportunamente publicaremos, a qual diz: ..... "E porque depois disso se alcançou por causa certa por meyo de cartas particulares que vierão no ordinario de hontem....."

×

Para se relatar com certa prenza como foi feita em Barcelos a Aclamação do Restaurador, precedentemente temos que descrever, embora superficialmente, a marcha dos acontecimentos que tiveram inicio em Lisboa no dia 1º de Dezembro de 1640, o que fazemos para melhor compreensão da nossa singela narrativa.

Portugal, como se sabe, vivia sob o peso da mais violenta opressão e da mais despotica tirania.

O povo assim escravisado não escondia o seu descontentamento, ouvindo-se, como desabafo, aqui e além, cantar-se a seguinte trova popular, muito vulgar durante o periodo da usurpação:

Que el-rei D. Henrique viva
Nos infernos muitos anos,
Pois deixou em testamento
Portugal aos castelhanos.

Foi assim, com o apoio do povo oprimido, que no sabado 1º de Dezembro de 1640 quando o sino da Sé de Lisboa bateu 9 horas da manhã e se ouviu em seguida um tiro de pistola seguido de muitos outros, que um grupo de confinados chefiados pela respeitavel figura de D. Antão de Almada, debaixo de um alarido indiscritivel, bradando em altas vozes: Liberdade! Liberdade! Viva D. João IV, desarmou a guarda castelhana que estava no Paço da Ribeira e prendendo a vice-rainha regente, matou o famigerado Miguel de Vasconcelos, tendo após aclamado entusiasticamente rei, o Duque de Bragança.

N'aquele mesmo dia (pouco depois do meio dia), os confinados haviam estabelecido um governo provisorio, tendo imediatamente enviado correios ao Duque de Bragança

que se encontrava em Vila Viçosa, dando-lhe conta do triunfo.

No domingo 2 de Dezembro, rendia-se o Castelo, ficando a ex. regente e seus familiares presos no Paço de Xabregas.

O Duque de Bragança recebendo a noticia do feliz sucesso partiu para Lisboa, aonde chegou no dia 6, havendo, por essa ocasião, grandes demonstrações de regosijo.

Os Governadores apressaram-se a expedir para todas as cidades e mais importantes vilas do Reino, correios especiaes portadores de cartas dando-lhes conhecimento do triunfo da conjuração da qual resultou a Restauração Nacional e a Aclamação de D. João IV.

Como nos diferentes arquivos oficiaes e particulares de Barcelos não se tinha encontrado, até hoje, copia da carta que para aqui foi remetida, vamos transcrever a copia da que foi recebida na cidade do Porto, a qual nos dá a ideia dos termos em que todas elas foram redigidas, podendo-se, por ela, tomar tambem como certa a data da expedição das remetidas para o Norte do Paiz, o dia 8:

"Treslado da primeira Carta dos governadores pela quoall se apilidou nesta çidade a 8 de dezembro por Rey E Senhor deste Reyno de portuguall dom João o quarto que deus nos guarde amen.

Os arcebispos destes Reynos E aclamados pella nobreza em auzencia do duque fazemos saber a Camara da çidade do porto çidadeins E moradores della que anteonte o primeiro dia deste mes de dezembro a nobreza E povo desta çidade de lisboa apilidaram por Rey destes Reynos ao duque de bragança Dom João que temos mãodado chamar E nos Elegeram por governadores em sua auzençia E deserjando nos Evitar mayores escandalos demos ordens necessarias pera se Equietar ha çidade como se tem conseguido E cobrado o castello della salbando-se a gente do prizidio castelhano que estava nella E se trata de cobrar as fortalezas da barra pelo que ordenamos e mãodamos a Camara da dita çidade e moradores dela que com toda a quietação apilidem por Rey ao duque conformãodose com o que esta feito E por este correo a Viseu de como esta feito digno emzecutado no

148

que tiveram com o governador da Bahia sam todos a bem em Nenhuma duvida decidem em Lisª a 4 dias de dezembro de mil.ºs seis centos e oitenta. Dom Sebastião arcebispo primaz. do arcebispo de Lª, Bernardo pereira Carneiro e Sotomayor e assinei: (1)

— A carta atraz transcrita foi recebida em Porto em 6 de Dezembro, mas de tudo feita immediatamente a Aclamação predita, porque os Vereadores receiaram ainda a dúvida e dúvida pois de consultarem outra carta que tinha sido enviada com igual noticia ao Governador da Bahia e tinham verificado que eram "ambas da mesma calidade", e por mais noticias que tinham que foram chegando, e que a 8 d'Agosto muy fizeram a convocação dos habitantes da cidade para immediatamente á publica Aclamação de D. João IV, tendo isto logar como medida preventiva e previsão das ordens das cartas, até haver mór inteireza do caso".

— A acta da sessão da Camara do Porto tem uma redacção em que ali se faz a Aclamação tem passagens interessantissimas, as quaes transcrevemos, por nos parecerem dignas de ser de passar em Brazil:

"Sabbado oito de Dezembro de mil seiscentos e oitenta annos nesta Cidade do Porto e Casas da Camara estando ahi juntos em Camara os Senhores Juiz e Vereadores e Procurador do Concelho e Officiaes della abaixo nomeados e assignados, propuzeram os ditos Senhores que na quinta feira seis do presente mez das onze para as doze horas do dia lhes foi dada por hum mancebo huma carta dos Arcebispos de Braga e de Lisboa em que se continha que elles foram eleitos pela nobreza e povo para governarem a Cidade de Lisboa dizendo que elles foram eleitos pela nobreza e povo da Cidade de Lisboa por Governadores destes Reynos em ausencia do Duque de Bragança que a dita Cidade avia aclamado e appellidado por Rey destes Reynos com nome de Dom João quarto deste nome e que se avia mandado chamar e esperava por elles [illegible]

[illegible]

e porque lhe disse Juiz e vereadores não tinhão noticia do caso e era huma couza immensa e imaginada nem esperada se duvidou ser verdadeira a dita carta; e para melhor averiguação do caso se avistarão hoje com a dita governadora em sua casa e sendo a carta que tiverão com a sua acharão ser para ambos da mesma calidade.

E sendo ahi presentes os ditos Senhores Juiz e Vereadores que avia em negocio de tanta consideração [illegible]

(1) Livro 4º dos vereadores, fl. 207 v. Esta carta está também transcripta no livro 48 de Vereações fl. 244 v.º, mas com data de 8 de Dezembro. Vede "O Auto da Aclamação" por Fernando Fonseca, do Archivo Histórico da Cidade do Porto, nº 1 do Auto.

sentarão com elle governador e dezembargadores que se não desse parte das ditas cartas aos Cidadãos e moradores desta Cidade, por se evitarem algumas inquietações que semelhantes cazos trazem sempre consigno. E que o portador das ditas cartas se Retivesse com bom tratamento até aver mór interezo do Caso. E se fizessem outras diligencias para melhor averiguação delle como effeito se forão fazendo. E porque disprois disso se alcançou por cauza certa por meyo de cartas de particulares que vierão no ordinario de hontem que o ditto levantamento fora verdadeiro, com muita união de todos e certa aclamação do ditto Duque. E da mesma maneira a cidade de Coimbra o avia appelidado e aclamado por Rey destes Reinos assentarão que a dita Carta se comunicasse e della se desse parte aos fidalgos Cidadãos e povo desta cidade para com parecer de todos deliberarem sobre o que devião fazer e seguir em matheria tão grave e de tanta Consideração. . . . . .

. . . . . .

×

Todos os que teem acompanhado o estudo historico que vimos fazendo para indicar quaes foram "Os homens de 1640 em Barcelos" e possivelmente quaes as suas atitudes, devem estar já a compreender o enrêdo que então se preparava para emaranhar os factos que se desenrolavam nesta localidade por ocasião da Aclamação de D. João IV.

A nobreza, n'aquela epoca, era quem mandava e, como se podia impor, era a primeira a fazer derivar para campo diverso o leal patriotismo das diferentes camadas sociaes para conseguir que, desta forma, o seu bom nome sobresaisse convenientemente enaltecido.

Todavia Barcelos pondo de parte certas veleidades, soube bem compreender o desempenho do seu papel de bom portuguez, mas cá dentro, no decorrer do Movimento, queriam comer a cabeça uns aos outros, na ansia de realçar os seus esforços a bem da Cauza.

×

D. João IV, uma vez Aclamado Rei de Portugal, em carta, soube dizer, por virtude de informação do Capitão general desta provincia D. Gastão Coutinho, "do amor e fidelidade", prometendo categoricamente, nessa carta, datada

de 4 de Fevereiro de 1641, "fazer favor e mercê em comum e em particular conforme os méritos de cada um".

Entrementes o licenciado Manoel da Rocha Freire, "em Fevereiro o primeiro de 642", oferece a seu Principe & Senhor D. Theodosio uma "Relaçam do que fizeram os moradores de Barcellos do dia que aclamarão a sua Magestade, até o ultimo de Janeiro de 1642", escrevendo como preambulo desta . . . . . .

"Louvores em boca propria muito alto & Soberano Senhor, estão censurados por vilezas, porém n'esta occasião não incorrem esta censura os que se dirigirem a acreditar fidelidades de vassalos, & a dar animo & brios para defensam da patria.

. . . . . .

E assi ainda que eu, por ser natural da Villa de Barcellos, pareça testemunha apaixonada, defendermehei com a verdade do que relato . . . . . ."

Ao compulsar mais dados historicos, aparece-nos, de 6 de Junho de 1642 o "Documento antigo de Instrumento de Justificação em que Francisco de Gouvêa Mendanha; morador nesta Villa de Barcellos, que elle lhe he necessario justificar diante de Vossa Mercê o seguinte: - Que elle Supplicante Francisco de Gouvêa foi a primeira Pessoa que Levantou, e aclamou por Rey nesta Villa de Barcellos a El-Rey Dom João o Quarto Nosso Senhor, e isto foi em sexta feira sette do mes de Dezembro de mil e seis centos e quarenta annos. . . ."

Lidos com merecida atenção e ponderação estes tres documentos, muitos nos dizem nas suas entrelinhas!

Pelo estudo de tres documentos se vê que a acção, ou antes, a atitude patriotica deste Mendanha, ficava esquecida ou era posta de parte e com ele era pessoa categorisada da terra, recado que nem o Capitão Mór da Villa João Rodrigues Fontoura, nem o licenciado Manoel da Rocha Freire apontaram o seu nome nas informações prestadas ás Magestades, julgando-se, talvez, por tal motivo, amesquinhado, teve de recorrer á prova testemunhal requerida ao "Juiz Inqueridor", para dizer de si o que entendeu por bem e melhor, não nos tendo sido

possível conhecer ao certo a razão de tal procedimento.

Os nobres de Barcelos, de facto, empenharam-se para que a elevação ao trono de D. João IV ficasse bem cimentada e galvanisada no espírito nacional e, para isto, não só comprometeram as suas vidas como até os seus haveres, mas como sempre, todos gostavam ser honrados pelos bons serviços prestados, d'ahi a intriga local a querer fazer a historia falsificada do que na realidade se passava.

Francisco de Gouvêa Mendanha, parece-nos, fazendo parte da Camara, a convite especial de Luiz da Cunha, Juiz de Fóra (que era nessa altura o presidente da Camara), no dia 7 de Dezembro de 1640, reunindo-se com todos os vereadores para tomarem conhecimento da carta que os Governadores do Reino com data de 3 d'aquele mez enviaram por correio especial dando-lhes conta do triunfo da conjuração e pedindo-lhes a aclamação de D. João IV.

Depreende-se que houve por parte do Juiz de Fóra Luiz da Cunha, certa relutancia em tomar como boa tal noticia e assim receando uma cilada, discordou da imediata aclamação (1) opinião que Francisco de Gouvêa Mendanha e outros não acataram. O Mendanha saindo, foi a casa, chamando e reunindo parentes e amigos, vem para a rua, coxeando e sempre agarrado á moleta sua companheira inseparavel, pelas 2 e meia da tarde, dirigem-se á Igreja da Colegiada aonde todos os do seu grupo, impulsionados pelo amor patrio e cheios de verdadeira alegria e satisfação, como que atrahir o clero da Colegiada, que n'aquele tempo era numeroso, ao entrarem ali, Francisco Mendanha foi o primeiro a gritar, batendo febrilmente com a "molleta no cham: Viva Dom João Rey de Portugal!" a cuja aclamação, como era de esperar, se agregou o clero da Colegiada, subindo alguns á Torre a repicar os sinos e d'ali, saindo

com o povo que se ia apintando, foram pelas ruas da vila com constantes e calorosas ovações de aclamação ao duque de Bragança como Rei de Portugal.

Estas manifestações sucederam-se em dias seguidos e cada vez com mais calor e esperança, e n'uma delas foram até á Ermida do Bom Jesus da Cruz, talvez com o intuito de passarem junto do pupo barcelense que chorava pelo usurpador, aonde se encontraram com o Conego Cristovam Coprinho de Faria e seu irmão André de Mariz, Abade de Arcozelo, muito afeiçoados a Filipe III, os quaes capitaneando um pequeno grupo de adeptos se propunham opôr-se á manifestação, havendo, por tal motivo, troca de palavras de parte a parte, resultando aquele ter recebido um ferimento na cabeça.

Não podemos dizer ao certo o que depois se passou, todavia, as boas novas foram chegando com mais clareza e então pelas ruas da Vila, nesse dia e seguintes, recrudesceram as manifestações.

Os capitães das ordenanças debaixo das ordens e orientação do Capitão Mór da Vila João Rodrigues Fontoura, foram chamando e reunindo os seus homens para defeza da Patria, n'essa ocasião bastante ameaçada, marchando para fóra da localidade em auxilio dos que os reclamavam, conforme se vê pela documentação atraz transcrita.

×

Por tudo quanto se tem demonstrado, se vê claramente a altivez da Nobreza barcelense, a qual procurou marcar devidamente e bem a sua posição.

Outro tanto sucedeu com o Clero que tomando sempre espontaneamente parte em todas as manifestações de regosijo, acompanhou a par e passo tudo quanto a Nobreza fez e, mais ainda, pelo que sujeitou ás suas obrigações religiosas, alicerçou inequivocamente a sua rasgada adesão com a pratica de adequados actos de culto Catolico.

39

No dia 1.º de Dezembro de 1640, como a gente portuguesa tinha os dias, encontraram-se na rua alguns fidalgos que hiam presurosamente todos, juntos até o Alcaide de Arcozello, e lhe disseram que os Reaes Padres Cazas que estavão nesta Villa, o hiam prender. Cazo d'agulha porque andavão avisados, que serão Cazados agulhas com- zas serão depois do Jantar, e andava amiudando com os Fumbos de Castella (1) estes precipitadamente correram ao seu Convento, a Villa de Barcellos, a dar emboscada aos aventureiros, pello que toda a comunidade sem hesitação, no dia imediato 2 de Dezembro - (dia de Nossa Senhora da Conceição), - se dirigio a esta Cidade, de todos Alegria, fazendo celebrar- mente a Aclamação do D. João IV Rei de Portugal.

Para emfeitação desta atitude foi grande de dous, refiramos o que Fr. Francisco de Santa Maria, nos diz a fls. 392 e 393, - Capitulo VII - do seu livro "O ceo aberto na Terra" - (1697) - :" . . . . . .

O Eminentissimo Senhor Cardial de Alencastro, sendo Arcebispo de Braga entrou hua manhã como a nossa Igreja de Villar com procissão de avi- so. Na Igreja não estava pessoa alguã de fora, e os nossos Conegos cantarão a Missa da Terça a canto e orgão com tanta harmonia de instrumentos, e vozes, com tanto apparato de luzes, com tanta vigilancia e acerto nas Alta- ras que ficou justamente admirado (como elle os despois referio), formando grande conceito de quem assim se emprenhava nos obsequios de Deos, com fazer cazo dos olhos, até dos applausos do mundo.

No mesmo convento estive muitas vezes e cada vez por muitos dias. A mesma benignidade, e fama achou Villar no Illustrissimo D. Luiz de Souza, ultimo Arcebispo de Braga, quando isto se escreve. De tantas estimações se fez digno este convento pella amistosa affabilidade e notoria fama de sanctida- de, q. nelle sempre houve. Não deixaremos de referir por cousa desta Capitulo a Jihya de verdadeiro Portuguez, que mostrão os nossos Conegos de Villar, tanto que lhe chegou a nova de que o Serenissimo Senhor Dom João Duque de Bragança, havia sido aclamado Rey de Portugal, logo nos mesmos portaes praticão em comunidade com Rey Alcada, para a Cathedral da Villa de Barcellos (Patrios dos primogenitos d'aquella Real Casa) onde cantarão em grande solemi-

(1) Nota A) - Do "1640 em Barcellos", de J. M. Sampaio

dade de vozes instrumentos e Te-Deum laudamus, concorrendo infinita multidão de
mulheres, de povo, que com alegres vivas e aclamações, fizeram mais solemne aquella
acção, que em tal tempo foi muito estimada, e que os antigos Conegos foram sempre
muito Devotos".

De tal sorte foi concluida a Aclamação de D. João IV para nella
dá a Camara, enfeitando a rotunda da Sé, mas a Elvas em
1720, - (oitenta annos depois!), - ainda na antiga Vida de Bar-
bosa, justificavam esse fanatismo acontecimento, como a pagina
166 e 167, nos diz "O livro das Visitações do Cabido de Elvas": —
"..... .....
No primeiro Domingo do Advento q. deste anno próximo dia do Apostolo de anno de
1724, selega a Procissão da Aclamação de Rei Rey D. João IV e como devido nesse
dia digase duas missas cantadas huma do Cabido cantada pelos Conegos, e outra
votiva em acção de graças ordenada digão pelos vereadores com omissão do canto
do orgão, e como Kamtum nesse dia haviase de pregar como era de estilo
se resolveo no Mes vendo presidente o Reverendo Antonio de Amorim Fern. q. acabada
de cegar a prima Missa com alviver odigo omissão da prima oração, e as depois
de já cantar a terça, depois della se disse a missa do mesmo advento cantada pelos
Conegos conforme o estilo, e disse assim a oração pro gratiarum actione, e huma
vez Rei omissa reforo satisfazendo pela q. obraria de dejo a canto do orgão pelo
altar mor da Banda, que é dentro, cantada a missa se segue a terça, e dahi se
fez a Procissão: posse este advertimento declaração por se digo que em caso de
semelhante dias q. emcaso semilhante se ha de fazer de outra ocasião."

A Elvas como a Portugal, com Barreto, aplaudiram já Camara
dos Traidores, demonstrações bem e por acabado festejamento.

Ignoro que em casamento Jaboa de Serra, fizesse com
mais já se ajustou, mas parece de ditado aforia para que
a Restauração de Portugal se fizesse extensiva de todos os Portu-
guezes:

"O peito desse povo é grande como o espaço
Cabendo como o mar e duro como o aço.
Levou-se a sua fé a humanidade inteira,
E a cada passo [illegible] eterno acontecimento,
Hoje, ora, vós — segundo a cada passo,
Nasce um acontecimento digno de ser lembrado (1)

Notas: 1) De algumas folhas dispersas de jornais "As Comunidades da Patria", cujo
autor se ignora.

A imediata Aclamação de D. João IV feita na nossa antiga vila após a recepção da carta dos Governadores do Reino, foi tão espontânea e grandiosa e produziu tal eco, que no dia 8 de Dezembro de 1640 quando a Camara da cidade do Porto tomou a resolução de a levar a efeito, ao lavrar a respectiva acta, - (documento que já nos ocupamos), - tomais mais a seguinte resolução que, não se referindo a Barcelos, nos dá a certeza de já ali haver seguro conhecimento do que aqui se havia produzido: ....
E logo acentarão que se Escrevesse á cidade de Braga, Viana, Porto do Lima, Amarante, Guimaraens, E Vila Real, Vizeu, Pinhel E Trancoso, E se despachassem proprios com as ditas cartas em toda a diligencia dando-se-lhe Conta do que esta Camara avia feito, E que para melhor instrução do que devião fazer lhe fosse tambem inserta a copia da Carta que esta Camara teve dos governadores E cuja copia hé a que se segue - Bernardo pereira Carvalho o Escrevi."

O Porto mostrou-se por esta forma arrependido da atitude tomada e, como adquirir a certeza do triunfo da Revolução, quiz, não só pelo seu exemplo, mas até pelos seus conselhos, conseguir que as localidades que se conservavam ainda indecisas, fizessem imediatamente a Aclamação pedida pelos Governadores do Reino, para evitarem, não o desanimo em Lisboa, mas quaesquer outros entraves que podessem surgir de momento a, embora aparentemente, dessem esperanças aos castelhanos e seus adeptos de voltarem a usurpar os nossos sacrosantos direitos nacionaes.

Era a alma nacional a falar!

×

De facto o rumor da hesitação e da demora que houve no Porto e outras terras do Paiz em não satisfazerem prontamente o pedido feito pelos Governadores do Reino, chegou célere a Lisboa e tanto que D. João IV - (a 13 de Dezembro), - alguns dias depois de ali ter chegado e antes do seu juramento em Cortes como Rei, estranhando tal atitude, expediu nova carta de Lisboa para o Porto, dizendo parecer-lhe ter sido já aclamado n'aquela ci-

dade, mas se tal ainda não tivesse sucedido, o fizessem sem demora, recomendação que não foi, nem consta ter sido recebida em Barcelos, prova evidente que em Lisboa já tinham perfeito conhecimento do que os barcelenses tinham praticado. (1)

Nesta ordem de ideias, "não queremos ser tinco nem russo", desejamos dizer apenas duas palavras a respeito do "Documento" que serviu de base ao excelente trabalho a que J. M. Sampaio deu o nome de "1640 em Barcelos".

Desde que detidamente lhe fizemos a primeira leitura, ficamos com a impressão de que alguma coisa de verdade diz á posteridade, mas ficamos com a convicção de que tal documento encerra certo mistério, tentando ocultar qualquer coisa que em lugar de lisongear o nome de Francisco de Gouvêa Mendonça, o amesquinha e deprime.

Esta criatura que era pessoa consideradíssima em Barcelos e se diz foi um dos que primeiro se prôz abertamente ao lado dos conjurados de Lisboa em 1640, alguma coisa tem de mau na sua conduta, cujo procedimento serviu de pretexto para o apontarem como desafecto á gente de D. João IV e tanto que tendo requerido para provar, por meio de testemunhas qual o seu procedimento, o que conseguiu, se vê:

1º — Que nem todas as testemunhas por ele apontadas, foram inquiridas, sem disso se dizer o motivo da sua recusa;

2º — Que da referida inquirição não consta quaes foram as individualidades em destaque que consigo tomaram parte na espontanea Aclamação feita em Barcelos, apesar de na sua petição dizer "..... e logo com muitas pessoas nobres e do Povo, Eclesiasticos e Seculares fo-

Nota: 1) — D. João IV fez juramento como Rei em Côrtes remidas a 15 de Dezembro de 1640. Vidé Encyclopedia de Applicações usuaes (pag. 683 e 684) por João Bonança — Lisboa — 1903.

não por esta dita Villa e Ruas Publicas della fazendo o mesmo....." razão porque somos levados a crêr que por qualquer malquerença se tentou desviar ou ocultar o nome de alguma que pelo seu procedimento viesse ofuscar o do Francisco de Gouvea Mendanha.

3º — Porque seria.... Que pelo dito respeito padeceo elle Francisco de Gouvea Mendanha muitos trabalhos, gastos e vexações o que quer tudo justificam (1) requerendo uma inquirição de testemunhas para provar aquilo que fez e não requereu antes uma copia ou publica forma da "Alçada" que contra ele se moveu nesta localidade, donde melhor colheria dados para provar o seu grande patriotismo a pontos de ter padecido muitos trabalhos e vexações, para assim se justificar como pretendia?

4º — Porque seria que, tendo o referido Mendanha sido o primeiro ou dos primeiros aclamadores de D. João IV, em Barcelos no dia 7 de Dezembro de 1640, só quiz fazer esta justificação em 5 de Junho de 1642, cujos trabalhos de cinco testemunhas se concluiu a 12 de Novembro de 1643, data em que lhe foi entregue copia da copia da tal inquirição.

".....Segundo o que todo assim e tam cumpridamente hé contheudo, e declarado na dita Justificação, e com o traslado della passei este Instromento em Paulo de Carvalho Tabelião do Publico e Judicial nesta Villa de Barcellos e seu termo por El Rey nosso Senhor dou fé que vai na verdade e o Subscrevi e Consertei, e assiguei, reportando-me aos proprios autos e a outros traslados que delles passei, hoje em Barcellos, aos onze dias do mes de dizembro doze dias do mes de Novembro, do anno de mil e seis centos e quarenta e trez annos....."?

Faltando como faltou as actas da Camara de 1640 a 1644 as quaes, com certeza, nos davam conta de tudo quanto, na verdade, se passou em Barcelos, não se trata de conhecer por outros documentos o que nos venha fazer luz neste assunto?

Por nossa parte estamos empenhados em que tudo se esclareça e, para isto, já algumas diligencias temos

Nota: 1) Vide Nobiliario Felguim Gonçalves, vol. 17 - DEF - S. 45

encetado cujo resultado oportunamente faremos divulgar.

Podemos contudo esclarecer desde já, que o "Documento de Justificação" julgado "interessante" para quem o queira esclarecer, como nós desejamos verificar que de facto tendo qualquer coisa de verdade diga qualquer coisa de "interessante" o deve julgar antes um "documento misterioso" instruido e passado dois anos depois da Conjuração de 1640, nele se torna como "compére" dos acontecimentos barcelenses um Antonio de Faria irmão do Bispo de Martiria e do Abade André de Mariz, filho de Balthazar Cicio de Barcellos Coponinho, cuja personagem nunca existiu!

É o que nos diz o linhagista Manoel José da Costa Felgueiras Gayo, falando desta familia.

Nº 10 — Gracia Mattos fª de Anna de Mattos nº 9 casou com Balthazar Cicio Coponinho de Barcellos fº de Balthazar Barcellos e sua mulher Catarina Pinto de Lima nº 9 de Santarem nº de Barcellos Sº 2 nº 3.

"Francisco de Faria Bispo de Martiria

"André de Mariz q. teve bripas com Franco de Gouvea 3º fº de Gouvea Sº 14 nº 19 sobre a Aclamação de D. João 4.

"João de Faria Mel Escola de Elvas

"Fr. Mel Padre Frino

"Christovão Coponinho de Faria, guarda Mór da Torre do Tombo Cº da Ordem de Cº, e Commendador e Conego Acipreste q. foi da Sé de Braga achou-se nas bripas q. teve seu Tronto com Franco de Gouvea.

Comentar mais? Para quê?

A nossa narrativa foi até aonde entendemos devia ir para pôr em evidencia a gente barcelense que tomou parte nos acontecimentos produzidos na nossa muito nobre e antiga Vila por ocasião da "Restauração de 1640".

Resta agora que o nosso Povo saiba localmente realçar o seu patriotismo, associando-se de alma e coração ao previsto no Programa Calendario

das Festas Nacionais de 1940.

Viva Portugal!

Fim.

Francisco Cardoso Lobo

Tenente

X

BARCELOS

A Fôrca

O padrão-cruzeiro do «Senhor do Galo»

Reconstruido dentro do recinto das ruinas dos Paços dos Duques de Bragança — Museu Arqueologico Municipal de Barcellos.

Padrão do Senhor do Galo (séc. XIV) — actualmente no Museu Arqueológico de Barcelos

PADRÃO DO SENHOR DO GALO

= Fôrca =

Ou

= Padrão do Senhor do Galo =

(Da Noticia descriptiva, por A. M. do Amaral Ribeiro) - (1866) -

. . . . . .

Havia em Barcelos permanentemente levantada uma Fôrca, o que não nos consta, que sucedesse senão em Lisboa e no Porto.

Era em Barcelinhos no monte de S. Miguel o Anjo conhecido hoje pelo logar do Senhor do Galo, que eram justiçados os criminosos.

Ainda lá existe em pé, dentro de uma bouça de mato tapada, a fôrca de pedra de cantaria com uma plata-forma, que, no logar da antiga, a Camara mandou fazer, como consta do termo dessa arrematação da obra, lançado a fl. 17 v.º do livro que servia em 1712 e data de 26 de Janeiro.

Distante desse patibulo cêrca de oitenta e tantos passos, mas em frente dele, e na ourela da antiga estrada, que da Vila segue para o Porto, existe um antiquissimo monumento de pedra, que deu o nome de Senhor do Galo a esse logar, e memória, segundo a tradição, o milagre de ter sido livre do patibulo por S. Tiago um galego inocentemente condenado á fôrca, ficando bamba a córda, que lhe servia de laço, e ele suspenso no ar, como se alguem o sustivesse ou lhe ficasse sotoposto; a isso aludem algumas das figuras lavradas no monumento, cuja descrição minuciosa e fiel é a seguinte:

Consta ele de um quadrado de cantaria de pedra grosseira em forma de dois degraus, dos quaes o da base tem 7 1/2 palmos de comprimento para cada lado, e pouco mais de um de altura; o segundo 5 1/2 de comprimento para cada lado e a mesma altura, que o outro; no centro tem um pedestal com tres palmos

para cada lado e palmo e meio d'altura.

Está engastada a prumo neste pedestal (mas bastante inclinada, e em risco de cair) uma pedra de 7 palmos escassos de altura, 2 e 1/4 de largura e 1 de grossura.

Na face que está virada ao Sudoeste tem lavrada em relevo a figura de um homem pendente de uma corda bamba, amarrada ao pescôço, e por baixo outra figura com a cabeça e com a mão esquerda na atitude de soster as plantas dos pés do homem, que pende do laço e tendo na mão direita um bordão com uma cabaça, pelo que denota ser S. Tiago.

Na face oposta, isto é, na que olha para o Nordeste, tem em cima n'um canto a figura do sol, e no outro o da lua; ocupa o centro uma figura, que parece ser Nossa Senhora, e por baixo outra, que se assemelha á de S. Bento, por ter na mão direita um cajado, e na esquerda um livro aberto.

Em cima dessa grande pedra assenta uma cruz com sua peanha, tudo de uma só pedra com 6 palmos d'altura; de ambos os lados tem a cruz a imagem de Cristo crucificado e na peanha na face do Sudoeste, logo abaixo dos pés do Senhor, e acima da cabeça do justiçado, a figura de um Galo, virado para o lado da fôrca, que d'ali se vê, e dista cêrca de oitenta e tantos passos; e na face do Nordeste, igualmente logo abaixo dos pés do Senhor a de um chapão mui tosco.

Se bem que todas as figuras sejão muito toscas e posseiramente feitas, o que além da imprecicia, mostra muita antiguidade, comtudo devia ter custado bastante dinheiro esse monumento, não sendo por isso de crêr que fosse erecto para outro fim senão para memorar o facto, que a tradição confirma, com mais ou menos versões, como de ter cantado um Galo assado, etc, etc, como prova da inocencia do reu.

Não havendo, que nos conste, nada escrito a tal respeito deixamos de referir o facto com os episodios, que andam, na bôca do vulgo.

Em eras mais remotas existiu a fôrca além do bairro, onde está sito o recolhimento do Menino Deus, chamando-se ainda a esse sitio a — fôrca velha.

Não ha muitos anos, que ainda lá existia um pilar do patibulo.

Mudar-se-hia d'ahi a fôrca para o Monte de S. Miguel, junto á estrada do Porto, por ser mais frequentada e patente esse sitio do que aquele outro?

. . . . . .

×

Esta obra foi feita tal qual consta desta descripção por Gonçalo Gonçalves, da freguesia de Santiago, da Vila de Caminha, pela importancia de 33:000 reis — (Vidé acta da Camara de 25 de Janeiro de 1712, já citada).

×

Nota: = A Fôrca =

Pequeno monumento mandado fazer pela Camara no Monte de S. Miguel, de Barcelinhos, como consta do Auto de Arrematação desta obra a folhas 17 v.º do respectivo livro com data de 26 de Janeiro de 1712.

×

= A Fôrca de Barcélos =

No Arez (de Cima-lopar de Barcelinhos — do lado direito da estrada que por Alvelos vae ás Fontainhas, encontra-se (1929) dentro de uma bouça os vestigios de um padrão de triste memoria legado por nossos antepassados.

É o estrado de pedra onde era armada a Fôrca de Barcelos e que a Camara de Barcelos mandou fazer em 1712.

Do lado esquerdo da mesma estrada, em outra bouça, enquia-se outro padrão, commemorativo de um facto envolto em lenda e á qual em outra parte nos referimos, conhecido pelo nome do Senhor do Galo.

Este padrão foi retirado daqui e colocado, tal como está, no Museu Arqueológico Municipal, nas Antigas Casas dos Contos de Barcelos.

PADRÃO DO SENHOR DO GALO

— A Fôrca —
— de Barcêlos —

No Areal de Cima - (logar de Barcelinhos) - do lado direito da Estrada que por Alvêlos vae ás Fontainhas, encontra-se (1929) dentro de uma bouça os vestigios de um padrão de triste memoria legado por nossos antepassados.

É o estrado de pedra onde era armada a Fôrca de Barcêlos e que a Camara de Barcêlos mandou fazer em 1712.

Do lado esquerdo da mesma Estrada, em outra bouça, erguia-se outro padrão, comemorativo de um facto envolto em lenda e á qual em outra parte nos referimos, conhecido pelo nome do Senhor do Galo.

×

Constava este ultimo padrão de um quadrado de cantaria de dois degraus, no centro erguia-se um pedestal de pedra onde tinha gravado em relevo a figura de um homem dependurado de uma corda ao pescoço e por baixo outra figura na atitude de o suster com uma mão; figura essa que pelo bordão e cabeça que tem na outra mão parece ser Sant'Iago.

Na face oposta desse pedestal [illegible] em cima de um lado a figura do sol e do outro a da lua; no centro a imagem de N.ª Senhora e por baixo o[illegible]tra que parece a de S. Bento.

Em cima do pedestal tinha uma cruz com a imagem de Cristo crucificado e entre os pés do Cristo e a cabeça do justiçado via-se a figura de um galo e do outro lado, á mesma altura, a figura de um dragão.

Este padrão foi retirado d'aqui e colocado, tal como era, Museu Arqueologico-Municipal, nos Antigos Paços dos Condes de Barcêlos.

×

= A Forca =

Tem cima o "Padrão" a que atraz nos referimos.

= A Fôrca = "Lenda do Senhor do Galo" =

(D'"O Minho Pitoresco" de J. Aug.to Vieira - pag. 148 - 1887)

. . . . . Um monumento nos resta descrever em Barcelos, que é do "Senhor do Galo," representado na nossa gravura em uma das suas faces, por ser a que melhor recorda a lenda.

Encontra-o o leitor em uma bouça de pinheiros, que forma o angulo de encontro das duas estradas, que logo ao sair de Barcelinhos seguem, uma com destino á estação das Fontainhas do Caminho de Ferro da Povoa, outra vicinal, atravessando Alvélos, terra que pertenceu ao Conto de Vilar de Frades e onde houve antigamente um convento de freiras benedictinas, sendo tambem ahi o solar dos Alvélos e seguindo depois para o sul do concelho, atravez a freguesia de Remelhe.

Essa bouça foi cortada pela primeira estrada, ficando do lado direito a antiga fôrca, hoje ruina, construida em 1712, e segunda de Barcelos, ao que parece, pois ha do lado da vila, proximo do Recolhimento das Beatas, um sitio chamado a "Forca Velha", onde provavelmente foi a primitiva.

Do lado esquerdo fica o Monumento do "Senhor do Galo", cuja historia se conta da seguinte forma: — Ia Caminho da fôrca um condenado galêgo, — diz a lenda, — o qual para atestar a sua inocencia protestou n'este logar: — Que estava tão inocente, que antes d'ele ser enforcado cantaria ali um galo assado, como prova da sua inocencia. O milagre assim annunciado foi esperado com viva anciedade, e quando realmente o homem estava já com o laço ao pescôço a corda ficou bamba por milagre de S. Tiago, e o galêgo suspenso no ar, com manifesto desprezo das leis da gravidade.

A face do padrão, que a nossa gravura reproduz, (a folhas 30 v.º do XI Volume destes Apontamentos), memora o estranho facto, vendo-se na outra face não menos toscas figuras, representando o sol, a lua, trossa

Senhora e S. Bento, se é que a interpretação não
erra a modelação do artista, tão típica como as suas
criações.

= A Fôrca = "Lenda do Senhor do Galo" =

Tendo sido condenado a morrer na fôrca um nosso hermano de além Minho por crime que não praticára, apegou-se com Nossa Senhora e com o seu patrono Santiago para que o livrassem da pêna que ia sofrer.

Numa inspiração súbita, pediu para ir á presença do Juiz, que o recebeu estando a jantar.

O galêgo jurou estar inocente e disse que para prova da sua inocencia um galo assado, que estava na meza do Juiz, se levantaria e cantaria.

Operou-se o milagre e o condenado foi sôlto.

Em memoria deste facto mandou erigir um padrão em frente á fôrca, na freguesia de Barcelinhos.

— Este padrão encontra-se hoje no Museu Arqueologico de Barcélos.

×

PADRÃO DO SENHOR DO GALO — MUSEU DE ARQUEOLOGIA — IGREJA MATRIZ

O padrão cr[illegible]hor do Galo»

À esquerda:

O Padrão do Senhor do Galo (monumento de pedra) que se encontra hoje reconstruido no Museu Arqueologico Municipal, adentro das ruinas dos Paços dos Duques de Bragança.

= O Padrão Barcelense do "Senhor do Galo" =

= Na evocação duma lenda maravilhosa = –

O Padrão ou cruzeiro do Senhor do Galo – já velhinho de mais de cinco séculos, de tosca arquitectura, talhado em duro granito, ao jeito e ao gosto dum ingenuo estilo romanico – erguia-se outrora, como um monumento votivo, no antigo e sombrio "lugar da Forca", na eminencia do "Monte" de S. Miguel-o-Anjo, em Barcelinhos, á margem da estrada que conduz a Fontainhas e a curta distancia do traçado dum outro ramal de estrada que estabelece direita comunicação com a vizinha freguezia de Remelhe.

Caprichosamente decorado com diversos motivos de simbólico caracter religioso e profano – de entre os quaes as imagens dum Cristo Crucificado e da Virgem, do apóstolo S. Tiago e de S. Bento, a par da figuração do Sol, da Lua e dum galo "cantador"... –, nesse padrão ou cruzeiro destaca-se ainda a figura dum homem suspenso da corda duma fôrca, cujo nó corredio não se apertava, porém, no pescoço daquele condenado á morte.

Este estranho pormenor, assim como os que se relacionam com o simbolismo das demais figuras esculpidas no granito daquele padrão, tem sido motivo de diversas interpretações – todas elas, sem duvida, fantasiosas.

No entanto a lenda que, a tal respeito, se mantém

ainda na tradição oral do povo, réza assim: - Era uma vez um galego que residindo por aquelas paragens, foi acusado de haver cometido um monstruoso crime.

Embora repudiasse, clamorosamente, a grave acusação que lhe imputavam, foi condenado á pena infamante do patíbulo.

Desesperado já da clemencia dos seus julgadores, o pobre homem "apegou-se a S. Tiago para que lhe valesse nesse transe crucial, depois de haver "profetizado" deante de quem lavrara a inapelacavel sentença.:

Antes de eu morrer, ouvireis, por tres vezes, um galo a cantar!...

E assim sucedeu. Nessa mesma tarde, no momento em que o condenado subia os degraus da fôrça, aquele magistrado preparava-se para trinchar um galo assado que lhe serviram ao jantar

De repente o galo "ressuscitou" e, batendo as azas, fez ouvir a sua voz, por tres vezes, num canto vibrante e repenicado....

Cumpria-se o vaticinio do condenado.

Atormentado em sua consciencia, aquele magistrado, correu até ao patíbulo e, com seus proprios olhos, pôde verificar que o bom do galego vivia ainda, pois uma força sobrenatural apoiava-o e sorgeria-o pela planta dos pés, evitando, assim, que o nó corredio que o deveria estrangular se lhe apertasse na garganta. Confirmada, assim, a inocencia desse homem, logo ele foi liberto e publicamente reabilitado na sua dignidade ultrajada. É este maravilhoso e lendario episódio o que, embora ingenuamente, se consagra e se comemora naquele votivo "padrão do Senhor do Galo" - que, como precioso e interessante documento etnografico, poderá vêr-se e admirar-se, ainda hoje, no Museu Arqueologico de Barcelos, instalado entre as historicas ruinas do seu antigo paço ducal.

×

"Lenda do Senhor do Galo"

Ao sair de Barcelinhos para Abelos vê-se numa rampa alta da estrada o nicho do "Senhor do Galo", que dizem ter a seguinte origem:—

Um dia passou por ali uma familia de romeiros que iam para Santiago de Galiza.

Hospedaram-se n'uma taberna que ainda ali se vê nas visinhanças, como levavam um farnel bem sortido de salpicões e frangos cosinhados pouco gasto fizeram ao taberneiro que era homem de más entranhas e lhes ficou com grande raiva por não poder carda-los a seu modo e por isso lhes armou uma rente, para se vingar e entrega-los á justiça.

Sem ser visto meteu no saco d'um romeiro um talher de prata e foi dar parte ás autoridades.

Feitas as buscas, foi logo condenado á fôrca o que levava o saco do talher.

O homem vendo-se no maior apuro da sua vida, puxou de um frango que levava no saco, pô-lo em cima da meza e disse para os homens da justiça que ali estavam: "É tão certo eu estar inocente como este galo cantar."

Logo aquele se levanta e começou a cantar com grande espanto e terror de todos os circunstantes.

Reconheceu-se a inocencia do romeiro e foi condenado em seu logar o taberneiro, que lhe levantara o falso testemunho.

Outra variante diz que já o romeiro estava a pernear na fôrca, quando por ali passou alguem que notou que ele estava perfeitamente vivo e o veio dizer ao taberneiro.

O taberneiro estava no meio do seu jantar e exclamou:— "Isso ha-de ser verdade quando cantar este galo que aqui tenho no prato."

E logo o galo se levantou a cantar.

Todos ficaram aterrados e acodiram ao logar da fôrca.

Reconheceu-se a inocencia do homem e foi condenado em seu logar o taberneiro.

(Das "Tradicções populares, linguagem e toponymia de Barcelos", por A. Gomes Pereira — 1915).—

164

165

Datas históricas

Figuras nobres de Barcélos

Datas históricas

1898 – Em 15 de Junho foi escrita a Colegiada de Barcelos que teve por último Abade Dr. José de Arruda Pereira Leite.

×

1874 – Por escritura pública de 30 de Junho, foram concedidas à Câmara Municipal as ruínas dos Paços dos Condes – Duques.

×

= Datas Historicas =

6 de Junho de 1126 – D. Afonso Henriques estando com sua mãe D. Tarja no Castelo de Faria – "Alcaçar Real dos tempos dos reis de Leão" no dizer de Alexandre Herculano – fez Couto ao Mosteiro de Manhente, divisando por marcos e balisas as terras que lhe contava.

×

1256 –

D. Afonso V confirma em Santarem o foral dado a Barcelos por D. Afonso Henriques em data indeterminada.

×

1298 –

Por carta de 8 de Maio, el-rei D. Diniz, fez 1º Conde Donatario de Barcelos D. Afonso Telo de Menezes, sendo Barcelos o primeiro condado territorial portuguez.

×

1370 –

Nasce (em Lisboa) D. Afonso 8º Conde de Barcelos e 1º Duque de Bragança, o grande reformador e restaurador da vila de Barcelos, que mandou cercar de fortes muralhas.

×

1373 –

Sendo sitiado o Castelo de Faria pelos castelhanos, dão-se junto aos muros d'aquele Castelo os feitos heroicos dos seus Alcaides Mno Gonçalves de Faria e seu filho Gonçalo Mnes de Faria.

×

1464 –

É erecta Igreja Matriz da vila de Barcelos, uma Colegiada, extinta por Decreto de 1 de Dezembro de 1869.

×

1515 –

Em 7 d'Agosto D. Manoel I deu foral novo a Barcelos.

×

1520 –

Por carta de 12 de Maio, D. Manoel II, une ao Hospital

de Barcelos os bens da sua antiga Gafaria.

×

1800 –

Em 24 de Janeiro cae a torre, abalada pelo terramoto de 1755, que existia sobre a Ponte, junto ao Palacio dos Condes, Duques de Barcelos.

×

1928 –

Em 30 de Agosto é elevada á categoria de cidade a notavel e antiga vila de Barcelos.

×

1933 –

Em 30 de Agosto Barcelos é classificada como estancia ou Zona de Turismo.

×

1854 –

Em 25 d'Agosto veio a Barcelos Alexandre Herculano, colher dados para a Historia do Castelo de Faria.

×

1372 – Em 5 de Fevereiro o julgado de Penafiel de Bastuço e o Couto de Baizão foram concedidos ao concelho de Barcelos

×

1441 – Por carta de 21 d'Abril o Dr. Pedro Esteves, a quem se deve a construção do Solar dos Vinhiens, é nomeado ouvidor da Casa de Bragança.

×

1464 – O Arcebispo Vinaz D. Fernando da Guerra estabeleceu por provisão de 6 de Outubro a Colegiada de Barcelos com Prior e cinco conegos.

×

1520 – Em 12 de Maio foi a Misericordia unida á Antiga Gafaria do Hal. de Lazaros

×

1649 – Em 22 d'Agosto foi lançada a 1ª pedra destinada ao Convento dos Capuchos, no Campo da Feira.

×

1654 – Por carta de 30 de Julho, D. João IV ordenou que nas portas da Muralha fossem colocadas inscrições alusivas á Imaculada Conceição, Padroeira de Portugal.

Figuras nóbres de Barcelos

D. Antonio Barroso

Nasceu em Remelhe a 5 de Novembro de 1854 e faleceu a 31 de Agosto de 1918.

Santo Missionario, depois Bispo do Porto.

Foi-lhe inaugurado um monumento em Barcelos em 3 de Setembro de 1931.

×

Abade Antonio Fernando Paes de Vilas Boas

Prégador distinto. Prégador régio. Jornalista. Investigador e critico. (1835-1912).

×

Antonio Fogaça

Poeta, precocemente furtado á vida.

×

Baltazar Osorio

Mestre de historia e notavel professor da Escola Politecnica de Lisboa.

×

Candido da Cunha

Pintor consagrado. Nasceu a 9 de Fevereiro de 1866.

×

Conde de Almoster

Trucidado em Africa, em campanha.

Neto do Marechal duque de Saldanha.

×

Felgueiras Gaio

Autor do "Nobiliario das Familias Portuguezas"?

Fernando de Magalhães e Menezes — (Conde de Vilas Boas)

Nasceu a 15 de Fevereiro de 1873.

Oficial de Marinha distintíssimo. Herse de Africa onde foi companheiro de Mousinho e de Azevedo Coutinho. Presidente da Camara.

É condecorado com a Medalha da Torre e Espada.

×

Tenente Coronel Francisco Vilachã Rodrigues Leite

Nasceu a 26 de Abril de 1882 e faleceu a 20 de Maio de 1927.

Herse da Grande Guerra. Condecorado com a Medalha de Torre e Espada e Governador Civil de Braga.

×

Gaspar Goes do Rêgo

O "Alferes Barcelense".

Alferes das hostes dos duques de Bragança em Alcacer-Quibir, com tanto valor defendeu sua bandeira, que cortando-lhe o inimigo as mãos a tomou nos dentes, só a largando quando perdeza a vida.

×

Gonçalo Alfredo Alves Pereira

Nasceu em 5 de Outubro de 1851 e faleceu a 14 de Abril de 1925.

Grande benemerito barcelense.

×

Paulo Felisberto Peixoto da Fonseca

Nasceu em 14 de Dezembro de 1864.

Grande benemerito barcelense.

×

Joaquim Antonio Paes de Vilas Boas — (1800 - 1863)

Comendador de Cristo e da Conceição, um dos principaes chefes cartistas da provincia, deputado, tesoureiro geral da Fazenda do Distrito, Almoxarife da Casa de Bragança, presidente da Camara de Barcelos, etc. etc.

José de Abreu do Couto de Amorim Novaes

Nasceu em Balugães em 28 de Janeiro de 1855. Faleceu no Porto a 31 de Janeiro de 1913.
Ministro da Justiça. Conselheiro de Estado. Par do Reino. Deputado e Governador Civil de varios distritos.
Advogado.

×

José Julio Vieira Ramos

Nasceu a 23 de Novembro de 1865
Antigo deputado e Presidente da Camara de Barcelos.
Advogado muito distinto.

×

José de Vasconcelos Bandeira e Lemos

Nasceu em Barcelos em 1794. Heroe das campanhas peninsulares, fazendo tambem parte do Exercito Libertador, que desembarcou no Mindelo.
Deputado de 1838 a 1846. Foi o 1º Barão e 1º Visconde de Leiria.
Par do Reino e Grão Cruz de varias ordens.

×

Manoel Paes de Vilas Boas – (1842-1917) –

Presidente da Camara de Barcelos. Administrador de Famalicão. Governador Civil de Vila Real e de Aveiro. Deputado. Par do Reino. Administrador dos Caminhos de Ferro Portuguezes e do Porto de Lisboa. Juiz do Supremo Tribunal Administrativo. Condecorado com as ordens da Conceição e de Carlos III de Espanha, etc.
Era formado em direito.

×

Miguel Angelo

Grande maestro, que aos 14 anos era organista da Capela imperial do Brazil.
Verdadeiro génio creador.

×

Miguel Pereira da Silva Fonseca

Médico. Nasceu em Barcelos a 25 de Agosto de 1881.

Antigo Presidente da Camara de Barcelos.
Era formado em Medicina e Matematica pela Universidade de Coimbra.

×

Teotonio da Fonseca

Advogado. Nasceu na freguesia de Rio Covo (Santa Eulalia) na casa de Paços a 9 de Dezembro de 1875.
Erudito investigador.

×

João Gomes Pimenta – Pe. egresso – Ultimo frade do Convento da Franqueira

No dia 26 de Novembro de 1893 faleceu na sua casa, situada na antiga Rua das Flores, fazendo esquina e frente para a Rua de S. Sebastião (hoje Rua Manoel Viana) o Padre egresso João Gomes Pimenta, natural da freguesia de Fonte Boa, concelho de Esposende, tendo sido sepultado no Cemiterio Municipal de Barcelos, cujo funeral foi levado a efeito com enorme acompanhamento por gente de todas as camadas sociaes e pelo D. Pico José d'Amorim Pereira Leite.

O Padre Pimenta (como se conhecia em Barcelos) era muito virtuoso e por todos muito considerado e respeitado, sendo, sem remuneração, capelão da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco, onde celebrava pontualmente missa todos os dias ás 7 horas da manhã.

Foi este sacerdote o ultimo frade do Convento da Franqueira.

×

D. Antonio Barroso – Santo Bispo do Porto –

5-9-1880 – Chegou a Luanda o Missionario Padre Antonio Barroso.
7-3-1889 – O Ilustre Missionario Padre Antonio Barroso, realisou uma conferencia, na Sociedade de Geografia, de Lisboa.
5-7-1891 – D. Antonio Barroso, foi sagrado

169

Bispo de Leiria.
10-5-1898- Conferenciou em Roma, com o Papa Leão XIII, o Bispo Missionario D. António Barroso.
2-8-1899- Entrou triunfalmente no Porto, o bondoso Bispo D. António Barroso, o qual, foi aclamado pela cidade inteira.
8-10-1906 - D. António Barroso celebrou a 1ª missa na nova Igreja de Lacobrita.
9-3-1911- Por ordem do Governo, foi D. António Barroso exilado para Tenerife.
3-4-1914- Regressou do exilio á sua diocese do Porto.
7-8-1917- D. António Barroso, foi novamente desterrado para Coimbra.
31-8-1918- O Grande Bispo Missionario e Martir, exemplo maximo, da humildade e caridade, faleceu no seu improvisado Palacio Episcopal, Palacete da Quinta de Lacaes, actualmente, Rua António Granjo, nº 243, - Porto.

×

Pedro de Barcelos - Que, com João Labrador, descobriu em 1492, a Terra do Labrador.
Antão Gonçalves Pereira - Capitão no descobrimento da Guiné e do Benim.
Fomé de Souza - O primeiro Governador Geral do Brasil.
Martim Soares Gaio - Heroi do Salado.
Alvaro Gonçalves de Faria, Gonçalo Annes de Vilas-Boas e Lopo Dias de Azevedo - Cavaleiros de Algibarrota.
Frei Jeronimo do Espirito Santo - Martir da India.
João Rimenta do Prado e Henrique Pinheiro - combatentes respectivamente de Arzila e Alcacer-Quibir.
Frei João Baptista da Silva - Abade de Tibães e Geral dos Benedictinos
D. Jodinho - Foi Arcebispo Primaz.
D. Diogo Pinheiro - Bispo do Funchal.

D. João Ribeiro Gaio – Bispo de Malaca.
D. João da Silva Ferreira – Bispo de Lamego.
D. Joaquim Ferreira Ferraz – Bispo de Bragança e Leiria
Os dois irmãos – D. Baltazar e D. Pedro de Vilas-Boas – Foram Bispos de Elvas.
D. António José de Sousa Barroso – Missionário do Congo, Prelado de Moçambique, Bispo de Melapor e Bispo do Porto, autêntica glória da nossa história missionária. (atrás mencionado pag. 168 v.º)
Manuel José da Costa Felgueiras Gaio – Genealogista insigne
António Miguel de Almeida Ferraz – Fundador – Médico
Francisco de Britto Limpo – Inventor do nível que tem o seu nome
Cândido Cunha – Notável pintor.
António Fragoso – Poeta de apurada sensibilidade.

DOM ANTÓNIO BARROSO

Gloriosa Figura de Missionário, dos maiores que o Mundo tem conhecido

A criação pelo Santo Padre Paulo VI da nova diocese de Carmona e S. Salvador, preferíamos que a designação fosse antes de S. Salvador e Carmona; ao mesmo tempo que é nova consagração, por parte do Sumo Pontífice, do nosso esforço evangelizador constitui, também, evocação dessa grande, extraordinária e gloriosa figura de Missionário, dos maiores que o Mundo tem conhecido, o Padre António Barroso que mais tarde seria Prelado de Moçambique, bispo de Melapor e por fim bispo do Porto. Escolhido por esse grande prelado missionário que foi o bispo de Angola e Congo, depois Cardeal Patriarca de Lisboa D. José Sebastião Neto, ao Padre António Barroso devem a Igreja e Portugal que o mesmo é dizer a envagelização da Africa negra, o não se ter perdido S. Salvador e portanto ter-se conseguido que o Congo português, parte integrante

de Angola continuasse sob a bandeira das quinas numa hora de esbulho em que também nos vimos obrigados a defender os nossos direitos históricos e legítimos.

A nova diocese angolana é assim na sua criação um acontecimento que não pode deixar de ser registado com a mais expressiva emoção e agradecimento.

Capela de Torre de Moldes, onde
i baptizado D. António Barros

Freguezia de
Igreja Nova
Concelho de Barcelos

Capela de Santa Justa

Foi inaugurada a (solenemente) a sua primitiva e antiga capelinha da sua arquitetura com grande festividade nos dias 21 e 22 de Agosto de 1971=

=Capela de Santa Justa=
=Freguesia de Igreja Nova= Concelho de Barcelos=

=Imagem de Santa Justa=

173

Templo de Nossa Senhora das Necessidades

(Freguesia de Barqueiros)

×

MOSTEIRO DAS NECESSIDADES

×

Templo de Nossa Senhora das Necessidades

Freguesia de Barqueiros

A' margem direita da estrada de Barcelos á Povoa do Varzim, em frente a um largo e extenso terreiro, espe-se o magestoso santuario de Nossa Senhora das Necessidades.

Existia aqui uma antiga capela, hoje desaparecida, pertencente á casa dos Velosos, com comunicação por um passadiço com ela.

João Veloso de Miranda da Fonseca, senhor d'aquela casa, foi um dia a Lisboa tratar de uma demanda e ali adoeceu gravemente.

Tendo, porém, invocado o auxilio de Nossa Senhora das Necessidades, cuja imagem adquirio, recuperou a saude.

Voltando de Lisboa, restabelecido da saude e com a questão ganha, mandou colocar a milagrosa imagem na capela junto ás suas casas.

A devoção do povo por aquela imagem foi aumentando de tal maneira que resolveram ali perto levantar um templo condigno áquela Senhora, auxiliando a empreza o dito senhor da Casa dos Velosos e concorrendo o povo tambem com trabalho e dinheiro.

Edificou-se assim o grandioso santuario que hoje se vê, de fachada elevadissima, sobresaindo dos seus telhados um formoso zimborio e a elegante cupula da sua torre colocada na parte posterior.

No frontispicio, ao centro, tem uma ampla sacada com oratorio, onde se costumava dizer a missa campal na ocasião das romarias.

E' esta encimada pela seguinte inscrição:

FEITA. EM. 1883. SENDO. CAPELLÃO. O. P.e BERNARDO. ANTONIO. DOS. REIS.

Por cima desta estão as antigas armas reaes em pedra e em logar superior a imagem de Nossa Senhora

tambem em pedra.

Encostados ao templo, vê-se de cada lado a sua capela: — A do lado esquerdo é a do Senhor dos Afflitos, em cujo altar está a imagem do Senhor da Cana Verde, e — a do lado direito é a do Senhor dos Perdidos, com as imagens do Senhor dos Passos e a da Senhora das Angustias.

Este templo em forma de cruz latina está cercado por adro com quatro portas de serventia e respectivos fojos.

Dentro ainda que não muito espaçoso, é imponente; o seu altar-mór é em talha renascença, bem como os lateraes, tem dois pulpitos e côro.

No Arco da Capela-Mór existem dois pequenos oratorios esculpidos em madeira, um representando o Nascimento de Cristo e outro as Almas do Purgatorio.

No pavimento do transeto sobresae uma inscrição quasi gasta, mas que ainda se lê:

"DOS. DESCENDENTES. DA. CASA. DOS. VELLOSOS"

Nas paredes viam-se pequenos quadros em votos, alusivos a milagres que Nossa Senhora tinha feito aos seus devotos e alguns com letreiros curiosissimos, sendo ha bem pouco tempo mandados retirar d'ali.

A Administração desta capela passou da Casa dos Velosos para os seus capelães e em 1906 a politica, que se mete em tudo, até com os santos, formou uma confraria á qual entregou aquela administração.

Foi este templo visitado por El-Rei D. Luiz I, por ocasião de uma visita, isto é, uma das suas viagens ao Norte, adquirindo desde então a prerogativa de real.

(Publicação feita n'"O Barcelense", em 1931, pelo Dr. Teotonio da Fonseca sob a epigrafe — "Barcelos — Além Cavado").

— Nossa Senhora das Necessidades —

(Do livro - Nossa Senhora nas suas imagens e no seu culto na Arquidiocese de Braga - 1931 - a pag. 116 - da autoria do Conego Manuel de Aguiar Barreiros) —

Cêrca de duas leguas para sudoeste de Barcelos, o esplendido santuario de Nossa Senhora das Necessidades, que uma elegante cúpula embeleza, tem a seguinte origem: —

Acometido de doença grave, o Senhor da Casa dos Velosos, da freguesia de Barqueiros, lembrou-se de invocar o auxilio de Nossa Senhora sob o titulo das Necessidades, cuja imagem adquirio em Lisboa, onde em tal aperto se encontrava.

Completamente restabelecido e de volta para a terra natal colocou a imagem numa capelinha que enfrentava com a sua casa.

Os milagres da Senhora, todavia, eram tantos que dificilmente havia modos de conter as multidões que, não raro, levaram de escalada a exigua capela.

Resolveu-se, então, o abastado e piedoso fidalgo, a construir um templo magnifico, no que muito o auxiliou o povo das freguesias visinhas com o prontificar-se da melhor vontade a conduzir gratuitamente a pedra e outros materiaes para a construção.

Este santuario, cujas paredes revestem de ex-voto, a testemunhar as benemerencias da Senhora, foi elevado a Capela Real, por Alvará datado de 24 de Abril de 1872, em comemoração da visita que a ele fez El-Rei D. Luiz I.

O Culto da Senhora, que durante o ano se afirma intenso, adquire proporções grandiosas nos dias 7 e 8 de Setembro, que são os da festividade principal — uma das mais afamadas do Mi-

nho, pela extraordinaria afluencia de romeiros, os quaes, aludindo á terminação da merenda e da sésta, que nos trabalhos agricolas se conta desde 8 de Setembro, dirigem á Senhora a chistosa quadra:

"Senhora das Necessidades!
Não hei de ir á vossa festa:
Que me tiraste a merenda
E mail'a hora da sésta."

—(De D. Alberto Bramão — "O Primeiro de Janeiro de 4ª feira 29 de Maio de 1940) —

A pouco mais de uma dezena de quilometros da Povoa do Varzim, na estrada que desta praia nos leva até Braga e á margem da mesma destaca-se, ingreme e altaneiro o Monte de Lamedos.

Os moinhos, que nele se erguem com as suas azas brancas, figuram sentinelas a servirem de ponto de referencia aos pescadores poveiros.

Pouco mais adeante, á margem da mesma estrada, desenha-se o vasto terreiro das Necessidades rodeado de casas, muitas das quaes não envergonhariam as ruas da cidade.

Necessidades pertence á freguezia de Barqueiros e é logar que póde gabar-se de possuir um templo magnifico que ainda hoje conserva na frontaria as armas reaes.

A romaria da Senhora das Necessidades é, no coração do Minho, a mais tradicional das romarias entre a gente da "Córga".

Os poveiros distinguem-se entre os demais romeiros porque vão junto da Senhora unicamente para cumprir os seus votos — alheando-se dos folguêdos da noite do fogo.

A troco de uma esmola para a Santa, recebe cada poveiro uma pequena porção de

incenso que guarda religiosamente e lhe servirá para queimar nos barcos, inverno fóra, quando a tempestade o assaltar no caminho incérto das ondas maritimas, ou tambem para queimar em casa quando ali entrar doença de perigo.

×

"Senhora das Necessidades
não heide ir á vossa festa,
pois me tiraste a merenda
e mail'a a hora da sésta."

Assim cantam os minhotos no moirejar da terra, no ardor das fainas agricolas.

Porém quando chega o tempo, desde 1 de Maio a 7 de Setembro — o dia da romaria — a Senhora das Necessidades da freguesia de Barqueiros vê desmentida a ameaça da quadra popular.

E a Senhora não tem mãos a medir para conceder as graças concedidas — doentes que se ergueram do leito, vidas que se salvaram do abismo das ondas.....

O povo portuguez é, talvez, entre os povos do mundo o que mais devoção cria para alimento da sua fé e abrigo das suas maguas.

Senhora das Necessidades é epiteto que nos faz supor devoção arreigada, fé ardente, concorrencia de immensos devotos.

Durante mais de quatro mezes a dita Senhora dá audiencia permanente aos necessitados — audiencia que se encerra no dia da festa com estrondosa romaria onde se canta e baila o "vira tremidinho" ao som das violas, cavaquinhos, ferrinhos, — instrumentos regionaes que, infelizmente, começam a ser substituidos pela harmonica.

×

Bairro Operario

= Bairro Operario =

= Casas Economicas =

Está situado na freguesia de Arcozelo subcubrios da cidade - no Lugar da Esparrinha.

A construção das cem casas de que este Bairro se compõe, principiou nos fins do mez de Agosto de 1946.

×

Em Abril de 1948, fez-se a pavimentação a paralipipedes de toda a estrada que liga esta cidade com o Bairro - Operario, desde o começo da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, junto ao antigo jardim do lado das Casas - Campo 28 de Maio (antigo Campo de D. Carlos), até ao referido Bairro - Operario.

×

A construção deste Bairro - Social está orçada em 1.500$000$00 contos, isto é: - Cem casas, terraplanagens, arruamentos, agua e saneamento, construção d'uma capela, Casa de Escola, deve orçar por 3.000.000$00 (tres mil contos).

×

Este Bairro foi visitado por Sua Exc.ª o Ministro das Obras Publicas em 20 de Novembro de 1948.

×

Com a assistencia do Ministro das Obras Publicas, Governador Civil do Distrito e todas as autoridades locaes, foi solemnemente inaugurado na 5.ª feira, dia 10 de Fevereiro de 1949.

×

O Estado comparticipou com 49.000$00 (quarenta e nove contos) para a electrificação deste Bairro, iniciando-se estes trabalhos em Maio de 1949.

×

BARCELOS — Um aspecto do Bairro Economico de Cem Casas

Outro aspecto do Bairro Economico

180

— Bairro Operario de Barcelos —

O Sr. Eng. José Frederico Ulrich, dig.mo Ministro das Obras Públicas, acompanhado do Chefe do Distrito e do Dr. Mário Norton, visitando as obras do novo Bairro Económico de Barcelos

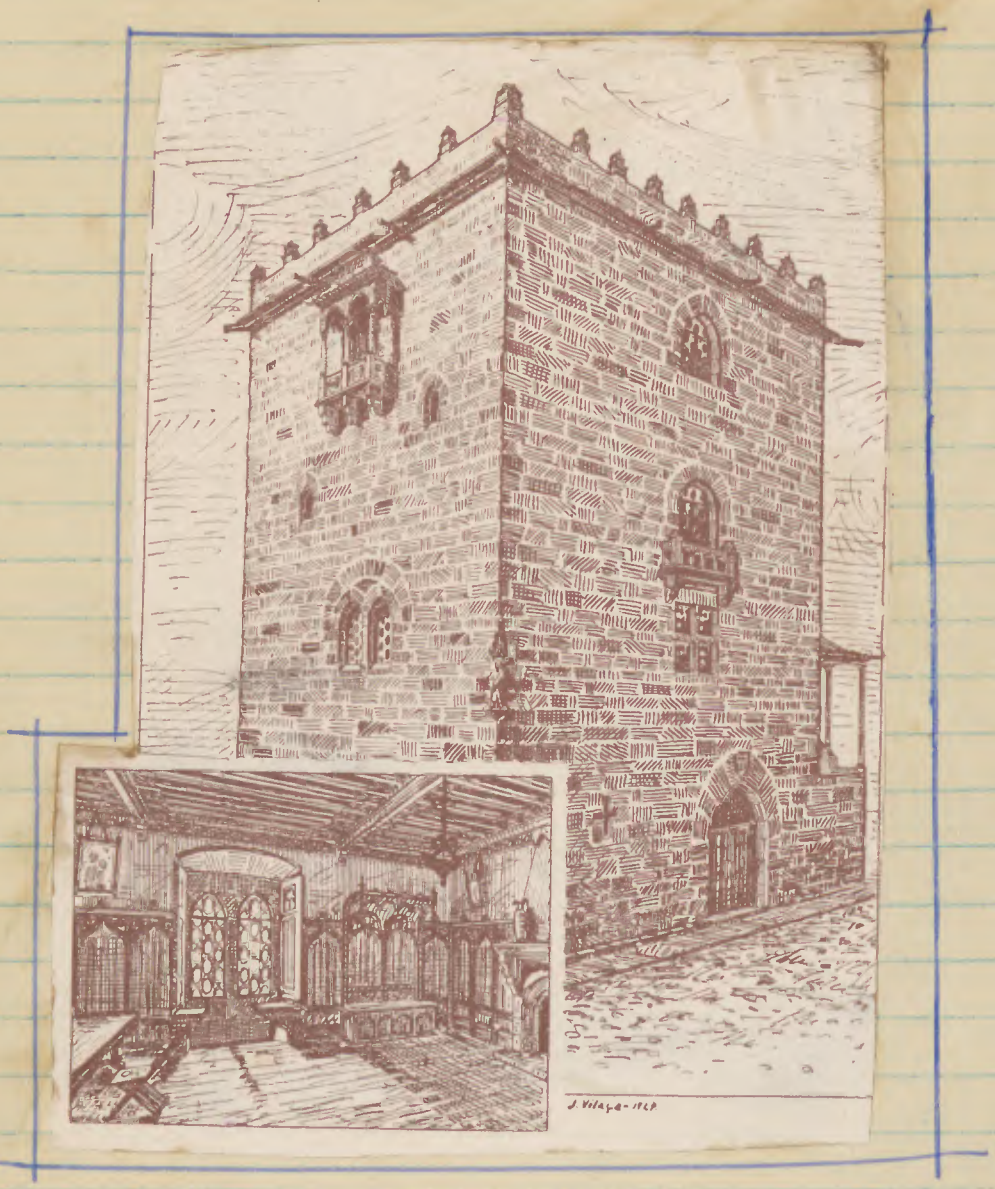
O bairro operário de Barcelos, constituído por uma centena de moradias acolhedoras, está situado num dos pontos mais centrais da cidade

181

182

Cadeia comarcã

Antes do seu restauro.



Cadeia Civil

(Cadeia Comarcã)

O projecto da autoria do engenheiro Moura Coutinho, foi aprovado em Maio de 1917.

×

Para a sua construção o Comendador Paulo Felisberto da Fonseca, nosso conterraneo, residente no Rio de Janeiro (Brazil), ofereceu á nossa Camara 623 contos de reis, devendo desta importancia fazer-se a restauração da Torre da Porta Nova, adaptando-a a um Museu Regional.

No dia 22 d'Abril de 1928 foi adjudicada a obra da nova cadeia ao constructor Belmiro Miranda para a construir no Lopar do Faial, no prazo de trinta mezes. O que se cumprim.

×

Os prezos foram removidos da cadeia da Torre da Porta Nova para a actual cadeia nova em 22 de Junho de 1932 por 11 horas da manhã.

×

Como se sabe e consta destes apontamentos a Cadeia Civil esteve na "Torre da Porta Nova".

×

Em 10 de Novembro de 1877 já se havia apresentado um projecto para uma cadeia nova. (Vidé sessão da Camara deste dia).

×

A arteria que liga a cidade com o edificio da Cadeia é a continuação da Rua Manuel Paes (antiga Rua da Estrada) — O edificio desta nova cadeia-comarcã, está situado na freguesia de Vila Boa (S. João).

×

(Dr. O Concelho de Barcelos - Aquem e Além Cavado - por Dr. Teotonio da Fonseca - Vol. I - pag. 116 e 117) —

Em 1926 o nosso ilustre patricio Dr. Paulo Felisberto da Fonseca, residente nos Estados Unidos do Brazil

mandou construir o edifício desta cadeia, dotando-o com todo o mobiliário, roupas e ferramentas para o trabalho dos presos.

Foi escolhido o local junto á estrada de Barcelos a Viana para a sua construção.

É um bom edifício, proprio para o fim a que se destina, onde os presos recebem ar e luz a jorros rodeado de uma ampla cêrca na qual trabalham, distraem-se e recebem sol do bom Deus.

Tem esta cadeia grandes dormitorios, casas de banho, enfermarias, oficinas de trabalho para cada sexo, aposentos para menores e no andar superior quartos para presos de categoria social, bem mobilados e com relativas facilidades, além da habitação para o carcereiro, escritório e outras dependencias.

O delinquente sendo assim tratado reconhecerá que a sociedade não é tão má como a julgam, pois não o separou de si com odio e para satisfação de uma vingança, mas como um doente que era preciso tratar; será assim o começo da sua cura, da sua regeneração.

Tudo isto se deve á benemerencia talvez bem esquisita e unica em Portugal de um barcelense!

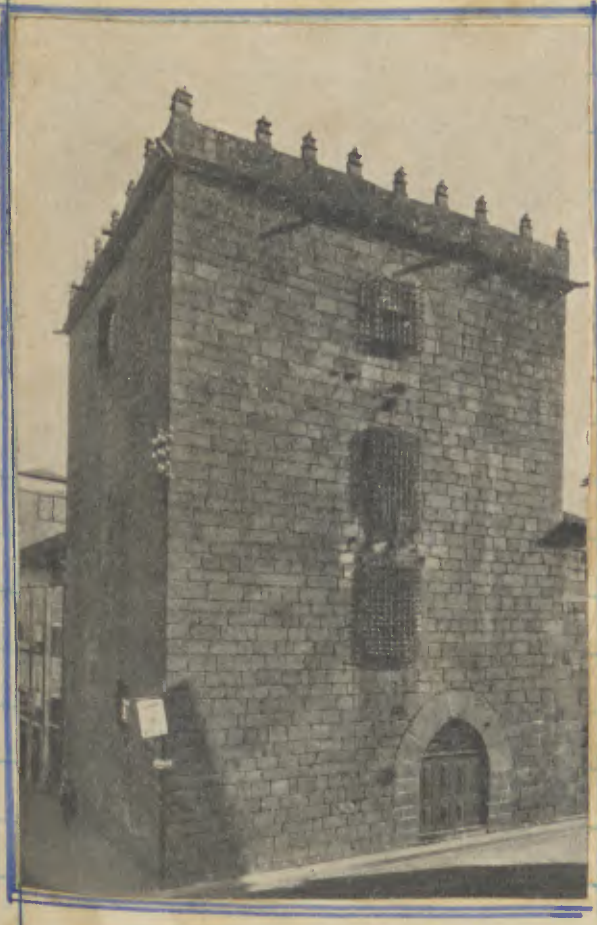
Nova

Á esquerda: Um aspecto da antiga cadeia comarcã. —

×

184

185



A' esquerda:

Um aspecto da antiga cadeia comarcã.

Face voltada para o Largo da Porta Nova.

×

"= Vidé apontamentos históricos sobre o "Solar dos Carmonas", sito no Largo do Apoio — (Fronco Municipal) —".

×

A' direita:

Um outro aspecto da antiga Cadeia Comarcã.

Face voltada para o Largo José Novaes, vendo-se ainda a casa destinada ao Carcereiro e escada exterior que lhe dava acesso.

187

Quadros minhôtos

Região barcelense

Quadros minhotos — ("Região barcelense")

— Na aldeia —

A ceia —

A ceia nas aldeias e até nas vilas e cidades minhotas é a ultima refeição do dia.

Nas aldeias, em boa hora se póde afirmar, depois dos trabalhos arduos que a lavoura exige, é a que os nossos lavradores saboreiam com mais vagar — uma tijela de caldo acompanhada por um bom naco de borôa, que de quando em vez, é regada com o verdasco da região.

Depois, dá-se "Graças a Deus", reza-se o Terço e no final é que surge a conversa amêna, em que se discute o negocio dos gados, do feijão, do milho e ..... para terminar, antes de se deitarem, relembrar o filho que está na trópa ou augente no Brazil.

São estes os melhores bocadinhos da nossa gente do campo.

× × ×

Depois da ceia —

..... baixinho, uma ferverosa oração, eleva até Deus o seu pensamento.

..... As mães velhinhas que tecem os seus filhos longe, com resignação de mulher minhota, mesmo curtindo angustias de uma grande saudade, só sabe rezar e pedir a Deus pelos augentes.

× × ×

O Serão —

..... Serões das nossas aldeias, feitos á luz das candeias alimentadas pelo azeite que as oliveiras do "eirado" tinham produzido — como vão eles fugindo dos habitos de tantos lares!...

Podessemos nós fazê-los reviver ainda, na tradição dos casaes!...

× × ×

O pão de farinha milha — "Vide pag. 193 deste volume" —

A Borôa — "O pão de milho" —

É o pão que o nosso bom povo do Norte, manualmente fabrica e consôme.

É ele que sustenta e robustece a gente nortenha, principalmente a do concelho de Barcelos. (Vidé pag. 193 deste volume)

O Tóque das Avé-Marias —

O nosso lavrador trabalha de sól a sól e só suspende os seus arduos trabalhos quando lhe falha a luz do dia, o que lhe é anunciado pelo campanario das igrejas das suas freguezias pelo toque e sinal das "Avé-Marias", momento que eles, os lavradores sem distinção, aproveitam para dar graças a Deus e pedir-lhe a benção do trabalho que durante o dia empregaram no grangeamento das terras que com todo o fervor procuraram tirar d'elas o pão que os deve sustentar e a seus filhos.

À direita: —

— Milhases —

Varanda característica de uma casa de campo. —

Tem um pitoresco vivo, esta varanda, de sabor entranhadamente minhoto, que achamos digno de arquivar como evocador recanto de lar dos tempos idos.

Na mesa a fresca toalha de linho, alvadia, manufactura caseira dos nossos teares, saída ha pouco do coradouro; o naco de borôa loira, ainda fumegante, rescendendo; a

189

infusa vidrada, com ornamentos cabalísticos, contendo o verdasco animador; o garfo de ferro brunido, de Guimarães, espetando a febra de presunto pensavante.....

Ao canto, lá adiante, o relógio de velha industria regional, de ouros foscos, ressaltando duma caixa de castanho anoso, enegrecido.

× × ×

Lavradeiras de Barcelos

Saindo para a Feira

De um lado e de outro, graciosas raparigas com os seus trajes regionaes.

×

— A' esquerda:
Um aspecto de uma vindimada aqui na região de Barcelos.

— Em cima: — Um quinteiro de uma casa aldeã.

× × ×

— A' esquerda:
Uma graciosa moçoila assistindo, da sua janela, à saída do gado para o pasto.

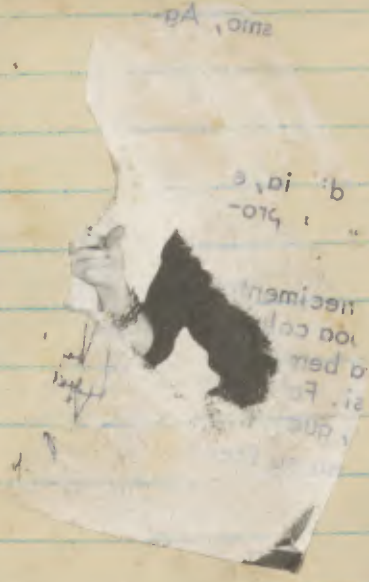
— Em cima: — Entre a hortaliça que se prepara colher para a vender na proxima feira.

— × —

190

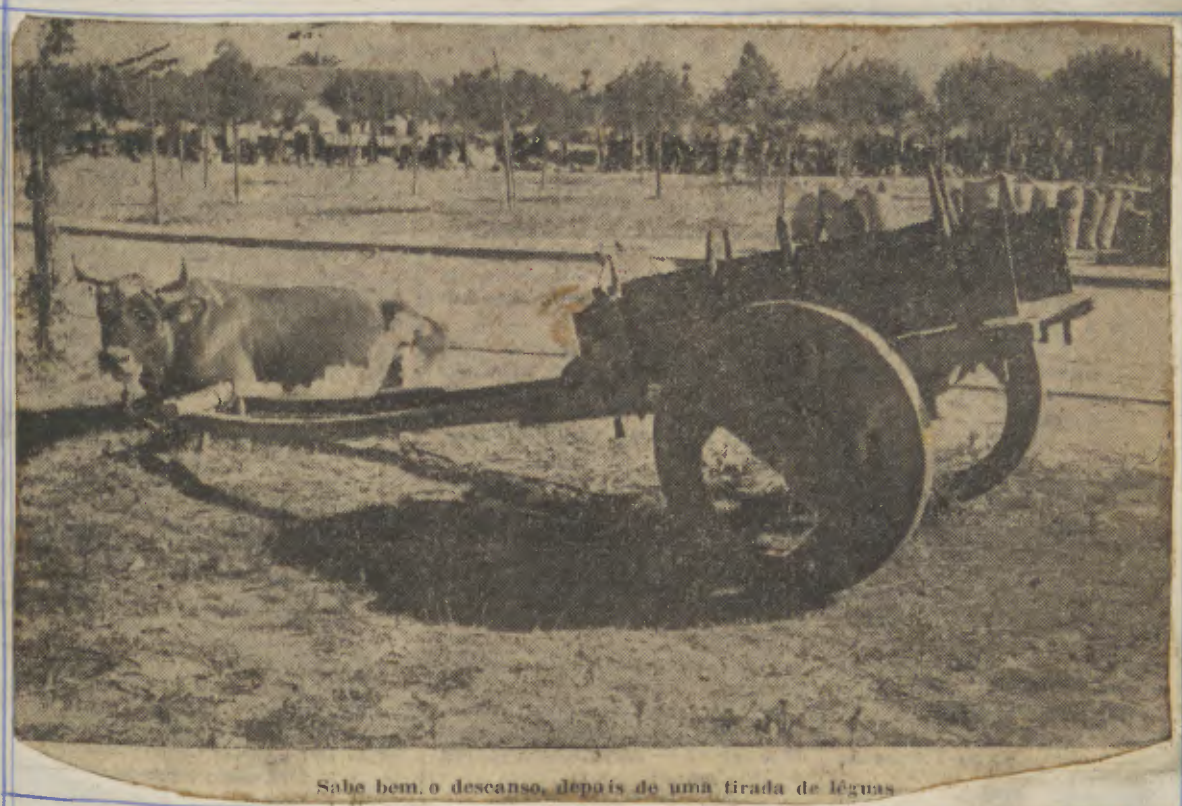
= No campo =

= O Toque das Ave-Marias =



Preparar a terra para as culturas outonais está na ordem do dia. E o velho arado, sempre mais cómodo do que a enxada, dá a nota pitoresca ao ambiente campesino da época

197



Sabe bem, o descanso, depois de uma tirada de léguas

193

O pão de milho — "A Borôa" —

(Vide pag. 188 v.º deste volume) =

Como nota explicativa da manufactura deste pão usado na região minhota, transcrevo, — como interessante exprimindo a expressão da verdade — a publicação feita pelo "Notícias de Viana" de 6.ª feira 15 d'Agosto de 1958 sob a epígrafe "A Fornada do Casal": — "A senhora Maria de Matos, que os visinhos terminavam chamar a 'Ti' Maria do Viso regressaria na vespera, da feira, com a fornada semanal em lavado saco de caldada estopa.

Logo de manhã, ainda o dia andava por cura de Nosso Senhor Jesus Cristo, enquanto ao lume se apurava a agua de unto para almoço dos homens — o marido e dois filhos que eram tres habeis cesteiros bem conhecidos em todos os mercados das redondezas — vazava no fole novo todo o milho adquirido e acomodou, separada, em pequeno saco de linho, a indispensavel mistura.

Pouco depois, muito desembaraçada como sempre fora, saiu de casa em direcção ao moinho levando á cabeça a sua farta taleiga. De eido proximo, a Josefa do Facho saudou jovial:

Ora viva a Ti Maria com o seu fole novo!

E ela, senhora donataria de um farto reportorio de tradições, respondeu lepida:

De alto me miras
Comer me querias,
Mas tu morrerás
E eu ficarei,
E de ti virá
Onde me meterei.

Riu a outra que conhecia a velha adivinha — e a senhora Maria foi-se de longada até ás margens do pinturesco ribeiro que ficava proximo.

Escovado o résto do pão pelo carreiro da moeza e triturado entre as duas mós de pedra de Anha estas acionadas pela primitiva turbina vertical que o povo-rei nos tinha legado na sua demorada passagem e descontada a maquia remuneradora, dirigiu seus passos de regresso a casa. Aqui, já com o póte grande ao lume, abriu aquele recipiente rectangular que nunca faltava em todas as cosinhas da aldeia eminhota e trouxe do lanceiro a velha peneira que tinha comprado nas feiras de Agonia.

Passada a farinha que ocupava metade da masseira, foi-lhe adicionando água quente e envolveu, com a pequena pá de madeira, todo aquele pó branquinho de néve.

Juntou-lhe a mistura, lançou-lhe o fermento conservado na tigela de barro vidrado desde a cozedura anterior e amassou, com seus pulsos rijos aquele todo homogéneo batendo muitas vezes para que o pão, depois, ficasse bem fofinho.

Finda esta operação arrumou, á sua esquerda, em bloco separado compacto que ocupava agora dois terços da capacidade do retangulo, toda aquela massa tendo aproveitado, com a ferrea pequena os réstos que aqui e ali, tinham aderido ás taboas do movel. Seguidamente, bem de pé e em respeitosa atitude, ao mesmo tempo que traçava com o dedo indicador da mão direita uma cruz na lisa superficie, disse:

Em louvor de S. Vicente,
Para que Deus te levéde
E acrescente. Avé Maria.

No forno, as canhotas de carvalho consu-

miam-se lentamente e devia estar a modos na altura propria porque, assente a face palmar n'um dos tranqueiros da porta, a "Ti Maria do Viso" avaliava, de bom semblante, o aumento progressivo da temperatura.

Estava terminada, com o agasalho da massa pelo cobertor lavado, a primeira parte da importante operação doméstica — restava esperar que levedasse e que o forno obtivesse, devagar, o aquecimento proprio. Entretanto a dona da casa, cuidadosa em seus labores, procurou o chapeu velho do marido para se cobrir por causa do ar do lume, e dirigiu-se ao telheiro em busca das batatas que tinha resolvido cozer para o jantar da familia. Mais umas voltas nos arranjos caseiros e, finalmente, o complemento deste trabalho basilar da economia aldeã.

Com a ferrea grande retirou do lastro do forno todo o brazido e varreu-o depois, até ficar bem limpo, com o molho de trapos que previamente tinha humedecido, e foi procurar, de trás da porta, onde tinha ficado da ultima vez, a grande pá de madeira que servia para enfornar.

Apadejadas as boroas na gamêla do pão, sempre polvilhada antes com farinha enxuta, lançava-as sobre a parte redonda do utensilio e, com a mão, batendo levemente nas partes laterais e superior, afeiçoava carinhosamente aquilo que seria, dali a algumas horas, o principal alimento do seu agregado familiar.

Lançada a ultima — a mais pequena por ser a da bôca — com o canto da pá firme no soalho, ficou-se a olhar, com carinho e satisfeita, o seu trabalho; mas, restava ainda, antes de tapar a porta,

um dos mais importantes pormenores.

A "Ti Maria do Viso" assumindo uma atitude de invulgar solenidade, traçou com a pá, em frente à porta do forno, uma grande cruz e disse:

Deus te acrescente
Dentro do forno
Fora do forno
E pelo mundo todo.

. . . . . .

Em louvor das almas benditas
Padre Nosso. Avé Maria.

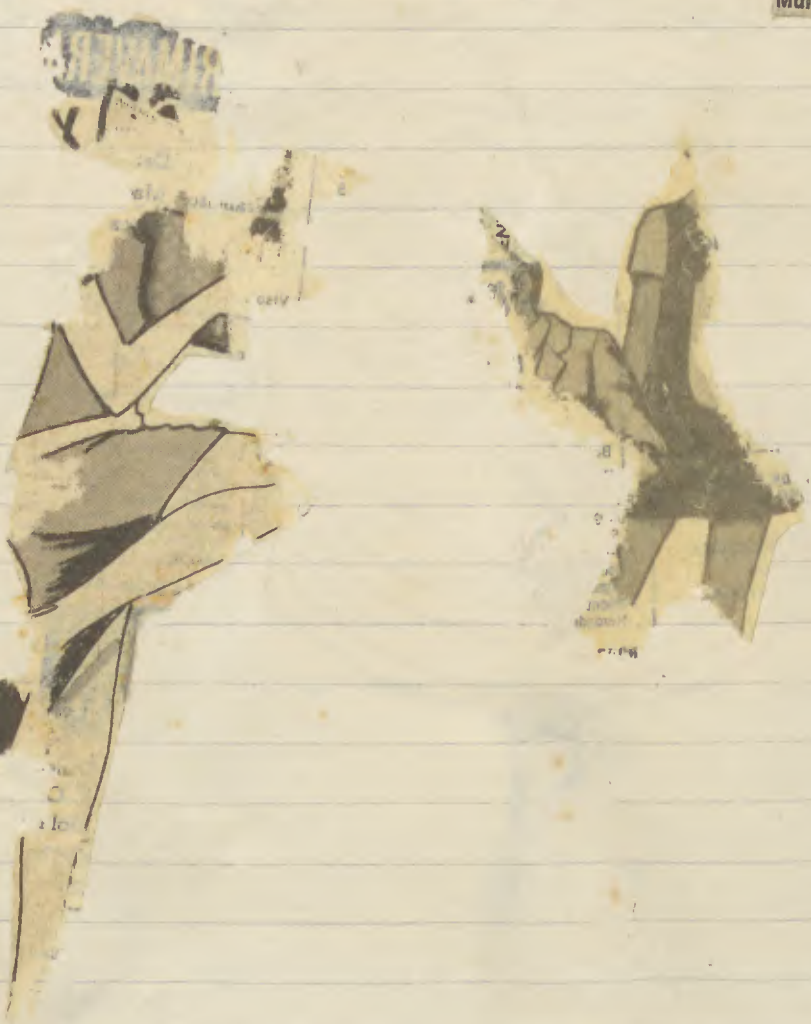
E o filho mais velho, que pouco antes tinha entrado na cozinha, descobriu-se respeitosamente e acompanhou a mãe na religiosa oração.

Agosto de 958 – (a) L. Quintas Neves.

— x — x — x —

195

Mulher com chapelrão



196

O vinho vêrde

BARCELOS — Rancho de vindimadeiras

É dia de vindima. Reina a alegria na mocidade

198

= O vinho verde =

O nosso vinho, como já é sabido que o tinto — o nosso regional vinho tinto — fresco e saboroso se impõe aos mercados, notando-se-lhe, ao beber, aquela "apulha" que puxa copo sobre copo, derivado do predominio da uva "borraçal" e da "mourisca", que andam misturadas com as "tintas" muito categorisadamente regionaes.

(Do Portugal Economico Tramontel e Artistico", pag. 427).

BARCELOS — «Gulosa»

BARCELOS — Rancho de vindima

...Na dorna... braços musculosos das mulheres que se entregam à faina da «vindimada», despejam na dorna as gigas cheias

No lagar as voltas do vira são boas de dar!... Lá está a «Rusga», cantando e dançando, ao som da concertina, dos ferrinhos, do bombo e do «rec-rec»... — As uvas transformaram-se em mosto... amanhã haverá vinho doce... Depois, os trabalhos continuam até que o vasilhame se encha. Os corações dos lavradores trasbordam de alegria com a colheita do ano

201

202

A ceramica barcelense

= Como se fabrica a louça barcelense nas nossas aldeias =

SERIA ESTA A ORIGEM DO GALO DE BARCELOS?

Segundo é tradição e sua representação em Cruzeiro local ...«memora o milagre de ter sido livre do patíbulo, por Santiago, um galego inocente condenado à forca, ficando bamba a corda, que lhe servia de laço ao pescoço, e ele ficou suspenso no ar, como se alguém o sustivesse... tendo então afirmado que estava tam inocente, que, antes de ser enforcado, cantaria um galo assado; e que este cantara, como prova da sua inocência . . . »

(Abade do Louro, 1877)

O Cruzeiro ou padrão do Senhor do Galo alusivo a este facto, existe no Museu instalado nas ruínas dos Paços dos Condes-Duques de Bragança.

203

= A Ceramica barcelense =

A industria ceramica, velha no nosso concelho, tem-se desenvolvido e aperfeiçoado imenso.

Não se trata, apenas, de loiça de barro grosso, mas tambem de loiça vidrada do mesmo genero da loiça das Caldas da Rainha, sendo tambem grande o fabrico de peças de barro polido - que tem grande exportação.

Mas ha, alem dessas fabricas que se dedicam especialmente ao barro polido e vidrado, outras que teem a especialidade de tubos de barro para canalisações de agua, de telha do tipo romano, de tijolos que se empregam em construções e vedações, etc, etc...

×

A arte ceramica em Barcelos é muito antiga e, comquanto a gente n'ela se empregue não tenha conhecimentos tecnicos, é muito apreciado tudo quanto por aqui se fabrica, principalmente os "bonécos de barro".

×

= Do romance "Amor de Perdição," de Camilo Castelo Branco - "Memorias de uma familia" - Edição Monumental =

A pag. 163, referindo-se ao ferrador.....

"Isto é coisa do diabo! - exclamou ele; e foi á cosinha procurar a pichôrra (1) que emborcou como qualquer elegante de praixões ethereas se aturde com absynthio.

Heide afogar-te, coisa má, que me estás apertando a alma! - continuou o ferrador, sacudindo os braços e batendo o pé no soalho".....

1) Pichôrra - (Borrêto): - Pucaro proprio para beber agua; peça de ceramica tipicamente barcelense, com que se tira a agua de dentro dos cantaros em serviço nas cosinhas das casas aldeãs, etc. (Pequeno pichel com bico.)

= Bonécos de Barcelos =

(Do "Correio do Minho" - nº. 6420 - Braga 24 de Junho de 1947)

De entre as artes populares do Norte, de cunho acentuadamente regionalista, destaca-se, sem duvida, a dos bonecos de Barcelos.

Não ha feira do Minho onde eles não apareçam. Mais ainda; - já conquistaram mercados do Sul; e assim, vemo-los, em certas épocas do ano, sobretudo na quadra festiva do Natal, á venda em muitos locaes de Lisboa.

E aparece de tudo, porque é fertil a imaginação do oleiro, desde o rei solem empunhando o cetro, á peixeira de canastra á cabeça; do galo, altivo, magestoso, á galinha, aconchegando ternamente os pintainhos; do musico, festeiro, á poetica representação do nascimento do Menino; enfim, um desfiar enorme de producções de todas as fórmas e feitios, que cativam, prendem e, até por vezes..... provocam riso.

E tudo de uma ingenuidade pasmosa, em sua côr geitante e tosca modelagem.

Mas expressivos, reveladores de uma intuição artistica que de paes e filhos se tem transmitido, carinhosa, pacientemente, como elemento valioso, se não mesmo unico, para muitos, da labuta que lhes garanta os encargos diarios da sua modesta existencia.

Aparte este sentido propriamente economico, de apreciavel importancia para toda a região barcelense ha a considerar o valor etnografico da industria, como elemento folclorico de incontestavel apreço.

Os bonécos de Barcelos são um cartaz vivo de propaganda regional.

Dentro, mesmo, do seu genero, é o maior que

204

conhecemos no país.

Necessita, porém, esta industria de um carinho especial, para que as suas características não sejam abastardadas.

É o que importa fazer, evitando-se, assim, o declínio de uma das mais interessantes manifestações que a olaria nortenha nos póde oferecer.

×

×

= Os Avrécios da olaria de Barcelos =

×

205

"Ceramica Barcelane"

Infusa – Vinagreira

Pôte de pernas – Caçarola

Talha e Borrão

Pratos e Pingadeira

Chocolateira e Caçoila

Assadeira e frigideira – Fichet

Talha – Borrão

Cantaro e Borrêta

ROSA RAMALHO

TIO FRANCISCO PACHECO, amigo, após fazer bolas de barro, à antiga

Os oleiros e bairristas de Barcélos

Publicação feita pel "O Barcelense" em Janeiro de 1941

Em volta e em tôrno desta Barcélos de encanto e de sonho, em pleno coração do Minho, onde, no verão, pelos centros mais concorridos se sentem zunir as moscas e onde, de verão e de inverno, no ano todo, ao toque das Trindades, não se vê viva alma nas ruas, neste serenissimo remanso de tranquilidade e sossêgo, cortado, apenas, uma vez por semana, em dias de Feira, pelo remorejante bulicio dos que, como nos tempos de Mestre Gil, cá vêm feirar suas mercadorias — frutos da terra ou de suas baldas e manhas — não ha freguesia que não tenha uma industria doméstica, uma arte caseira de que, senão vive em exclusivo, pelo menos, condimenta e apresiga o caldo e a borôa, uma grandissima parte das populações ruraes.....

Falo-lhes, apenas, das que, não andando ainda nos "Baedeckers" dos turistas, começam a deixar rasto de si, em taxas de industria, nas receitas camararias e na Repartição de Finanças, como S. Vicente de Areias, com as suas duas fabricas ceramicas; S. Martinho e Sta Maria de Galegos com cinco fabricas em laboração e uma oficina em cada uma das duas freguesias; como S. Salvador da Lama, com as suas duas fabricas de vasilhas e canalisações e com fabriquetas de Gonçage, porta sim porta não; como a Pauza, com sua grande fabrica de aparelhagem moderna e os seus produtos em barro branco, disputando, já nos barros pintados á pistola, á Fabrica-Mãe, das Areias, os mercados do Porto e Lisboa, em ceramica modernissima, impingidas ás rodas frias por tudo quanto ha de mais genuino em faianças Tchecas e imitações etruscas; como S. Romão da Ucha, Cervães e Manhente carreando das suas barreiras inesgotaveis toda a casta de argilas e barros para as fabricas do concelho e dos concelhos

limitrofes, e não lhes falarei — pelo menos agora — nem da industria dos chapéus de palha, que ocupa, verão e inverno, o mulherio todo de Cambezes; nem das rócas e fusos em que se emprega mais de um terço da pequeria de Milhases; nem dos liteiros e mantas de Goios e dos jugos de Sampaio do Carvalhal; — porque jugos se entalham e liteiros se tecem por todo o Minho — nem das rendas de cirvo, que não ha môça que as não faça — e lindas! em S. Miguel das Carvalhas, como em Fragoso e Palme não ha môça ou velha que esteiras não faça com gôsto e mestria — com a ajuda, quando Deus quer, de velhos e môços, que, pelo menos, lhes esticam, com unhas e dentes, os encanastrados.

Restringindo ás artes populares de bairristas e imaginarios, que, ainda outro dia, na Exposição de Belem, foram um dos mais luzidios e honrados cartazes artisticos, como elemento etnografico e filão decorativo — fréstа de Arte — Ingénita, na trapeira das Artes — Baratas dum arranha — céus de Intrugismos muito caros — uma visita, á Fabrica Mãe da Firma Familiar Macêdo, em S. Vicente de Areias, onde, conservando-se os tipos primitivos, de macátrepada, que, todas as quintas feiras, se assoalha e acaba de secar, ainda fresca de tintas e purpurinas, na Kermesse Minhota, das Feiras de Barcelos — e de lá irradia, de feira em feira, por todas as festas e arraes do Minho, de Entre-Minho-e-Douro, de Traz-os-Montes e das Duas Biras, começando a bater, para o Sul, pela Estremadura e já no proprio Alentejo, a borrecada de Estremoz — a dar a alma ao Creador, nas bentas unhas de uma unica velhinha a trabalhar, tarifada, para a Escola Industrial — e mantendo, nas louças regionaes de barro vermelho, decoradas a traços amarelados de galena, ou, nas de barros brancos, as policromias ingenuas e simples dos primitivos obiros — começa a industrializar-se, em imitações das faianças populares das Caldas, a janotar a

207

bonecada em formas pretenciosas de bailarinas, tou-
reiros, celebridades nacionaes e outras monstruosidades
congéneres, como Republicas de fazer talassas, Santos e
Santas de fazer herezes — tendo, em todo o caso, obtido
belos e magnificos exemplares de floreiras, jarras, cache-
pots, caixas de toilete e artigos de utilidade e fanta-
sia, em barro cosido e depois pintado á pistola e a
que o verniz da propria tinta dá o esmalte dos vi-
chados e escorridos das peças similares, que, em artigos
caros e de luxo, por si se vendiam como da mais
genuina Tcheco-Eslováquia e dos faianceiros da Ve-
lha Austria.

Mas não é, naturalmente, isso que mais inte-
ressa e mais cativa numa visita ás fabricas indus-
triaes e ás oficinas caseiras de S. Vicente de Arcias; mas
sim, o que de espontaneo, de ingénuo, de tradicio-
nal e de atavico se topa a cada canto, onde uma
restea deste mórno sol de inverno, ilumina a pai-
sagem, aquece as carnes, dá agilidade aos dedos
de lindas oleiras — algumas belos tipos de beleza —
que, com um ferramental de gravêtos, de pedacitos
de folhetas, decoram em tres tempos, — ata, córta
e dependura, — e a correr vão pôr ao fumei-
ro — um grande prato, uma grande travessa,
um alguidar ou um pichel obtendo, na ra-
pidez e certeza de traço, maravilhas de graça
e de pitoresco — dês dos dois corações filigrana-
dos, com a chave pendurada ao lado, até aos
altos misterios, quasi micromanticos das bilhas-
de-segrêdo — que são dão agua, só matam a sê-
de, a quem por seus meritos e ternuras, suas vir-
tudes e manhas, seja digno e merecedor de pene-
trar aqueles ingenuos arcanos duma Arte sim-
ples e amoruda, cheia de graça e de encanto,
— decorações e motivos que se repetem ou flo-

reiam nos pratos, pingadeiras, infusas, vinagueiras, pótes de pernas, chocolateiras, caçoilas, cantaros, barrêtos, talhas, panelas, picheis e, puchando para o fino, mas sempre no barro vermelho vidrado e decorado com traços amarelos de galena, nos galheteiros, nas manteigueiras, nos bules, nas leiteiras e nas chavenas com seus pires, — tão lindos de côr, tão gracis de ornato, tão portugueses no seu todo, que não sabe a gente porque ainda não pegou a moda, em rodas finas, festas nacionalistas, — nas pousadas de turismo ou cada um em sua casa — de se servirem dos five o'clock, nestes barros, que ainda por cima fazem o chá mais saboroso e mais apetitoso de côr.

Os tipos classicos da bonecada — excluindo os tradicionalmente ligados aos Presépios do Natal, como os Reis Magos, o Rei Herodes a cavalo, e o velho Semeão de origem relativamente recente — andam á roda de um canto — e cada um com o seu assobio, com o seu feitio e chamadoiro — só a musica com o seu mestre a reger, tem 25 figurantes, todos empenachados, todos bigodados e todos tão compenetrados dos seus talentos musicantes, que, a gente, mesmo sem lhes soprar no assobio, tem a impressão que os maristas estão todos, batendo "records" de desafinação, a massacrarem os acordes, patrioticos da Portugueza — quando não calha que, agrupados, deem pelo caricatural e bugeirismo das expressões, versos poemetos de facecia rural, como o grupo tipico da matança do pôrco, com o magarefe a meter-lhe o facalhaz, o dono e a putentela a mante-lo amarrado aos fueiros do carro, e a dôna, toda arregaçada, che-

208

gando o alguidar para aparar o sangue para o sarrabulho e para os enchidos.

E então, entre bichezas, é um nunca acabar; dês da chifrada e barrante junta de bois, berrantes de côr e de chifres, com reputação nas exposições de todo o Mundo e que é como a marca registada e o certificado de origem da bonecada de Galegos e das Areias, até ao galo, decorativo, pimpão de todos os formatos e para todas as bolsas, em genuino, autentico e lusitanissimo Chanteclair-Meinhoto, côcóricando, de crista rubra e rabo alçado, as virilidades amoradas da Raça e do Povo - sem falar numa infinidade de burros, burricos e sendeiros, todo um rebanho de cabras, ovelhas e carneiritos, com matilhas de cães e laradas de gatos á mistura, até á galinha, cacarejante, de asa aberta, com as suas ninhadas dos pintainhos, assapada no chôco, com escala, e numero á parte - desde a Colonial do Porto, no mais trombudo e empertigado elefante que, das ompurinas de Sta Maria e S. Salvador de Galegos, já trepou aos luxos asiaticos da pintura á pistola - e dos taboleiros de Feiras de Barcelos, galgou já aos escaparates e vitrines mais careiras das grandes casas de novidades de Lisboa e Porto, onde, de résto, ainda não vi, o Espigueiro Meinhoto, a mais recente e mais apurada creação dos barristas das Areias e que é, sem duvida, a mais linda, mais decorativa e mais regionalista das suas lindas péças.

É verdade que neste capitulo de saltos e aristocratisações dos barros populares de Barcelos - que antes de triunfarem em Belem, já tinham triunfado em Paris e em Nova York - o mais pitoresco é a exportação mensal para o Funchal, dumas jarritas floreadas, de barro vermelho vidrado, com estes dizeres poliglotas "Souvenir of Madeira", que os

turistas lá se disputam a pêzo de oiro — e são todas — tudinhas, como cá se diz — nadas creadas, moldadas, cosidas, vidradas e baptizadas, com todos os seus "Souvenirs" e os seus "Of"; ali, em S. Vicente d'Areias — a sete quilometros de Barcelos — deste Barcelos de encanto e de sonho, em pleno coração do Minho, onde, no verão, pelos centros mais concorridos, se sentem fumir as môscas e onde, de verão e de inverno, no ano todo, ao toque das Trindades, não se vê viva alma nas ruas — o que talvez explique, não haver ainda em Barcelos uma Escola Industrial — uma Escola de Artes e Ofícios — que eduque, cultive, apure e não deixe abastadar-se em frustes imitações ou esmirrar-se e morrer de todo na rude incultura dos seus artistas ingénitos — uma Arte e uma industria de que vivem alguns milhares de creaturas, honrando pelo seu talento ingénito as gloriosas tradições da Grande Arte dos Barristas Portuguezes...

Como é que a há de haver, se, ainda ninguem veio á rua, a pedi-la, aos jeitos ou com bons modos, como essas coisas se pedem e ás vezes se obtem?... B. B.

×

MANUEL DE SOUSA, um dos últimos mestres-oleiros da ilha de Santa Maria

209

Frisos da nossa gente e da nossa terra

por Luiz Chaves

(Do Mensario das Casas do Povo – Ano V – Fevereiro – 1951 – Nº 56)

Tantas coisas da nossa terra!
Poucos reparam nelas:
Tão poucos as apreciam!

Por todas as formas, desde que esteja bem alta a nossa alma, podemos fazer o apostolado de tudo quanto é nosso e tem como sinal de si propriu o sentimento portuguez da nossa gente.

Temos por aí fora, em Portugal inteiro, manifestações singelas mas emocionantes da arte popular ou, melhor talvez, das artes populares.

São flores da nossa alma e da nossa terra.

Não as julguemos desprezíveis, por mais modestas que forem, quando sejam nascidas, creadas e insinuantes em terra portugueza e de gente portugueza.

Já repararam bem nas figurinhas, tão vibrantes de côr, das feiras de Barcelos?

Olhem os musicos, de casaco azul, vivos rubros, com barretina de penacho encarnado, hirto repuxo, que lembram os uniformes festivos das filarmonicas de ha não muitos anos ainda.

De instrumentos dourados ou prateados, uns, de pratos ou caixa e bombo, outros, todos flamantes, muito alinhadinhos, verticaes, ás duzias, mais vermelhos digo, ás centenas, em cima de uma estante, mais azues, mais vermelhos, mais dourados á força de brilhantina empoada, valem o mercado inteiro.

Todos teem a sua bigodeira a preceito e fazem gala nisso, marcados pelo mesmo modelo viril da gente dos campos e das vilas, que assoprava, encantada nos metaes e batia com frenesi nas peles das cinxas, tambores e bombos, quando vestia a farda farrota, rica de côr, e tomava parte dominante nas festas.

dos seus Santos, nas romarias, nas grandes manifestações sociaes e politicas da terra e das vizinhanças.

Um feito desses bonecos empertigados, no seu S. Martinho de cores e evocações, representa bom pedaço do Minho.

Estas figuras populares, porque representam de facto simpaticos tipos do povo, e porque são feitas por gente do povo, com barro arrancado ao chão da sua terra, só podiam ser, assim como são, do Minho colorido movimentado de alaridos de toda a especie.

Outras figuras de tipos populares ilustra, com a policromia das cores vibrantes, os estandaes das lonças de Barcelos; tenho aqui perto uma delas; a rapariga de blusa vermelha, que vae com o cantão á fonte, — o fasco retiro dos namorados, que as trovas consagraram: — e repare-se, com a inclinação da cabeça, não sei se intencional no oleiro que a fez, a curiosidade da moça, a espreitar, não veja por ali o moço, com que se encontrará no derriço, emquanto a agua da bica vae cantando no cantarinho.

E aquela boeira á frente da junta de bois, — os seus boizinhos, sagrados como o "boi bento" das romarias?

Eles muito grandes, ela pequenina! Ou: eles muito vermelhos, em brasa, e ela humildezinha e pobre, de saias curtas e blusa amarela ou rubra, muito rubra, para animar os bichos!

Que estes, como os homens primitivos de ontem, de hoje e, por ventura, de amanhã, gostam animadamente da côr, que os inebria.

Ai! os bakés dos arraes, as bandeiras flutuantes, que dão a alegria maior!

E o trajé vermelho das Minhotas?

Então, aqueles galaripos atrevidos, e os galarões gigantes, revestidos de azul matutino, de

vermelhão dos arreboes, com dourados de riqueza decorativa?

Tanta côr, que explica a policromia da terra na paisagem de foguetes de lagrimas, e a peça concordante, que é a vestimenta excitante das mulheres!

Por que não haviam de ser assim vivas e estonteadas, todas as cores das artes populares dessa terra?

Mas, os musicos! Os musicos, com a sua côr, o hieratismo singular e mágico do porte e da gravidade!

Tanta gente procura hoje alindar as suas casas com coisas de Portugal pondo de parte o que não nos fala senão para algaraviar dinheiro naqueles que o teem e o querem mostrar a si e aos outros, poucas vezes talvez interessados; que não é demais, nem parecerá piegas recomendar mais enternecida e inteligente atenção para estes bonecos airosos.

Figuras portuguezas de uma parte do grande quadro total, que representa a nossa terra; personagens do auto, que é a nossa vida nacional; participantes de uma das paginas do grande livro ou da colorida rapsódia da nossa gente!

Reparem nestas figurinhas; formem com elas legiões, que assentem arraiaes em casa, postas numa estante, formadas num friso, ou em armario como filarmonica, enorme, a dar concerto heroico em teatrinho de ópera, envidraçado.

Conheço felizmente, cá por Lisboa, algumas colecções destes empolgantes musicos, meio-soldados, meio-paisanos, apresentadas com espirito de compreensão e encantamento!

Assim seja para todos.

211

212

213

214

O Traje regional

de Barcelos

Vide páginas 157 do 4º Volume

Est. é o traje regional de Barcelos, de saia e aavental em combinações de várias cores de tonalidade suave, «modesta», segundo a fraseologia minhota

215

= Barcelos =

= Vide paginas 157 do 4º Volume =

= Festas dos Lenços em 1951 =

TRAJE REGIONAL DE BARCELOS 1951

A esquerda:

Está colocado o postal que Alberto de Souza fez publicar, vendendo-o como reclame aos costumes de Barcelos, conforme atraz fazemos referencia.

×

O Traje Regional de Barcelos

(Da Comissão de Iniciativa e Turismo, em Maio de 1936)

Memoria

A Comissão de Iniciativa e Turismo de Barcelos, ao ter de dar cumprimento á circular do Conselho Nacional de Turismo, mandando confeccionar uma boneca vestida com o traje regional barcelense, procura proceder com a noção exacta das responsabilidades.

Não era boneca vestida com traje barcelense de velhas epocas aquele que corresponderia ao criterio organizador da exposição de Londres. Não se tratava de estudo de evolução do traje regional barcelense, nem tampouco era acto de probidade apresentar fantasia

caprichosa, não correspondente à realidade.

Valiosamente coadjuvada pelo organismo seu auxiliar, a Sub-Comissão Cultural e a Comissão de Iniciativa de Barcelos, juvenden, e julga tê-lo conseguido, fixar num traje todas as características que diferenciam o traje da cabeça da autoridade, que, com esta ou aquela deturpação, ainda é de uso em aldeias deste vasto concelho, e que, com fácil dispêndio de facilidade, pode fazer-se reviver, expurgado de todas as influências estranhas que possam descaracterizá-lo.

Tem o Minho literal, chamando assim a toda a região desde a costa aos contrafortes serranos, um traje feminino a que poderemos chamar minhoto. — O modo de atar o lenço da cabeça, o lenço cruzado no peito, a saia de serguilha de larga roda, e colete à vista sobre a camisa, e a profusão de adornos de oiro são comuns em toda a região.

Viana do Castelo, pela garridice do seu traje de Portuguesa e Mordoma, e ainda o de Afife, conseguiu manter mais viva a tradição, embora um tanto deturpada até tempos recentes.

Barcelos, concelho de mais de noventa freguesias, com entremeios tocando Viana, outros a beira-mar, e ainda outros terras de Famalicão e de Vila do Conde, vizinhas do Porto — tendo a sede citadina no centro, sofreu, no período desnacionalizador do século XIX, todas as influências de deturpação e decadência do seu traje regional.

Em grande número de freguesias, a saia

de pano azul ferrete, chamado de bacta-crêpe com adornos de veludo, e os aventaes de veludo preto, com rendas, fizeram esquecer as saias e aventaes caracteristicos, a tal ponto, que a Exma. Snra. D. Fernanda de Matos Cunha, no seu estudo sobre o trajé barcelense foi vitima do êrro de um estudo menos profundo e limitado ás pequesias suburbanas onde a culta investigadora residiu temporariamente, e fez centro dos seus estudos.

Mas, pequesias houve que resistiram, conservando os tecidos proprios e o conjunto barcelense, embora, numa ou noutra, levemente deturpado por influencias do trajé vianez.

Após demorado estudo, conseguiu-se reunir o conjunto puramente caracteristico da região barcelense, sem confusão possivel com qualquer dos trajés da região de Viana, que, como fica dito, são os mais conhecidos, embora atravez de alterações mais ou menos carnavalescas.

×

O trajé apresentado é o trajé regional de Barcelos que suporta, aqui e ali, algumas pequenas alterações de primeiro detalhe, e cuja saia, como o avental, são fabricados em combinações de varias cores, sempre dentro da tonalidade suave, modesta, segundo a paseologia minhota.

×

A saia de serguilha, como o avental, este mais claro com a sua barra ("forro", em linguagem minhota), de côr preta, são totalmente diferentes das saias e aventaes vianeses.

O colete de rabos, prêto, com bordado a côres, é tambem inconfundivelmente barcelense, bem

como a camisa de larga gola e ombros bordados a branco, característica original, pois nenhum traje viavês rigoroso tem camisa de gola larga bordada, como a barcelense.

Cruza o peito lenço de ramagens, coberta a cabeça com lenço igualmente de ramagens, um de fundo mais escuro e outro de fundo mais claro, sendo característica inconfundível barcelense a combinação do lenço castanho e do lenço azul, este quasi exclusivamente de uso barcelense.

Meias, chinelas, faixa, lenço de mão, tudo obedece a escrupuloso rigor.

É difícil a reprodução das joias do traje barcelense.

Não faz parte dos adornos a filigrana, sendo apenas usada, e não muito, a chamada estrela (espécie de Cruz de Malta).

Características, as argolas e coração de chapa, os cordões e a borboleta, assim como a cruz.

×

Ao apresentar a boneca barcelense, vestida e adornada depois de rigoroso estudo e observação demorada, a Comissão de Iniciativa e Turismo de Barcelos julga ter cumprido escrupulosamente a bem de Barcelos.

×

Para esclarecer a referência a lenços diremos, finalmente, que são também do traje barcelense os lenços de fundo vermelho e os de fundo verde.

Se um lenço é de côr mais viva, o outro contrasta, mantendo-se a harmonia e a característica suaves, predominantes no conjunto.

A combinação dos lenços de fundo castanho e de fundo azul é, porém, exclusivamente barcelense.

218

Traje regional barcelense

Vide' paginas 157 do 4.º Volume

Traje regional de Barcélos

O traje regional de Barcélos, sofreu durante o século XIX grande deturpação e decadencia.

As saias e aventaes caracteristicos foram postos de parte para serem substituidas pela saia de pano azul ferrête, chamada de "bata-crêpe" com adornos de veludo, e os aventaes de prêto, com rendas.

N'algumas freguesias persistiram, mas com léves deturpações.

O traje que se apresenta é o traje regional de Barcélos ainda com pequeninas alterações, cuja saia e avental são fabricados em diversas côres, mas devidamente combinadas.

A saia de serguilha e o avental sempre mais claro com barra de côr prêta, são muitissimo diferentes dos do traje de Viana do Castelo.

O colête de rabos, prêto bordado a côres, é indubitavelmente barcelense, assim como a camisa de gola larga com os hombros bordados a branco.

O lenço com que cruzam o preito é de ramagens, bem como o lenço com que cobrem a cabeça sendo um de fundo mais escuro e outro de fundo mais claro, caracteristica inconfundivel barcelense a combinação do lenço castanho e do lenço azul.

As meias, chinélas, faixa, lenço de mão, tudo obedece a escrupuloso rigôr.

Como joias é frequente o uso da estrêla (especie da Cruz de Malta), as argólas e coração de chapa, os cordões e a borboleta e a cruz.

A filigrana não faz parte dos adornos do traje regional barcelense.

Ha quem, com este traje, faça uso dos lenços de fundo vermelho e os de fundo verde.

×

De J. de Vilhena Barbosa — (Excerto de um estudo publicado no

"Arquivo Pitoresco," em 1862) =

. . . . . Não é por certo o concelho de Barcelos dos que mais se distinguem na graça e beleza dos trajes populares femininos.

A outras muitas terras d'aquela provincia damos a este respeito assinalada preferencia.

Todavia não é falto de elegancia o vestuario dos barcelenses.

O corpête de pano azul ferrête, ou escarlate, contrastando com a alvura das mangas largas da camisa, cujo peitilho se guarnece de rendas até afogar o pescoço; o lenço branco que lhes circunda a cabeça, com duas pontas atadas sobre a nuca, e as outras soltas; as arrecadas que lhes pendem das orelhas, e os cordões com suas cruzes e corações de filigranas de oiro, que lhes adornam o colo e o peito, a saia orlada de um folhinho e com seu pequeno avental; as meias listadas e os chinélos com suas guarnições de fitas de veludilho prêto e côres claras, dão ás camponezas barcelenses um certo aspecto dos costumes grêgos que muito bem lhes vae."

= Considerações sobre o traje regional =

De um bom amigo barcelense recebi em 18 de junho de 1942 a seguinte carta que desejo arquivar nestes meus apontamentos para a historia de Barcelos:

Meu Bom Amigo:

Não posso, nem devo, deixar de me associar á sua justissima revolta em defeza da mulher barcelense.

Tenho á minha frente um trabalho do Ilustre antropologista Dr. Santos Junior, que confirma a nossa opinião.

. . . . . "A graça donairosa, o frêsco sadio, a esbelta robustez, e a rara elegancia que o lindo traje regional mais faz realçar, são coisas que a antropologia não méde mas que o nosso

sentimento estético avalia, colocando a encantadora mulher barcelense nos mais altos lugares da escala das mulheres frescas, atraentes, fortes, graciosas e bélas".

. . . . . Aos olhos de Camilo, o maior romancista portuguez e impenitente femineiro; não passaram desapercebidas as mulheres de Barcelos.

. . . . . .

"Que tão lindas môças ha nas suas redondezas, com o chapéu pequeno de feltro grosso, envolto n'uma fita estreita de veludo negro encimado por perturbador espelho oval na frente.

Saía de teia escura guarnecida com barras de baetilha preta. Colête de pontas mostrando ramagens policromas adornadas com pano Duraque.

A Camisa bordada a branco sobrepujada por gola larga no pescoço desempenado.

A faixa preta a envolver os quadris prometedores sôbre o avental de "mances" fortes.

E a meia branca, rendada, destacando-se a primôr, a chinéla em bico pespontada a tons varios que dominam a colaração escura e o vermelho sobrio.

. . . . . .

N'um grande abraço de estima e admiração.

(a) Antonio Silva

Porto 16-6-1942.

×

Esta carta foi-me enviada por eu ter criticado acremente o Snr. Alberto Souza por ter posto á venda postaes com o tipo da mulher barcelense e respectivo traje regional, que não traduz a verdade em nada!!...

A carta que atraz deixo transcrita é de um amigo Antonio Silva distinto redactor fotografico do "Primeiro de Janeiro", do Porto.

×

"Traje regional".

Do "O Barcelense" nº 1628 de 13 de Junho de 1942, da autoria de Z. da

sua secção "Intra-Muros" - critica referida aos postaes de Alberto Souza -

". . . . . .

- Alberto Souza, eximio artista, foi de facto feliz nos traços da aquarela que fixou, não a mulher barcelense, nem o seu traje regional, mas o tipo da mulher recadeira ou jornaleira, (de pé descalço) sendo ao mesmo tempo excessivamente infeliz por ter tido a ideia de estampar aquela aquarela em postaes que teem corrido todo o mundo com a legenda "Portugal - Costumes - Barcelos".

A mulher que lhe serviu de exemplo moral é esguia, esquelética, (tipo de mulher em execução de trabalhos de campo e mal alimentada), verdadeiro prototipo de mulher tuberculosa, emquanto que a mulher de Barcelos, é linda, sadia e robusta, vestindo e calçando bem, como nitida e claramente se mostra nos postaes editados pela Comissão de Turismo local.

É certo que aquela legenda póde referir-se simplesmente ao costume da serviçal rural, que trabalha aos dias, sem ao menos ter amo certo, mas, a ser assim, neste caso, falta-lhe uma referencia especial.

. . . . . .

×

A' direita:

A boneca que a Comissão de Turismo mandou vestir rigorosamente com o traje regional barcelense.

×

Ainda sobre a mulher de Barcelos:

..... as moças de Barcellos levam de vencida as lindas mulheres das redondezas, no rosado da face, na robusta elegancia do corpo e na viçosa alegria. — Camilo.

× ×

Traje regional de Barcelos

Foi assim, com este traje com um grupo numeroso d'esta cidade, tomou parte da Parada Folclorica que em 1934 se realizou em Lisboa, sob a protecção da Camara Municipal e direcção do Dr. Constantino Rodrigues, (Médico) já falecido.

— × — × — × —

225

O Linho

BARCELOS — A roca, arma sempre à mão da mulher do Minho

Grande exemplo, o desta octogenária que tão dignamente proclama a sua terra e as virtudes da sua gente!

226

O Linho

A industria do linho é muito acarinhada em algumas das nossas freguesias.

Trabalhos todos manuaes, em tecido e bordado e em rendilhados de gôsto finissimo, que teem sido expostos para que os visitantes os admirem e vejam o que se pode fazer do linho, afirmam que ha mulheres no concelho de Barcelos que revelam extraordinario bom gosto, arte e habilidades naturaes — porque a grandissima maior delas trabalham no linho por distracção, sem terem cursado quaesquer escolas de aprendizagem.

<Do "Portugal Economico Monumental e Artistico" a pag. 429>

×

×

Exposição do Linho e Lã

(Por occasião do Congresso Missionario em 1931) —

Realisando-se n'esta cidade de 1 a 7 de Setembro de 1931, foi inaugurada e realisada na Cerca do Hospital da Misericordia, uma importante exposição do Linho e Lã que se prolongou até 15 do citado mez de Setembro de 1931.

×

Toda a industria do linho faz parte integrante da "Feira de Barcelos".

×

"Vendedeiras de rócas e abanadores" — "Industria da freguesia de Milhases".

<Do "Portugal Economico Monumental e Artistico">

Os "fusos" (tambem aqui fabricados) e as "rócas" que as mulheres do campo usam na fiação do linho, fiação tão simples, tão dos serões á lareira nas noites de inverno, tão agradaveis e cheios de beleza regional, que fazem recordar a avó velhinha, curvada ao pêzo dos anos a fiar e a dobar o linho que havia de ser utilisado na "teia" de que haviam de ser feitos os paninhos e as camisas dos netinhos que viessem.....

×

Fazedores de "fusos" e "rócas" = Fequeria de Milhares =

A industria dos fusos que tornou bem conhecida a fequeria de Milhares é tradicional n'aquelas paragens e a sua origem confunde-se e perde-se na poeira dos séculos. Sabe-se apenas que ela se engrandeceu ha aproximadamente cincoenta anos, mercê da protecção que lhe dispensou o saudoso e honrado comerciante João José Martins, que financiava a manufactura desses objectos para revender e distribuir depois a sua produção por todo o Paiz.

Simultaneamente se aperfeiçoou o trabalho manual das espadelas, espadeladouros e tamancos, assim como a construção de rócas, quasi sempre decoradas com ingenuos e artisticos motivos de romantico enlevo, á semelhança d'aquela famosa legenda, pintada a vermelho, entre dois corações: — "Mais vale fiar na rócas do que fiar em amores". —

Os humildes artifices dos fusos e das rócas são pessoas muito prestaveis e sentem mesmo certa vaidade e honroso orgulho em auxiliar os lavradores das visinhanças nas duras fainas agricolas.

Oferecem-se, "para deitar a mão" e "dar uma ajuda" a qualquer trabalho sem o menor encargo de salario ou retribuição.

Aceitam apenas, á hora da sesta e da merenda, uma ligeira refeição que lhes é servida em pleno campo.

Essa faina agricola começa em meados de Junho e termina no dia da Senhora das Necessidades, em 8 de Setembro de cada ano.

Por isso mesmo, por lá se cantam ainda estas minas de pé quebrado e de espiritoso

227

conceito:

"Senhora das Necessidades
não hei-de ir á vossa festa
- que me tiraste a merenda
e mais a hora da sesta".

(Publicação feita em "A Barcelense".)

Os "fusos" e as "rócas", (fabricados na freguesia de Milhares), que as mulheres do Campo usam na fiação do linho, fiações tão simples, tão dos serões á lareira nas noites de inverno, tão agudaveis e cheios de belega regional, que fazem recordar a avó vélhinha, curvada ao pezo dos anos a fiar e a dobar o linho que havia de ser utilisado na "teia" de que haviam de ser feitos os paninhos e as camisas dos netinhos que viessem.....

<Do "Portugal Economico Monumental e Artistico">.

"Jornadas em Portugal" - "O coração do Minho" - de "Antero de Figueiredo" - Da Academia das Sciencias -

..... e brancas são tambem, como toalhas as meadas de linho a córar no outeiro.

O linho, o querido linho a quem o minhoto quer mais que tudo - a quem estremece!

Poderá deitar fóra, como cousa que não presta, um pedaço de sêda, de damasco ou de veludo; mas um farrapinho de linho, por mais pequeno e sujo êsse guarda-o preciosamente para com ele forrar a rolha de um batoque, ou pensar uma ferida, desfazendo-o em fios.

Triste linho, o que ele padeceu para chegar a ser branco e util! Seu corpo de martyr subiu um calvario e foi pregado numa cruz, para, sofrendo, e apurando-se, dar-se a Deus, servindo os homens.

Foi semeado, arrancado, rifado, cortido, secado, malhado, moido, espadelado, sedado, fiado, ensa-

rilhado, meado, cosido, coiado, dobado, novelado, urdido e tecido.

Certa manhã de fins de Abril, numa lua nova — lua forte — depois de lavrada uma terrinha fundavel, sótheira e de fácil regadio; depois de bem gradada, primeiro com ordentes, em seguida com as [illegible] com as costas, e limpa da felga, semeia-se a linhaça, borrifada das mãos da moça para a terra, que a recebe com gosto. É regada em junho. Emerge verde e tímida e, pouco adiante pelo Santo Antonio

SECAR — LINHO

LITO. MAIA PORTO

o linho sorri na terra, mas este sorriso vem laivado de chôro: — a sua flor, de azul celeste, é tão frágil que a menor viração a quebra, e o seu destino, vê-se, é viver a correr.

E este foi o primeiro e ultimo binecar de uma adolescencia passageira.

Começam agora para o linho os durissimos trabalhos da vida, os sofrimentos de toda a hora, os martirios sem nome. Queimada sua flor pelos calores

228

do estio, a haste amadurecida, numa tarde, entre vizinhos e amigos, o seu corpo sêco é arrancado da terra para passar a um ripanço onde se aparta, para sempre, da bagunha, sua fraternal amiga, que, nos eiros, á ardencia do sol, estala de saudade.

Em seguida, durante dois quartos de lua, o linho, em aguadouros, é enriado na corrente de uma ribeira. O seu cadaver macerado não ouve os insultos dos que adoeceram por beber

FIAR — LINHO

LITO. MAIA-PORTO

descuidadamente, essa agua venenosa onde ele se curtiu.

Enxovalhado, desfigurado, tiram-no do rio e põem-no, num campo, em estendal, a secar. O sol não o reconhece. Mas, deus sabio e forte sabendo, de antemão, todo o giro de dor que o linho tem ainda de percorrer na vida, diz-lhe grandes palavras de calor e de luz, ressuscita-o e avigora-o, dando-lhe tenacidade ás fibras, enrifecendo-o, encorajando-o. Ele luta

ele vencerá.

Então, em horas abertas de calor ardente, o linho é malhado todo o santo dia, inclementemente, com manguaes de carvalho duro como ferro, batendo-o com pancadas cavas que fazem estremecer os corações. Não satisfeitos, os homens levam-no de aí, em molhadas, a um engenho onde o trituram, quebrando-lhes os ossos.

BARRELAR — LINHO

LITO. MAIA PORTO

Depois, — numa eira, ao som de violas, harmónicas e requintas, e por entre descantes de mulheres guerridas, sentadas em redor, sob o luar que mergamente as empalidece — mãos femininas o tomam, em manadinhas, fixam-no de encontro ao cortiço, e de novo o açoitam com espadelas, de laminas quasi cortantes, que o limpam das fibras mais grossas e ásperas, dos tormentos — os seus pecados.

Matracam ritmicamente as espadeladas

229

os risos brincam nas faces das moças enamoradas; e, á desgarrada, entre cantadores e cantadeiras, ao som de cavaquinhos, esfusia o amor, escondendo-se em palavras disfarçadas, desprendendo-se em remoques vivos, denunciando-se em arrufos e ciumes.

Já os serandeiros, com as caras encobertas e falando de mudado intrigam amores, emprantos as conversadas tiram das algibeiras a maçã que trouxeram escondida para oferecer ao derriço, como premio augusto destas rusticas côrtes de amor.

TECER — LINHO

LITO. MAIA-PORTO

E as espadelas batem, batem; e o linho sofre, sofre.

Mas ainda isto não é suficiente.

Um tormento maior o espéra; o sedeiro: — infernal instrumento de mil bicos de prégos afiados, por onde o seu corpo vae ser passado, rastelado, assedado, separando a estôpa e a estopinha;

até ficar como cabelo, transformando-se em espiga fofa e brilhante, tal qual os fiados do ouro das fadas e das lendas.

Agora tomam conta dêle mãos carinhosas de velhas, de cabelos brancos e faces encarquilhadas, que o põem em arejada róca, e, condoídas, tratando-o como filho, de noite á lareira, de dia á porta dos casacs, ou nas courelas a guardar o gado, beijando-o e torcendo-o, entre os seus dedos ensalivados, o recolhem, em maçaroca, no fuso que rudopia, sibilando a sua cantiga feita de palavras de aragem.

Este meigo contacto foi um momento de alivio que lhe fez minorar a pena de se sentir torcer.

A velhice, convoida e prudente, tratou-o com relativo carinho.

Essas mãos cansadas o passam de maçaroca para a meada que um saritho alegre recebe.

Mas o bem, bem pouco dura: — essa meada afogada em agua e abafada em cinza, é metida em panélas de ferro e posta ao lume a ferver, a referver em cachão, horas seguidas, até branquear, e depois, deceinada, ao sol, córando muitos dias, até alvejar.

Bem seguida, vae para a dobadoira que, bailando de roda, como fogaceira em romaria, a passa para novelos e daí á urdidura e ao teár onde a lançadeira, tecendo, brinca nume vaevém cantando, — hino do triunfo ao redentor.

Finalmente, ni uma ultima barréla entre perfumadas folhas de loureiro e de mentrastes, ele se alimpa, se purifica, se espiritualiza, tendo atingido, assim, a sua missão na terra: — a teia.

230

E o linho, cordeiro de Deus, sorri na beatitude da sua candida alvura, pois sabe quanto vae ser util aos homens.

Já a minhota acaricia a teia, a ata com fitas encarnadas, e avaramente, como brazal precioso que diz a fartura com que se veneram as gentes, a guarda no fundo das arcas, entre maçãs camoesas, córadas e cheirosas, para dela fazer a roupa branca da sua casa: — os lençoes, os travessinos, as fronhas, as camisas com rendas que os bilros enastraram, as toalhas dos altares e das mesas de comunhão, as alvas e os sanguinhos; — peças para os dias alegres dos batisados e dos casamentos; para as doenças prolongadas; para o penso das feridas; para a hora da morte... para o ultimo afago do rosto ao fechar do caixão!

Que o linho, o linho santo e martir, que muito sofreu pelos homens; para todo o sempre seja louvado e bendito!.....

×

Arrancada de linho

Arrancada de linho no campo

Campo de linho

Campo de linho

231

Campo de linho

Arrancada de linho

A espadelada =

A cultura do linho, desde a sementeira, até á sua aplicação pratica como tecido, é uma das mais interessantes tarefas da lavoura minhota.

As mondas, as arrancadas e as espadeladas são belos capitulos de um verdadeiro romance em que de alium o trabalho e a intima materia da producção ás mais divertidas festas que a gente moça, cioza de suas tradições, não dispensa, antes anima com a sua jovialidade e espirito folgazão.

Depois das mondas e das arrancadas, tarefas

232

realizadas ainda longe da sua agricola, vem a maior festa do linho — a tradicional espadelada. Na aldeia todos os rapazes afinam o ouvidos para saberem quando será a espadelada.

E quem serão as moças
convidadas, Estas, por sua vez
aguardam o dia — e a noite
com ver- dadeira ansiedade
e evitam, tanto quanto possí-
vela dival guir dos porme-
mores desta festa, talvez para
a tornar mais desafiada
pelas mo- ças. A notícia

Nada a mais nem a menos, nesta singela mas formosa apresentação da tecelagem caseira

no entanto, logo se propaga e no dia aprazado eles lá aparecem, batendo no
portão, saltando o
muro, mas sem deixar
convidados. todas as mo-
Antes, já çoilas se têm
reunido no local com os
seus "corti- ços" de "espa-
dela" na mão, pron-
tas a iniciar a função.
Lhe as pe- dras da eira,
aquecidas pelo sol, ouve
se o bater abafado das
"espadelas" no tirolinho
pendente da borda do
"cortiço". Cantigas em
uníssono desafio
tornam ainda mais
poético o entardecer de

Eis uma oficina de tecelagem, onde muitos gostam de trabalhar. Fazem carpetes e são tecidas toalhas e lençois muito curiosos. O trabalho é voluntário e rende a quem o faz

um lindo dia de Verão. Os rapazes também colaboram, mas o seu fito não é bem a ajuda no trabalhinho... Eles aguardam mas é o folguedo que se seguirá. Entretanto, os mais audazes vão fazendo das suas. Vestem-se fantasiosamente, colocam

"barbas" e "bigodes" feitos de estopa, atiram com estrigas para as costas das rapanigas, mas tudo isso faz parte da espadelada.
Acabado o trabalho, todos vão à adega, onde não falta broa, chouriço, presunto e ... o bom verdinho.
E lá está a alva toalha de linho, produto da faina dos anos anteriores.
Depois quando os pares estão já mais ou menos formados, toca a dançar e cantar até altas horas.
O palco é a eira, onde o luar incide já com toda a força...
Termina o trabalho e termina a festa, mas da jornada fica sempre alguma coisa mais do que o linho espadelado.....
Corações apaixonados — novos lares em perspetiva!

Transcrição do "Jornal de Notícias", do Porto, nº 3 - Ano 73 de 4 de Junho de 1960

233

Quinta de Santa Maria

(Barreiros)

A QUINTA DE SANTA MARIA

Os bem cuidados edifícios da quinta de Santa Maria, exemplar exploração agrícola da região minhota

Holandesa

(Importada)

234

= Quinta de Santa Maria =

= Industria de Laticinios =

Esta propriedade sita na freguesia de Vila-Boa (S. João) pertence ao Sr. Dr. Delfim Vinagre e a seu filho Antonio Borges Vinagre.

Está situada na Avenida Paulo Felisberto da Fonseca, desta cidade, quasi em frente á Cadeia Comarcã.

No dia 25 de Março de 1945 foram solemnemente inauguradas interessantes e bem adequadas dependencias para exploração da Industria de Laticinios, o que veio engrandecer a industria local.

×

Quinta de Santa Maria

("Terras de Portugal" nº 1 (416) de Fevereiro de 1951 – José de Matos)

Seria injusto e incompleto não falar da Quinta de Santa Maria, com uma área aproximada de quinhentos mil metros quadrados, situada a um quilometro de Barcelos, á margem da estrada que liga aquela cidade a Viana do Castelo e a Ponte do Lima.

É outro formidavel exemplo de actividade e de ordem, tanto para a lavoura como para a industria.

Como na Quinta de S. Miguel, tudo ali é concebido e efectuado pelos processos mais modernos.

As frutas, as hortaliças e o leite saem da Quinta de Santa Maria em perfeito estado de conservação e de manipulação, honrando os seus produtores.

As melhores raças de porcos, directamente importados da Gran-Bretanha, como as raças de vacas leiteiras, adquiridas na Holanda, patenteiam-se aos olhos do visitante nos soberbos exemplares.

As suas pocilgas devem ser consideradas actualmente as mais higienicas e mais modernas do País.

Outra secção digna de nota é a dos cavalos, que se procuram aperfeiçoar para o serviço nacional.

— A Quinta de Santa Maria, que o grande publico ainda desconhece na sua imponencia, marca excepcionalmente no concelho de Barcelos, ao lado da de São Miguel, e por isso de legitimidade se orgulha de as contar no seu perimetro.

= Quinta de São Miguel =

A Sociedade Agrícola Quinta de São Miguel, L.da que possue vastas e importantes quintas com uma area de cêrca de um milhão e duzentos mil metros quadrados, é uma das grandes e famosas organizações do concelho de Barcelos, bastando só por si para afirmar a enorme riqueza vinícola da região.

Quem visitar qualquer dessas quintas, situadas nas freguesias da Carreira, de Fonte Coberta, de Rio Covo e de Lequiade, não pode deixar de ficar profundamente impressionado com o sentido de disciplina social e de técnica agrária que preside á sua exploração.

Não admira, por isso, que as suas produções de viti-vinicultura sejam de extraordinario, de refinado quilate, desde os vinhos brancos aromáticos e suaves até aos caracteristicos verdes, desde os tintos até aos claretes e até ás aguardentes, vinhos preciosos e aguardentes notaveis, com grande consumo no Brazil e nas Africas.

O solo quente, a rêga constante, o tratamento adequado para cada tipo diferente, a escolha das castas, a forma da vindima e da pisa, tudo isso justifica a excelencia destas marcas já famosas, como a "Quinta do Tamariz", o "Casal Pequeiros", ou o "Casal de Landeiro".

A Sociedade Agrícola Quinta de São Miguel, L.da, a oito quilometros da cidade de Barcelos e servida pela linha do Minho, no apeadeiro de São Miguel da Carreira, e pelo ramal de Vine, no apeadeiro do

236

Conto é efectivamente uma poderosa amostra da importancia agricola, como actividade vinicola e de cereaes, mas as suas primorosas instalações, desde os lagares aos alambiques de distilação, merecem tambem um comentario de admiração e são um exemplo a seguir por toda a lavoura bem orientada.

×

SECÇÃO DE ROTULAGEM NA QUINTA DE S. MIGUEL

Em Maio de 1951

×

237

238

239

Convento da Ordem dos Capuchinhos (Ordem 3ª de S. Francisco) em Barcélos

Está situado no Campo 28 de Maio (antigo Campo de D. Carlos) e edificado junto á Igreja de Santo Antonio da Cidade, cuja edificação começou a ser feita e se concluiu, exteriormente, em 1946.

×

Pertence á Ordem 3ª de S. Francisco.

×

240

241

= Matadouro Municipal =

= na Quinta da Ordem =

= em Barcélos =

Principiaram as obras da sua construção em 27 de Julho de 1946.

Está situado na "Quinta da Ordem" junto á margem direita do Cavado.

×

A construção deste Matadouro deve orçar por cêrca de trez mil e quinhentos contos - (3.500$00).

×

No dia 10 de Fevereiro de 1949 (5ª feira) foi visitado pelo Ministro das Obras Publicas, (considerada visita inaugural).

×

Estas obras foram superiormente dirigidas pelo barcelense ilustre Exmo Coronel d'Engenharia Francisco Filipe dos Santos Caravana.

×

A' esquerda:
Vista geral dos Matadouros tirada do lado de Barcélos —

×

A' direita:
Uma vista de um arruado das suas dependencias.

×

Foram dados pontos a funcionar em Abril de 1950.

×

— Novos Matadouros — Construidos na Quinta da Ordem — Vista geral —

— Frente voltada para o Rio Cavado —

Um aspecto do novo matadouro, recentemente inaugurado

243

244

= Legião Portugueza =

= Batalhão 12 = = Barcelos =

O Batalhão 12 da Legião Portugueza, foi organizado em Barcelos em 21 de Março de 1937, tendo o seu primeiro aquartelamento no edifício camarario aonde hoje funcionam as escolas primarias "Gonçalo Pereira", na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, onde se conservou até ao dia 22 de Abril de 1941, tendo nesta data transferido o seu aquartelamento para o antigo edifício onde funcionaram aquelas escolas, á Rua Duques de Bragança, (antigo Colegio dos Sagrados Corações de Jesus e Maria), - hoje (1947) demolido, conservando-se neste edifício até o dia 21 de Abril de 1942, mudando nesta data para o seu actual aquartelamento no Campo Camilo Castelo Branco (Campo de S. José) em prédio que não pertence ao Estado, do qual paga aluguer.

É a casa da "Quinta de S. Vicente".

×

Tem montada uma boa e moderna Cantina que fornece refeições baratissimas ás classes menos remediadas, cuja inauguração teve logar no dia 7 de Abril de 1948.

×

— Este Batalhão por falta de efectivo passou a denominar-se

— Terço Independente nº 67 —

×

Caixa de Credito Agricola Mutuo

e

Sindicato Agricola

Foi inaugurada em 30 d'Abril de 1936 a Caixa de Credito Agricola Mutuo.

×

O Sindicato Agricola, foi fundado em Barcelos em 1916.

A sua primeira Direcção era composta pelas seguintes individualidades:

Luiz Maria da Costa Almeida Ferraz
José Domenech
Albino Leite

Foi nomeado Presidente da Assembleia Geral, na data da sua fundação o Ex.mo Conselheiro M. Sá Carneiro, tendo assistido e presidido a todos estes actos da sua fundação o saudoso Bispo do Porto D. Antonio Barroso com a assistencia do Conde de Azevedo.

×

A casa aonde funciona o Sindicato Agricola é conhecida em Barcelos por "Casa do Tanque" cuja construção é do século XVII.

Está situada no Largo dos Malheiros.

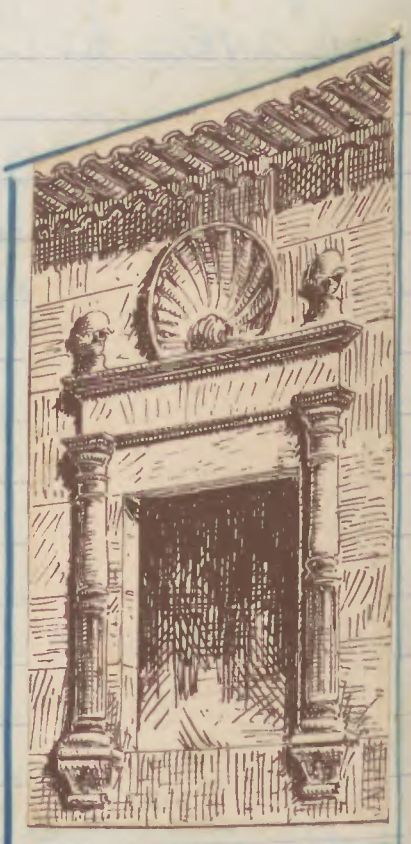
×

A' esquerda:
Uma foto do atrio interior da "Casa do Tanque", de que acima nos referimos.

×

A' direita:
A entrada da "Casa do Tanque" aonde existem instalados os organismos de que acima nos referimos.

A' esquerda:



Janela da Casa do Tanque (hoje Sindicato Agricola) do pleno periodo da renascença, de columnas deveras caracteristicas.

Sobre o corrigimento está um elemento decorativo gracioso.

×

Esta Casa foi demolida em fins de 1949.

×

Em principios de 1950 construiram um novo edificio em caracteristicas modernas e adequadas ao fim a que se destinam.

×

246

247

248

Termas ou Caldas do Eirôgo

Caldas de Galegos

Eirôgo - denominação de um logar da freguezia de Santa Maria de Galegos, a quatro quilometros da cidade de Barcelos, podia muito bem ser já hoje o que são as Caldas de Vizela, Taipas, da Rainha, do Moledo e de S. Pedro do Sul, se para ahi os barcelenses tivessem lançado a sua vista inteligente.

O professor Snr. Dr. José Julio Rodrigues, uma autoridade neste assunto, escreveu em 1885 uma succinta noticia sobre estas aguas.

E o que disse o grande professor? - Dentre outras afirmações suas, reproduzimos: - - - "As aguas brotam de rocha, constituida da forma seguinte: - Granito brofito - muscovitico, cinzento claro, e de grau medio, com os seguintes elementos: - quartzo, ortociase, pisgiociase, biotite e muscovite". De origem vulcanica portanto.

Os caracteres dessas aguas, segundo o sabio professor, são: - Densidade a 18 centigrados - 1,000582; residuo solido d'um litro, a 180 graus 0,427.199; temperatura, 21,25 ao ar, e á sombra 16,75; nascentes 3, estando uma aproveitada com 47.000 litros, em 24 horas e outra com 53.000 litros ignorando-se ainda o rendimento da outra, por não estar captada. A côr, nenhuma em pequena quantidade e azul esverdiada no tanque; cheiro sulfurico caracteristico fraco; sabor, pouco pronunciado; sulfurico e salobro - alcalino.

Materias doseadas: - em um litro: - cloro, bromio, acido sulfurico, silica, peroxide de ferro, alumina, oxido salino de manganez, cal, estronciana, magnesia tithina, potassa, soda e sulfridico.

Os seus gases são: - O azoto quasi puro, um pequeno excesso de acido carbonico, independente do que existe no estado de bicarbonato das diversas bases.

Nas aguas do Eirôgo, encontram-se vestigios de substancias organicas de iodo, acido sulfurico e de barita, como se póde verificar e o mesmo professor viu nos estudos que n'elas fez."

As aguas do Mosqueiro brotam, pelo menos, de quatro nascentes principaes, situadas a pouco mais de cinco quilometros de Barcelos, quase contiguas á estrada concelhia que corre entre esta cidade e a vila de Ponte do Lima, no Mosqueiro, que é um pobre logarejo da freguezia de Lijó.

Surdem á superficie do solo, por entre o granito mal coberto por uma vegetação agreste e minda sem obras de arte que as resguardem ou isolem, limitando-se os depositos d'estas aguas aos empoçamentos, que as depressões da rocha lhes proporcionam e cujas paredes são em regra vestidas por aquela vegetação nutriosa e escorregadia, verde escura, ruiva vermelho claro de vezes, para a côr de rosa, que é caracteristica de grande numero de nascentes sulfurias.

A nascente dos Castanheirinhos, sendo na freguezia de Santa Maria de Galegos, no logar dos Castanheirinhos a poucos metros da estrada e da ribeira do Eirôgo em nivel inferior ás aguas deste riacho.

Esta nascente existente a S. E. e a uns 725 metros proximamente das aguas do Mosqueiro.

O nivel em que surdem estas aguas é inferior aos pontos de emergencia das nascentes mineraes suas visinhas.

Visitando de corrida todos estes mananciaes, a cujo estudo apenas pude aplicar tres dias incompletos, logo desisti de estudar as do Mosqueiro, não só por serem deploraveis as condições da sua emergencia e impossivel analisa-la em poucas horas, sem trabalhos especiaes incompativeis com a rapidez com que tinha de ser efectuada a minha visita, mas tambem porque a fonte principal do Mosqueiro me parecia ter sido sumariamente estudada e quimicamente definida pelo professor Vicente Lourenço; sendo muito provavelmente analoga ou identica ás restantes nascentes desta localidade, a que o meu talento

249

colega e benemerito proprietario da cadeira de quimica organica e analitica da Escola Politecnica de Lisboa caracterizou com a dóse de 0,8 00801 de acido sulfridico por litro e 0,8473 de residuo solido por egual porção de agua.

(Opinião do Dr. José Julio Rodrigues, Lente da Escola Politecnica de Lisboa - Setembro de 1883).

×

Estas aguas foram exploradas no logar dos Castanheirinhos, por Crisogono Correia, construindo um pequeno hotel com alguns quartos e junto um modesto balneario.

Mais tarde tudo isto foi vendido ao medico Dr. Aurelio de Queiroz, o qual falecendo, deixou esta instancia termal a sua familia a qual ainda hoje (Dezembro de 1947) a possue.

×

Castanheirinhos junto ao logar do Mosqueiro e Quinta do Eirogo.

Concelho de Barcelos. Freguezia de Santa Maria de Galegos.

Natureza — Sulfuria sodica, hipotermal.

Indicação Terapeutica — Dermatoses e reumatismos.

Concessionario — Dr. Aurelio Augusto de Queiroz. Alvará de transmissão de 10 de Janeiro de 1939; A concessão é de 16 de Junho de 1894.

Tem area reservada de 50 hectares.

Instalações habitacionaes — Tem uma pensão junto ao Balneario.

Vista panorâmica das Caldas do Eirogo

Termas do Eirogo:

O nosso prezado amigo Snr. Dr. Mario Viana de Queiroz dijo Proprietario das Termas do Eirogo, acaba de receber de Lisboa o seguinte: — "Comunico a V.ª Ex.ª que por despacho ministerial de 2 de Dezembro de 1959, passou a nascente n.º 24 denominada Castanheirinhos e Quinta do Eirogo, situada nas freguesias de Galegos (Santa Maria) e Lijó, concelho de Barcelos, distrito de Braga, anteriormente de 4.ª categoria, a ser classificada de 3.ª, conforme requereu." A Bem da Nação — O Engenheiro Director Geral — (a) Luiz de Castro e Sola.
("O Barcelense" n.º 2548 de 6 de Fevereiro de 1960) —

× ×

Carreira de Tiro Militar em Gamil

(Do Barcelos-Revista, nº 12 - 2º ano - de 27 de Novembro de 1910 - De Tricolam de Barros Bacelar, Tenente d'infantaria)

Notas descritivas

A 3680 metros da formosa e encantadora vila de Barcelos, no logar denominado dos Lavadeiros, freguesia de Gamil, acha-se situada a Carreira de Tiro do 3º Batalhão do Regimento d'Infantaria nº 3.

Corre a Carreira na direcção N. S. n'uma extensão de 600 metros, tendo que ficar invertida devido ás grandes dificuldades em se obter um espaldão que oferecesse as necessarias condicções de segurança.

Encetaram-se os trabalhos da sua construção com o valioso e desvelado auxilio do Municipio de Barcelos, em 2 de Abril de 1905, tendo sido concluidos em 28 de Fevereiro de 1906.

Dirigiram com toda a proficiencia esses trabalhos, os ao tempo, Srs. Capitães Barbosa Pinho e Domingos Beleza da Costa.

A origem do tiro é fixa e da plataforma desfruta-se um amplo e vasto horisonte, descortinando-se ao longe o Monte da Franqueira e as alturas dos Feitos; tem a carreira 2 linhas de tiro, sendo o desenfiamento feito por meio de para-balas que se encontram respectivamente ás distancias de 30 e 100 metros da origem.

No ano de 1907, tendo a Camara Municipal custeado as despezas, foi aberta, por jornaleiros municipaes e alguns sapadores do 3º Batalhão, o lance de estrada que conduz á plataforma da carreira e tem a sua origem na estrada Barcelos-Remelhe.

Em 1908, ainda com o auxilio do Municipio, Associação Comercial e Governo, foi edificado o quartel (que ainda se encontra incompleto) medindo 29 metros

de frente por 12 de largo com as divisorias e compartimentos precisos para se poderem alojar unidades de 50 homens.

Em 1909, sendo então director da Arma de Infantaria o Ex.mo Coronel Silva Monteiro, foi a Carreira dotada com um telefone para se estabelecer as comunicações e ligações entre o quartel do Batalhão, os diversos abrigos e a plataforma.

Em 1910 construiu-se uma marquise de 7 metros por 4,m para abrigo dos atiradores civis e militares; tendo sido tambem aformoseado o terreno na frente do edifício com um jardim.

×

Pela abandono a que foi deitada a Casa da Carreira de Tiro que servia de quartel, derruiu e está prestes a desaparecer, pois n'esta altura, (1947), já só apenas existem as paredes!!...

×

×

Comissão de Iniciativa e Turismo

Por Decreto de 30 d'Agosto de 1933, foi considerada Zona de Turismo não só a cidade de Barcelos, mas também todo o seu vasto concelho.

Por legislação posterior esta Comissão tem como Presidente um vereador da Camara Municipal e todos os serviços de turismo são tratados e subordinados a esta edilidade.

Funciona a sua séde na Torre da Porta Nova, vulgarmente conhecida por Torre de Ménagem.

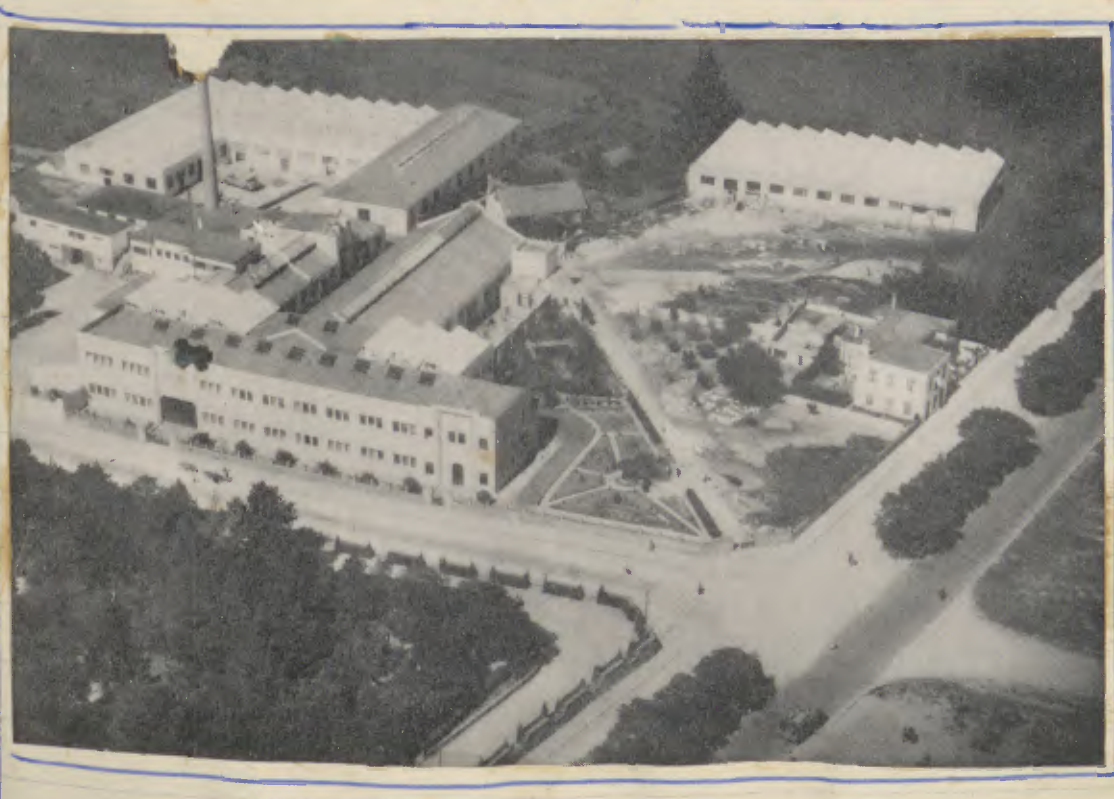
Por virtude de legislação governamental passaram todos estes serviços de Turismo a serem tratados na Camara Municipal.

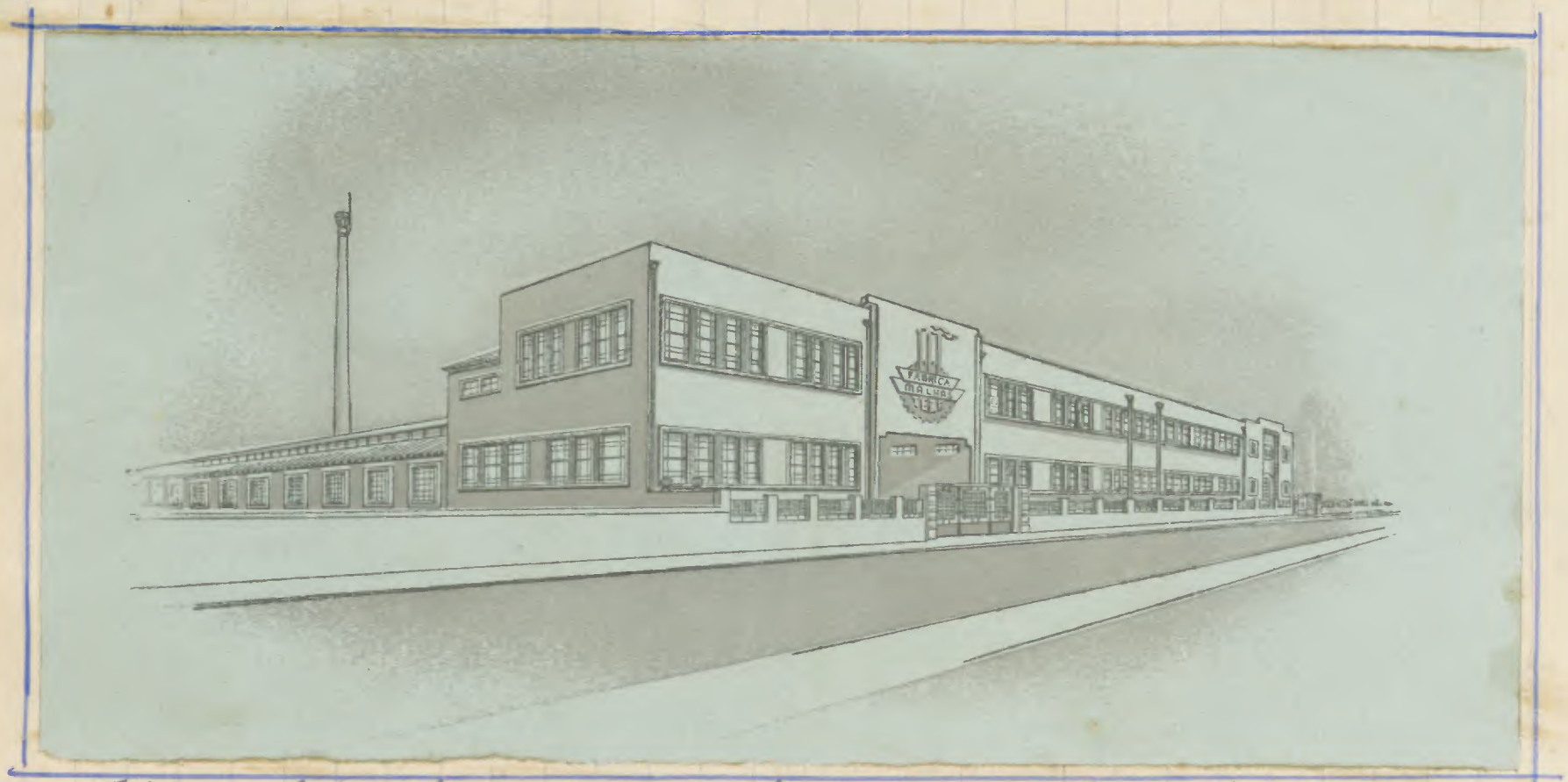
254

Fabricas

Fabrica de Malhas "Pépe"

Avenida Candido da Cunha





= Vista geral da Fabrica Hebe em frente para a Avenida Comendador da Penha — Vide pagina 255 deste volume —

= Fabrica Molly =

— Empreza Textil de Barcélos, Limitada =

Ao cimo da Avenida Candido da Cunha, quasi em frente ao Largo da Granja está situada a grande Fabrica Molly — construida em 1946-1947 — que pertence á Sociedade João Duarte Veloso & Compª.

×

Esta fabrica em meados de julho de 1948 passou a denominar-se Empreza Textil de Barcélos Limitada.

×

Hoje — 1950 — "Fabrica de Malhas", "Têbê".

×

— Empresa Textil de Barcélos, Limitada —
Malhas — Passamanarias — Barcélos.

×

Á esquerda:

A frente do edificio da "Fabrica Textil de Barcelos, Limitada".

×

×

= Fabrica de Moagem do Cavado =

Sob a firma Vinagre & Borges, principiou a funcionar em 1920.

Assim funcionou até 1932 constituindo-se neste ano uma nova firma denominada Vinagre, Borges & Soares e em 1939 a Fabrica de Moagem do Cavado, passou a funcionar debaixo de uma nova firma intitulada Firma "Sociedade Industrial do Vouga, Limitada".

Está situada na freguesia de Arcozelo, proximo á nossa Estação do Caminho de Ferro do Minho e Douro.

Vide pagina 257 deste volume.

257

Fabrica de S. José

Serração e carpintaria e construcção de moveis. Terminou a sua actividade em 1957.

×

Fabrica de Moagem do Carmo

Vide pagina 256 v.º deste volume.

Barcelos — Escritórios, silos e fábricas de moagem

— A Fabrica da Granja —

Denominou-se já Blóco Barcélos.
Fabrica de Serração e carpintaria mecanica e de moveis tendo-se já dedicado a construções economicas.

×

258

= Fabrica de Serração J. Domenech & Comp.ª =

Em 1904 fundou-se em Arcozêlo, junto á estação do Caminho de Ferro — Estação de Barcelos — a Fabrica de Serração Juan B. Domenech.

×

BARCELOS — Lactário da «FÁBRICA BARCELENSE»

Esta Zincopravura diz respeito á "Fabrica Barcelense" — Vidé pagina 258 v.º desta.

— × — × — × —

= "Fabrica Barcelense" de João Duarte Velosa & Comp.ª =

Foi fundada em 1921.
É um valioso elemento do progresso industrial de Barcelos.

×

Consta o seu fabrico de malhas (meias especialmente), de rendas, atacadores, fitas de enfeite, suspensorios, artigos de pratheta.

×

Está situada na "Avenida Alcaides de Faria" (antiga "Avenida 11 de Fevereiro" ou "Avenida da Estação"), e com frente para a "Avenida Candido da Cunha".

×

×

Vidé Lincopavia na pagina 258 deste volume. Foi por lapso mal colocada. —

× × ×

259

= Fabrica Continho Lda =

Serragão de madeiras para exportação, especialmente de tabuinhas para caixotaria para exportação de frutas.

×

= Fabrica de Fiação e Tecidos de Barcelos, Lda. =

Foi constituida a sociedade por escritura feita em Fevereiro de 1925.

×

Dedica o seu desenvolvimento especialmente a fio cujo trabalho tem sido notavel.

×

×

×

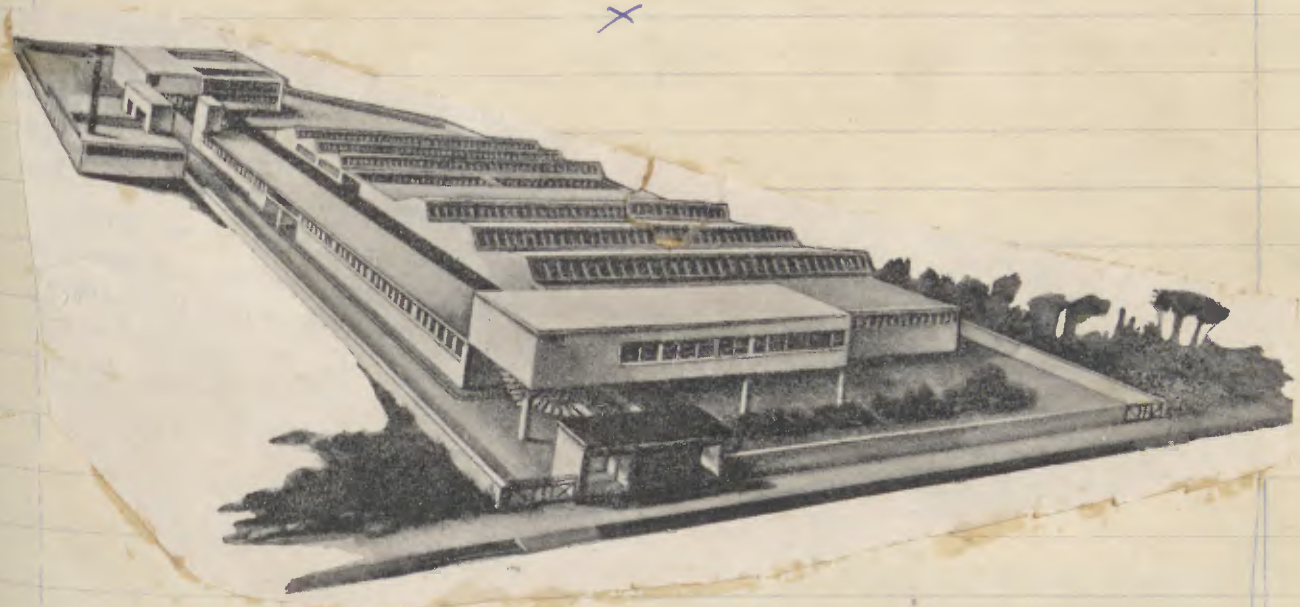
260

= Fabrica "Gnial" =

Foi construida em 1953-1954 em terrenos proximos ao Matadouro Municipal - (novo) - ao fundo da Quinta da Ordem, na margem direita do Cavado.

Quando concluida foi posta á exposição do publico, para o que foi convidada a imprensa local no domingo dia 11 de Julho de 1954 das 14 ás 18 horas da tarde.

×



"Seminário do Noviciado da Congregação do Espírito Santo"
Casa da Silva — Barcelos

Inauguração do Seminário — Noviciado da Congregação do Espírito Santo
Silva - Barcelos

NO DIA 8 DE SETEMBRO DE 1962, COM A PRESENÇA DE S. EM. REV.ma O SENHOR CARDEAL PATRIARCA, D. MARCELO LEFEBVRE SUPERIOR GERAL DA CONGREGAÇÃO E S. EX.ª O SENHOR MINISTRO DO ULTRAMAR

BRASÃO DA ANTIGA CASA DA SILVA

Neogravura.

Vide Fregim
282 do 2.º Vo-
lume e 11 v.º
do 4.º Volume

Colegio "Alcaides de Faria"

O Colegio "Alcaides de Faria" foi fundado no ano de 1935, por Alvará de 11 de Novembro deste ano.

Principiou a funcionar imediatamente n'um edificio pertencente ao falecido Snr. Manoel Esteves, situado na Avenida Dr. Oliveira Salazar, desta cidade.

Tinha nessa ocasião uma reduzida frequencia herdada do "Colegio Barcelense", que funcionava havia pouco tempo em Barcelinhos, colegio que se extinguiu.

No ano de 1936 foi transferido para o Solar do Conde de Vilas Boas.

Em 1937 foi instalado na Casa do Benefeito, onde funcionou com grande frequencia, devido á extinção do Colegio de Sant'Ana, conservando-se aqui até 1943, ano em que se instalou no edificio da "Casa do Barco".

Tem sido sempre seu director o Dr. Viriato Lusitano Alves Ferreira, mas de 1943 a 1945 foi-o o Dr. Guilherme Pimentel.

Tem o Alvará nº 214.

Externato D. António Barroso

Funciona no Campo de S. José.

Externato D. António Barroso

262

— Circulo Católico Operario de Barcélos —

Tem como patrono S. José.
Foi inaugurado em 19 de Março de 1904, por iniciativa do Padre Bonifacio Laméla, sob cuja direcção funciona (1950).

×

Tem a séde em edificio proprio, na "Rua D. Diogo Pinheiro" antiga "Rua Nova de S. José".

×

Na séde desta Associação ha sala de espectaculos e salas para outros divertimentos licitos, onde os associados se divertem e instruem.

×

"O Barcelense"

Publicou-se em 1859-1878

O jornal mais antigo e de maior tiragem em Barcelos.

Principiou a publicar-se como "Entre Partidos".

Teve o seu número 1 em 12 de Janeiro de 1911.

Foi órgão do "Partido Republicano Evolucionista" de Barcelos desde 8 de Dezembro de 1912 até 5 de Janeiro de 1918.

Passou a "Semanário Independente" desde 12 de Janeiro de 1918 até 22 de Fevereiro de 1919.

"Semanário Republicano Independente" desde 8 de Março de 1919 até 4 de Outubro de 1919.

"Semanário Regionalista" desde 11 de Outubro de 1919 até 5 de Abril de 1924.

"Semanário Monarquico" desde 12 de Abril de 1924 até 17 de Setembro de 1927, dia em que foi suspenso por 15 dias, pela fama adquirida pela Comissão de censura, desta cidade.

Com esta substituição publicou-se

"O Barcelos"

Publicou-se como "Semanário Monarquico" o nº 1 em 24 de Setembro de 1927 e o nº 2 em 1 de Outubro do mesmo ano.

"O Barcelense"

Voltou-se a publicar como "Semanário Monarquico" desde 8 de Outubro de 1927 até 10 de Janeiro de 1931.

"Semanário-Monarquico regionalista" desde 17 de Janeiro de 1931 até 10 de Setembro de 1932.

"Semanário regionalista" desde 17 de Setembro de 1932 e assim ainda se mantem - (1950).

×

Antes da sua publicação "O Barcelense", intitulou-se "Barcelos" com o nº 1 em 1 de Janeiro de 1911, até ao nº 6 que se publicou em 5 de Fevereiro do mesmo ano, terminando aqui com este nome.

Desde 12 de Fevereiro de 1911 em que "O Barcelense" se principiou a publicar com o nº 1 e com a data de "Entra-Saindo" até ao seu nº 36 de 29 d'Outubro de 1911, passando a publicar-se como "Publicação Semanal", data de cujo nº 37 de 5 de Novembro de 1911 até ao nº 93 de 1 de Dezembro de 1912.

×

A'esquerda:
Facsimile do cabeçalho do jornal "O Barcelense".

×

Diferentes formas publicadas em Barcellos de que veio tinha precizão de bons elementos — Vide o verso desta pagina:

O Operario — A Verdade — "Barcellos-Revista", diretor o Snr. Belgo dos Santos Arrozes do Cavado — Folha de Barcellos — O Jardim (humoristico) — A Acção Social Jornal de Barcellos — A Voz do Minho, principiou a publicar-se em 1968 — Minho — O Primeiro, etc. etc. ... "Vide pagina verso desta".

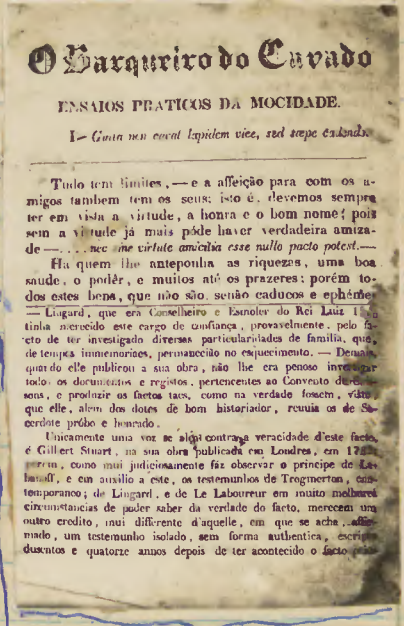
LEI E ORDEM

QUARTA-FEIRA 3[illegible] DE DEZEMBRO

O DIA DE NATAL

PARTE OFFICIAL

Alguns jornaes publicados em Barcellos, durante os primeiros annos da Republica.


O Barqueiro do Cavado

ENSAIOS PRATICOS DA MOCIDADE.

I— *Gutta non cavat lapidem vice, sed sæpe cadendo.*

Tudo tem limites, — e a affeição para com os amigos tambem tem os seus: isto é, devemos sempre ter em vista a virtude, a honra e o bom nome; pois sem a virtude já mais póde haver verdadeira amizade — . . . . *nec sine virtute amicitia esse nullo pacto potest.* —

Ha quem lhe anteponha as riquezas, uma boa saude, o poder, e muitos até os prazeres: porém todos estes bens, que não são senão caducos e ephemeros, que era Conselheiro e Estribeiro do Rei Luiz Filippe, mercedes este cargo de confiança, provavelmente, pelo facto de ter investigado diversas particularidades de familia, que, de tempos immemoriaes, permaneciam no esquecimento. — Demais, quando elle publicou a sua obra, não lhe era penoso investigar todos os documentos e registos, pertencentes ao Convento de Pedroso, e produzir os factos taes, como na verdade foram, visto que elle, alem dos dotes de bom historiador, reunia os de Sacerdote probo e honrado.

Unicamente uma vez se alçou contra a veracidade d'este facto, é Gilbert Stuart, na sua obra publicada em Londres, em 1792; porem, como mui judiciosamente fáz observar o principe de Lichnowsky, e com assisão a este, os testemunhos de Trogmerton, contemporaneo; de Lingard, e de Le Laboureur em muito melhores circumstancias de poder saber da verdade do facto, merecem um outro credito, mui differente d'aquelle, em que se acha affirmado, um testemunho isolado, sem forma authentica, escripto duzentos e quatorze annos depois de ter acontecido o facto [illegible]

Vide v.º desta pagina

= Diferentes Jornaes publicados em Barcelos =

O Barqueiro do Cavado publicou-se em 1853

A Folha da Manhã — Publicado em 5 de Agosto de 1880 até 13 de Dezembro de 1889 - (Regenerador) - Principiou em 7 de Agosto de 1879 -

O Eco de Barcelos — publicou-se em 1860-62

Aurora do Minho — Publicou-se ainda em 9 de Dezembro de 1888

Revista Bibliografica — Publicou-se em 1868

A Lagrima — Publicou-se em 30 d'Abril de 1899. Era seu director Augusto Loucasaux.

O Mercantil — publicou-se em 1862-64

Regenerador Liberal — Principiou a publicar-se em 21 de Junho de 1903

Lei e Ordem, publicou-se em 1873

Deus e Patria — Orgão Catolico — Principiou em Março de 1904

Revista do Minho, publicou-se em 1885

Jornal de Barcelos — Principiou em 1 de Janeiro de 1889 em substituição de O Tirocinio. A publicação do primeiro principiou em 23 de Dezembro de 1888. "O Tirocinio" —

Aurora do Cavado — Principiou em 22 de Maio de 1902 (1867-89)

Jornal do Povo — publicou-se em 1864-66

A Aurora e Fraternidade — Principiou na 2ª quinzena de 1904

O Imparcial, publicou-se em 1867

Aurora de Barcelos — Principiou em 22 de Maio de 1902

O Tirocinio, publicou-se em 1882-89

Comercio de Barcelos — Principiou em 1888 — Director o Sr. José Julio Vieira Ramos — A Mocidade, publicou-se em 1886

O Mosquito, publicou-se em 1883

Trinhoto — Principiou em 16 de Julho de 1882

A Ideia Nova, publicou-se em 1885

O Minho — Principiou em Agosto de 1891 e em 1888

A Heira, publicou-se em 1885

A Portugueza — Principiou em Fevereiro de 1891 —

A Jornada, publicou-se em 1889

A Verdade — (Republicano) Director Arturo Roiz Pereira

A Gazeta do Povo — Publicou-se em 1885

O Sardão —

Companhia Editora do Minho

Principiou-se a organisar por meio de acções de cem escudos, em 21 d'Outubro de 1921.

×

É de notável desenvolvimento, aparelhagem e aperfeiçoamento de trabalhos graficos, aonde se compõe e imprime com esmerada perfeição.

Exerce tambem a industria de Livraria, Papelaria e Encadernação.

×

Tem edificio proprio na Rua D. Antonio Barroso nº 124.

×

Sórte Grande da Lotaria de Santo Antonio

1929

Tambem Barcélos foi um dia bafejada com a sórte grande — "a talúda"!

Em 1929 os directores do Banco de Barcélos, Srs. Dr. Joaquim Paes de Vilas Boas e João de Souza, adquiriram um bilhete para a lotaria de Santo Antonio com o numero 7222, cujo bilhete saiu premiado com o primeiro premio na importancia de trez mil contos!...

×

Além de diversas importancias que aquela Direcção do Banco de Barcélos fez pelos diversos funcionarios do mesmo, distribuiu mais os seguintes donativos:

Santa Casa da Misericordia	20 contos
Bombeiros de Barcélos	10 "
Bombeiros de Barcelinhos	10 "
Circulo Catolico	10 "
Azilo de Invalidos	10 "
Albergue Noturno	10 "
Casa de Santa Maria	10 "
Colegio de Sant'Ana	10 "
Obras de restauro da Matriz	50 "
Monumento a D. Antonio Barroso	30 "
Estrada da Franqueira	10 "
Para os pobres	75 "
Para o novo Templo dos Terceiros	100 "
Soma	355 "

×

Escóla Complementar

Ou

Escóla Primaria Complementar

Foi extinta por Decreto nº 21.712 de 7 de Outubro de 1932.

Funcionou no Edifício da Camara Municipal, na parte que faz frente para a Rua Infante D. Henrique, aonde tinha funcionado a Escola Primaria Superior e depois funcionou n'um edifício proprio adquirido pela Camara Municipal, na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra. (a)

a) Hoje (1952) n'este edifício funcionam as Escolas do Ensino Primario da cidade.

Grupo Alcaides de Faria

Foi constituido em 3 de Novembro de 1929

×

"Este Grupo constitue uma Sociedade de estudos arqueologicos"

×

Tem bandeira:

A Bandeira é azul tendo ao centro um coração de oiro com flamas de vermelho e ouro e carregado das eiras Quinas Antigas de Portugal.

O coração acompanhado por duas palmas de oiro realçadas de verde, atadas em ponta por um listel de prata com a indicação "Alcaides de Faria" a letras pretas.

Cordões e borlas de oiro e azul.

Lança e haste doiradas.

Foi esta a ideia dada por Afonso de Dornelas, Presidente da Secção de Heraldica da Comissão dos Arqueologos, baseada no seguinte:

"O Monumental exemplo que nos deixaram o Alcaide de Faria e seu filho, exemplo que conta uma raça e que é uma brilhante manifestação da forma como essa raça sabe compreender o dever só póde ser representado pelas Quinas Antigas de Portugal, em castiadas n'um coração de oiro, chamejante, inflamado pelo mais pressentimento patriotico.

Acompanhando esse simbolo duas palmas representativas do martirio e da gloria, atadas em ponta por um laço de prata metal que na heraldica significa eloquencia.

Tudo isto assente n'uma bandeira azul, côr que em heraldica simboliza lealdade.

×

Grupo Alcaides de Faria
"Pró Pátria"

Foi fundado em 1932.

Os seus primitivos Estatutos foram aprovados por Alvará do Governo Civil de Braga de 6 de Junho de 1930, esses Estatutos foram apresentados com data de 10 de Maio de 1930 e assinados pelos seus fundadores: Francisco Cardoso e Silva – Manuel de Souza Martins – João Luiz Ferreira – António Dias Gomes – Delfim José Pereira – Abílio Rodrigues de Souza e José Joaquim Barreiros d'Oliveira.

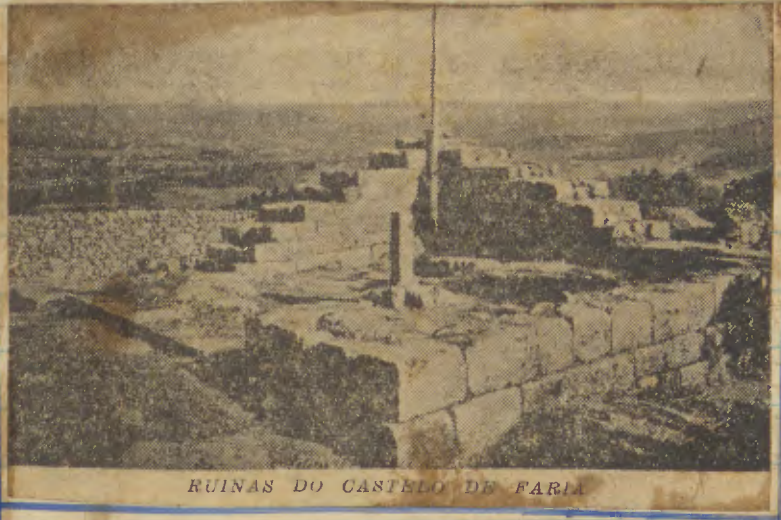
Foram aprovados os Estatutos e aprovados por Alvará do Governo Civil de Braga em 16 de Maio de 1933.

Este novo diploma foi assinado por D. Fortunato José de Barros – António Gomes de Souza – Manuel de Souza Martins – Alberto de Souza Ferreira – João Luiz Ferreira – Francisco de Sá e Abílio Rodrigues de Souza.

×

Este Grupo foi agregado à "Associação dos Agricultores Portugueses", por deliberação tomada em Assembleia Geral de 29 de Dezembro de 1931, da mesma Associação.

×



RUINAS DO CASTELLO DE FARIA

Museu do "Grupo Alcaides de Faria"

Em 1929 constituiu-se em Barcelos o Grupo Alcaides de Faria. Uma meia dezia de "homens de boa vontade" que se propuzeram fazer reviver o Castelo de Faria.

Escavações se fizeram com acrisolado carinho e pouco a pouco surgiu um achado valiosissimo!

No sitio do Castelo, existiu uma remotissima Citania pré-historica, sobre ela se fixou um Castrum romano e na reconquista cristã neo-goda lá se levantou um Castelo que de imorredoira gloria se cobriu no seculo XIV, ficando padrão das heroicidades portuguezas!

A recolha dos achados tem sido tão importante que oferecem elementos para formação dum Museu já valioso e interessantissimo!

No Museu de instalação ainda modesta ha exemplares curiosissimos, desde a longinqua época da pedra lascada até para cá do seculo XV.

Picos, percutores, machados pétreos (dois deles votivos em fibrolite) polidores, mós manuaes, um pêzo de rêde, cereaes proto-historicos (a fava céltica équina), etc, evocam o alvorecer da Historia da humanidade.

É valiosa, variada, rica, a exposição de ceramica abrangendo evolução de séculos; productos micaceos, ceramicas escuras preliminares, depois os tons róseos arretinos, o alvorecer da ornamentação castreja, exemplares perfurados, toda a ingenua industria louceira, enfim, dos povos primitivos se encontra fartamente representada!

Telhas de rebordo (tegula), a hemi-cilindrica (imbrex), uma rica colecção de cossoiros (pesos de fuso), outra variada de pesos de tear (pondera), outra ainda de tesserae (mangas de jôgo), têstos, fundos e bordos de grandes vasos, produtos com grafitos, diversissimos tipos de ansas (em especial um exemplar de asa interior) em agrupamentos de apreciação facil manifestam a im-

portancia da estação castreja explorada.

Da época vincadamente romana ha uma lucerna bastante perfeita, réstos de outra de fina pasta ornamentada e fragmentos grandes de muitas amforas, merecendo destaque a exposição de partes duma fundição de metaes.

Num conjunto privativo mostra-se importante recolha de objectos em ferro; pontas de dardos, ferros de setas, acicates de cavaleiro, pedaços de malha de cervilheira, fragmentos do punho duma espada medieva, laminas de arnezes (braçaes, coxotes, etc.) fivelões, chaves interessantissimas etc.

A' parte estão os objectos de bronze, cobre e moedas; um acus cormatoriae perfeito, fibulas de charneira, aneis, pingentes, adornos diversos, uma matriz sigilar de suspensão muito valiosa (seculo XIV) e varias moedas, entre elas algumas romanas, dinheiros medievaes, pilartes de bilhão, uma barbuda fernandina perfeitissima, reaes brancos e pretos do seculo XVI, um tornez raro de D. Pedro 1º, sendo essa vitrine das mais interessantes do Museu.

×

Funciona n'um dos andares da Torre da Porta Nova (1948)

×

Abundam os pelouros de catapulta, mós manuaes, polidores, machadinhos de fibolite, restos de ceramica variada (ceramica arretina) uma interessante colecção de cossoiros, etc.

Em ferro, réstos de placas de couraça, cótas de malhas, esporas, fivelas, etc.

Grande numero de moedas, principalmente do seculo XIV; e, rarissima, um meio tornez de Milmanda de D. Pedro I.

Abundam ainda os cereaes queimados, o trigo e, especialmente, a fava celtica, cuja aparição é digna de nota.

Tambem digno de especial registo uma matriz sigilar de um cavaleiro medieval, trabalho de notavel perfeição.

BARCELOS — O típico Largo da Porta Nova, vendo-se a antiga torre de menagem onde está instalado o Museu "Alcaides de Faria".

× × ×

268

Sociedade Protectora dos Animaes em Barcelos

Fundou-se n'esta cidade em meados de 1945.

Os seus Estatutos foram aprovados por Alvará do Governador Civil de Braga de 14 de Junho de 1945, tendo sido seus fundadores:

Francisco Cardoso e Silva — tenente d'infantaria
Miguel Macêdo Gajo — comerciante
Mario Domingues de Araujo — escriturario
Candido Luiz da Cunha — comerciante

Todos desta cidade.

×

Assembleia Barcelense

Sociedade de recreio

Foi fundada em 1835.

Foi fundada como Sociedade da Assembleia Barcelense em 1835.

Em 1838 era seu Vice-Presidente Francisco Luiz de Macedo. Ao lado vê-se onde está instalada (1940).

×

Associação Comercial

Foi fundada em 1890.

Foi inaugurada no dia 31 de Maio de 1891 (domingo) no 2º andar do Antigo Banco de Barcelos. (Hoje 1938 no edifício onde está instalado o "Café Commercial").

×

Associação de Classe dos Empregados do Comercio

Foi fundada em 1926.

×

Quiosque da Calçada

Conhecido por

"Quiosque do Galo"

Foi inaugurado na 3ª feira dia 26 de Abril de 1921.

×

À direita:

O quiosque antes da sua ultima reconstrução. —

×

Já depois de nova reconstituição, mas não definitiva

×

Por deliberação Camararia foi encerrado, para demolição em 30 de Junho de 1962. —

Vidé verso desta página.

Tem baixo na sua ultima reconstrução. —

×

BARCELOS-Largo da Porta Nova

Vidé o verso desta página

Escóla Primaria Superior Dr. Martins Lima

Foi creada em Barcelos em 5 de Agosto de 1919.
Foi inaugurada em 25 de Outubro de 1919.
Foi-lhe dado o nome "Dr. Martins Lima" em junho de 1920.
Foi extinta em 30 de Junho de 1926.

×

Funcionou no Edificio da Camara Municipal na parte que faz frente para a Rua Infante D. Henrique aonde hoje (1947) está instalada a Biblioteca Municipal.

×

Kiosque da Calçada - Vulgo "Kiosque do Galo" - Vide pag: anterior

×

Foi totalmente demolido em Setembro de 1962, nos dias 11 a 13 deste mez.

×

14 BARCELOS — Torre de Menagem ou da Porta Nova (Séc. XV)

Escuteiros

Grupo nº 13 - Alcaides de Faria

Tem a sua séde n'esta cidade.

Em 25 de Janeiro de 1925 foi fundado o Núcleo de Barcelos com os seguintes senhores:

Comissario - Fernando de Magalhães e Menezes (Conde de Vilas-Boas).

Inspector - Manoel dos Anjos Lebreiro.

Director - Pe Joaquim Alexandre Gaiolas.

Em 1 de Fevereiro de 1926, fundou-se o Grupo nº 13 - "Alcaides de Faria" com os seguintes componentes:

Chefe - Candido Pimenta

Secretario - Antonio Fernandes Gonçalves

Assistente - Pe Joaquim Alexandre Gaiolas.

Em 1935 foi reorganisado este Grupo com a seguinte Direcção:

Chefe instrutor - Marcelo Serrão da Veiga

Secretario - José Luiz Ferreira

Assistente - Pe Joaquim Alexandre Gaiolas, fazendo estes elementos a sua promessa solene na Franqueira perante o Bispo de Arêna.

×

Em 1937 - (21 de Janeiro) foi fundada a Alcateia nº 80 de S. Tiago de Macieira.

×

Em 10 de Dezembro de 1938 foi fundado o Grupo nº 16 em S. Paio do Carvalhal com a designação "Caminheiros Nuno Gonçalves".

×

Em Dezembro de 1948 fundou-se em Barcelinhos a Alcateia nº 63 com a assistencia do Pe Antonio Martins.

×

C. N. E.

Grupo N.º 13 (Alcaide de Faria)

BARCELOS

Fundador e seu primeiro Comissário

Conde de Vilas Boas

Liga dos Combatentes da Grande Guerra

Sub-Agencia em

Barcelos

A 17 de Dezembro de 1931 reuniu na sala dos Bombeiros Voluntarios de Barcelos os combatentes da Grande Guerra de 1914-1918 os capitães Manuel de Freitas e Augusto da Silva Soto Maior, tenente Antonio Maria de Souza Pinto, alferes Joaquim Rodrigues Castelo Grande e 2º sargento Joaquim Alves de Souza afim de elegerem os corpos gerentes, com o seguinte resultado:

Assembleia Geral

Presidente - Manuel de Freitas (capitão)
1º Secretario - Antonio Maria de Souza Pinto (tenente)
2º " - João de Souza Nunes (tenente)

Direcção

Presidente - Augusto da Silva Soto Maior (capitão)
Secretario - José Joaquim Rodrigues Castelo Grande (alferes)
Tesoureiro - Joaquim Alves de Souza (2º sargento)

×

Tem um "talhão" privativo no Cemiterio Municipal de Barcelos, concedido pela Camara Municipal em Março de 1940.

×

Tem a sua séde, desde a sua fundação na Rua Candido dos Reis (antiga Rua do Loalhino).

×

Bibliotéca Municipal

273

Funciona no edificio da Camara Municipal, com entrada pela lado da rua Senador D. Henrique.

Geriosque da Calçada

(Vulgarmente conhecido por "Geriosque do Gato")

Vide páginas 270 e 270 vº deste volume.

274

"Mocidade Portugueza"

Grupo Gil Vicente

O Grupo Gil Vicente, foi fundado em 2 de Abril de 1905:

Tinha por fim fazer crear em Barcelos o gosto e desenvolvimento pela arte dramatica, promovendo espectaculos em favor seu ou de outrem quando a direcção o julgasse conveniente.

Tinha o seu regulamento (Estatutos) aprovados em Assembleia Geral de 7 de Abril de 1907.

Alem do fim principal a que se destinava poderia tambem estabelecer aulas de musica, dança, ginastica e carreira de tiro, assim como toda a especie de jogos licitos que podessem servir para instrução e recreio aos seus associados.

Foram seus fundadores:

Eugenio Roriz d'Azevedo
Humberto Carmona Coelho Gonçalves
João Batista da Silva Correia
Antonio Cardoso d'Albuquerque
Antonio Emilio Roriz d'Azevedo
Luiz José Eugenio A. da Silva Fonseca.

×

Passados alguns mezes..... Acabou!

×

= Associação dos Bombeiros Voluntários de Barcélos =

Foi fundada em 1883 e possue edifício proprio.

Antes desta corporação havia a "Companhia da Bomba" creada por Real resolução de 22 de Março de 1826, havendo nesta Villa duas bombas adquiridas em Londres.

×

O edifício, construido para quartel desta corporação, tem sobre a porta da esquerda em grandes algarismos a seguinte data - "1884" - e sobre a porta da direita a de = "1898" -.

×

Foi fundada em 4 de Agosto de 1883.

Foi inaugurada em 6 de Janeiro de 1884.

×

A inauguração do seu edifício - quartel, realisou-se no Domingo 29 de Maio de 1898.

×

Foram seus Primeiros Comandantes:

- Sebastião d'Oliveira - tomou posse em 6 de Janeiro de 1884.
- Avelino Aires Duarte, tomou posse em 15 d'Outubro de 1891.
- Manoel Pereira Esteves, tomou posse em 12 de Março de 1899.
- Artur Roriz Pereira, tomou posse em 24 de Outubro de 1936.
- Manoel Quintas Junior, tomou posse em 30 de Junho de 1943.

×

= Sino =

Por ordem da Camara foi colocado no cimo da Torre da Cadeia o sino que antigamente designava aos barcelenses a hora em que se fechavam as portas das Tomanhas que circundavam a Vila, afim de servir para avizo nos casos de incendio.

×

Pedido feito pela Com.te dos B. V. de Barcelos - Aires Duarte.

Acta da Camara de 12-11.º-1892 =: Deliberou: Que se mandasse colocar na Cadeia o Sino - que lá está - em condições de servir para sinaes de incendio.

VOLUNTARIOS DE BARCELOS

PORTARIA DE LOUVOR
de 6 - 2 - 1917

III

CAVALEIRO DA ORDEM MILITAR da
TORRE E ESPADA
(Decreto de 5 - 10 - 1933)

III

Comendador da Ordem da
BENEMERENCIA
(Decreto de 14 - 3 - 1940)

III

Considerada de
UTILIDADE PÚBLICA
(Decreto de 22 - 12 - 1933)

III

MEDALHAS DE OURO
DA
CAMARA MUNICIPAL
E DA
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL
DE
BARCELOS

= Séde dos B. V. de Barcelos =

×

= Bôcas de incendio = ——— × ———

Foram mandadas colocar tres na Rua Direita, pela Camara a pedido do Com.te dos B. V. de Barcelos, Aires Duarte, em Abril de 1895.

A Camara em sessão de 28 d'Agosto de 1897 mandou colocar 7 bocas de incendio que tinha para este efeito e estavam amarzenadas.

——— × ——— × ———

= "Sinêta para dar o sinal de incendios e chamada dos Bombeiros para acudirem a sinistros" = Vidé o que a folhas 375 deste volume se diz com a epigrafe Sino ao que

se deve acrescentar — "Inscrição da Sinêtá" —

SANTAMARIAORAPRONO
BIS Y R MD AGVIARMEFEZDE1616

É a copia fiel que nela se encontra.

INSCRIÇÃO DA SINETA

SANTAMARIAORAPRONO

BIS Y R MD AGVIARMEFEZDE 1616

— x — x — x — x —

A fotografia colada á esquerda é do Sino ou Sinêta a que se alude nos apontamentos atraz transcritos.

Este sino ou sinêta está ha muitos anos colocada no cimo da "Caza-esqueleto" que serve para exercicios dos Bombeiros V. de Barcelos, tendo sido retirada do cimo da Torre da Cadeia — "Torre de Ménagem".

Do ponto elevado aonde se encontra ouve-se em toda a cidade quando dá os seus sinaes de alarme.

— x — x — x —

A fotografia que está colada ao lado deste apontamento é do saudoso 1º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Barcelos Manoel Pereira Esteves tendo ao seu lado o 2º Comandante Capitão Antonio Maria de Souza Pinto (hoje Tenente Coronel reformado, cuja fotografia é uma miniatura d'uma que toda a Corporação ofereceu como prova de verdadeira estima e consideração aos aludidos Comandantes que foi colocada em logar de desta, que no salão nobre da Casa-Quartel existente no Largo José Novaes d'esta cidade.

= Esta fotografia foi-me oferecida em Maio de 1969 pelo Dr. C.el =

A fotografia que está colada ao lado deste apontamento é do saudoso 1º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Barcelos Manoel Pereira Esteves tendo ao seu lado o 2º Comandante Capitão Antonio Maria de Souza Pinto (hoje Tenente Coronel reformado, cuja fotografia é uma miniatura d'uma que toda a Corporação ofereceu como prova de verdadeira estima e consideração aos aludidos Comandantes que foi colocada em logar de desta, que no salão nobre da Casa-Quartel existente no Largo José Novaes d'esta cidade.

Foi oferecida em 1927 ou 1928

= Esta fotografia foi-me oferecida em Maio de 1969 pelo Sr. C.

1928 ou 1927? Deve ser de

6/9/69 Do meu camarada e velho Amigo, Tenente Cardoso e Silva ofereceu o Pangrito Tavares Pof.

= Casa dos Gaveias Mendanhas =

Esta casa devia ter sido conservada como uma reli- ... barcelense, por ser n'ela aonde nasceu e viveu Fran- ... Mendanha, o homem que foi a primeira Pessoa ... por Rey, nesta Villa de Barcellos a Pol-Rey Dom ... e isto foi em sexta feira sette do mes de De- ... e quarenta annos, e que logo com muitas pes- ... eclesiasticos, e seculares forão por esta dita Villa e Pu- ... jendo o mesmo". . . . . .

— x —

... estava situada na "Rua dos Duques de Bragança" ... "Rua de S. Francisco", conhecida tambem pela "Casa ... Mendanhas", cuja casa fazia tambem frente para ... Arco" ligando com o Largo da Fonte de Baixo.

— x —

... demolida e reconstruida em 1946; apezar de se ter ... aproveitado toda a pedra de cantaria, perdeu a caracteris- ... que tinha da sua antiguidade.

— x —

Vide verso d'esta paginas d'este volume. —

— x —

Casa dos Gouveias Mendanhas

Esta casa devia ter sido conservada como uma reliquia barcelense, por ser n'ela aonde nasceu e viveu Francisco de Gouveia Mendanha, o homem que foi a primeira Pessoa que Levantou e aclamou por Rey, nesta Villa de Barcellos a El-Rey Dom João o Quarto Nosso Senhor, e isto foi em sexta feira sette do mes de Dezembro de mil e seis centos e quarenta annos, e que logo com muitas pessoas Nobres, e do Povo, Eclesiasticos, e Seculares forão por esta dita Villa e Ruas publicas d'ella fazendo o mesmo". . . . . .

— x —

Esta casa estava situada na "Rua dos Duques de Bragança" em frente a "Rua de S. Francisco", conhecida tambem pela "Casa dos Arriscados Mendanhas", cuja casa fazia tambem frente para a "Rua do Arco" ligando com o Largo da Fonte de Baixo.

— x —

Foi demolida e reconstruida em 1946; apezar de se ter aproveitado toda a pedra de cantaria, perdeu a caracteristica que tinha da sua antiguidade.

— x —

Vide verso d'esta paginas d'este volume. —

— x —

Em cima:

Uma interessante fotografia da antiga casa dos Gamelas Mendanhas, — (cliché do Snr. Miguel Matos Graça, Tesoureiro da Camara Municipal — 1950), — donde partiu o primeiro grito de Aclamação de D. João IV como Rei de Portugal em 1640 — (1º Dezembro mas que em Barcelos teve logar no dia 7 d'aquele mez).

278

— Armazens de S. Tiago —

Tem apreciável movimento no ramo de mercador.
Vende só por junto.

Tem a sua séde em edifício próprio, na "Avenida dos Combatentes da Grande Guerra". — (1947).

É seu proprietário o conceituado comerciante Snr. Joaquim Coucia de Azevedo.

×

Kiosque do "Bicho"

Este kiosque existiu em frente ao Mosteiro do Senhor Bom Jesus da Cruz. Era conhecido pelo kiosque do "Bicho" porque o seu proprietario fazia lá um jôgo semanal á especie de "Bolêta" que em lugar de numeros tinha uma serie de bichos (animaes de quasi todas as especies), jôgo que lhe deu o nome.

A sua construção comquanto não enverganhasse o local, a Camara julgou-o inestetico e promoveu a sua demolição que deu lugar á construção a um outro n'outro ponto do Largo da Calçada que é hoje (1961) conhecido pelo Kiosque da Calçada ou Kiosque do Galo.

O kiosque do "Bicho" foi demolido em 7 de Março de 1950 ao qual se referem as fotografias colocadas abaixo:

×

×

280

Bancos

e

Caixas de credito

Banco de Barcélos

Este Banco foi fundado em 1875.

Quando principiou a funcionar, tinha como séde a casa da familia Simões, na Rua Direita — (hoje D. Antonio Barroso).

Mais tarde mudou para a casa que pertence a João da Cruz Miranda, aonde esteve instalada a Direcção do Turismo.

Depois d'aqui instalou-se em edificio proprio, junto á Torre da Porta Nova.

Depois de se ter fusionado com o Ferreira Alves, do Porto, mudou a sua séde para a casa n.º da Rua D. Antonio Barroso, proximo á Companhia Editora do Minho.

×

O antigo prédio que era sua pertença e aonde funcionou junto da Porta Nova, foi vendido á Caixa Geral de Depositos, Credito e Previdencia.

×

Reforma de Estatutos

Reformou-os por escritura de 19 de Fevereiro de 1921 nas notas do Tabelião Antonio Justiniano da Silva, em Barcélos.

×

O Banco Ferreira Alves — (Agencia do Antigo Banco de Barcelos) — principiou a funcionar na Rua D. Antonio Barroso em 1 de Julho de 1940.

×

Este Banco continua a amparar o desenvolvimento que tem, isto é, que se tem intensificado e verificado em todos os ramos de actividade economica: A industria — O Comercio e A agricultura.

×

282

283

Banco Nacional Ultramarino

Este Banco principiou a funcionar nesta localidade em 7 de Julho de 1920, na Rua Dr. Antonio Barroso nº 124 casa aonde hoje funciona a Companhia Editora do Minho.

Em 1 d'Agosto de 1922, mudou para o edificio proprio, que para tal fim mandou construir, na citada rua, com o numero 80.

×

A sua inauguração foi feita na 6ª feira dia 2 de Julho de 1920.

×

284

Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência

Agência em Barcelos

Foi instalada no edifício dos Paços do Concelho, na frente e uma entrada pela Rua Infante D. Henrique — (antiga Rua das Flores ou dos Mesteirais).

Principiou a funcionar em 28 de Novembro de 1928.

Legenda:

Parte do edifício da Câmara Municipal, com frente para a Rua Infante D. Henrique, onde está instalada a Repartição da Agência da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência.

CIDADE DE BARCELOS

285

— Sobreiro da Quinta da Ordem —

Este sobreiro tem a sua história.

Augusto Loucasanz na "Resenha Historica de Barcelos", de J. Marcelos, que ele ilustrou com lindissimas e interessantes fotografias, diz junto de uma delas: "Paisagem do Cavado nos arredores de Barcelos — Junto ao Sobreiro da Quinta da Ordem de Malta". Detem-te aqui um pouco leitor amigo, junto desse sobreiro, tão ornamental, resto duma flora, que a invasão barbara do pinheiro bravo quasi extinguiu, e estende, em perspectiva, a vista sobre o fantastico cenario oferecido pela Natureza". . . . . .

— x —

O "Sobreiro da Ordem", foi deitado abaixo, por estar sêco, em meados de Julho de 1941, tendo sido substituido por outro que se plantou em 19 de Janeiro de 1942 que secou tambem.

— x —

— Em cima:

— x —

O lendario "Sobreiro da Ordem", a que acima nos vimos referindo.

x

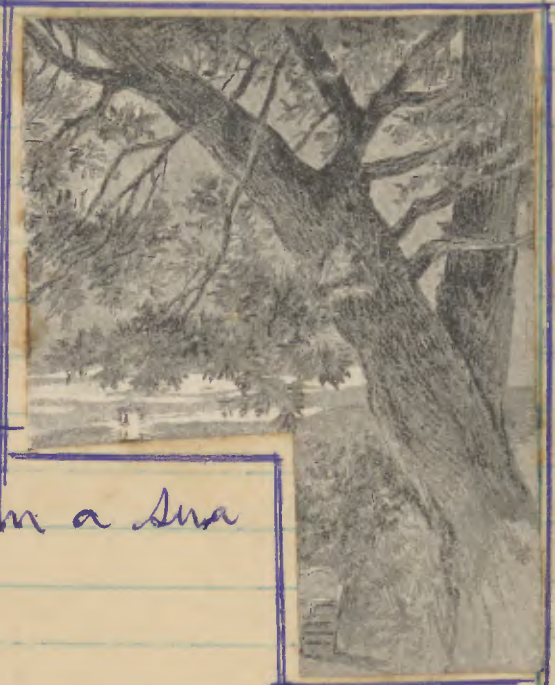
=A' esquerda:

Um recorte de um velho jornal que reproduzia uma vista da qual se vê o histórico "Olmeiro da Ordem", como o povo lhe chamava.

×

=A' direita:

Outra perspectiva (recorte do mesmo jornal) que nos mostra o referido Secular "Olmeiro da Ordem" que Deus, acabando assim com a sua lendaria tradição.



×

287

Obras do Pecegal

"Praia Fluvial"

Principiaram as obras deste grande melhoramento em Agosto de 1939.

Toda a pedra de cantaria aqui empregada foi retirada do arranjo que se pretendia dar à parte exterior do Passeio das Obras – (hoje Jardim das Barrócas).

×

A Camara Municipal, em 1939, aformoseou o sitio denominado "Pecegal", junto à margem direita do Cavado, local de belissima paisagem, aonde possivelmente poderia transformar n'uma "Praia Fluvial", atenta a beleza do local e das margens do Cavado.

Foi para ali retirada muita cantaria que adornava a parte exterior do "Passeio das Obras" e com ela se construiram diferentes escadorios e paredões com que se enriqueceu o "Pecegal" tornando-o n'um local aprasivel e amêno, principalmente na estação calmosa.

×

Cemiterio Municipal — (Barcelos)

O Cemiterio Municipal está situado na freguesia de Arcozelo, ao fundo da Avenida Sidonio Paes.
No alto do seu portão vê-se a data de 1877.

×

A Camara Municipal em sua sessão de 17 de Maio de 1879 resolveu pedir ao Senhor Arcebispo de Braga para proceder á benção deste Cemiterio, tendo-se encarregado desta missão o respectivo Presidente. Tendo sua Ex.ma Rever.ma acedido a tal pedido foi por ele benzido em 25 de Maio d'aquele ano, como consta da Acta da Camara de 31 d'aquele mez, assim como na mesma foi lançado um voto de louvor ao Abade de Lamaçães por ter dirigido todo o serviço da respectiva benção.

×

No dia 29 de Janeiro de 1948, devido a um terrivel ciclone que assolou esta cidade, causando grandes estragos, não poupou com a sua furia o gradil desde a casa da guarda do lado esquerdo incluindo o portão da entrada deste Cemiterio, derrubando-as por completo, isto é, toda esta parte foi demolida bem como não foram poupadas diversos mausoleos dentro deste Cemiterio e do mesmo lado, tudo isto sucedido pelas oito horas da manhã daquele dia.

×

N'este Cemiterio encontra-se reconstruida a Capela de Nossa Senhora da Conceição que estava no Cemiterio do Hospital da Misericordia de Barcelos. (Vide Capelas).

×

As ossadas dos cadaveres enterrados no Cemiterio do H.al da Misericordia foram removidos para este Cemiterio em 1912.

por ter desaparecido aquele com a adaptação da Casa do Hospital ao Parque da Cidade.

O cemiterio do Hº. da Misericordia havia sido mandado edificar pelo mesmo, isto é, pela Mesa dele em 1866.

×

Abastecimento de Agua em Barcelos

Para a captação das aguas para Barcelos, foi feito um grande reservatorio na freguezia de Abade do Neiva — (junto á estrada Barcelos - Viana do Castelo) no logar do Faial, cujas obras principiaram em Setembro de 1914.

O fornecimento da agua canalisada principiou a ser feito em Agosto de 1915.

×

Além de algumas fontes e nascentes, é fornecida a agua a esta cidade pela Empreza Borges e pela Camara Municipal.

Esta para reforçar as nascentes que possue nos montes ao norte, cujas aguas são recolhidas nos reservatorios do Faial, estabelecem em 1929 a Elevatoria do Cavado, com resultados menores que os previstos.

×

Tem as seguintes fontes publicas e chafarizes:
A fonte de Baixo; a das Fontainhas, o chafariz do Campo da Republica (Campo da Feira); o do Campo de S. José, mudado para ali da Praça Municipal; o do Largo do Apoio; o da Praça D. Pedro V; o do Campo 5 de Outubro e o do Largo do Tanque.

×

No Passeio das Obras, construção do fim do século XVIII, existem dois fontenarios cujas aguas caíam respectivamente na parte posterior d'aquelas obras.

Fr. Pedro de Poyares, no seu "tratado panegyrico", editado em Coimbra em 1672, diz que a vila de Barcelos tem as seguintes fontes: a de Baixo, de muito boa agua, outra no fim da rua das Velhas, a que chamam o "Cano", "fonte de muito boa agua e de mui bastante bondade".

No meio da torre da ponte, (continua o mesmo

antre) está outra fonte e outra no campo do Salvador, indo da vila para a quinta da Bagoeira.

×

Luz Electrica

290

Luz electrica em Barcélos

Iluminação publica

O fornecimento da luz electrica a Barcelos, em sessão de 13 de Janeiro de 1916, foi adjudicado á firma F. Xavier Esteves & Borges, do Porto.

×

Nos fins de Julho de 1916, chegou á Afurada, o cabo electrico que hade conduzir a energia para a iluminação publica e particular de Barcelos.

×

Na 3ª feira, dia 13 de Novembro de 1917, foi inaugurada, á noite, a luz electrica em Barcélos (que se acendeu pela primeira vez).

×

Em 27 d'Abril de 1918 ficou Barcélos completamente iluminado.

×

Sobre iluminação publica, falam-nos as actas da Camara de:
26 de Dezembro de 1855;
7 de Março de 1857;
6 de Novembro de 1858;
8 de Outubro de 1859, etc, etc e tantas outras até que já em 14 de Julho de 1891 e 2 de Abril de 1894 a Camara tratava da iluminação electrica.

×

A iluminação a grassa foi anteriormente á do azeite (1855) e depois desta a do petroleo de 1857 em deante.

×

Quando principiou a luz electrica em Barcelos, existiam 177 lampeões de petroleo, sendo João Francisco da Silva, da freguezia de Alvelos, o ultimo lampionista. Cada um d'aqueles lampeões custava 30 reis por noite.

×

A luz electrica de instalação subterranea foi

inaugurada em 1 de Maio de 1938.

×

A iluminação publica era feita a petroleo (nas noites em que não havia luar), passando, porém, desde 1917, a ser iluminada a cidade á luz electrica.

— × —

Instalação Hidraulica - Electrica da Furada da Sociedade de Electricidade do Norte de Portugal, com séde no Porto: —

Concessionaria da iluminação publica e particular da cidade de Braga, cuja inauguração oficial foi em 1 de Julho de 1933, rescindiu ha anos esse contracto, ficando a fornecer a energia electrica á Estação Elevatoria das Aguas do Cavado para aquela mesma cidade.

Sendo-lhe adjudicada em 1917 o fornecimento da iluminação publica e particular para a vila de Barcelos, foi inaugurado este melhoramento em 7 de Fevereiro de 1918.

Desde então vae extendendo a sua acção benéfica a esta antiga vila, hoje cidade, e ainda a algumas freguesias rurais, fornecendo energia electrica não só para a luz, como para motores destinados á industria.

— × —

A iluminação publica - a petroleo - da "Avenida 11 de Fevereiro", antiga "Avenida da Estação", foi inaugurada em Julho de 1881.

×

A iluminação publica a electricidade - Luz Florescente desta Avenida, foi inaugurada na segunda quinzena de Agosto de 1956 bem como a iluminação do Campo de Ferro - Campo da Republica. —

— × — × — × —

Unidade Militar

Por influencia do Conselheiro Dr. José Novaes, foi aquartelado nesta localidade o 2.º Batalhão de Infantaria N.º 20, cuja unidade veio e deu entrada aqui, com grande regosijo da população em 11 de Fevereiro de 1887, assistindo ás solenidades o General Comandante da Divisão Chaby, tomando parte nos festejos uma banda regimental. Era então Ministro da Guerra o Visconde de S. Januario.

Antes da vinda deste Batalhão, Barcelos era guarnecido por destacamentos militares que sob o o Comando de oficiaes subalternos que para aqui vinham com permanencia de tres em tres mezes.

×

Por virtude de determinadas organisações militares no territorio continental, o Batalhão aqui estacionado mudou de numero.

Pertencendo ao Regimento d'infantaria N.º 20, passados largos anos, passou — (mudando apenas de numero) — ao Regimento d'infantaria n.º 3 e mais tarde ao Regimento d'infantaria n.º 8.

×

Por virtude de nova organisação do Exercito — após a Revolução do 28 de Maio — (1926):

O 3.º Batalhão de infantaria n.º 8, aqui estacionado, recolheu á sua séde — a Braga — em 30 de Junho de 1926, desde quando Barcelos ficou sem guarnição militar.

×

Créche de Santa Maria

Funciona no solar do Barão da Retorta (brazonado), hoje pertencendo á Ex.ma Snr.a D. Maria José Novaes, prédio que está situado no "Largo José Novaes".

Foi inaugurada em 29 de Maio de 1927.
É dirigida por irmãs franciscanas e subsidiada por aquela Ex.ma Senhora, créche a quem ela dedica todo o seu auxilio e carinho.

Dentro tem uma linda capela aonde se realiza o culto catolico.

Funciona aqui um latario e a "Obra das Mães."

× ×

Esta casa servio de paço a D. Maria II, quando aqui veio recolher-se na noite de 6 para 7 de Maio de 1852 por ter havido um pavoroso incendio no palacete das Senhoras Simões, aonde Sua Magestade estava hospedada com sua familia.

× ×

A créche de Santa Maria de que acima nos referimos, funciona na antiga casa Barão da Retorta, foi instituida em 1928 pela Ex.ma Snr.a D. Maria José Novaes Pinto da Fonseca e a Créche D. Antonio Barroso que funciona no Recolhimento foi fundada em 1932.

Em 1934 fundou o Ex.mo Snr. João Duarte Velho, junto á sua Fabrica de tecidos de malhas, um latario.
A Sopa dos pobres, instituição fundada em 1918 funciona actualmente no edificio do Recolhimento.

× ×

Barões da Retorta

Domingos Miguel da Cunha Velho Soto Maior e mulher D. Ana Emilia da Costa Almeida Ferraz, moradores na Rua de S. Bento, de Vila do Conde.
Registaram este predio na Conservatoria do Registo Predial em Barcelos em 1868. Por escritura de 16 de Junho de 1871

venderam. mr ao Dr. Rodrigo Augusto Cerqueira Veloso, advogado em Paracatu.

× ×

Assistência Nacional aos Tuberculosos

Secção de Barcelos

Foi construído edifício próprio no Campo de D. Carlos hoje (1946) Campo 28 de Maio,

Foi aberto para serviço de assistência em Maio de 1937.

Em meados de Novembro de 1947, pelo Governo da Nação, foi dotado com um aparelho de Raio X. (Referência feita a esta dadiva pelo O Barcelense de 22 de Novembro de 1947).

Guarda Nacional Republicana

Secção de Barcelos

O Posto da Guarda Nacional Republicana foi montado oficialmente, no edifício da Casa dos Mendanhas no Largo dos Malheiros, sob o comando de um 2º sargento em Outubro de 1915.

×

Antes deste Posto estava aqui em Barcelos uma força de 10 praças da G.N.R., comandadas por um 1º Cabo que para aqui veio em diligência em 13 de Dezembro de 1913.

×

Hoje (1947) é uma Secção do comando de um oficial subalterno.

×

295

Polícia de Segurança Pública

Posto de Barcelos

A Câmara Municipal de Barcelos requisitou a construção de um posto de polícia nesta localidade em Março de 1933.

×

Em Abril de 1948 foi aumentado o número de guardas constituindo um posto comandado por um cabo.

×

Funciona no edifício da Câmara Municipal, na frente onde esteve aquartelado o Batalhão de Infantaria que ali esteve por largos anos estacionado.

×

Está instalada junto à Administração do Concelho.

×

— Batalhão Civico —

Após a Proclamação da Republica (5 de Outubro de 1910), em diversas vilas e cidades do País, formaram-se Batalhões de Voluntarios, para defeza do novo regimem.

Barcelos tambem organisou o seu Batalhão de Voluntarios o qual todos os domingos e dias santos ou feriados se reunia e recebia instrução com o armamento que lhe era fornecido pelo Batalhão d'Infantaria aqui aquartelado.

— Juramento de Bandeiras —

No domingo 5 de Março de 1911, houve no Campo da Republica (Campo da Feira) por uma hora da tarde juramento de bandeiras, na presença dos Batalhões de Voluntarios do Porto, oficialidade e Comandante do Batalhão d'Infantaria aqui estacionado, havendo discursos e procedendo-se em tudo como no exercito.

Era comandante deste Batalhão Civico o entrão alferes Francisco Vila-Chã Rodrigues Leite, que morreu nesta cidade no posto de Tenente Coronel, mutilado da Grande Guerra de 1914-1918.

O Batalhão Civico foi dissolvido como todos os outros constituindo os seus elementos o "Grupo de Defeza da Republica", que tempos depois tambem acabou.

×

296

= Sôpa dos Pobres =

Principiou a funcionar patrocinada pela Associação Comercial em 2 de Fevereiro de 1918, no Campo de S. José.

x

Hoje (1947) funciona no edifício do Restaurante do Mercado Velho.

x

297

Campo 5 de Outubro

Jardim Publico

(Hoje Campo 5 d'Outubro)

Este jardim que era todo circundado por um lindo gradeamento existia e constituia este lindo recinto de passeio e logradouro publico, no antigo Campo dos Touros - hoje sem grades nem vedação de qualquer especie, parte ajardinada que constitue a rotunda da Avenida Oliveira Salazar.

Quando jardim, que foi solenemente inaugurado pelas 3 horas da tarde de domingo 3 de Dezembro de 1882 com a assistencia das autoridades locaes, tomando parte a Banda de Musica de Barcelinhos, o Campo dos Touros - (assim chamado por ali ter logar a feira do gado) - não tinha, nem ainda hoje tem a forma rectangular, mas quasi em forma de bacalhau.

De maneira que todo o gradeado e fechado tinha, na parte mais apertada e voltada para o lado do Campo da Feira que fica por detraz do Templo do Bom Jesus da Cruz, um portal que dava entrada para o jardim e em cada um dos vertices da parte oposta voltados e com frente, respectivamente para a Rua dos Ferreiros e Rua de Traz do Convento das Freiras Beneditinas, um portal de ferro igual áquel'outro.

Dentro tinha um lindissimo corêto aonde as bandas de musica, tocando, deliciavam os seus ouvintes.

Ao centro tinha um lindissimo lago com uma ilhóta ao meio, donde, por detraz das Rãs de Bordalo Pinheiro havia um continuo repucho d'agua.

×

Todo o gradeamento que servia de vedação a este lindo e bem cuidado jardim foi d'aqui retirado para tornar o recinto verdadeiramente publico e frequentado por toda a gente sem distinções de classes em Janeiro de 1938 e todo ele foi aplicado no moderno arranjo que deram á vedação da Cêrca do Hospital da Misericordia desta cidade, que hoje é considerada o Parque da Cidade.

Neste Campo, noutros tempos, existiu a Capela do

Espirito Santo.

Antigamente, poucos passos atraz desta capela, havia outra da invocação do Salvador, da qual tomou todo o Campo este nome.

É tradição que esta Capela do Salvador fôra a primeira que houve na vila, mas que quando sucedeu, aquela celebre tormenta, a que o vulgo chamava — Trebucana de S. Sebastião — por ser no dia deste santo, a 20 de Janeiro de 1616, esta capela se arruinou de todo, por estar já muito velha.

No sitio em que esteve esta capela do Salvador só se ficou conservando uma cruz que ali permaneceu até á fundação do mosteiro das freiras Bentas em 1707, em cuja época se confundiu e perdeu aquela cruz entre as pedras e materiaes das obras do convento.

E como tudo isto desapareceu, os moradores deste arrabalde para recuperarem a pedra d'aquela capela mandaram fazer outra que era aquela do Espirito Santo.

×

A feira da louça foi feita aqui, neste Campo dos Touros porém como a Camara deliberou fazer aqui o Jardim Publico principiou-se a fazer esta feira no Campo da Feira junto ao Hospital da Misericordia — 5ª feira 31 d'agosto de 1882.

Hoje desaparecido. (1947)

A fotografia ao lado mostra-nos um lindo coreto que existiu no Jardim que ali foi mandado fazer pela Camara para alindar aquele recinto.

×× "Vidé - Campo 5 d'Outubro" a pag. 226 do 1º volume destes apontamentos.

×

299

= Escola Industrial e Comercial de Barcelos =

Foi instalada provisoriamente na "Casa dos Mendonhas" que é pertença da paroquia desta cidade, aonde esteve instalado o Posto da G.N.R.

Escola Industrial e Comercial de Barcelos

× × ×

Foi inaugurada solenemente na 3ª feira dia 29 d'outubro de 1957. Foi benzida neste dia por Sua Ind.ª Revd.ma o Snr. Arcebispo de Braga, na presença de todas as Autoridades locaes e representantes de Sua Ind.ª o Snr.º da Instrução e Governador Civil do Distrito.

× × ×

Casa da Familia Sá Carneiro — Liceu de Barcelos

Liceu — (Secção do Liceu de Braga)
Foi creado o Liceu em 1969 até ao 2º Ciclo
Em 1970 foi creado n'este Liceu o 3º Ciclo que dá frequencia até ao 7º ano.

— x —

BARCELOS

PORTUGAL

Cruceiro do Señor do Gallo — Cruceiro del Señor del Gallo

Vista parcial da Cidade — Vista parcial de la Ciudad